



A
SACERDOTISA
DA LUA

PENSAMENTO

DION FORTUNE

Título do original:
Moon Magic

Copyright © The Society of the Inner Light 1956.

CAPA: Desenho de Alden Cole.

Edição
1-2-3-4-5-6-7-8-9

Ano
88-89-90-91-92-93

Direitos reservados
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 – 04270 – São Paulo, SP – Fone: 63 3141

Impresso em nossas oficinas gráficas.

ÍNDICE

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES 7

PARTE I

UM ESTUDO DE TELEPATIA 11
Capítulo I 13
Capítulo II 27
Capítulo III 43

PARTE II

A SENHORA DA LUA 55
Capítulo IV 57
Capítulo V 75
Capítulo VI 89
Capítulo VII 110
Capítulo VIII 118
Capítulo IX 131
Capítulo X 154
Capítulo XI 173
Capítulo XII 195
Capítulo XIII 211
Capítulo XIV 232
Capítulo XV 245

PARTE III

A PORTA SEM CHAVE 263
Capítulo XVI 265
Capítulo XVII 274
Capítulo XVIII 288

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Diz-se que o romancista transforma em realidade a situação que imagina. Seja como for, trouxe à luz uma personalidade quando criei o caráter de Vivien Le Fay Morgan, ou Lilith Le Fay, como por vezes costumava se apresentar. Neste segundo livro de que faz parte, ela está longe de ser um títere em minhas mãos, pois assumiu o controle da situação.

Qualquer escritor de ficção sabe que as personagens precisam "tornar-se reais" e que, se falhar em consegui-lo, o romance que produzir será inconsistente. Todo leitor, com experiência na habilidade do escritor, conhece a diferença que existe entre um diálogo "transcrito" e um diálogo meramente escrito. O autor verdadeiramente criativo registra o diálogo que ouve das personagens. Eu, contudo, resolvi fazer mais do que isso, no caso de Lilith Le Fay: permiti que ela falasse por si mesma. Depois do final de *A SACERDOTISA DO MAR*, ela não ficou tranqüila na sepultura: seu espírito persistiu em vagar. E o fez com tanta insistência, que me forçou a escrever este livro.

Eu não tinha uma idéia precisa da trama. Seis vezes comecei a escrever e seis vezes refiz o texto, até que, por fim, os capítulos rejeitados alcançaram as dimensões de um romance mediano. Por isso, decidi finalmente narrar a história na primeira pessoa, e Lilith Le Fay assumiu a direção.

Eu mesma não fazia a menor idéia do enredo e tive de escrever o romance a fim de descobri-lo. Tampouco esperava que o livro terminasse como terminou. Talvez algumas pessoas o chamassem texto de escrita automática. Não sei se devo honrá-lo com esse nome; eu diria, antes, que expressei as intenções da personagem principal. De qualquer modo, não me responsabilizo nem

pela trama nem pelas personagens – elas se criaram por si próprias.

Nestas circunstâncias, torna-se extremamente difícil, para mim, julgar seu merecimento. Não tenho o livro em alta conta, como literatura; trata-se porém, certamente, de uma raridade psicológica. Além disso, contém uma quantidade de conhecimentos bem estranhos. Sobre muitos desses conhecimentos eu nada sabia, até que li algo a respeito nestas páginas.

O ponto de vista de Lilith Le Fay é puramente pagão; ela é uma rebelde contra a sociedade, inclinada à reforma. Naturalmente, Lilith pode representar o meu subconsciente freudiano. Admito que exista muito de mim mesma em Lilith Le Fay, mas há uma porção bem maior dela que não sou eu. Pelo menos – seja como for – ainda não tenho cento e vinte anos de idade.

Malcolm surgiu de muitas fontes. Nunca fui culpada por ter o mau gosto de expor meus amigos ao sarcasmo público. Conheci muitos Malcolms na vida. Provavelmente, creio que conhecerei muitos outros ainda, antes que, como Lilith Le Fay, eu me decomponha nas partículas de que sou feita, quando a força que me mantém sair de cena.

A casa, entretanto, é real. Suas portas foram batidas na minha cara e jamais voltarei lá. Apesar disso, trata-se de um local sagrado.

Receio que os que lerem esta história apenas para se divertir não a achem muito divertida. Este livro não foi escrito visando entretenimento. De fato, eu o escrevi para descobrir do que se tratava. Escrevi muito do que está nele; no entanto, há nele mais do que escrevi. Poder-se-ia dizer que até mesmo o fato de escrevê-lo foi uma arte mágica. Se for verdade que o que é criado na imaginação vive no mundo interior, então o que foi que criei em Lilith Le Fay? Malcolm pode cuidar de si mesmo, neste e no outro mundo. Porém quem ou o que é Lilith? Por que continuou viva depois que o livro a seu respeito estava terminado? Por que insiste em aparecer novamente? Será que forneci a mim mesma um demônio familiar?

Lilith se considera uma sacerdotisa da grande deusa Natureza e, como tal, pode reclamar direitos divinos em face de todas as leis feitas pelo homem. Trata-se de assunto que não posso julgar

por não entender dele. Apenas sei que Lilith tem um modo ímpar e curioso de viver: vive para os outros, da mesma forma que vive para mim. Pode muito bem ser que para alguns dos leitores ela seja como uma figura obscura, entrevista na meia-luz da mente.

Quantas outras pessoas sofreram como Malcolm, cruel e desnecessariamente, por causa das convenções sociais? Não haverá também para elas um modo de evadir-se para as montanhas do sonho, da mesma forma como Lilith conduziu o seu amado? Essas são perguntas que todos precisam responder a si mesmos. E como Lilith cantou para um homem exausto: “Esquecidos estão os caminhos do sono e da noite” – nós bem podemos repetir a oração final deste hino de evocação:

“Abre a porta, a porta que não tem chave –
A porta dos sonhos, pela qual os homens chegam a ti.
Pastor de cabras, responde-me!” *

* Open the door, the door that hath no key/The door of dreams whereby men come to thee./Shepherd of goats, O answer thou me!

PARTE I

A STUDY IN TELEPATHY

*Come back to me, stay by me, lull me with touch of forgotten caresses,
One warm dream clad about with a fire as of life that endures;
The delight of thy face, and the sound of thy feet, and the wind of thy tresses,
And all of a man that regrets, and all of a maid that allures.*

*For thy bosom is warm to my face, and profound as a manifold flower,
Thy silence as music, thy voice as an odour that dies in a flame;
Not a dream, not a dream is the kiss of thy mouth, and the bountiful hour
That makes me forget what was sin and would make me forget were it shame.*

*Thine eyes that are quiet, thine hands that are tender, thy lips that are loving,
Comfort and cool me as dew in the dawn of a moon like a dream:
And my heart yearns baffled and blind, moved vainly towards thee, and moving
As the refluent seaweed moves in the languid exuberant stream.*

Swinburne.

[UM ESTUDO DE TELEPATIA

Volta para mim, fica comigo, acalenta-me com o toque de esquecidas carícias,
Um sonho afetuoso revestido com o ardor da vida que resiste;
O prazer da tua face, e o som dos teus pés, e o vento de tuas árvores,
Um homem que sente saudades, uma mulher que seduz.

Pois teu seio é cálido para a minha face, e profundo como uma flor múltipla,
Teu silêncio, como música, tua voz, como um aroma que morre na chama:
Não é sonho, não é sonho o beijo da tua boca, e a hora liberal
que me faz esquecer o que é o pecado, e me faria esquecer se fosse vergonha.

Teus olhos são tranquilos, tuas mãos são ternas, teus lábios, amorosos,
Confortam-me e refrigeram-me como o orvalho da aurora, de uma lua como um
sonho;
E meu coração suspira, frustrado e cego, indo em teu encalço, movendo-se
Como as algas refluentes se movem na lânguida corrente exuberante.]

CAPÍTULO I

A bela sala de reuniões da Escola de Medicina estava lotada para a entrega de prêmios. No estrado, embaixo da famosa janela monumental que celebrava a caridade do seu fundador, sentavam-se, em longo semicírculo, personagens vestidos de vermelho, que se destacavam contra a parede de carvalho coberta de pano preto. Os capuzes das diferentes universidades, rubros, cor de cereja, cor de magenta e em várias nuances de azul, tornavam a combinação de cores ainda mais surpreendente. Acima dos atilhos dos capuzes, aparecia uma série de rostos, bovinos, rapaces e astutos. No centro, parecendo comparativamente normal em meio à impressionante seleção de capacetes que cobriam tantos cérebros de primeira classe, sentava-se o *chairman*, que naquele instante acabara de entregar os prêmios. Abaixo, na parte principal do salão, a massa escura de estudantes amigos e familiares olhava fixamente para cima, para aquela coleção de aves do paraíso.

– Ele não devia usar aquele capuz colorido com aquela cor de cabelo – disse uma velha baixinha, uma camponesa sem dúvida, para o desajeitado jovem doutorando que estava sentado a seu lado, acarinhando um diploma que lhe permitiria fazer o pior por seus semelhantes.

– Ele não teve opção. Trata-se do capuz da universidade dele.

– Então, um homem com essa cor de cabelo não devia frequentar essa universidade.

A mistura de magenta e escarlate era certamente uma combinação infeliz de cores para um homem ruivo. Porém, sob um cabelo vermelho, escovado para trás, já rareando levemente nas têmporas, aquele rosto duro e cinzento como granito olhava distraído e indiferente para o espaço.

- Parece um açougueiro – disse a velhinha.
- Está enganada; ele é um dos médicos.
- Eu não gostaria que ele tratasse de mim.
- Não acho que pudesse fazê-lo: no departamento dele não se fazem tratamentos!

- Ele trata do quê?

- Não trata de nada. Há muitas coisas de que não se pode tratar. Algumas vezes, os cirurgiões podem operar; outras não. Ele lhes diz se podem ou não fazê-lo. Ele é o único camarada de quem recebem ordens. Se disser: “Operem!” – eles operam; se disser: “Deixem disso!” – eles deixam a situação como está.

- Só espero que me deixe como estou – observou a velha senhora.

- Também espero, mamãe – concordou o filho irreverente, reprimindo o riso. Ele anotou mentalmente a piada para contá-la na sala dos estudantes. Após cantarem o *God save the Queen*, encerrou-se a reunião, e o homem que motivava o seu interesse aproveitou-se de sua posição vantajosa, na extremidade lateral do semicírculo, para descer furtivamente e em silêncio do estrado, antes que começasse a saída apressada dos colegas.

Seu lugar no estrado, entretanto, ficava na ponta mais afastada do vestiário. Ele se viu no corredor que levava ao refeitório ainda vestido com sua vistosa plumagem e mergulhado num mar de gente que corria em busca de refrigerantes. Empurrada contra ele pela multidão, estava uma velhinha que o observava com o mesmo interesse absorto e impessoal que se dedica aos guardas montados de serviço em Whitehall.

Desacostumado com esse tipo de atenção, o homem concluiu que devia tratar-se de uma antiga paciente.

- Boa tarde, como vai? – perguntou, com leve inclinação de cabeça.

- Vou bem, obrigada – respondeu ela, com mais surpresa do que brandura na voz, obviamente por não esperar a pergunta.

- Minha mãe, senhor – disse o jovem a seu lado.

- Hum – pronunciou o homem mais velho desgraciosamente e, de súbito, para surpresa de todos, tirou as roupas vistosas, ficando em mangas de camisa. Enrolando os magníficos trajes numa trouxa, ele a confiou às mãos do atônito estudante.

- Ponha-a no salão dos veteranos, sim? – ordenou e saiu, empurrando a multidão com os ombros e usando impiedosamente os cotovelos para abrir caminho.

- Que homem engraçado! – comentou a velhinha.

- Quando se tem uma fama como a dele, pode-se ter a ousadia de ser extravagante – explicou o filho.

- Acho que não gosto dele – considerou a mulher.

- Ninguém gosta – afirmou o jovem – no entanto, todos confiamos muito nele.

Enquanto isso, o objeto de sua desaprovação subiu um lance de escadas de pedra – três degraus de cada vez –, entrou num laboratório vazio, pegou um velho blusão axadrezado de lã e, vestido dessa forma incongruente e sem chapéu, retirou-se por uma porta lateral, saindo para um escuro pátio quadrangular. Atravessou o pátio, pisando duro no cascalho, e atraiu a atenção de uma enfermeira que, olhando-o por uma janela que dava para o local, acrescentou mais um item à lenda das famosas excentricidades do famoso dr. Malcolm. Este continuou descuidadamente o seu caminho, através das ruas detrás, até a estação do trem subterrâneo. Lá chegando, lembrou-se de haver deixado sua agenda, sua carteira e seu bilhete de temporada no bolso de dentro do paletó esquecido no vestiário; e a coleção variada de moedas no bolso das calças alcançava exatamente a quantia de três moedas de cobre.

Seu temperamento era impaciente demais para fazê-lo voltar ao hospital. O clima estava excepcionalmente ameno para aquela época do ano, e ele resolveu andar ao longo do Aterro, até seu quarto na Grosvenor Road – uma distância que não era grande para um homem enérgico e ativo como ele.

Percorreu o caminho de pedras arredondadas do calçamento defronte aos armazéns, até subir as escadas do pilar de sustentação da ponte, prosseguindo pelo Aterro.

Estivera chovendo, e a cota usual de mendigos que se reúne nos bancos da região quando escurece, refugiara-se em abrigos improvisados e em asilos de caridade voluntária. Havia poucos pedestres àquela hora, e ele tinha, praticamente só para si mesmo, a ampla calçada da margem do rio.

Malcolm caminhou no seu passo rápido habitual, usufruindo o frescor do ar lavado pela chuva, depois de passar uma tarde

enfadonha no sufocante salão aquecido. Observou o reflexo das lâmpadas na água e as luzes de ancoragem dos navios fundeados aqui e ali. Um rebocador arrastava com dificuldade suas barcas correntes acima, e uma lancha da guarda fluvial descia roncando a correnteza. Toda a rotina do rio continuou enquanto o homem a admirava, esquecido, por algum tempo, da grande cidade, do grande hospital e da labuta diária do seu cotidiano, que se alternava entre Wimpole Street e as visitas aos bairros pobres.

Com sua característica precipitação de movimentos, parou tão repentinamente que um outro pedestre, que seguia rápido atrás dele, teve de se desviar para o lado a fim de evitar uma colisão. Apoiando os cotovelos na balaustrada de granito, Malcolm seguiu mentalmente a maré vazante que descia para além das docas e os navios. Pensava em si mesmo e em como seria se houvesse seguido a carreira de sua primeira escolha, pois teria ido para o mar. Agora ele seria um oficial de navio montando guarda – uma vida dura, sem conforto e mal remunerada. Sua vida atual era dura porque ele era o capataz impiedoso de si mesmo; mas não era mal remunerada, e era confortável na medida em que tinha o bom senso de fazê-la assim.

Mas isso não significava grande coisa. Malcolm não era um homem que soubesse como tornar as coisas confortáveis, quer para si próprio quer para os outros. Sua esposa, inválida desde o nascimento do filho no primeiro ano de casamento, montou casa numa estação balneária, onde ele a visitava com razoável frequência nos fins de semana. Ela temia essas visitas e ele as odiava; porém, ele era um homem com um inflexível senso de dever. Assim, os dois continuaram ano após ano, até que o faiscante cabelo vermelho começou a se mesclar de grisalho, a recuar nas têmporas, e seu temperamento igualmente se acalmou um pouco; ele se congratulava por ter conseguido o domínio de si mesmo.

Os anos de semicelibato não tinham sido fáceis. Dotado por Natureza de uma integridade e honradez impetuosa, a idéia de uma ligação ilícita parecia-lhe detestável. Além disso, havia nele o orgulho de sua vontade imperiosa, que o levava a sentir um prazer perverso em lutar com as bestas selvagens de Éfeso. E, quanto mais a Natureza tentava forçar a porta do seu código moral, mais firmemente ele a trancava. O resultado era admirável do

ponto de vista moral, mas isso não adoçava o seu temperamento, nem o tornava um colega mais agradável ou uma companhia mais cordata. Cabelo ruivo não se adapta bem com repressão, e uma inquieta irritabilidade foi a recompensa da virtude. Como se não bastasse, ele não dormia direito, o que não melhorava a situação, e somente sua tremenda vitalidade e uma estrutura física robusta permitiam que desse conta do trabalho no período letivo.

Os alunos o odiavam porque Malcolm os intimidava e era de uma exigência impiedosa, embora pudesse manter uma discussão acirrada com o colega que desse uma nota injusta nos exames. As enfermeiras tampouco o apreciavam porque ele era exigente demais; ainda assim, movia céus e terras para favorecê-las com uma licença para tratamento de saúde, quando julgasse necessário o afastamento. Os pacientes se aterrorizavam com seus modos bruscos e ásperos; no entanto, Malcolm não se poupava, nem ao hospital, para atendê-los bem. Somado a tudo isso, grande parte do seu trabalho consistia em separar os casos de histeria dos casos orgânicos – o que não contribuía para aumentar-lhe a popularidade, principalmente quando o dever o obrigava a ordenar ao paraplético profissional que pegasse a sua cama e caminhasse.

Ano após ano, ele se acomodava em quartos mobiliados. Livros, papéis e espécimes em vários estados de conservação acumulavam-se à sua volta. Malcolm permitia que a senhoria o alimentasse como quisesse e que o alfaiate o vestisse como lhe aprouvesse. Era menos do que meia vida, porém aquela metade que vivia, embora extraordinariamente estéril para ele próprio, era frutífera para os outros. O cego, o coxo, o mudo, o epilético e o lunático ficavam livres de seu cativo e retornavam a uma vida normal quando esse homem, que nunca empunhava pessoalmente um bisturi, ficava ao lado do cirurgião e o dirigia até o ponto exato do cérebro onde estava a raiz do problema que se manifestava de tantas e tão bizarras maneiras. O que ele não sabia sobre o funcionamento do cérebro não valia a pena saber, mas o que ele sabia sobre a mente em si era espantosamente pouco.

Malcolm retomou seu passeio caminhando a passos largos, ao lado da correnteza escura da água, e imaginando por que nunca lhe ocorrera usar esse caminho antes, em vez de ir pela passagem subterrânea superlotada. Ele não se preocupava em ter um carro

próprio nos últimos anos, preferindo usar os táxis. Um carro seria uma amolação intolerável na área da cidade e no estacionamento do hospital, congestionado pelos magníficos veículos do corpo docente mais jovem. Esses professores mal podiam mantê-los; porém tinham de possuí-los a bem do prestígio, enquanto ele, que possuía todo o prestígio de que alguém pudesse precisar, usava o táxi.

Malcolm gostava de andar. Sempre que descia para ver a mulher, passava o dia numa grande caminhada pelas chapadas gredosas. Regressando à noite, cansado por andar ao ar livre e pelo exercício a que não estava acostumado, adormecia numa poltrona perto da lareira, nunca lhe ocorrendo a ironia que havia nesse fato. Muitas vezes, ele pensara em tirar umas férias de andarilho, mas de certa maneira jamais conseguira tirar férias. Quando o hospital tinha seu quadro de funcionários desfalcado, durante todo o mês de agosto, Malcolm fazia o trabalho de três homens – para consternação de velhos doentes crônicos, acostumados com métodos mais civilizados. Ele não tinha nenhum descanso nem outros interesses que os de sua profissão e o estudo da literatura internacional sobre a sua especialidade.

Era uma vida severa, sem alegria e dirigida com determinação. A maior parte do seu trabalho consistia em diagnósticos; na sua especialidade pouco tratamento era possível. Existira uma época em que – tão improvável quanto isso pudesse parecer a seus colegas – ele se preocupava com os seus casos. Porém, nos últimos anos, começara a aceitar os atos de Deus com certo grau de filosofia, externando um diagnóstico e um prognóstico e tirando o assunto de sua mente – exceto quando se tratava de crianças. Algumas vezes, considerou a hipótese de que devia recusar-se a atender crianças; todavia isso não era possível em seu trabalho hospitalar, onde era obrigado a aceitar todos os que viessem. As crianças o preocupavam. Ele percebia o primeiro e mais leve sinal de problema em algum jovem, ainda saudável, e o futuro surgia diante dos seus olhos e o assombrava durante dias. Conseqüentemente, sua maneira de lidar com crianças era ainda mais infeliz do que a de lidar com adultos. A criança gritando, a mãe indignada e os estudantes desgostosos formavam um quadro singularmente desagradável, sobretudo por se acreditar que do seu julga-

mento não havia apelo a ser feito, nem ao homem nem a Deus: se ele dissesse que uma criança cresceria como uma aleijada, assim seria. Algumas vezes, até parecia que ele estava muito mais dando uma sentença do que um parecer.

Malcolm era um homem que habitualmente andava depressa, correndo pelos corredores do hospital cuidando de suas tarefas, deixando aos condutores de carrinhos e aos padioleiros o trabalho de se desviarem. Ele estava abrindo caminho na sua maneira habitual, ultrapassando e deixando para trás todos os outros pedestres que seguiam na mesma direção, quando notou que uma figura indistinta diante dele não havia sido ultrapassada, mas mantinha firmemente a distância. Ele devia ter notado isso inconscientemente durante algum tempo, pois quando deu por si, percebeu que a estivera seguindo por uma distância considerável. Malcolm ficou intrigado, pois isso se parecia com um sonho que há anos se repetia, sempre que estava mais extenuado do que o normal pelo excesso de trabalho.

Nessas ocasiões, seu sono, em geral insuficiente, tornava-se insatisfatório tanto na qualidade como na quantidade. Malcolm permanecia deitado, entre o sono e a vigília, num estado curioso de devaneio: não ficava adormecido o suficiente para aprofundar-se no sonho e nem suficientemente acordado para saber que se tratava de um sonho. Passava a noite transpondo de um lado para o outro as fronteiras do sono. Algumas vezes, sonhava realmente; outras, observava o sonho num estado mais ou menos consciente, admirando o espetáculo de sombras como se estivesse assistindo a um filme.

Invariavelmente, esses sonhos eram paisagens campestres e marítimas; com frequência, uma combinação das duas. Ele atribuía o fato às suas andanças pelas chapadas quando visitava a esposa. Nessas cenas, nunca havia ninguém, com exceção de uma ocasional personagem encapotada de chapéu de abas largas. Essa personagem ele relacionava com o anúncio de vinho do porto Sandeman, cujas luzes coloridas brilhavam intermitentemente num edifício, em frente ao qual passava, ao fazer o percurso entre seu consultório na Wimpole Street e seus alojamentos em Pimlico. Embora a psicologia fosse para ele apenas uma linha lateral, usada somente para diagnósticos diferenciados, tudo aquilo lhe pare-

ela simples e óbvio. Malcolm tinha suficiente conhecimento prático das teorias psicológicas a fim de traçar uma série de símbolos para as chapadas gredosas pontilhadas de bangalôs atrás da cidade à beira-mar e outra série para o anúncio tantas vezes visto. Um símbolo ele atribua à repressão sexual – conjectura prudente no caso da maioria dos cidadãos respeitáveis e uma hipótese particularmente segura no caso de um profissional na sua situação. O outro símbolo ele o atribua ao seu desejo subconsciente pelo estimulante enunciado daquela forma pitoresca – desejo muito compreensível num homem estafado, dado a preocupações. Como ambos esses desejos eram reprimidos sem sombra de concessão, até mesmo o dr. Rupert Annersley Malcolm, neurologista e endocrinologista, podia entender que estes se revolviam à sua volta, extravasando-se em seus sonhos. Nunca lhe passou pela cabeça que pudessem fazer mais do que isso.

Ver aquela figura de sonho movendo-se diante dele, na neblina que cobria o calçamento molhado de Londres, como ela o fizera tantas vezes através das paisagens oníricas, despertou sua curiosidade. É certo, ele sabia que se tratava apenas de uma mulher numa capa impermeável, mas mesmo assim emocionava-o ver sua fantasia subconsciente exteriorizada dessa maneira.

A pessoa caminhou umas vinte jardas à sua frente, mantendo a distância. O dr. Malcolm aumentou a velocidade para emparelhar com ela e observá-la mais de perto. Contudo, ainda que Malcolm se movesse tão rápido quanto possível, esse esforço não aumentava a sua velocidade, nem reduzia perceptivelmente a distância entre ele e a pessoa que agora estava perseguindo – pois o fracasso em conseguir seu propósito, por causa do seu temperamento intratável, se havia transformado de um interesse passageiro numa firme determinação.

Seu primeiro impulso foi dar uma corrida, mas sabia que essa conduta não passaria despercebida dos agentes da lei e da ordem. Malcolm não desejava ir parar numa delegacia, onde dificilmente aceitariam, como justificativa daquele comportamento ultrajante, a explicação de que simplesmente analisava um de seus próprios sonhos.

Por essa razão, insistiu determinadamente, seguindo-a passo a passo de perto, convicto de que poderia, com o tempo, andar

mais depressa que qualquer mulher. Malcolm era um homem que não se interessava pelas mulheres. E as mulheres, tanto quanto sabia, também não se interessavam por ele. Aquela mulher, entretanto, continuava a manter-se adiante e, embora estivesse lentamente diminuindo a distância entre eles, era óbvio que, mesmo se as luzes do sinal de trânsito o favorecessem, seria pouco provável que ele a alcançasse, a menos que o percurso fosse muito extenso. O dr. Malcolm achou que estava dando de si mesmo o último esforço possível sem atrair a atenção da polícia. Assim como estava a situação, ele notou uma policial, parecendo-se exatamente com a sra. Noé em seu inconveniente uniforme, observando-o desconfiada.

Então, o que tanto temia aconteceu: os faróis deram passagem livre para o objeto de sua perseguição, mas mudaram antes que ele pudesse atravessar. Liberado o tráfego, passou pela ponte uma massa compacta de carros, e a figura encapotada desapareceu no *fog* londrino, deixando-o com uma inexplicável sensação de perda, de frustração e de vazio. Outros cinco minutos em passo mais moderado levaram-no até seus alojamentos na Grosvenor Road, escolhidos por serem baratos, quando ainda lutava para fincar pé em sua profissão, e mantidos por hábito, indiferença e falta de incentivo para mudar-se. Em seu conforto desleixado, Malcolm se despiu e se enxugou, pois transpirara profusamente por causa de seus exercícios na amena quentura da noite. Então, e só então, pensou em maravilhar-se com a cadência em que a mulher se movera.

Na cama, tarde da noite, ficou imaginando se aquele excesso de cansaço seria motivo suficiente para a figura encapotada surgir na paisagem do sonho, no qual caminhara quase todas as noites da última quinzena. Todavia, aquela noite Malcolm passou rapidamente para um sono mais normal do que os que tivera durante muitos dias. Era como se todo o tédio abafado de sua existência insípida se houvesse desfeito com seu inusitado interesse pela figura de uma mulher desconhecida divisada na penumbra da neblina.

Terminado um período letivo, saiu no dia seguinte para ir passar o fim de semana com a esposa. A pobre alma, contudo, estava num dos seus maus períodos e definitivamente não desejava

va a sua companhia. Desta forma, o dr. Malcolm ficou livre para dar sua costumeira caminhada e para estendê-la além do limite habitual. Ao anoitecer, voltou exausto para a vila de tijolo vermelho, pois o passeio fora indevidamente prolongado, uma vez que não precisava fazer a refeição noturna com a esposa e sua dama de companhia. Haviam deixado uma garrafa de leite e uns sanduíches para ele ao lado do fogo abafado da fomalha, em seu dormitório. Como os sanduíches estivessem secos e crestados nas pontas, ele se contentou em beber o leite. Em seguida, caiu numa sonolência inquieta, na poltrona de vime arrastada para perto do fogo.

Não se tratava de uma cadeira especialmente confortável; além disso, ela estalava com a sua respiração e isso o perturbava. Mas, a despeito de tudo isso, Malcolm percebeu que o sonho que o frustrara durante a semana inteira estava para chegar. Resistindo a todas as tentações de se mexer e de despertar, pôs-se a observar as imagens que se deslocavam no limiar do sono, formando-se, dissolvendo-se e tornando a moldar-se em formas cada vez mais definidas.

Primeiramente, as figuras relacionavam-se com fragmentos da vida cotidiana: a senhoria; o faxineiro do laboratório do hospital; a dama de companhia da esposa; a mulher mais velha que era meio enfermeira, meio governanta. Ele esperou pacientemente, sabendo que se tratava de um estratagema da sua mente para desoprimir-se das impressões superficiais, antes de se abrir para camadas mais profundas. Algum resquício retardatário da mente consciente, disciplinada pelo treinamento científico, reparou que ele assistia a uma procissão de mulheres maduras, desgraciosas e sem charme. Em seguida, apareceu a policial que ele vira no Aterro, e suas esperanças recrudesceram; todavia, ela apenas tomou seu lugar naquele desfile.

Malcolm foi então despertado por movimentos no patamar da escada, e ouviu a voz débil e queixosa de sua mulher através da porta aberta do quarto. Evidentemente, estavam passando uma noite difícil. Seu primeiro instinto foi o de entrar e fazer o que pudesse, mas sabia por experiências anteriores que isso apenas a aborreceria e emocionaria. Quem cuidava dela era um competente médico da região, que se incumbiria de contar a Malcolm o que

havia de errado. Através dele, Malcolm poderia fazer o que estivesse a seu alcance pela infeliz mulher que alternava os seus dias entre a cama, a poltrona e a cadeira de rodas, desde a malograda tentativa de trazer seu filho à luz.

A ligeira perturbação fora bastante para acordá-lo temporariamente do torpor induzido pelo longo dia passado ao ar livre. Ele acendeu um cigarro e ficou olhando para o fogo. Sua mente retornou àquela noite, há vinte anos, que transformara a vivaz, pequena e infantil criança que ele desposara numa inválida neurótica, obesa e semiparalítica. Malcolm não imprecava contra o destino, já há muito deixara de fazê-lo; simplesmente se sentava com o cigarro aceso entre os dedos manchados de tabaco e refletia sobre o caso.

Na realidade, ele não culpava o destino. De uma maneira obscura, culpava-se a si mesmo, como se houvesse cometido algum grosseiro erro de julgamento em algum diagnóstico. Era verdade que ambos tinham desejado ardentemente a criança que causara todo o transtorno, mas isso não parecia fazer qualquer diferença. No fim, a responsabilidade fora sua: não fosse por ele, não teria havido a criança – a lógica desse fato era irrefutável. Contudo, de nada adiantava pensar no que poderia ter sido. Esse era um deleite dispendioso que reclamava o seu preço em dias de depressão. Apenas por um rigoroso controle mental e da imaginação, as bestas-feras de Éfeso podiam ser dominadas. Ele descobrira o estratagema por si próprio, anos atrás, e sempre se surpreendia pelo fato de que isso nunca tivesse ocorrido a seus colegas do departamento de psiquiatria.

Para desviar a mente do tema perigoso, ele levou à memória a imagem do Aterro do Tâmis numa suave e úmida noite de inverno. As últimas folhas caídas das árvores formavam desenhos no chão, e o rio corria rapidamente, sombrio e cheio de remoinhos. Ele reviveu o incidente na imaginação, retrocedendo mais e mais em direção à formatura, à medida que a recordação lhe vinha à mente. Podia ver a cena da entrega de prêmios aos estudantes – os alunos subindo para pegar seus diplomas – inexperientes e desajeitados, garotos imaturos, encarregados de responsabilidades grandes demais para serem lícitamente atribuídas a qualquer ser humano capaz de errar. Malcolm considerou os seus rostos e

gostaria de saber em quantos deles confiaria para armar uma ratoeira, se fossem deixados a sós para assumir a responsabilidade pelo desfecho de vida e de morte. Fora um cálculo errado da parte do seu próprio professor de obstetrícia que havia resultado em ruína no quarto ao lado.

Malcolm tornou a concentrar-se no passado e pensou na face intrigada da velhinha, quando a confundiu com uma de suas pacientes, e no rosto debochado do filho dela, bem consciente de algumas das implicações de sua especialização, que exigiam uma mudança da rotina. Lembrou-se de como, com os nervos em frangalhos, ouvira o professor de obstetrícia desculpar-se, atribuindo a causa do desastre a alguma predisposição — quando, na verdade, esta fora precipitada por sua falta de cuidado. E refletiu com amargura sobre os ideais e o autocontrole de sua adolescência e primeira juventude, que não serviram para poupar-lhe nem humilhações nem autocensura.

Mais uma vez, arrastou a mente de volta, mantendo-a sob controle, e imaginou o rio, o Aterro e a rápida e indistinta forma em movimento. Segundo um floreio qualquer de pena de alguma escola poética, ele a denominou de “a formosa que acena”, embora Deus soubesse que ela não lhe acenara, e ele ficaria muito indignado se ela o tivesse feito. Além disso, ele se preocupava em imaginar se sua aparência lhe parecera menos sofrível.

Ele imaginou-se a andar atrás dela como fizera naquela noite. Desta vez, porém, não houve sensação de pressa e de fracasso, apenas o transporte veloz do sonho. O Aterro e as suas luzes diminuíram, e ele estava, uma vez mais, na ampla paisagem do sono, sem cor como o indistinto prateado da luz que banha o campo ou o mar. Entretanto, não havia visão. Ela havia desaparecido. Mantendo-se de maneira desesperada no limiar do sono, ele tentou conscientemente produzir uma forte impressão na paisagem indistinta, mas ela o burlou e ameaçou tornar-se um pesadelo. Então, o encanto rompeu-se pela voz da dama de companhia de sua esposa tentando fazer-se ouvir ao telefone do vestíbulo, e ele se viu novamente bem acordado.

O dr. Malcolm esperou. Ouviu um carro na rua, passos na escada, um murmúrio de vozes no aposento ao lado; contudo, não se mexeu. Apenas quando escutou a porta do quarto se abrir uma

vez mais, e um passo pesado no patamar das escadas, levantou-se e, movendo-se sorrateiro como um gato, abriu a sua própria porta. Silenciosamente com um aceno, pediu para seu colega médico entrar. Então, na tênue claridade do fogo que se consumia, pois não ocorreu a Malcolm acender a luz, os dois homens se encararam.

O outro, entretanto, conhecia o marido de sua paciente há anos e estava bastante acostumado a várias das suas menores excentricidades de que era inconscientemente culpado. Ele apenas pôde ver na penumbra o pálido contorno quadrado da face bem talhada, a linha alta do cabelo escovado para trás e o brilho dos penetrantes olhos claros. Quando Malcolm estava pensando, seus olhos lembravam os de uma serpente prestes a dar o bote. A perpétua vivacidade do homem sempre pareceu ser a sua qualidade mais notável e agora, às duas horas da madrugada, num quarto escuro em que evidentemente estivera cochilando, ele estava tão atento como sempre.

— Bem — disse Malcolm, imperturbado pela necessidade de qualquer uma das pequenas cortesias comuns aos relacionamentos sociais.

Todavia o dr. Jenkins estava habituado a isso. — Nada de grave — respondeu ele. — Sobretudo os nervos, mas naturalmente isso agrava os outros sintomas. Se não se importa com a minha franqueza, penso que foi a perspectiva da sua visita o que a contrariou. Na verdade, isso acontece cada vez que você vem. Só que, geralmente, não chega ao clímax senão depois da sua partida. Se eu fosse você, restringiria as visitas às imprescindíveis, como o Natal, o aniversário dela, e assim por diante, você sabe...

— Percebo — respondeu o outro secamente. — Muito bem, farei como diz.

Despediram-se, e o dr. Malcolm voltou à sua cadeira diante do fogo que se apagava, imaginando por que nunca lhe sugeriram anteriormente a solução desse purgatório mensal.

Na manhã seguinte, a sra. Malcolm ainda estava num sono provocado por medicamentos, quando se aproximou a hora de o marido partir. O dr. Malcolm trocou algumas palavras com a dama de companhia. Suas explicações foram aceitas com tal ar de devota satisfação que ele sentiu um violento golpe de consciência

quanto ao fato de haver se empenhado tanto em tornar suas visitas aceitáveis.

Olhando pela janela do trem em sua viagem de volta à cidade, perguntou-se o que poderia ter feito e o que não fizera. Honestamente, pensava não ter feito nada de reprovável no decurso de todos esses longos anos. Por fim, desistiu do problema, considerando-o insolúvel. Dirigiu-se, portanto, para o hospital, onde, ante sua presença, os alunos se dispersaram como gansos amedrontados, e um secretário clínico deixou cair o lápis e se pôs a misturar atabalhoadamente os papéis, por puro nervosismo. Os pacientes foram tratados um pouco melhor, mas não muito. Depois de uma manhã exaustiva para todos os envolvidos, Malcolm tomou uma xícara de café e comeu um sanduíche no bar da estação subterrânea do trem. Voltou então para os seus aposentos na Wimpole Street, onde, com algumas variantes, a rotina da manhã foi repetida. Alguns médicos afirmam que os pacientes que têm no hospital recebem exatamente o mesmo tratamento que os pacientes particulares. O dr. Rupert Malcolm possivelmente não poderia fazer mais por nenhuma das duas classes do que já fazia, mas uma das características do homem era que ele agia precisamente da mesma maneira, sem sequer pensar nisso. O príncipe teria de entrar e sair das suas roupas com a mesma presteza que o pobre, e ele extraía da princesa as mesmas confissões relutantes que as da faxineira, e com os mesmos métodos implacáveis.

CAPÍTULO II

A única distração social do dr. Rupert Malcolm consistia em ouvir ou em dar palestras sobre a sua especialização, ou sobre assuntos correlatos, diante de sociedades de eruditos. E, como invariavelmente ele se retirava ao findar a parte doutra do evento para ter início a parte social, divertia-se muito pouco. Contudo, os modos bruscos, intimidativos e o semblante severo tornavam improvável que se divertisse muito mais se resolvesse ficar.

O longo dia que se seguiu ao retorno da praia culminou numa dessas noites de edificação mútua entre eruditos. Malcolm saiu tão logo pôde fazê-lo com decência, tomou um táxi e voltou aos seus aposentos, para onde subiu exausto pelas escadas centenas. A senhoria atual era sobrinha da anterior, porém a situação havia permanecido a mesma. Ocasionalmente, ela tentava arrumar os cômodos do médico, mas retirava-se intimidada pela sua carranca. Então, contentava-se em pintá-los por partes, nas ocasiões em que ele se ausentava para ir à cidade, à beira-mar.

Malcolm nem olhou ao entrar naquele cômodo encardido com a mobília fora de moda. Arremessou o chapéu, a maleta e, logo em seguida, o sobretudo sobre a mesa. Acomodou-se na gasta poltrona ao lado da lareira, avivando com a ponta do sapato o fogo para o qual se pôs a olhar. Desde que saíra do trem, era o primeiro momento em que tinha tempo para pensar no seu problema insolúvel.

Ficara admirado com o fato de a sua libertação daquilo que sempre aceitara como um dever a ser rigorosamente cumprido não ter feito o próprio chão se abrir sob seus pés. Havia suportado todos aqueles longos anos de um casamento de mentira, sustentado pela certeza de que sua esposa necessitava dos seus cuidados. E, agora, descobria que essa era uma crença infundada. Sabia que

devia sentir-se aliviado, mas em vez disso sentia-se como um cão perdido. O homem que lhe dissera aquelas poucas palavras sensatas, no quarto iluminado pela lareira, nem de longe imaginava o efeito que elas haviam causado no seu ouvinte. Nem o tom da voz, nenhum estremeamento do rosto o traíram: seu semblante mantivera-se inalterado, duro como granito. Entretanto, com o término de uma vida, teria de encontrar os meios que lhe permitissem começar uma nova. Rupert Malcolm sentiu-se como um barco à deriva, sem remos e sem âncora, à mercê dos ventos. Seu código de honra ainda lhe impunha essa fidelidade inflexível. Agora sabia que tudo o que a inválida da cidade praiana desejava eram os confortos proporcionados liberalmente pelos seus rendimentos. Do homem, nada queria, a não ser que a deixasse em paz. O cachorrinho, os periquitos australianos e a fiel dama de companhia satisfaziam-lhe todas as necessidades emocionais. Quando um cachorro morria, ou de vez em quando um periquito, eles eram substituídos. E, depois de um breve intervalo repleto de lágrimas, a vida continuava como sempre na agradável casa ensolarada que dava para o mar. A única influência perturbadora — ele próprio — agora fora removida. E o dr. Malcolm podia imaginar as duas mulheres cantando o hino “Agora agradeçamos todos ao Senhor”, como faziam todas as noites.

A janela de cortinas corridas deixou-o irritado. Atravessou o quarto e puxou aos arrancos a sarja verde empoeirada para fechá-la. Deteve-se com a mão na segunda cortina, olhou para a lua brilhante e para o rio sombrio. Exatamente do lado oposto dos seus alojamentos, na outra margem do rio escuro, um beco sem saída desembocava na continuação do Aterro. No fim desse beco, notou algo que não havia percebido antes — a fachada iluminada de uma pequena igreja. Malcolm podia ver o contorno circular da janela que dava para o ocidente, porém se ostentava o vidro colorido de uma religião exótica ou o vidro transparente de uma religião singela, isso não podia discernir àquela distância. Imobilizou-se fitando a igreja ainda segurando a cortina. E imaginou que gostaria de conhecer o tipo de fé cujos adeptos cumpriam suas devoções religiosas àquela hora da noite. Ele supunha que fosse uma igreja católica, pois os protestantes cumprem os deveres religiosos durante as oito horas do dia. Olhando para a facha-

da iluminada, atrás da qual, presumivelmente, as pessoas estariam adorando o Criador, maravilhou-se com o fato de as pessoas obterem algo da religião. Ele achava que elas conseguiam algo, caso contrário não se apegariam a uma crença. Contudo, a natureza desse algo estava além da sua compreensão. A seguir, enquanto observava, a luz se apagou na fachada distante e, aceitando a sugestão, ele mesmo foi dormir. Na cama, percorreu novamente a região cinza-prateada que fica entre o sono e a vigília, mas não teve companhia.

O fato de ficar com os fins de semana livres deixou Malcolm com uma vaga sensação de liberdade e alívio. Como sentisse falta dos passeios pelas dunas, pensou em viajar para o campo, mas de certa forma nunca chegou a fazê-lo. Não sabia para onde ir, ou o que fazer, ou como começar. Assim, limitou-se a se revolver numa órbita ainda mais limitada. Fez uma tentativa fracassada de se distrair com a leitura de um romance moderno, porém logo achou melhor deixar as coisas como estavam. Foi à National Gallery, mas se surpreendeu estudando o equilíbrio endocrinológico dos nus. Dessa maneira, decidiu que tudo deveria prosseguir como antes e aceitaria a vida como lhe viesse, pensando nela o menos possível. Ainda sonhava com paisagens, apesar de a Escola de Medicina estar fechada para as férias e, por conseguinte, o trabalho ser consideravelmente mais fácil. Isso o preocupava um pouco, pois se agora se sentia assim, como seria quando o novo período letivo estivesse no auge?

Subitamente, ocorreu-lhe que a fadiga adicional por causa das aulas e conferências poderia servir para trazer de volta a figura encapotada dos seus sonhos. Com estranheza, se surpreendeu aguardando ansiosamente o início das aulas, contando os dias. E percebeu o quanto a idéia da mulher, cuja face jamais vira, estava tomando conta de sua imaginação. Ela até mesmo o estava consolando por ter arremessado suas pobres pérolas para quem não teriam qualquer serventia.

O dr. Malcolm descobriu que a melhor maneira de adormecer era imaginar aquela caminhada pelo Aterro, perseguindo a mulher encapotada. Nunca tentava alcançá-la e ver seu rosto — receava fazê-lo —; na verdade, tinha a certeza de que ficaria decepcionado. No entanto, sentia que na figura encapotada havia en-

contrado uma espécie de guia para atravessar o emaranhado da vida pois, em essência, ele era uma alma simples, a despeito de seu cérebro privilegiado.

A fantasia da mulher encapotada assumiu proporções cada vez maiores, à medida que, noite após noite, com infalível regularidade, ele seguia o mesmo percurso no reino do sono — o caminho ao longo do Aterro do Tâmisia com as árvores desfolhadas de um lado e a escura correnteza cintilante do outro. E sempre, mais cedo ou mais tarde, a figura encapotada surgia na dianteira, e ele a seguia com intenso alívio para dentro do país do sono.

Em breve, percebeu um fato curioso. A última coisa que fazia antes de se deitar era abrir as cortinas para deixar entrar o ar. Quando olhava para o outro lado do rio, via que nem sempre a fachada da igreja do lado de Surrey estava iluminada. Parecia não haver uma explicação para o horário em que ela ficava com as luzes acesas. Isso acontecia freqüentemente à uma ou às duas horas da madrugada. Notou que nessas ocasiões nunca podia dormir enquanto a luz do outro lado do rio não se apagasse. Algumas vezes, quando o sono queria vencê-lo, soerguia-se na cama até conseguir olhar para fora da janela. Observava e ficava esperando. Assim que a luz se apagava, deitava-se nos travesseiros na expectativa: e então, em mais ou menos vinte minutos, seguia a trilha da figura que caminhava à sua frente e adormecia. Reparou que, quando dormia dessa maneira, o sono era especialmente revigorante. Às vezes, acordava com uma estranha sensação de felicidade — uma sensação que há muito tempo deixara de sentir.

À medida que os dias se passavam, Malcolm tornou-se cada vez mais obsedado na busca da mulher encapotada. Nunca desejou alcançá-la, todavia, se a noite transcorresse sem que avistasse sua figura indistinta, ficava agitado e sentia-se miserável durante todo o dia seguinte. Apenas quando a fantasia tornava a se manifestar é que a paz de espírito lhe era restituída.

Mas tratava-se de algo mais do que uma simples fantasia. Ele podia retratar para si mesmo o Aterro na neblina, com a planície cheia de árvores e com o remoinhante rio correndo. Imaginar, entretanto, a figura indistinta e encapotada nada significava; isso só lhe trazia satisfação quando ela aparecia espontaneamente em seu devaneio. Nesse caso, por tanto tempo quanto pudesse

manter-se no limiar do sono — nem completamente desperto, nem caído na inconsciência —, sentia uma alegria que se transformava em êxtase, pelo fato de mantê-la sob suas vistas. Depois dessas noites, achavam que ele estava mais distraído no hospital e que era mais fácil lidar com ele.

Finalmente, as férias terminaram. O período letivo teve início outra vez, e ele se pôs a trabalhar com uma energia frenética, tentando cansar-se a ponto de a visão aparecer de verdade em seus sonhos. Então, quando estava fazendo o trabalho de quase três homens comuns, um colega adoeceu e ele assumiu os clientes particulares dele.

Os dias estavam se alongando, mas o trabalho extraordinário do hospital mantinha-o ocupado até tão tarde que parecia que jamais chegava em casa a não ser à luz do dia. O dr. Malcolm prometera a si mesmo que, assim que estivesse um pouco menos ocupado, todas as noites iria andando até sua casa, substituindo assim as caminhadas pelas dunas às quais se havia acostumado. Mas, de alguma forma, parecia nunca ter a devida energia para isso, depois de ficar de pé nos plantões ou nas salas de conferências durante horas intermináveis. Dessa maneira, a primavera se adiantou sem que ele notasse.

Então, certo dia, saiu para o pátio quadrangular do hospital e viu a estrela da noite, a grande Vênus, baixa no céu iluminado pelos últimos raios do pôr-do-sol. Com súbita resolução, decidiu caminhar até sua casa pelo Aterro, embora estivesse exausto. No entanto, alguém o alcançou e retardou; havia papéis do ambulatório que deviam ser assinados. Por isso, quando afinal subiu as escadas da ponte que levava ao Aterro, Vênus já havia desaparecido na névoa da noite e a escuridão se insinuava por toda parte.

Malcolm caminhou como se estivesse sonhando. Tantas vezes imaginara aquela caminhada que dificilmente saberia, nessa noite, se era fantasia ou realidade. Perscrutando a escuridão que o envolvia, procurou a indistinta personagem encapotada, porém ela teimou em não aparecer. Finalmente, desapontado e com os pés doloridos, entrou em casa deixando-se cair na velha poltrona mais morto do que vivo. E então, no exato momento de tirar os sapatos, sabe-se lá por que impulso desconhecido, ergueu-se pesadamente das almofadas bolorentas, atravessou o quarto, afastou as

cortinas e olhou para ver se a fachada da igreja do outro lado do rio estava iluminada. Estava. Aquilo explicava tudo. A mulher nunca aparecia enquanto o culto estivesse sendo realizado. Assim, mais tranqüilo sem saber por que, foi para a cama sem se incomodar com o jantar. Dormiu sem se preocupar com mulheres encapotadas. Por volta da meia-noite, entretanto, acordou e, soerguendo-se na cama, olhou para fora a fim de ver se a janela ainda estava iluminada. A luz continuava acesa, mas no momento em que olhou ela se apagou. Pouco tempo depois, ele viu à sua frente a figura encapotada e mais uma vez entrou no país do sonho em sua companhia.

No dia seguinte, satisfeito com a caminhada pelo Aterro, repetiu-a um pouco mais cedo e foi para casa com o espetáculo glorioso do ocaso sobre Westminster refletindo em seu rosto. Depois dessa noite, esse passeio à beira do rio tornou-se uma rotina invariável, e conseqüentemente sua saúde melhorou. Seu espírito também ficou mais sereno, embora compreendesse que se tornara dependente da visão noturna.

Certa vez, a visão deixou de aparecer durante uma semana inteira, e isso o deixou quase louco. Nada o faria consultar um colega, bem como nada o faria tomar os sedativos que ele mesmo prescrevia. Dessa forma, começou a trilhar um caminho perigoso. Por fim, quando estava quase atingindo o limite de suas forças, o sonho se repetiu, o legítimo sonho da figura encapotada na paisagem cinérea – o sonho verdadeiro que, a despeito dos esforços que fizera para exaurir-se, nunca viera. Seu desejo era tão intenso que, pela primeira vez, perseguiu a figura encapotada com a determinação de emparelhar-se com ela. Na cinzenta paisagem de sonho, o dr. Malcolm avançou penosamente numa espécie de pesadelo. Seus pés se prendiam a cada passo como se estivessem num atoleiro, seu coração batia como se fosse estourar. Então, quando estava prestes a alcançar a imagem e estendia a mão para tocar o casaco esvoaçante, acordou, banhado de suor, com o som de um grito de mulher ecoando em seus ouvidos. Pulou da cama, escancarou a janela e pôs a cabeça para fora. Nesse instante, viu a luz se acender na igreja do outro lado do rio. Entretanto, tudo estava calmo pelo caminho enluarado e tudo estava tranqüilo na casa abafadiça quando se debruçou no vão da escada a fim de es-

cutar. Ele sabia que a pequena sra. Humphrey, sua senhoria, viria correndo até ali se houvesse qualquer coisa incomum – mesmo que ela o temesse em horas normais. Tudo, porém, estava silencioso, e ele voltou para a cama, concluindo que a pessoa que gritara, ou havia morrido, ou desmaiara, ou se tratava de um fantasma de sua imaginação.

No dia seguinte, Malcolm ficou retido no hospital até tarde e, ainda que estivesse cansado pelas interrupções do sono na noite anterior, sua mente estava tranqüila, e as coisas corriam de forma regular. Embora fosse tarde, resolveu caminhar até sua casa. Isso se tornara uma espécie de ritual, fazia parte do seu culto, e não o perderia, mesmo que se sentisse exausto. A noite estava tão obscura pela neblina como na ocasião do seu primeiro passeio pelo Aterro e, naquela noite, sua peregrinação de fé parecia ter uma espécie peculiar de realidade. Enquanto caminhava, ficou imaginando que tipo de marido seria se seu casamento tivesse seguido um curso normal. Teria sido um marido difícil, exigente, genioso e ciumento, embora soubesse que podia amar com tanta intensidade que a pequena coisa despreocupada que desposara não teria idéia do que fazer com tanto amor. Pela primeira vez Malcolm entendeu que, mesmo que a desgraça não houvesse destruído o seu casamento, este provavelmente não seria duradouro. A compreensão do fato proporcionou-lhe um extraordinário sentimento de alívio e descontração. Assim, no exato momento em que sentiu o fardo cair dos ombros, viu a figura encapotada de uma mulher a umas trinta jardas à sua frente. Não era um produto da imaginação, porém uma mulher de verdade.

Malcolm cambaleou por um momento, como se estivesse embriagado, mas controlou-se em seguida. A realidade não tinha o mesmo fascínio da fantasia. Capas impermeáveis eram comuns entre as mulheres, e não havia a menor probabilidade de que aquela fosse a mesma mulher encapotada que o estimulara em seus sonhos.

Continuou a caminhada, observando com um divertimento levemente cínico a pessoa de capote à sua frente. Vista sob qualquer ângulo, a realidade era inferior ao sonho. Não havia nada na mulher vestida numa capa impermeável para causar tanta perturbação. Subitamente, compreendeu, a julgar pela velocidade em

que ele, e conseqüentemente ela, estavam caminhando, que devia tratar-se de veras da primitiva dona da capa de chuva, pois poucas mulheres poderiam andar tão depressa e manter aquele ritmo. Com um esforço tremendo, que era quase uma corrida, diminuiu a distância entre eles e pôde observar a maneira como ela se movia. Acostumado a diagnosticar pelo modo de andar e pela postura, notou que ela se movia como se fosse uma peça só, deslizando pelo solo com movimentos semelhantes a uma ondulação, da planta dos pés até os quadris, agitando as dobras da capa desde as costas mantidas eretas, tão ritmicamente como se fosse um pêndulo. Jamais vira um físico humano mais perfeitamente equilibrado e estável e, esquecendo-se por um momento do seu romance, observou aquele andar com interesse profissional, avaliando a perfeita coordenação de cada músculo no corpo que se movia compassadamente. Ele não podia julgar a silhueta e a estrutura óssea, pois as dobras do casaco ocultavam-nas por completo, mas nunca se esqueceria daquele andar enquanto vivesse. Uma idéia insensata passou-lhe pela cabeça: correr atrás da mulher e dirigir-lhe a palavra. Mas logo rejeitou a idéia; além de ser desaconselhável tal procedimento, por parte de um profissional na sua posição, ele era, e sempre fora, tão tímido como um garoto de escola por trás do disfarce de rispidez. Assim, continuou a caminhar atrás dela, até que os faróis do trânsito pregaram-lhe outra vez uma peça e ele a perdeu novamente.

Malcolm correu pelas escadas até o seu quarto, descerrou as cortinas, olhou para o outro lado do rio. No momento em que o fazia, as luzes se acenderam na fachada escura da igreja da margem oposta. Algum dia, quando estivesse menos ocupado, pensou consigo, atravessaria a ponte próxima, daria uma olhadela naquela igreja e veria o que se cultuava ali de modo tão caprichoso.

Passou-se algum tempo antes que o dr. Malcolm estivesse menos ocupado. Na verdade, estava tão atarefado que precisou abandonar temporária e relutantemente suas caminhadas pelo Aterro. Sua fantasia, contudo, ainda servia para pô-lo a dormir todas as noites, com infalível regularidade. Agora ele não precisava visualizá-la, pois assim que punha a cabeça no travesseiro, ela surgia espontaneamente.

* * *

Houve uma reunião dos dirigentes do hospital, entre os quais ele próprio, e essa reunião não foi de todo pacífica. Pessoas de setores influentes haviam dado queixa de seus modos e métodos de ação, e o assunto foi abordado – com o maior tato possível, mas foi abordado. Da mesma maneira como quando o médico de sua esposa lhe pediu para se retirar por ser indesejável, também agora ficou surpreso, confuso e humilhado ao saber que estivera aborrecendo as pessoas e fazendo com que, de um modo geral, todos o detestassem. Os membros do conselho, que estavam receosos do sacrifício que seria ralar com o seu estupendo professor, ficaram atônitos diante do pedido de Malcolm: que lhe apontassem os seus erros. Isso os desconcertou tanto que acabaram por assegurar-lhe que nada fizera de errado, e de comum acordo adularam-no, apaziguando-o. Depois sentaram-se, olhando estarecidos uns para os outros, assim que ele empreendeu sua usual saída precipitada.

Quando Malcolm saiu para o pátio retangular do hospital, a noite estava enevoada, mas isso não modificou sua resolução de caminhar até a casa. Sentiu que nada podia acalmá-lo e consolá-lo tão verdadeiramente como a presença imaginária da sua ficção. Quando um homem dedicou o melhor de si mesmo durante um quarto de século ao trabalho, e dizem-lhe subitamente que o que fez de melhor não foi suficiente, esse homem é capaz de se sentir como se o mundo estivesse ruindo à sua volta.

O que havia feito para enraivecêr as pessoas? É verdade, que ele jamais cultivara o lado social da vida hospitalar, mas havia feito sinceramente o melhor, e com toda a sua capacidade de trabalho. Tentou consolar-se com a recordação de seus visíveis sucessos, e foram muitos – pacientes resgatados de uma morte em vida e que todos haviam dado por perdidos. Será que isso não teria algum mérito? Aparentemente não. Ferido, confuso, com a autoconfiança destruída nas bases, ele andou mais devagar do que desejava e, enquanto andava, viu como se fosse num sonho a mulher encapotada alcançá-lo e ultrapassá-lo.

Por um momento, seu coração pareceu se imobilizar e, em seguida, começou a martelar nas suas costelas. Ela estava apenas uma dúzia de passos à sua frente, em vez das costumeiras vinte ou trinta jardas, e até mesmo na neblina que se adensava

não podia escapar-lhe. Malcolm a seguiu, chegando tão perto quanto ousaria fazê-lo, e na primeira parada do semáforo estava a seu lado. Uma pesada pele em volta dos ombros e um chapéu de abas largas impediram que lhe visse o rosto, mas sentiu tamanha excitação por estar próximo a ela, que se pôs a tremer internamente. Atravessou a rua quase ao lado dela e, então, achou prudente afastar-se um pouco, pois a mulher poderia notar e se ressentir com a sua presença.

Continuaram desse modo, um atrás do outro, passando pelo Savoy e pela catedral de Westminster; e então, na velha ponte pênsil, ela se virou para atravessar o rio.

O homem hesitou por um instante. Apesar do nevoeiro, havia número suficiente de pedestres andando pelo calçamento do Aterro para tornar insuspeita a sua presença. No entanto, era improvável que, mesmo com neblina, pudesse segui-la na Lambeth Bridge sem ser notado. Mesmo assim, resolveu arriscar-se. Nada havia de censurável na sua conduta, ainda que ela suspeitasse ter sido seguida desde a Blackfriar Bridge. Os sapatos de Malcolm tinham saltos de borracha, de modo que podia mover-se silenciosamente apesar de sua constituição robusta. Resolveu tentar a sorte.

O *fog* ficava cada vez mais denso à medida que se aproximavam do meio do rio e, com repentina angústia, Malcolm compreendeu que estava agindo como uma pessoa desqualificada. Assustaria mortalmente a mulher se ela percebesse a sua presença. Ei-lo fazendo outra vez a mesma coisa pela qual o haviam censurado no hospital, e com a última pessoa no mundo a quem desejava alarmar!

No entanto, ela continuou seu caminho sem se voltar para trás e já haviam ultrapassado o centro do rio. Em poucos minutos, ele ouviu o som dos passos dela mudar quando ela saiu do calçamento côncavo da ponte para o Aterro do lado de Surrey. Foi então que percebeu o quanto se aproximara dela na neblina, quando quase ao mesmo tempo sentiu a terra sob os próprios pés.

Aqui o nevoeiro era ainda mais denso, muito mais, e precisou acompanhá-la de perto. Entretanto, havia mais pessoas em volta e a sua presença aparentemente passou despercebida. De qualquer forma, a mulher nunca se virou para trás.

Ela atravessou a estrada, Malcolm retrocedeu um pouco a bem da segurança. Em seguida, depois de um angustiante momento em que pensou tê-la perdido, tornou a se aproximar, mais perto do que chegara antes. Então, deixando-o completamente atrapalhado, ela parou tão abruptamente que Malcolm quase tropeçou nos seus calcanhares e viu que ela estava para entrar na igreja. A figura encapotada se deteve por um momento, procurando no escuro o trinco da porta. Em seguida, a porta cedeu. Mal sabendo o que fazia, Malcolm aproveitou a oportunidade. Se ela ia assistir a um culto, por que não faria o mesmo? Colocou a mão na porta quando a mulher se voltou para fechá-la e entrou, fechando-a atrás de si. Descobriu então que estava escuro como breu e que o silêncio era total. A igreja, se é que era uma igreja, estava vazia!

O homem parou como que atingido por um raio, percebendo como era desagradável a sua situação. Compreendeu muito bem como a mulher que estivera seguindo interpretaria o seu comportamento, lutando em vão a fim de encontrar palavras para justificar-se, pois ela devia estar aterrorizada de morte com a sua conduta. Buscou desesperadamente encontrar palavras que a acalmassem pois, se ela o denunciasse à polícia, como tinha todo o direito de fazer, ver-se-ia numa posição extremamente desagradável, com a sua reputação irreparavelmente perdida. Pareceu-lhe que a ruína profissional o encarava de frente. Malcolm sentiu um frio na espinha com a enormidade de seu insulto. Voltando-se para trás, procurou a porta pela qual havia entrado, mas não encontrou senão painéis almofadados. Virou-se e ficou parado à espera dos acontecimentos, apertando involuntariamente um dos pulsos. Em seguida, sem deixá-lo por mais tempo na dúvida, o facho de uma lanterna elétrica brilhou em seu rosto.

– O que o senhor quer? – perguntou uma voz calma e firme. Malcolm deu um suspiro de alívio.

– Eu... er... eu pensei que fosse uma igreja e entrei para o culto – gaguejou.

– Não é mais uma igreja. Agora é uma casa particular – disse uma voz tranqüila. – A porta está bem atrás do senhor, se quiser fazer o favor de sair.

Malcolm deu meia volta, e a mulher dirigiu o foco da lanterna para a maçaneta de uma fechadura *yale*. Agradecido, Malcolm agarrou-se a ela, abrindo a porta. Então, já na soleira da porta, estacou, incapaz de resistir à atração que a mulher exercia sobre ele. Mas a luz incidia-lhe em cheio no rosto, ofuscando-o. Ela o reconheceria novamente, mas ele sequer a vislumbrara. Malcolm hesitou um instante, porém ela manteve o facho de luz firmemente em seus olhos. Reconhecendo que todas as cartas estavam contra ele e que as explicações não só eram indesejáveis como também impossíveis, colocou apressadamente o chapéu na cabeça e tropeçou ao mergulhar na neblina que subitamente parecia ter ficado mais densa, transformando-se numa envolvente massa impenetrável.

Por algum feliz acaso, ouviu um táxi deixando um passageiro a algumas portas abaixo na rua e, correndo para lá, pediu ao motorista que o levasse para casa, da melhor maneira possível. Finalmente, este concordou, porém o caminho foi cheio de desvios e demorou para chegar em casa. Muito antes de alcançar a porta de sua casa, o dr. Malcolm teve ampla oportunidade de avaliar que tipo de problema enfrentaria se continuasse a proceder daquele modo. Com a repreensão que recebera no hospital e a compreensão de que fizera um ridículo papel de tolo, o conceito que fazia de si próprio era agora muito baixo. Quando entrou em seus melancólicos aposentos, encontrou aí muitíssimo pouco que lhe infundisse um melhor estado de espírito.

Homem insociável e sem amigos, sem passatempos ou qualquer interesse afora o trabalho, se acontecesse de algo penetrar a resistente couraça com que se revestira, isso o tocava profundamente no ponto mais sensível, e não havia nada que pudesse mitigar-lhe a dor. Não havia amigos com quem pudesse conversar sobre os problemas, nada com que pudesse distrair a mente. Além do mais, um homem mortalmente sério e com um rígido senso de dever, Malcolm era incapaz de rir de suas próprias fraquezas. O único consolo que a vida lhe reservara era a sua mulher-sonho — que acabara de acender uma lanterna elétrica em seus olhos até ofuscá-lo e lhe dera um aviso categórico de que seria entregue à polícia se não fosse embora. Conhecia bem demais o motivo que levava esse tipo de sátiros de idade madura a importunar mulheres decentes, e ela provavelmente também deveria conhecer, se fosse

algum tipo de mulher do mundo, como a sua calma numa situação desagradável indicava. Como faria para explicar-lhe que ele não pertencia a essa espécie de brutamontes? Nada lhe podia explicar — tudo o que lhe restava fazer era deixá-la em paz. Malcolm precisava sacrificar seu sonho, juntamente com todos os outros sacrifícios que a vida exigira dele, e ater-se à única coisa que sabia que podia fazer — seu trabalho profissional. No minuto em que saísse desse limitado caminho, haveria problemas.

Andou até a janela, afastando as cortinas. De certa forma sempre associava aquela mulher com a igreja iluminada — por quê, não era capaz de imaginar, exceto pelo fato de apenas poder encontrá-la quando a luz da igreja do outro lado do rio estava apagada. Ficou olhando para a escuridão da noite nevoenta, porém até mesmo o pequeno consolo de ver a luz familiar lhe foi negado. A neblina encobria tudo e somente o tênue brilho das lâmpadas mais próximas era visível.

Então, subitamente, uma idéia lhe ocorreu. A mulher que seguira havia atravessado o rio e entrado na igreja do lado de Surrey. Ela havia dito que o lugar não mais era usado como uma igreja, mas se transformara numa residência particular. Portanto, talvez fosse possível que aquela fachada iluminada para onde tantas vezes olhara fosse, na verdade, da casa dela. A julgar pela curva do rio e pelo caminho que tomaram depois de atravessar a ponte, isso parecia bem plausível. Nesse caso, haveria uma explicação para o horário caprichoso do acender e apagar das luzes nas janelas.

O dr. Malcolm apoiou os cotovelos na sacada da janela e tentou enxergar na escuridão impenetrável. Era um homem acostumado à intensa concentração. Quando trabalhava, poderia ter acontecido facilmente com ele o mesmo que ocorrera com Isaac Newton. Seus papéis podiam pegar fogo sem que ele tomasse conhecimento do fato. Também era um homem de uma viva imaginação, capaz de desenhar, sem consultar livros ou espécimes, qualquer ramificação do sistema nervoso e sua formação anatômica. A despeito do *fog*, conseguia ver a fachada iluminada da igreja do outro lado do rio, tão nitidamente como se estivesse diante dela. Podia ver a porta terminada em ogiva e ornamentada com tachões de ferro no estilo gótico convencional. Podia sentir o ferro frio e molhado de neblina da fechadura pesada sob seus de-

dos. Podia sentir o ar quente no rosto quando entrou quase nos calcanhares da mulher encapotada. Contudo, em vez da dolorosa derrocada das circunstâncias reais, deparou-se não com uma igreja, mas com um bonito e majestoso aposento, onde, numa grande lareira acesa, um fogo de troncos de árvores ardia. Por um segundo, pareceu-lhe estar vendo realmente com os olhos físicos; e então o quarto desapareceu.

Afastou-se da janela, deixando a cortina cair pesadamente, ocultando a escuridão exterior. Sabia que se tratava de um mero truque da imaginação, uma curiosa e involuntária proeza da fantasia, em que a mente racional não tomava parte. Porém, quando a fantasia se desfez, ela apagou o sabor desagradável que ficara de sua sórdida aventura, deixando-o não só em paz, mas curiosamente enaltecido.

Entendia perfeitamente que, segundo todos os princípios da psiquiatria, estava engedrando tramas perigosas na mente. Fosse como fosse, cada contacto o deixava mais calmo e feliz do que havia sido por muitos longos dias.

Jogou-se na poltrona de couro gasto ao lado da lareira e tentou examinar a situação tão objetivamente quanto possível. Obviamente, construíra uma fantasia em torno da imagem de uma mulher vista umas duas ou três vezes na neblina. Nada havia de estranho nisso. Muitos homens de imaginação fértil fazem esse tipo de coisa. Ele mesmo o fizera quando rapaz, antes do casamento. Não obstante, assim que ficou noivo de Eva, tinha deixado inteiramente de fazê-lo, ou melhor, limitara suas fantasias aos devaneios com a face e a figura da noiva e, ainda assim, apenas dentro dos estritos limites da conveniência. Não pensava ter-se excedido em relação às mulheres, nem mesmo em imaginação. Ele havia suprido a falta disso, entretanto, com algumas magníficas contendas científicas, e não era avesso a contendas pessoais com quem quer que estivesse disposto a reagir.

Percebeu, contudo, que estava prestes a desobedecer à própria regra, pois, embora o seu sentimento fosse apenas uma idealização muito tênue, tratava-se de algo surpreendentemente forte. Além do mais, não era o tipo de sentimento que um homem casado devesse nutrir. E quando isso o levou a seguir por milhas uma mulher de carne e osso, através das ruas de Londres, a forçar a

entrada na sua casa e a tornar-se uma autêntica amolação – isso para não usar um termo mais forte –, concluiu que, na realidade, não se tratava de um sentimento de alguém que se prezasse profissionalmente. O sonho precisava ser eliminado, e ponto final. Malcolm cortara pela raiz complicações anteriores, e elas malograram desde o início sem causar problemas. Certa vez, houve uma enfermeira no hospital, uma estudante de medicina em uma das clínicas e – o fato de que mais se envergonhava – uma das empregadinhas da srta. Humphrey. As duas primeiras jamais suspeitaram dos sentimentos que haviam despertado nele; disso tinha certeza. A terceira, um diabrete, se pusera deliberadamente a provocar esses sentimentos e, para sua vergonha e consternação eternas, obtivera êxito com a maior facilidade. No entanto, no momento em que compreendeu o que estava acontecendo, procurou a srta. Humphrey no subsolo e disse-lhe diretamente: – Aquela garota sai, ou saio eu, e ela sai agora – e entregou para a atônita e indignada senhoria o pagamento da mensalidade.

Porém, descartar-se da nova obsessão ia ser uma tarefa bem diferente. Tinha gozado a sua companhia durante alguns meses. Na verdade, cultivara-a perseverantemente. Embora fosse uma fantasia, envolvera-se nas próprias raízes do seu ser. Porém, Malcolm acostumara-se, como Napoleão, a fechar nos respectivos escaninhos suas imagens mentais, e essa foi violentamente cerrada. Com resolução, pediu o jantar e buscou os papéis relevantes de uma palestra que estava preparando. Quando chegou o jantar, comeu com uma mão e escreveu as anotações com a outra, não permitindo dessa maneira a ação das bestas selvagens de Éfeso.

Trabalhou até tarde, mas, ao abrir a janela antes de ir se deitar, viu através da neblina, que estava menos densa, a igreja do outro lado do rio, ainda com as luzes acesas. Malcolm se afastou e, procurando tirar da cabeça o que acontecera, tentou fixar-se em certas idéias para a conferência. Entretanto, no momento em que desligava a lâmpada de cabeceira, soube que tinha tanta chance de adormecer como de voar para a lua. Teria um dia duro pela frente e uma palestra para dar à tardinha, e essa perspectiva não era agradável.

Deitou-se de costas, com os braços sobre o rosto, buscando controlar a mente. Mas não adiantou; as feras de Éfeso estavam fora de suas cavernas.

Saiu da cama e, de pijama, foi até a janela escancarada, por onde o resto da neblina entrava envolvendo todo o quarto. Sem querer, olhou para o outro lado do rio. As luzes estavam apagadas na igreja dos lados de Surrey – se cedesse à tentação, poderia acompanhar sua dama à hora em que desejasse. Voltou para a cama e sentou-se na extremidade – apoiando os cotovelos sobre os joelhos, a cabeça nas mãos – resmungando em voz alta. Sem dúvida, ela era melhor do que as bestas do Éfeso. Mas isso era uma loucura, um sofisma. Era apenas uma questão de tempo para que ele terminasse em Éfeso. Tinha bastante bom senso para reconhecer o fato. A única coisa a fazer era acabar com aquilo tudo – acabar com tudo, acabar com tudo!

Subitamente, através dos dedos que pressionavam seus globos oculares, ele viu a mulher encapotada face a face. Ela estava diante dele, no quarto. Ela falou:

– Não se preocupe. Está tudo bem.

Malcolm ergueu a cabeça aturdido, suando, abalado, porém ela não estava mais lá. Assim como viera, fora embora.

Ficou todo trêmulo como um cavalo apavorado. Podia sentir a transpiração correndo pelo peito e o fino paletó do pijama grudara-se nas costas. Malcolm tinha suficiente bom senso para não se arriscar a pegar uma pneumonia e deitou-se na cama, onde permaneceu arquejante. Então, à medida que se aquecia entre os cobertores, sobreveio-lhe uma extraordinária sensação de paz e relaxamento. Músculo por músculo, a tensão excessiva do homem se desfez. Ele virou-se de lado, meio adormecido, e pareceu-lhe, por algum contorno do travesseiro, que sua cabeça repousava num ombro de mulher.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, não havia neblina. Sentia-se a primavera no ar. No hospital, acharam seu magnífico médico singularmente primaveril. A ninguém o fato surpreendeu mais do que ao próprio dr. Malcolm, pois só ele sabia o mal que lhe causavam tempestades como a da noite anterior. Sentia-se de bem com o mundo. Teve satisfação em ajudar os alunos – explicando-lhes a matéria, em vez de maldizê-los por não a conhecerem. Até mesmo conseguiu sorrir de forma cordial para seus pacientes.

– O velho camarada se apaixonou – foi o arguto comentário dos alunos. Eles desconheciam o fato de o dr. Rupert Malcolm estar longe de se apaixonar – e de que a dama em questão o expulsara de casa como se fosse um cão vadio. Não podiam adivinhar que ele resolvera tirá-la de sua vida e dos seus pensamentos para sempre.

Entretanto, ela existia – estava lá como uma espécie de acompanhante invariável para tudo o que fazia. Malcolm não vira seu rosto, por isso dera asas à imaginação. Como era loiro, naturalmente a idealizara morena. Não pensara nela como uma garota em flor – mesmo através do casaco que ocultava-lhe as formas pôde ver que não o era. Em todo caso, um homem experiente de quarenta e cinco anos não teria nada em comum com jovenzinhas. Apreciava, antes, uma mulher de beleza madura, o que se constitui num tipo muito diferente do charme juvenil. Tentou recordar-se de pinturas que se assemelhassem a ela, lembrando de sua fracassada visita à National Gallery. Resolveu voltar lá a fim de ver se descobria algum quadro que pudesse lembrá-la. Tinha o pressentimento de que somente a encontraria entre as obras dos antigos mestres. Era dinâmica e natural demais para uma beleza da elite, sofisticada e culta demais para uma modelo profissional.

Mas, assim como as idéias lhe acorriam em rápida sucessão, a imagem dela surgiu-lhe espontaneamente. Ele viu o rosto longo, oval e pálido emoldurado pela escuridão. Os olhos eram escuros e amendoados, o nariz levemente aquilino, a boca de lábios pintados de vermelho vivo, conforme a moda atual. Os olhos, de um castanho aveludado, encaravam-no fixamente, gentis e inescrutáveis. O dr. Malcolm não saberia dizer no que ela pensava. Por mais que fantasiasse, não podia retratar a personalidade que se escondia por trás daquele olhar. Ela permanecia arredia, ocultando sua vida interior e, ainda assim, demonstrava uma gentileza que era extremamente reconfortante para o homem solitário.

Embora seus colegas nunca suspeitassem, ele nutria um estranho desejo de representar o papel de mártir profundamente enraigado em seu coração. Malcolm nunca conseguia ficar em paz com sua consciência a menos que estivesse se controlando excessivamente — negando a si mesmo os menores luxos —, ajudando as pessoas de forma impessoal, sem esperar e sem receber qualquer agradecimento. Quando jovem, escolhera uma garotinha desamparada e dócil que podia acarinhar e proteger. Agora, mais velho, começando a ficar um tanto cansado, seus sonhos haviam sofrido uma modificação. Ainda queria representar o papel de mártir, porém não mais desejava percorrer a planície à procura de dragões; mas queria mais socorrer a frágil donzela em perigo para demonstrar a virilidade ideal que tentava compreender. Esperava ser martirizado de outra maneira: ansiava ser dominado por uma mulher possessiva que lhe fizesse exigências. Estava cansado de bancar o mártir. Isso já não o satisfazia mais, desde que se desiludira quanto ao fato de sua esposa precisar dele. Recuava diante do sofrimento de fazer mais sacrifícios inaceitáveis; antes de se deitar novamente sobre o altar, exigia saber que sacrifícios lhe seriam impostos.

Por esse motivo, a sensação de força latente e concentrada que emanava da mulher dos seus sonhos o atraía. Se uma mulher como aquela lhe fizesse exigências, ele derramaria por ela a sua vida como se fosse vinho. Pelo fato de ser uma fortaleza inexpugnável, aquela mulher devia ser odiada pela maioria dos homens. A ele, contudo, ela deliciava.

Considerando por esse ângulo, decidiu que não havia razão para não devanear com ela tanto quanto quisesse. Nessa dedicação espiritual não havia deslealdade com relação a seus votos conjugais. Tinha a certeza de que era preciso eliminar a mulher misteriosa dos passeios pelo Aterro; mas sonhar era muito diferente, não prejudicaria ninguém e seu sonho o ajudava além de qualquer raciocínio ou fé. Nos sentimentos que nutria pela mulher não havia lugar para sensualidade ou sexo. Tratava-se apenas de uma mulher-sonho, de um ideal que, de modo inexplicável, o acalmava e tranquilizava, preenchendo suas necessidades emocionais, e não suas necessidades físicas. Achava que, se mantivesse o aspecto sensual fora do caso e não permitisse que o sexo degradasse a nenhum dos dois, não haveria mal algum em gozar desse companheirismo imaginário.

Em sua vida arduamente controlada, esta era a primeira fraqueza humana que se permitia. Uma vez feita a concessão, ele deleitou-se com ela. Malcolm não estava com disposição para enfrentar o trem no fim do seu dia de trabalho, e isso obrigou-o a telefonar para conseguir um táxi.

O trânsito congestionado nas ruas estreitas do centro da cidade não o exasperou, porque *ela* estava ao seu lado, ocupando o outro assento na escuridão do carro, cuja luz estava apagada. Ele era capaz de sentir o calor de sua aura envolvendo-o num tipo de brilho. Imaginou até que podia sentir alguma espécie de aroma.

Voltou-se para ela.

— Estou muito contente de estar aqui com a senhorita — disse. — Penso nisso como um grande privilégio, que aprecio.

O som de sua própria voz quebrou o encanto, e ele soube que não havia ninguém ali, no assento ao lado, mesmo aos olhos de sua imaginação, muito embora, a despeito de sua desilusão, a sensação de felicidade permanecesse com ele. Malcolm esperou bastante satisfeito na penumbra, com o barulho dos motores dos carros no compacto trânsito à sua volta. Enquanto aguardava, sentiu a sua mulher-sonho formando-se de novo, gradativamente, a seu lado.

Desta vez ele soube melhor como conservar a magia e não fez qualquer tentativa de virar a cabeça para vê-la. Compreendeu que ela era visível apenas para a sua imaginação. Ela *estava* ali,

o que em outra dimensão. Malcolm sentia-se feliz, e isso era tudo o que importava. Para ele, ela era real.

* * *

Durante as inoportunas observações do presidente antes da leitura de um documento, Malcolm evocou sua presença, e ela veio. Não surgiu com a mesma nitidez que possuía quando vinha espontaneamente, mas de qualquer forma veio. No táxi, ao regressar para casa pelas ruas vazias, ela apareceu outra vez, naturalmente, e ele a viu do seu lado antes de ter sentido a sua presença. Ela parecia tremendamente real. Quase conseguia ouvir o som de sua respiração no escuro. De fato, ele podia sentir o perfume que ela usava, e esse lhe subiu à cabeça como uma bebida, pondo todas as suas fibras a vibrar. Hesitou por um instante. Além disso, muitos de seus colegas namoram nos táxis, mas ele não se propunha a fazer nenhuma bobagem. Inclinou-se e encostou a cabeça onde deveriam estar os ombros da mulher imaginária. Ao fazê-lo, rompeu o encantamento. Malcolm sentou-se, praguejando de modo selvagem. Sentindo-se como se houvesse sido completamente rejeitado, ficou olhando furiosamente para fora da janela durante o resto do percurso.

Ao se voltar, depois de haver pago o motorista, relanceou os olhos para dentro do veículo, com súbita compunção, para a sua companhia abandonada, percebendo que fora um bruto e que possivelmente ferira os sentimentos dela. Nesse momento, um rosto apareceu diante dele como o luar aparece na escuridão, e ele viu o contorno oval, os olhos escuros e decididos, uma boca firmemente fechada de lábios cor de carmim. Estava tão nítida a visão, que por um instante ele julgou que a via com os olhos físicos; apenas o conhecimento de que aquilo era impossível naquela escuridão evitou que ele considerasse a mulher como algo real.

Em cima, na sala de estar, permaneceu com o cotovelo no parapeito da lareira, junto ao fogo que morria, e tornou a chamá-la — e novamente ela apareceu. Ele não viu nada, mas sentiu sua presença e soube em que lugar específico da sala ela se postara.

Enquanto se revolia na cama, depois de ter desligado a luz, Malcolm ajeitou o travesseiro para que tomasse o formato que tivera na noite anterior, e ficou deitado, tenso e silencioso, esperando: ela permitiria, ou não permitiria? Mas nada aconteceu e ele sentiu que estava gradualmente deslizando para o sono pelos canais normais. Então, à medida que atravessava o limiar do sono, sentiu a maciez de um colo feminino perto de seu rosto e a pulsação rítmica da sua respiração. Seu primeiro instinto foi o de estender a mão e tocá-la, mas aprendera a lição e fez melhor do que desmanchar a ilusão tentando transformá-la em realidade. Ele apenas podia usufruir dela enquanto não tentasse possuí-la.

Malcolm deitou-se imóvel, tenso, mal ousando respirar, tão doce e real era a ilusão. Gostaria de saber se teria coragem de virar-se e beijá-la em sua imaginação, mas decidiu não se arriscar — a experiência já era preciosa demais. Então, mergulhou profundamente no sono e dormiu sem se mexer até de manhã, acordando desperto e animado, feliz como um menino.

Malcolm sentiu uma repentina ferroada na consciência a respeito de suas responsabilidades na casa à beira-mar, porém descartou-se delas, como quixotescas. O que estava fazendo não prejudicava ninguém, e a bênção e a paz que tudo isso causava eram uma dádiva tão grande! Certa vez, tentara acabar drasticamente com o caso, e o resultado fora uma explosão emocional que ele não intentava provocar novamente. Qual seria a necessidade mundana de desistir da sua mulher-sonho, se isso não fazia mal a ninguém e se o ajudava tanto?

Malcolm continuou a olhar pela janela na direção da igreja do outro lado do rio, invisível àquela hora por causa da bruma matutina. De repente, fora de qualquer controle, um grito saiu do seu peito:

— Meu Deus! Não vai querer tirar isso de mim — até mesmo isso?

A reação a esse súbito extravasamento de emoção foi tão grande que ele se surpreendeu agarrando o caixilho da janela, fazendo-o sacudir-se e vibrar como se houvesse um temporal.

Arrastando-se pelo quarto, deixou-se cair na cama e afundou o rosto no travesseiro desarrumado.

– Não – queixou-se – isso é demais! Não concordarei com isso!

Ele pensava que havia se libertado de superstições religiosas há muito tempo, mas a forma híbrida do Jeová ciumento e gentil Jesus, que fora impressa nele durante a infância, surgiu diante dos seus olhos, meio ídolo, meio anjo. Malcolm odiava o ídolo, porém o aspecto angelical tocava-o dolorosamente, chegando quase às lágrimas e sentindo-se horrivelmente infantil.

Isso desfez o encanto. Censurando-se como nunca ralhara com o mais estúpido dos estudantes, afrouxou o colarinho e a gravata. Então, mergulhou a face numa bacia de água fria e enxugou a cabeça, friccionando-a com a toalha até assemelhar-se a um porco espinho. Em seguida, colocou o colarinho de volta no lugar, blasfemando como um soldado, enquanto o abotoava, e deu o nó na gravata como se estivesse estrangulando alguém de quem quisesse se vingar durante a vida inteira. Depois, remexeu o cabelo com um pente, apanhou a maleta de consultas sem examinar-lhe o conteúdo e, pela primeira vez na história do hospital, chegou atrasado para a conferência. Sua aula e o atendimento clínico que deu a seguir foram um completo inferno para todos os envolvidos.

Naquela tarde, no consultório da Wimpole Street, ele tratou dos seus clientes particulares da mesma maneira que na clínica, mas como os pacientes sempre eram avisados, pelos médicos que os enviavam, do que deviam esperar, nada de excepcional aconteceu. Uma senhora desmaiou de um ataque histérico e duas crianças gritaram horrivelmente de dor; mas, exceto por esses *contratemplos* menores, para os de fora, a aparência do trabalho era rotineira. O dr. Malcolm tinha uma daquelas faces que podia ser batida com um machado sem que isso lhe causasse muita alteração. A recepcionista, uma irmã despedida do hospital por causa da idade, certamente não suspeitou de nada além de um estado invulgar de mau humor.

Finalmente, perto das sete horas, depois que despachou o último paciente da lista para a escuridão que reinava lá fora, e assemelhando-se a uma alma perdida fugindo da cólera do Senhor, o dr. Malcolm amarrou o estetoscópio num nó, jogou-o na maleta e, em seguida, guardou o seu delicado oftalmoscópio. Mas antes

de poder fechar a maleta, a porta se abriu, revelando o rosto encarquilhado da irmã.

– Bem, o que é? – grunhiu ele, olhando como se fosse arremessar a maleta na cabeça dela.

– Há uma outra paciente na sala de espera, senhor. Uma senhora que telefonou durante a tarde e marcou uma consulta.

– Meu Deus! – exclamou o homem aborrecido, vendo adiada a sua libertação apesar de já cansado até os ossos e doente no coração. – Está bem, faça-a entrar.

O dr. Malcolm soltou o trinco da maleta, mas antes que pudesse tirar novamente os instrumentos, o estetoscópio se soltou e caiu pulando para fora da maleta como uma serpente, caindo ao chão. Malcolm abaixou-se para procurá-lo, parecendo que esse esforço acrescentou-lhe a última porção de fraqueza e irritabilidade. Quando se endireitou, viu a mulher encapotada entrando pela porta.

Ficou de pé e olhou para ela.

– Isto é uma alucinação – foi seu primeiro pensamento.

Lá estava ela, como a imaginara, usando o flutuante impermeável e o amplo chapéu preto, como no anúncio de Sandeman. Lá estavam o pálido rosto oval, o nariz aquilino, os lábios rubros e, acima de tudo, os gentis olhos castanhos aveludados. Por um segundo, ao notar a gentileza dos olhos, um nó formou-se na garganta do dr. Malcolm, assim como acontecera pela manhã, e imediatamente, como antes, seu humor se transformou em fúria – uma raiva lívida e concentrada de que não se acreditaria capaz em relação a uma mulher. Ela provavelmente identificara-lhe o rosto, visto à luz da lanterna elétrica, em alguma foto ou outra nos jornais, e havia procurado por ele, com a intenção de chantageá-lo! Ou talvez estivesse procurando uma aventura. Ele jamais aventara tal hipótese relacionada consigo mesmo. Para seu horror, o homem incorrigível dentro dele vibrou com um tênue triunfo furtivo, e seu temperamento, se isso fosse possível, ficou pior ainda.

– Boa tarde – rugiu com sua voz áspera e estridente. – Não tenho o prazer de saber o seu nome, nem quem a enviou para mim.

– Meu nome é Morgan, srta. Le Fay Morgan. Meu dentista falou-me do senhor, mas não foi ele quem me enviou para cá.

Vim por minha própria conta, porque pensei que seria capaz de me explicar algumas coisas que desejo saber.

– Esse é um modo muito incomum de procurar um clínico – disse o dr. Malcolm, olhando para a cliente com hostilidade, embora sentindo um incômodo tipo de entorpecimento, como se ela lhe lembrasse alguma pessoa morta, alguém importante.

– Meu caso é bastante invulgar – replicou a visitante, sem se perturbar com o evidente ressentimento causado por sua presença. – Posso falar a respeito? Talvez então descubra se pode ou não me auxiliar.

– Sim, sim, certamente. Quer se sentar? – perguntou o homem, controlando-se. O seu inerente e rude cavalheirismo não lhe permitia fazer nada pior do que grunhir com uma mulher. Ela sentou-se na cadeira dos pacientes com um rodopio do impermeável flutuante. Sentindo-se mais morto do que vivo, Malcolm arremessou-se sobre a cadeira e tentou concentrar-se na consulta.

– Do que é que se queixa? – indagou.

Os olhos castanhos, calmos e velados, fixaram-se nos olhos verde-acinzentados dele. Já não eram gentis; pareciam-se com os de um duelista no momento estático que precede o começo de uma luta. Ele a apreciou mais por isso e descontraíu-se levemente, com um sinal de alívio. Não podia suportar a gentileza nos olhos dela porque fazia com que sentisse a própria fraqueza.

– Eu tenho... – ela se interrompeu, pesando cuidadosamente as palavras – sensações... impressões... que não podem ser descritas por uma explicação comum. Estou ansiosa por saber se se trata de alucinações ou se elas têm uma causa genuína.

– Como é a sua experiência? São sensações táteis, visuais ou auditivas?

– Visuais – freqüentemente – mas isso não é novo para mim, pois tenho uma imaginação fértil. Contudo, algumas vezes, recentemente tenho tido sensações táteis e, por fim, esta manhã, uma impressão auditiva, que me fez vir até aqui. As outras, eu poderia desprezar, considerando-as fantasias do subconsciente, mas esta – a desta manhã – foi além do que eu esperava.

– Parece que o seu caso é indicado para um psicólogo, madame, não para mim, que sou um neurologista.

– Quero saber se há qualquer base física para as minhas sensações – disse a mulher sem tirar os olhos dos seus.

– Não, eu diria que não há.

– Como pode ter certeza sem me examinar?

Diante dessa evidência, ele estremeceu.

– Quer que a examine agora?

– Gostaria de conhecer a sua abalizada opinião, dr. Malcolm.

– Muito bem. Começaremos com as sensações táteis. O que é que sente de fato?

– Em algumas ocasiões, fui despertada do sono por uma sensação de pressão no ombro ou no peito; e em duas ocasiões, por uma sensação como se um par de mãos poderosas segurasse os meus antebraços.

– Deveria mandar... examinar o seu coração – Malcolm deu um jeito de dizer, atendo-se à sua ciência médica da mesma forma que um naufrago se agarra a uma palha, recusando-se a permitir que sua mente se desviasse de sua concentração no sistema nervoso central da paciente, embora o seu próprio coração estivesse batendo como um martelo mecânico e tentasse sufocá-lo.

– Acha que é necessário? – perguntou a mulher, observando-o com olhar firme.

Malcolm não podia falar, limitando-se a ficar sentado, olhando para ela.

– Alguma vez o senhor fez alguma pesquisa de cunho psíquico?

Ele balançou a cabeça.

– Devia ler este livro – disse ela e, tirando um grosso volume de debaixo do capote, empurrou-o na direção dele sobre a escrivaninha. Pela primeira vez desde que a consulta começara, os olhos dela libertaram os dele. Ele inclinou a cabeça e leu o título: *Phantasms of the Living*, de Gurney e Podmore.

Malcolm continuou sentado, com a cabeça curvada sobre o livro por tanto tempo que sua visitante começou a pensar que, por menos que desejasse, teria de romper o silêncio. Subitamente, ele ergueu a cabeça e olhou diretamente para ela.

– Apenas posso dizer... que sinto muito. Jamais sonhei que algo assim fosse possível.

Malcolm curvou novamente a cabeça sobre o livro, inclinando-a tanto que ela não podia mais ver-lhe o rosto, mas apenas o grosso cabelo vermelho que começava a ficar grisalho.

– Isso não acontecerá de novo... tem a minha palavra – disse o médico com uma voz que ela mal pôde ouvir.

Em seguida, sentou-se às pressas e, empertigado, olhou para ela. Se alguma vez a vontade de matar transpareceu nos olhos de um homem foi nos dele, pois lhe parecia que o corpo desfigurado de sua mulher-sonho jazia morto entre as mãos daquela mulher. Então, ao ver a semelhança desta com sua amada, vacilou. Era como se ela o fizesse recordar a falecida. Ele não podia odiar aquela mulher que se parecia tanto com a mulher de seus sonhos. Malcolm hesitou por um momento, lutando para manter o controle e, então, fincou os cotovelos sobre a escrivaninha e cobriu o rosto com as mãos.

– Eu gostaria que se retirasse – disse, quase inaudivelmente.

Ele ouviu quando a senhorita se levantou e suas passadas no assoalho, certo de que ela estava saindo da sala, mas em vez disso sentiu uma mão passar-lhe sobre o ombro. Malcolm estremeceu e enterrou as unhas na pele da testa; todavia, a não ser por isso, nada demonstrou.

A mulher ficou silenciosamente de pé ao lado dele por alguns momentos, enquanto o sangue começava a martelar-lhe nas têmporas. Malcolm pensou que seus globos oculares fossem estourar à medida que os pressionava selvagememente com as mãos, tentando eliminar tanto o pensamento como a visão. Estava insensível, como quem se torna insensível durante um bombardeio, e ao mesmo tempo era um único nervo de agonia. Não podia mover-se; sabia que o seu autocontrole se romperia se tentasse falar. Restava-lhe apenas ficar sentado imóvel e agüentar, esperando que ela fosse embora.

Ele ouviu que ela lhe falava, numa voz de contralto, aveludada como os seus olhos, e isso o comoveu tanto como nunca a música erudita o comovera. Era como se sinos dobrassem, dobrassem pela morta. Malcolm sentiu que seu autocontrole começava a desmoronar. Se ela brincasse um pouco mais com suas emoções, ele gritaria, da mesma forma que os homens gritam quando o médico os examina, quando as forças chegam ao fim.

– O senhor disse que... não acontecerá de novo – ele a ouviu dizer e anuiu levemente com a cabeça.

– Vou pedir-lhe que faça algo mais difícil que isso – continuou a baixa voz suave. – Vou pedir que faça experiências deliberadamente comigo de acordo com esses princípios.

Malcolm sacudiu a cabeça...

– Sim, o senhor pode fazê-lo se eu o ajudar – tornou a voz. Ela se interrompeu por um momento. Então, a mão dela pressionou-lhe o ombro. – Meu amigo, o que fará se não continuar? Nada lhe restará.

Ele sabia que ela dizia a verdade, e sua cabeça pendeu ainda mais sobre a escrivaninha à medida que sentia a resistência se esvair.

– Sim, examinaremos juntos esse assunto, para o Bem e não para o Mal. Não tenha medo. Acredite em mim; não se trata de nenhuma maldade. Trabalhará comigo, Rupert Malcolm?

Por um longo minuto, ele permaneceu sentado, imóvel. Em seguida, concordou com um aceno.

– Senti que o faria – disse ela. A mão da mulher deslizou do seu ombro esquerdo para o direito e obrigou-o a virar-se para ela. Descontraindo-se subitamente, Malcolm deixou que todo o seu corpo se descontraísse enquanto se recostava nela, sentindo que a mulher retesava os músculos para sustentar-lhe o peso. Mas não se importou e apoiou nela todo o seu peso – o peso morto da parte superior do seu corpo, mole e inerte. Só uma mulher forte poderia tê-lo amparado, e ele gostou dessa força. Mais do que qualquer outra coisa que se relacionasse com ela – até mesmo mais do que da sua gentileza –, apreciou essa força. Embora estivesse abalado, uma estranha alegria o dominou, como a alegria de um coral de estrelas da manhã, pois ela havia penetrado profundamente no âmago do seu devaneio. Martirizara-o, esfolando-o vivo, e em seguida fora terna com ele. Ainda assim, ela continuava a ser aquela fortaleza inexpugnável que ele nunca haveria de possuir. E não desejava possuí-la – não dessa maneira –, isso estragaria tudo. Mesmo assim, não estava descontente, pois fora possuído por ela. Ela o absorvera; seu ser estava perdido no dela. Malcolm sentia-se totalmente satisfeito.

Voltou levemente sua cabeça, escondendo o rosto nas dobras da capa que a envolvia. Pacientemente ela ficou à espera, suportando o seu pesado corpanzil, aguardando que a crise terminasse e o médico recuperasse o autocontrole.

O relógio da parede bateu oito horas. Malcolm ergueu a cabeça. Ela olhou para o rosto apoiado na dobra do seu braço. Todas as rugas haviam desaparecido; ele tinha o vago olhar espantado de uma criança que acorda do sono num lugar estranho. Toda a tensão se fora, e em seu lugar ficara a completa serenidade, a confiança de um inocente. De repente, os olhos dela se encheram de lágrimas ao fitar aquele rosto do qual, subitamente, vinte anos de excesso de tensão haviam sido apagados.

O dr. Malcolm levantou-se hesitante.

– Acho que tenho de pedir desculpas – comentou ele.

A mulher sorriu.

– Eu não acredito que tenha qualquer intenção de se desculpar – respondeu ela.

– Não, não tenho – disse ele, e olhou com um pequeno sorriso, levantando a cabeça que logo tornou a abaixar, tímido como uma garota de escola, mas intensamente feliz.

– Vou levá-lo para casa de carro – afirmou ela. – Estou com ele aqui perto. Onde mora?

– Oh, não! Não se incomode! Eu arranjo um táxi. – Ele começou a atulhar atabalhoadamente os instrumentos de volta na maleta superlotada, forçando a tampa para fechá-la. Alguma coisa se quebrou lá dentro, porém ele fechou descuidadamente as linguetas. Depois, esquecendo-se de que havia recusado o convite, seguiu-a pacificamente e entrou num bonito cupê preto que estava estacionado diante da porta, ignorando os olhares indignados da irmã, que ficara uma hora a mais além do horário. Como era de virgindade imaculada, ela não aprovava que ele fosse para casa de carro na companhia de moças bonitas.

PARTE II

THE MOON MISTRESS

*Oh Thou, that didst with Pitfall and with Gin
Beset the road I was to wander in,
Thou wilt not with Predestination round
Enmesh me, and impute my Fall to sin?*

Omar Khayyam.

[A SENHORA DA LUA

Ó tu, que de perigos ocultos e armadilhas
Cercaste o caminho pelo qual eu devia passar:
Não estarás destinado a me acompanhar
E atribuir minha queda ao pecado?]

CAPÍTULO IV

Não tenho certeza sobre a minha idade, porém calculo que seja de cerca de cento e vinte anos. De qualquer modo, vivi o bastante para ver frutificarem as coisas pelas quais trabalhei. Por essa razão, penso que morrerei logo.

Houve época em que fui considerada a sacerdotisa do Mal. Todo progresso moral sempre precisa começar pela imoralidade. Seja como for, isso faz tempo, e os crimes dos Clapham em Martaban atualmente seriam considerados decentes. No devido tempo, espero ser identificada com o princípio que exemplifiquei e que cultuei como deusa, pois quem sou eu para poder escapar ao destino universal dos Condutores da Luz? Pelo menos, o mundo em que hoje vivo está tão livre dos males do sistema nervoso como o mundo em que eu realizei meu trabalho estava livre do tifo, das pestes e da cólera, nas regiões civilizadas. A valorização da higiene mental, à semelhança da valorização da higiene física, eliminou os males causados pela sujeira. Mesmo naquele período era sabido que, se um homem vivesse em condições anti-higiênicas, não podia esperar ser saudável e, muito menos, gerar filhos normais. Não obstante, compreendíamos muito mal as condições insalubres em que a maioria das pessoas conduzia suas vidas emocionais. Ler atualmente sobre essas pessoas é como ler um relatório das condições da classe trabalhadora em anos de carestia. Perguntamos como essa situação pôde perdurar, mas inevitavelmente as pessoas aceitam qualquer coisa a que estejam acostumadas, sem ao menos sonhar que esses transtornos são devidos à ignorância e à má administração.

Nasci numa época em que a moralidade repressiva estava no auge e ainda servia a seus propósitos. Naqueles dias, as mulheres se dividiam em duas classes: as que eram resguardadas e protegidas – e que sofriam de depressão – e as desabrigadas e desamparadas – que sofriam de muitas coisas, algumas impúblicas. Nasci na classe abastada, porém o empobrecimento me forçou a entrar na outra, e sofri com isso. Esse foi o primeiro estágio do meu aprendizado.

Como o sobrenome Le Fay indica, meu pai era de linhagem gálica, com sangue bretão nas veias. Minha mãe pertencia à estranha estirpe pré-céltica que sobreviveu nos vales remotos da cordilheira central de Mid-Wales. Algumas pessoas afirmam que esses povos eram fenícios, mas isso não é correto. Eles eram mais antigos que os fenícios; eram atlantes, levados a essas ilhas por serem mercadores em busca de metal oculto e que haviam sobrevivido quando o país natal foi extinto pela catástrofe. Acho que é um povo estranho, separado até mesmo atualmente por um isolamento de alma, pois não pertence de todo a este mundo. Os bretões também são um povo do outro mundo, e a fé de Carnac vive em seus corações em muito maior profundidade do que suspeitei. O cruzamento dessas duas linhagens é que deu origem a mim. Ambas eram suficientemente normais até que foram cruzadas, e então eu nasci. Para piorar as coisas, eu deveria ter morrido quando bebê. Fui declarada morta e permaneci morta durante muitas horas no colo de minha mãe, que não podia ser persuadida a me deitar no berço. Então voltei à vida, mas os olhos que fitaram minha mãe – isso ela me contou muitos anos depois, quando lhe perguntei a razão de minha esquisitice – não eram os de uma criança. E ela soube, com o irretorquível instinto materno, que eu não era a mesma pessoa.

Nunca fui jovem, mesmo naqueles dias; tinha a mesma mente que possuo agora, apenas com a manifestação emocional de uma criança. Com uma mente assim, eu não podia ser uma criança entre as crianças, e os adultos daquele tempo eram uma raça hostil. Além disso, éramos gente de posição que se tornara pobre e enfrentamos a pior parte da discriminação social daquela época. Assim, embora fosse uma criança amável, ansiosa por brincar e por companhia, fui forçada a contar comigo mesma e fui

induzida à solidão. Acredito que esses eram os requisitos prévios para aquilo que se seguiria, pois somente sintonizando-se com o interior é que se pode encontrar o Caminho Interior. Os que estão destinados a esse caminho são impedidos de se desviar para encontrar outro lugar no mundo. Da mesma forma, os pés da criança chinesa são amarrados: no momento, trata-se de um processo doloroso, mas o resultado é uma personalidade que pode ser usada para os fins a que foi consagrada, por estar livre de apegos e acostumada à solidão. Essa, creio, é a lei do Caminho mais Elevado, pois muitas vezes a observei em ação. Para os que estão habituados a encontrar a felicidade em seus relacionamentos e não podem imaginar felicidade de outro tipo, esse pode parecer um quinhão melancólico. Entretanto, uma vez que o desapego tenha sido aceito, os caminhos da vida se abrem da maneira mais maravilhosa. É necessário, apenas, precaver-se para não formar vínculos, porque estes, invariavelmente, têm de ser rompidos. Todavia, por um estranho paradoxo, temos uma extraordinária riqueza de experiências, pois podemos desfrutar de qualquer coisa pelo tempo que nos aprouver, desde que não nos tornemos dependentes dela. Há um velho ditado que diz que “um iniciado nada possui, mas de tudo usufrui”.

Wilfred Maxwell contou a história das minhas origens e de como encontrei o Caminho Interior, de forma que não há necessidade de narrá-la novamente.¹ Ele também falou sobre a experiência que realizamos juntos; porém, o que ele não disse, pois ignorava, foi o modo como essa experiência me afetou. Isso vou contar tão resumidamente quanto possível, pois se trata do prelúdio para o que aconteceria depois.

Eu havia percorrido certo trecho do Caminho Interior desenvolvendo minha mediunidade a ponto de ela ser tão confiável como é possível que a mediunidade o seja – quer dizer, eu podia confiar nela nos assuntos pelos quais tivesse um interesse pessoal. Eu também estava bem informada sobre a teoria e a filosofia da Doutrina Secreta, como a recebemos pela tradição. Mas existe grande diferença entre o médium e o adepto: o médium é um mé-

1. Ver *A sacerdotisa do mar*, da mesma autora.

dium e nada mais; todavia, o adepto, para ser digno desse nome, precisa não só ser um médium mas um mago — vale dizer, precisa ser capaz de controlar objetiva e subjetivamente os poderes do espírito. Quando encontrei Wilfred Maxwell, eu era o que se chama uma *Adeptus Minor* e ainda não fizera essa transição.

Usei a confiança que Wilfred depositava em mim para estabilizar minha crença em meus poderes mágicos, pois só podemos usá-los se acreditarmos neles. Uma pessoa cética e racional como eu não acha fácil crer nessas coisas, a menos que elas tenham sido examinadas e que funcionem. Paradoxalmente, elas não funcionarão salvo se acreditemos nelas, pois estamos recebendo sugestões negativas de nossa própria incredulidade durante todo o tempo. Como ilustração do que eu digo, elas rompem as formas astrais tão rapidamente como as formamos. Mas quando eu fiz com que Wilfred, que tinha fé, visse uma forma astral por meio da sugestão, essa fé manteve a forma estável para que eu também conseguisse vê-la. Esse é um ponto delicado, porém é útil nos trabalhos práticos, e o ofereço para quem for capaz de apreciar. Não são muitas as pessoas que conhecem essas coisas, ou que as divulguem caso as conheçam.

Fiz com que Wilfred me visse como eu desejava ser, e com isso construí minha personalidade mágica. Uma personalidade mágica é algo estranho. É mais familiar do que qualquer outra coisa e vamos transferindo-lhe a nossa consciência — assim como fazemos com a projeção astral — até que, finalmente, nos identificamos com ela e passamos a ser a personalidade que formamos.

Em seguida, depois de usar Wilfred, eu o abandonei, porém não o fiz antes de pô-lo em contacto com as forças cósmicas.

Recordo-me de haver chegado a Londres na hora mais movimentada do trânsito. Vim por um caminho desconhecido e me perdi nos grandes povoados emaranhados de Surrey, do outro lado do rio. Lá, todas as ruas são parecidas e, por serem desenhadas obliquamente devido ao contorno do rio, a pessoa perde o sentido de direção. O único ponto de referência que eu tinha era a grande chaminé da fábrica de Doulton, pela qual eu sabia poder me guiar até a ponte que eu desejava. Contudo, as ruas tortuosas não desembocavam onde eu precisava, pois essa parte do mundo é um acúmulo de becos sem saída devido à ferrovia. Subitamente,

vi diante de mim, no fim de uma rua, a superfície plúmbea do rio. Pensando tratar-se do Aterro Albert e de uma região conhecida, dirigi-me para lá, apenas para me ver na mais pequenina cidade esquecida que restava no mundo, podendo avistar do outro lado do rio, na linha do horizonte, as ruas principais de Pimlico.

Não era um bairro pobre; ao contrário, era muito respeitável. Cada casinha possuía um pequeno jardim na frente e, sem exceção, todas tinham cortinas de babados nas janelas. Em alguns portões, havia placas de bronze, de modo que fiquei sabendo que ali moravam varredores, empreiteiros, parteiras, gente desse tipo. Entretanto, a cidade revelou ser outro beco sem saída; e fui obrigada a realizar uma manobra perigosa num desembarcadouro em ruínas que ficava no fim da rua para retomar meu caminho fazendo uma volta em ângulo reto. Nesse ângulo, havia uma pequena igreja melancólica, maltratada como um gato londrino por causa da sujeira que se entranhara em suas paredes. As janelas superiores estavam protegidas contra o arremesso de pedras por apertadas telas de arame traçado. As janelas inferiores estavam guarnecidas por grades de ferro. A porta de carvalho maciço era fixada com grandes pregos. Na verdade, parecia-se com a miniatura de uma fortaleza particular disfarçada sob o manto da religião. Jamais vira uma fachada tão intimidativa; ela poderia ter sido um calabouço na época da Inquisição.

Para completar o quadro de melancólico descuido, uma placa de “vende-se” estava pregada na frente do imóvel. Isso me surpreendeu porque acreditava que uma igreja sempre teria de ser uma igreja. Achei que essa propriedade clerical não podia ser adquirida. Contudo, tudo levava a crer que aquela igreja fora demais até mesmo para as autoridades eclesiásticas, e estas queriam se livrar dela. Pareceu-me que o local devia ser mal-assombrado.

Finalmente, atravessei o rio e me vi mais uma vez num lugar civilizado.

Fiquei feliz por voltar. Meu pequeno lar no palheiro parecia muito acolhedor, com sua lareira enorme e seus fundos divãs onde se amontoavam inúmeros almofadões de todas as cores que eu amo.

O apartamento parecia estranhamente incompatível comigo, embora só me houvesse ausentado durante uns poucos meses. Eu

diria que a minha vida já se havia retirado do local e que, ao sair dali, eu não deixaria raízes. No entanto, isso não me tornou mais feliz, muito pelo contrário: senti-me esquisita, solitária e sem lar. Atmosferas sempre significaram muito para mim; talvez significassem mais do que pessoas, devido à lei de isolamento em que eu vivia.

No geral, satisfazia-me perceber que a atmosfera do apartamento estava morta, pois andara adiando a partida, receosa de estar abandonando algum amigo humilde com cuja ajuda escalara até o topo. Afinal, esta era a primeira residência fixa que havia conhecido. Mas não faz bem ser sentimental quanto aos lugares ou às pessoas, quando se está no Caminho. Os dias do meu treinamento haviam terminado, e eu estava trocando os Mistérios Menores pelos Mistérios Maiores. Agora teria de pôr em prática tudo o que havia aprendido.

A Lei pela qual vivo é tão estranha que, a menos que eu diga alguma coisa sobre ela, ninguém entenderá o que vem a seguir. Muitas histórias têm sido tecidas sobre o tema do adepto encasacado de preto, com poderes misteriosos, que aparece, não se sabe de onde, para atender a algum pedido de ajuda e desaparece da mesma forma misteriosa, depois que esta foi dada. Ninguém, entretanto, nem mesmo Bulwer Lytton, que poderia ter feito isso, contou a história do ponto de vista do adepto, mostrando por que ele veio, por que desapareceu e o que realmente fez.

Isso, então, depende do tipo de adepto que a pessoa é. Existem os que estão incumbidos de governar o interior do mundo – não por meio de política e manobras por trás dos bastidores, mas com as influências espirituais secretas que regem a mente dos homens. Por trás desses primeiros estão aqueles que são ainda maiores e que estão interessados nas forças elementais e nas influências que regem a eternidade. Estes são para aqueles outros o que as marés são para as ondas que se quebram na praia. Em seguida, no plano físico, encontram-se aqueles que são enviados para colaborar com eles por meio da encarnação. Às vezes, são conhecidos como iniciados – e eles o são – embora sejam algo mais do que isso. Eles devem, naturalmente, ser iniciados na Tradição, ou de outro modo não poderiam ter as chaves para os contactos e não poderiam comandar a cooperação. Com certeza, há

também os iniciados que se tornam adeptos, mas agora vamos tratar dos que são chamados de adeptos cósmicos. Estes vêm com um propósito, e toda a sua vida, até a maturidade, é ocupada no preparo da personalidade como um instrumento para esse propósito. Seria um treinamento cruel se não houvesse dentro deles mesmos uma compreensão interior que sabe de onde vêm e o porquê – assim como eu soube, desde criança, que eu era uma estrangeira, uma residente temporária que não pertencia a este lugar. Por isso, as coisas não me feriam como teriam ferido a outros. Mas a pessoa fica sempre solitária, pois existem bem poucos que lhe façam companhia e, pelo fato de ser estranha, uma pessoa assim é odiada.

Então, chega a hora em que deve ser feita a transição de um para o outro modo de consciência. Nessa hora, aprendemos a usar o instrumento que forjamos para a finalidade com que foi desenhado – e esse instrumento é a nossa personalidade humana. Trata-se de algo estranho ficar por trás dessa nossa personalidade e manifestar-se através dela; isso não é fácil de fazer.

Aqueles de nós que encarnam com essa finalidade foram treinados e formados numa vida anterior. E eu sempre fui uma sacerdotisa da Grande Mãe. Minhas encarnações masculinas foram sem importância e, na maioria das vezes, violentas e infelizes. No entanto, eu tinha sido uma sacerdotisa, e uma grande sacerdotisa, desde o tempo dos Atlantes, pois quanto mais alto o grau mais antiga é a iniciação. Eu era uma das que haviam servido nas cortes do grande templo do Sol, na Cidade dos Portões Dourados, na ilha de Ruta.

Eu é que fui mandada embora antes do fim, quando eles estavam retirando os Portadores da Semente para a época seguinte. Do alto-mar, vi quando a grande Atlântida soçobrou na catástrofe que terminou com tudo. Então, minha alma se incorporou à alma-grupo do Egito, e eu entrei e saí pelos portais da casa real durante todas as dinastias egípcias. Jamais estive entre as que se sentaram no trono, mas era uma figura misteriosa que ia e vinha no cenário dos templos.

Eu pertencia ao culto da Ísis Negra, que é muito diferente do da Deusa da Natureza vestida de verde, a quem as mulheres rezam pedindo filhos. Esta é representada com uma face humana,

ou com chifres, como uma vaca. A Ísis Negra, porém, é a Ísis Velada, para cujo rosto ninguém pode olhar e continuar vivendo. E porque eu a represento, também ando velada – hábito que conservo até o dia de hoje. Não gosto que as pessoas olhem para mim na claridade e, quando preciso mostrar o rosto, apresento-me rindo e animada. Pouquíssimas pessoas viram o meu rosto em repouso, pois o repouso é uma máscara transparente.

Algumas equiparam a Ísis Negra a Kali, e dizem que Ela é má. Eu não penso que Ela o seja, a não ser que alguém veja maldade numa força elemental, o que eu não faço. Ela é deveras a que Destrói em Pedacos, mas depois Ela liberta. A Ísis Negra também é a Vida mais antiga, e o povo teme, mais do que qualquer outra coisa, o primordial. Freud sabia disso. Ela é o reservatório de uma força tremenda, dinâmica, e quando essa força dinâmica cresce como uma onda, isso é Ela.

Destruí Wilfred, e ele se reergueu como uma fênix, renascido das cinzas de sua vida mortal, e conheceu a Grande Ísis. Eu o matei e lhe dei o nascimento. Isso não é mau, a menos que se considere mau o sofrimento, e eu não o reconheço assim; afinal, o sofrimento traz poder, e destruição significa liberdade.

Não acho que exista o Mal inato. O que os homens chamam de Mal é simplesmente a força fora de lugar. Alguns definem o Bem como aquilo que preserva e o Mal como aquilo que destrói. No entanto, a destruição pode desobstruir e purificar, uma vez que existe nos homens e nas raças essa coisa que parece uma constipação espiritual, proveniente da exagerada manutenção do *status quo*.

Dessa forma, voltei ao mundo ainda uma vez mais como a sacerdotisa da Grande Deusa, trazendo comigo a lembrança de artes esquecidas, uma das quais a arte de ser mulher. Vim porque fui enviada. Havia precisão do que eu podia oferecer. Eles não enviaram uma sacerdotisa da Ísis Iluminada, mas da Ísis Negra, Velada, porque essa era a necessidade. E Eles me disseram: “Você terá dentes de tigre, pois é a que Destrói em Pedacos. Os homens irão chamá-la de Sacerdotisa de Todo o Mal, mas você será mais esclarecida do que eles”.

Assim, cheguei no alvorecer de uma nova era. Houve os que vieram antes de mim e que observaram a destruição do velho

mundo. Eles haviam sido bem armados e protegidos com malhas de ferro – Grandes Seres com espadas. Mas eu estava desarmada, exceto pela armas próprias de uma mulher.

Eu tinha apenas a minha personalidade feminina para trabalhar, e precisava criá-la e construí-la tal qual uma obra de arte. Para isso, aprimorei-me como se fosse uma escultora. Tratava-se de uma sensação extravagante sentir minhas duas personalidades aparecendo e por fim se unindo. Nos estágios iniciais, eu não estava em uma nem em outra consciência. Eu deslizava para a consciência mais ampla, retornando ao acordar, porém incapaz de trazer dos sonhos mais do que leves recordações indistintas. Duas vezes, em crises que poderiam ter aniquilado a personalidade física que eu estava construindo tão laboriosamente, uni momentaneamente os meus dois eus. A mente-criança, contudo, não conseguia resistir a mais do que uma breve união – a vida já era suficientemente difícil como era.

Com a adolescência tudo se fechou – pois nenhuma mente pode suportar a dupla tensão. Em seguida, quando me tornei adulta, ela começou a abrir-se de novo, e eu estava ciente de uma proteção, pois nessa época o foco do meu ser transferira-se totalmente para o corpo físico. Familiarizada com a linguagem do espiritualismo, pensei nessa proteção como um espírito controlador, mas aos poucos conscientizei-me de que era apenas o meu Eu superior e, ainda mais devagar, aprendi a confiar nele. Meus dois eus nunca haviam estado permanentemente em mim, pois nenhum físico humano suportaria isso. Eu não podia invocar o meu Eu superior à vontade, mas sabia como obter as condições que ocasionavam a sua vinda. Infelizmente, isso é uma tarefa para a qual sempre preciso de ajuda; não posso realizá-la sozinha. Alguém tem de ver a Deusa em mim e, nesse caso, Ela se manifesta. Eu não sou a Deusa, mas a sacerdotisa da Deusa, e Ela se manifesta por meu intermédio, pois todas as mulheres são Ísis. Poucos estão aptos a presenciar a manifestação da Deusa; e dentre os que o estão, nem todos podem suportá-la. Nesse caso, me odeiam porque temem a Deusa. Fui muito odiada na minha vida e, da mesma forma, recebi mais do que o meu quinhão justo de amor.

Como já disse, Wilfred me deu a ajuda de que eu necessitava para me manifestar para mim mesma. Então, minhas armas esta-

vam prontas. A fase seguinte da minha carreira seria no mundo. Eu já havia passado da idade em que a mulher encanta pela aparência, mas as forças que vinham através de mim, milagrosamente, me recriaram. Eu vivia com uma estranha vitalidade interior, que era atemporal, imortal e imutável. Eu não parecia nem jovem, nem velha; nem uma juvenzinha, nem uma mulher madura. As pessoas sabiam que eu não era jovem e, ainda assim, não podiam pensar em mim como uma velha. Eu estava simplesmente viva, com uma vitalidade que fazia com que as pessoas não me vissem como eu realmente era: encantava-as verem-me como a imutável e imortal sacerdotisa da Grande Ísis. Eu sabia, além do mais, como me colocar no cenário apropriado e, quando desejava, podia estender a minha aura ao meu redor e passar despercebida como uma sombra. As pessoas zombavam dos meus cenários, que consideravam teatrais, e me chamavam de afetada. Eu sabia, no entanto, que o meu fundo de cena era psicológico e que minha pose era uma auto-sugestão.

Minha tarefa era levar certos conceitos novos à mente da raça — não à sua mente consciente, mas à subconsciente — e isso é realizado vivendo-se esses conceitos. Alguém que tinha conhecimento disse, certa vez, que um adepto não deve meramente palmilhar o Caminho; ele precisa ser o Caminho, e isso é verdadeiro. Não fazia parte do meu trabalho fazer palestras, escrever ou aparecer em público, como fazem os que falam com a mente consciente da raça, contudo, para a realização da minha tarefa, eu precisava de alguma ajuda. Como o rei Salomão, pedi homens e materiais. O dinheiro necessário foi colocado nas minhas mãos, e eu sempre podia pedir mais, caso fosse preciso, mas isso não era suficiente. A mera riqueza por si só não criaria, e o tipo de ambiente que eu imaginava não era daqueles que se pudesse confiar a um desenhista profissional.

Além disso, eu precisava de ajuda, e isso ainda era menos fácil de achar. Eu precisava de pessoas que fizessem doações, mas elas também deveriam ter algum senso de dedicação. Eu precisava de pessoas com mentes, pois o intelecto puro não serviria; era necessário que possuíssem em si algo do artista. Eu precisava, mais do que tudo, de pessoas com aquele curioso dom de magnetismo; e precisava, por último, de pessoas com as quais eu pudes-

se fazer experiências. Mas não é fácil encontrar pessoas que se sujeitem a isso. Elas sabem muito pouco sobre o modo como Ísis retribui, e eu não lhes diria nada sobre isso. Este é um dos testes do Caminho: que as pessoas não negociem. O senhor deve estar lembrado de certo homem que deu tudo o que tinha para comprar a pérola de grande preço. Eles dão para Ísis, e ela retribui; mas eles dão como homens, e ela dá como Deusa. Todos vêem o sacrifício que é oferecido sobre o altar no templo aberto, porém não vêem a iniciação que acontece por trás do véu. Vêem o candidato entrar na sepultura, mas não vêem a ressurreição ao terceiro dia. Tudo o que sabem sobre o assunto aprenderam com aqueles que desistiram por ter perdido a coragem, e serão esses os melhores juízes?

Eu sabia que aquilo de que necessitava seria providenciado, e que poderia concretizá-lo na proporção da minha fé. Os que estavam por trás de mim estavam cientes do indispensável para o trabalho e para tanto haviam feito provisões nos Planos Interiores. Todavia, apenas eu estava apta a materializá-los no plano físico. Na medida em que eu compreendesse os poderes à minha disposição, eu poderia usá-los. Os antigos diziam que os tesouros da terra estavam sob a guarda dos gnomos, os elementais, e que havia encantamentos e palavras de poder capazes de compelir esses espíritos elementais da terra a entregar seus tesouros. Isso é verdade, embora não da maneira como o crêem os ignorantes. Existe uma vida da alma da terra, e o ouro é o sangue das suas veias e se equipara com a que, nos planos sutis, chamamos de força vital. Trata-se, na verdade, do equivalente social da energia, e nós o trocamos pela energia da nossa mente, do nosso corpo e do nosso estado, e permitimos que essa força domine. É possível negociar com os guardiões da vida mineral, e eles permitirão o acesso às fontes invisíveis da riqueza na alma da terra. Esse poder, contudo, é possuído apenas pelos grandes iniciados, para os quais o dinheiro como dinheiro nada significa, pois na magia só podemos trabalhar com o poder quando estamos livres do desejo. O desejo invalida seus próprios fins, pois é o pai do medo. Assim, eu que considerava a pobreza e a riqueza da mesma maneira, tinha à minha disposição recursos que eu usava para construir minha personalidade mágica diante dos homens e para fazer com que me vissem como eu desejava ser vista.

Depois que as pessoas nascem, não podem olhar para dentro do coração; só umas poucas dentre elas são capazes de interpretar os sutis processos mentais. No entanto, podemos suggestioná-las com a força do olhar para que vejam aquilo que desejamos que elas vejam. Esse tipo de sugestão é melhor do que a das palavras, as quais as pessoas tanto desprezam, já que elas mesmas são versadas nessa arte.

De minha parte, sei como um verdadeiro adepto precisa de pouco para a sua magia. Mas eu tinha de trabalhar com as idéias dos homens e para isso precisava montar um palco. Devia fazê-los aceitarem-me como uma adepta ou nunca seria vista como tal. Com essa finalidade, precisava ter à minha volta algo que sugerisse os grandes dias do passado, quando o culto ao qual pertencia estava no auge do poder, de forma que os pensamentos deles se voltassem para lá. Isso poderia despertar lembranças que os fizesse sintonizar meu comprimento de onda.

Dessa forma, pouco a pouco, colecionei coisas antigas dos velhos templos. Esses objetos precisavam ser mantidos sob uma luz difusa, de modo a não dispersar o seu magnetismo, mas conservá-lo à sua volta e permear o ambiente da mesma forma como o faz o incenso.

Também usei cores para montar o meu fundo de cena, conhecendo o poder que elas exercem sobre a mente – sobre a minha, bem como sobre a dos que fossem me visitar. Existe uma ciência das cores, e nós as classificamos, na magia, sob as dez estações dos céus, que são os sete planetas e o espaço, o zodíaco e a terra. Há também os quatro reinos elementais, mas isso é outro assunto.

Para o meu objetivo, usei as opalescentes cores da lua sobre uma base prateada; o roxo, que é uma cor da ameixa; as cores vermelhas, que são o magenta ou o marrom; e as cores azuis da água do mar e do céu à noite. Jamais usei as fortes cores primárias, como essas que o homem usa quando é um mago. Sempre as cores indistintas, combinadas, que são as minhas cores, pois eu sou a sombra do cenário.

Quanto ao meu corpo, eu havia feito dele o instrumento da minha personalidade, treinando-o, alimentando-o, aprendendo suas artes e capacidades. A Natureza não fora maldosa, porém

não tinha sido pródiga, e eu devia fazer de mim mesma alguma coisa que pudesse usar para o propósito que tinha em mente. Sendo dedicada, eu tinha o direito de pedir aquilo de que precisava e, naturalmente, pedi a beleza que me permitisse atrair os olhares e a atenção dos homens. Em vez disso, todavia, deram-me discernimento e imaginação e, com o conhecimento proveniente disso, criei meu próprio tipo de beleza.

Descreveram uma outra: “Tinha o rosto que se presta para uma mulher esconder a alma”. No meu caso, isso correspondia à verdade. Minha face era puramente egípcia: levemente alta nos malarres, o que faz meus olhos parecerem amendoados, nariz ligeiramente aquilino, pois há sangue assírio na nobre casta real do Egito. Meus olhos são muito fundos, o que dá a impressão de serem mais escuros do que realmente são. Vistos sob boa luz, são meio esverdeados – para competir com meus dentes de tigre – assim disseram. Supõe-se que eu me pareça com Cleópatra – ou talvez Cleópatra fosse como eu. Tenho bastante cabelo castanho-escuro, quase negro, e completamente liso. Algumas vezes o uso amarrado sob a forma de um nó, à nuca; outras, enrolo-o em volta da cabeça como um diadema. Quando faz calor, deixo-o cair em duas tranças sobre o peito. Frequentemente o uso repartido ao meio, em duas ondas macias sobre a fronte, à moda das mulheres indianas. Foi por isso que disseram que tenho sangue de cor, embora minha pele devesse desmentir isso, pois é branca como marfim ou como as grandes flores de magnólia, que não têm um toque de rosado sequer. No que se refere a batons, sou ousada, até mesmo imprudente, e amo os longos brincos. A joalheria Huysman faria justiça aos brincos que possuo: de jade, de âmbar, de coral, de lápis-lazúli e de malaquita para usar de dia; para a noite, tenho grandes jóias: esmeraldas lapidadas, retangulares; pérolas longas, pálidas e em forma de gotas, e todas as incandescências das diversas opalas, que adoro.

Sou um pouco mais alta do que a estatura média e por ser longilínea posso sair diretamente da loja vestindo qualquer modelo que experimentar. Todavia, não uso modelos prontos. Faço minha própria roupa. Essa, por vezes, vem das “lojas de armários” e outras vezes, não: há uma riqueza na amplitude dos drapados que não se encontra nos materiais de vestimenta, e nin-

guém me impedirá se eu resolver me vestir com o pano destinado à ornamentação das janelas de um palácio veneziano! Gosto que minhas roupas caiam amplas e retas e cheguem até os pés. Costumo calçar sandálias macias de prata e ouro e de cores iridescentes.

As peles, então, eu amo, pois sou uma criatura de sangue frio – esta é a minha única fraqueza física. Uso roupas de peles mesmo em casa e mantenho minhas casas aquecidas. Aprecio as peles inteiriças, com a grande cabeça cruel, e gosto que essa pele seja nobre – não a pequena cara comum de uma raposa. Tenho uma pele pálida de lobo da floresta e uma de lobo azul, descamando para o negro. Dos grandes felinos, tenho um leopardo mosqueado da selva e um adorável leopardo pálido das neves do Himalaia – que os tibetanos dizem ser fantasmas dos lamas maus que morrem em pecado.

Gosto de anéis também, tão grandes que dificilmente consigo calçar luvas. Gosto de braceletes envolvendo meus pulsos. Minhas mãos são flexíveis nos rituais, e sou tão audaciosa em matéria de esmaltes como nos batons. Tenho predileção por esmaltes de unha prateados, dourados, vermelhos, tão escuros que parecem negros, e esmaltes iridescentes, que fazem minhas unhas parecerem opalas. Trago as minhas unhas compridas para competir com meus dentes de tigre.

Agrada-me que meus sapatos sejam macios, leves e flexíveis, parecendo muito mais luvas do que sapatos, de modo que me possa mover sem fazer ruído. Na juventude, fui treinada como dançarina e conheço o significado do movimento – sei que devo fluir como água. Sei também como o corpo deve se mover e balançar a partir da cintura. Em beleza, isso vale mais do que uma figura elegante.

Não sou e jamais serei uma mulher que acompanha a moda. Não que despreze dela: ela serve para algumas pessoas, mas não é boa para mim. Alguns dizem que as modas são artificiais, um trabalho de comércio, mas isso não é verdade.

As modas mudam porque a novidade atrai e estimula. Mas eu, que sou a mulher eterna, o arquétipo feminino – não falo da superficialidade da consciência, a mente sofisticada que é atraída pela novidade, mas da mente arcaica e primordial que está na

alma de cada homem. Competirei com meu charme com qualquer mulher que esteja na moda. Elas podem ter amantes, mas eu tenho sido amada.

Com o meu silêncio, competirei com a verbosidade delas. Ainda que exista muito numa voz e em suas inflexões, os tons deveriam ser sempre melodiosos, mesmo ao falar; sons doces e macios nos lábios, mesmo que haja reverberação por trás deles, pois nessa reverberação, há um estranho poder que vai de encontro à alma. Sei bem disso, pois usei esse poder e dentro em pouco vou contar como o fiz.

Portanto, usei a cor, o movimento, o som e as luzes, assim como as outras mulheres usam a moda, porém, mais importante que tudo isso, é o perfume. Valorizo intensamente os perfumes e atribuo-lhes grande importância, uma vez que existe toda uma psicologia e uma teologia sobre eles. Os aromas que uso são picantes e intensos. O perfume das flores não são para mim – ninguém nunca me comparou com uma flor, embora me dissessem que sou tão bela como um leopardo. Meus perfumes favoritos são o sândalo, o cedro e o couro da Rússia. Aprecio também o aroma de almíscar queimado e o modo como ele persiste. Gosto ainda de cânfora, por seu aroma de asseio. Das essências oleosas, uso a de gerânio, a de jasmim e a essência de rosas; nenhuma outra. Esses são os perfumes psicológicos; mas dos teológicos há dois que considero muito – o gálbano e o olíbano – a doçura áspera, aromática do gálbano, que é terra da terra, e o intenso estímulo do olíbano, que é como se as árvores do Paraíso estivessem queimando. Além disso, tenho também um gosto excêntrico e não encontrei ninguém que o partilhasse comigo: o odor do iodofórmio me causa prazer.

Isso é tudo o que posso revelar com palavras sobre a minha personalidade. O resto deve ser deduzido daquilo que faço.

Quanto ao meu cenário mundano – minha pequena moradia no palheiro –, eu o construí quando era pobre e fiz com que me servisse. Mas, como já falei, para o que estava adiante eu precisava de um cenário que levasse as pessoas a me verem como eu queria que me vissem, mas ao mesmo tempo eu não queria ter o encargo de construí-lo. Pelos meus cálculos um apartamento-estúdio serviria aos meus propósitos, pois o estúdio me daria o

espaço para o que eu tivesse de fazer, e as acomodações exíguas de um artista seriam suficientes para as minhas necessidades. Desse modo, eu teria gastos extras apenas com o banheiro, uma vez que gosto de banheiros bonitos – uma herança, talvez, da minha encarnação romana.

Não foi fácil encontrar o que eu tinha em mente. Depois de trocar palavras ásperas com o agente imobiliário, decidi publicar um anúncio – e aprendi, à custa de muito combustível, sobre o inacreditável otimismo das pessoas que têm alguma coisa para vender. Parecia estranho que o trabalho diante de mim tivesse de ser adiado por uma coisa tão simples como a propriedade adequada, especialmente pelo fato de eu não estar muito limitada no que se relacionasse com dinheiro. Nas ocasiões anteriores, quando eu precisara encontrar um local para o meu trabalho, este caíra diretamente em meu colo – meu palheiro, meu forte, ambos vieram dessa maneira, como se eu possuísse uma pedra-dos-desejos na hora de imaginar o que eu queria. Mas agora, com o trabalho verdadeiro apenas começando, eu estava tão sem sorte como o corvo de Noé.

Revolvi repetidas vezes na mente o que eu queria. Eu precisava de tranqüilidade – essa era uma condição *sine qua non* –, pois o trabalho de alta magia pode ser abalado pelo barulho, da mesma forma que uma fotografia pode ser danificada pela luz. Eu precisava de um lugar que fosse prontamente acessível, embora um pouco distante da trilha batida, de modo que as pessoas que fossem me ver não corressem o risco de encontrar conhecidos. O lugar deveria ter um aposento grande e majestoso, no qual pudesse receber as visitas e outro aposento adequado para usar como templo particular; além de acomodações para uma mulher solteira de gostos simples viver – exceto, naturalmente, pelo banheiro. Esse, eu sabia que teria de ser preparado por mim mesma, pois eu ainda não havia encontrado o artista capaz de compartilhar com meu ponto de vista sobre banheiros. Tudo isso parecia bastante simples de encontrar, no entanto, eu não conseguia.

Então, de súbito, lembrei-me daquela encardida igreja que exercera sobre mim um efeito tão deprimente, quando vim para Londres ao final da minha horrível viagem. Jamais vira uma propriedade que apreciasse menos. Eu não achava possível que

esse fosse o lugar destinado, que estivera esperando por mim todos esses anos, enquanto a tabuleta de vende-se criava ferrugem, e que as outras residências disponíveis, sabendo disso, tivessem fugido quando me aproximei, a fim de deixar o campo livre. Pensei que isso deveria ser tão improvável como parecia, mas o senso de dever me obrigou a arriscar.

A localização da igreja era, por certo, bastante conveniente, em seu tranqüilo beco sem saída, ao lado do rio. Estava bem longe da trilha movimentada – pois, para as pessoas que eu buscava, o lado de Surrey do rio era tão distante como as montanhas ou a lua – embora fosse facilmente acessível: bastava atravessar a ponte vizinha e se estava de volta à parte civilizada da cidade.

Assim, peguei meu carrinho e, como já disse, impelida por um forte senso de dever, desci para dar uma olhadela na igreja. Fui acompanhando a corrente de tráfego sobre a Vauxhall Bridge e cheguei a uma misteriosa região limítrofe entre Wandsworth e Battersea. Meu ponto de referência era a grande chaminé, que se destacava como um guia com seu penacho de fumaça clara, e ainda assim eu não estava segura de encontrar aquele local onde fizera a manobra de forma errada. Não consegui. A maldição ainda me acompanhava, e a pequenina igreja, talvez ofendida pela minha falta de perspicácia, ocultou sua fachada.

Nem o policial, nem o estafeta, nem os garis, ninguém pôde me dizer alguma coisa sobre ela. Foi bom que, na minha busca, eu tivesse consultado a polícia em primeiro lugar, caso contrário, tenho a certeza de que teria sido presa como suspeita antes que o dia terminasse, tão minuciosa foi a procura que fiz naquele distrito enfumaçado. Quando, por fim, desisti desesperançada e me dirigi para a Vauxhall Bridge, era novamente a hora do pico no trânsito do anoitecer. Destarte, tendo atravessado a ponte, eu me virei seguindo por Grosvenor Road. Pretendia ir por uma rua lateral para evitar o congestionamento das ruas principais. E, então, eu a vi! O sol poente estava baixo, os últimos raios banhavam o outro lado do rio e, na outra margem, o vidro colorido da janela ocidental da igreja brilhava como uma jóia.

Virei meu carro tão repentinamente, que quase atropelou um homem que estava atravessando a rua. Por se tratar de uma pessoa rude, esse homem não só recusou minhas desculpas como tam-

bém disse aos berros o que pensava de mim – no que talvez não estivesse tão errado, pois eu quase o despachara para a eternidade. Então, eu lhe disse o que achava dele e, tirando o chapéu, ele falou: “Desculpe, madame” – e vi que ele precisava ser desculpado, pois tinha cabelos ruivos. Também pensei, por um momento, que deveria ser um médico. Tenho uma predileção por médicos. O leve odor de iodofórmio entrou no carro enquanto ele ficou parado, olhando raivosamente para mim, mas a casa antiquada de duas frentes em que entrou não ostentava uma placa de bronze. Se ele fosse médico, eu devia, nesse lugar e ocasião, ter tentado travar conhecimento com ele. Havia algo de impressionante nesse homem: dele emanava uma sensação de poder e de energia dinâmica, e era uma pessoa como a que eu tinha em mente para ajudar no meu trabalho. Além disso, um médico, com o seu conhecimento especial, seria muito útil no ocultismo. Entretanto, talvez fosse igualmente bom que eu não pretendesse nada com um indivíduo como esse. A julgar pelo ocorrido, ele não só estava de mau-humor e assustado por quase ter sido atropelado, como também devia ser um tipo obstinado mesmo nos melhores momentos e enquadrado na armadura prateada da convenção social da classe média e do prestígio profissional. Um profissional que julguei a partir do seu ar de “dane-se todo mundo quando estou zangado”, que não foi desenvolvido pelos que servem nem a Deus nem a Mamom.

CAPÍTULO V

Não houve dificuldade para achar a igreja depois disso e, dirigindo durante uns poucos minutos, cheguei lá. Mas como então ela parecia diferente! Naquela ocasião, ela me parecera sinistra. Mais de perto, tinha linhas adoráveis, como se alguém tivesse planejado uma catedral. Com seu terraço de telhas romanas que alcançava a clarabóia, ela se assemelhava a um pedacinho da Itália. A fuligem londrina que se acumulava densamente sobre ela fizera com que a pedra macia se deteriorasse rapidamente, dando-lhe um ar de velharia que não lhe era apropriada, pois, para falar a verdade, era de um gótico vitoriano oculto pela sujeira.

A placa indicando que ela estava à venda afirmava que o zelador ficava lá dentro. Portanto, bati à porta com a enorme aldrava, fazendo tal barulho que pensei que o distrito inteiro acoreria aos portões. Todavia, nada aconteceu, nem mesmo uma prega das cortinas Nottingham de babados se mexeu em toda a rua, agitada por alguma mão curiosa. Não repeti as batidas – se o zelador estivesse lá dentro teria se apressado em sair! Estava tomando nota do endereço dos corretores, quando um homem de chapéu de lançador de críquete saiu de uma casinha que parecia uma guarita de entrada de propriedade estatal, construída ao abrigo de uma das alas da igreja. A placa de vende-se não era muito correta: o zelador estava ao lado e não dentro da igreja.

Existe alguma coisa nos chapéus de lançador de críquete que sempre desperta a minha desconfiança: são tão ofensivamente perfeitos! Nenhum dos homens que eu chamo de amigos jamais usou um desses. Entre eles, havia os que gostavam de chapéus desabados, de feltro, de copa chata, chapéus Trilbie e chapéus Homburg, bonés de pano. Em certas circunstâncias, usavam até mesmo chapéu-coco, mas *nunca* houvera um chapéu de lançador

entre eles. Esse, porém, não era um chapéu de lançador comum — ele fora untado com alcatrão! Isso ajudou bastante a remover minhas desconfianças, pois jamais conhecera antes um homem que alcatroasse os seus chapéus. O indivíduo tinha um ar vagamente eqüino e adivinhei, confirmando posteriormente, que se tratava de um chofer de táxi aposentado.

— Deseja ver o lugar, senhora? — perguntou ele.

Eu disse que sim, e ele tirou do bolso de trás uma chave tão grande que certamente teria impedido que ele se sentasse, se a houvesse carregado no bolso mais acessível das calças. A pesada porta rangeu nos gonzos de tão corroída, e ficou evidente que ele devia pensar que um breve exame em seu exterior era tudo o que a propriedade necessitava em matéria de cuidados. Entretanto, embora estivesse fechado e sem ventilação, o lugar não cheirava a mofo.

Havia um amplo salão de entrada que tomava todo o comprimento da fachada e que era separado da sala de reunião principal por um apainelado de madeira de pinho amarelo envernizado. Atravessamos portas duplas e entrei num típico interior de capela, a não ser pelo fato de na extremidade oriental haver um santuário completo, com santos nos nichos e uma grandiosa vidraça colorida representando a mais horrível cena do júzo final. Na outra ponta havia uma rosácea sobre uma galeria, que parecia consistir de dois círculos concêntricos de demônios. Fosse qual fosse a seita proprietária daquele santuário, devia ter uns pontos de vista bem sinistros.

Quem quer que tivesse construído aquele lugar evidentemente usara um bom arquiteto, uma vez que as proporções eram adoráveis. Parecia, no entanto, que a construção havia sido abandonada antes de estar completamente pronta, pois não havia nem bancos de igreja, nem púlpito, e tampouco marcas no chão lajeado a indicar a remoção de algum móvel.

Andei vagarosamente pela grande extensão do templo e subi os três degraus que davam para o que julguei ser o presbitério destinado aos rituais. Ele era grande em relação à nave, se pudesse ser chamado assim num evidente coventículo, e descobri, para minha surpresa, que aquilo que eu tomara por um altar descomu-

nal era, na verdade, um pequeno tanque de pedra como uma miniatura de piscina.

— O que vem a ser isso? — perguntei ao zelador.

— É a fonte — respondeu, observando-a com orgulho, apesar de estar suja e ser pouco atraente.

— Esta era uma capela batista? — indaguei considerando que o enfeite arquitetônico não era muito ao estilo daquela seita austera.

— Bem, era e não era. Eles batizavam mas também realizavam cultos. Tratava-se de um meio-termo, poder-se-ia dizer, entre batistas e católicos.

Esse híbrido horrível deixou-me silenciosa. Como se poderia conceber que aquilo desse certo? Poder-se-ia pensar que as duas metades da alma daquela gente, quem quer que fosse, gastariam todo o tempo amaldiçoando e excomungando uma à outra!

— A que religião eles pertenciam? — quis saber, quando recuperei meu equilíbrio.

— Não pertenciam a nenhuma, madame; eles dirigiam uma religião própria. Eles se chamavam de ressurrecionistas.

Lembrando-me da outra conotação da palavra, fui incapaz de reprimir um sorriso, que o homem notou e respondeu.

— Não, madame, não eram desenterradores de cadáveres. Eles acreditavam que viveriam de novo, todos eles, exatamente como eram. Assim, vestiam-se de acordo e batizavam durante todos os domingos — afundavam as pessoas na água, de modo que pareciam sempre limpas e bonitas.

— Tinham muitos seguidores? — perguntei, pensando em todos os domingos em Trinity, imaginando quantos ele poderia encontrar que concordassem com tão drástica salvação, pois não parecia haver maneira de aquecer o tanque.

— Consideravelmente poucos — disse ele.

— E como terminou tudo isso?

— Bem, vejamos, madame, o pastor acreditava em batismo de imersão total, como os batistas, mas também acreditava em batismo infantil, como os católicos. Ele mergulhou uma criança e esta morreu. Af, ele fugiu cortando as relações com todos. Nem sequer parou, o cão vadio, para a coleta. Por isso, o lugar nunca foi pago, os construtores foram à falência e os fiscais tomaram

conta de tudo. E af está ela, como sempre foi durante estes quarenta anos.

– Deve pesar uma maldição sobre ela – disse eu.

– Oh, não, ela me serve perfeitamente bem – retrucou o homem com um piscar de olhos. – Se ficar com ela, madame, gostaria de ter um zelador?

– Não! – respondi. – Não gostaria, mas poderia encontrar algum trabalho para um homem jeitoso e seria capaz de dar algum serviço de faxina para a mulher dele.

– Minha mulher foi levada para o hospício esta manhã, senhora, mas eu posso fazer a limpeza que quiser. Sou realmente bom nisso! Se sou! Veja, há alguns anos, por fanatismo religioso ela resolveu não fazer mais nada, e eu tive de cuidar de tudo: cozinhar, limpar, fazer as camas. Sou realmente jeitoso, madame.

– Estou penalizada por ouvir isso – disse eu com a esperança de que ele percebesse que eu estava me referindo à mulher dele e não aos seus dotes culinários.

– Bem, senhora, talvez assim seja melhor. Posso me sair muito bem, se me der uma oportunidade.

– Ainda não sei se virei para cá – respondi. – Parece que qualquer um que se relacione com o lugar, ou vai à bancarrota ou fica maluco.

– Eu, senhora, não fui à bancarrota nem fiquei maluco.

– Mas, e a sua mulher?

– Ela tem um parafuso de menos, mas não foi à bancarrota, senhora. Ela teria o lugar de faxineira, se ao menos fizesse a limpeza. Mas virou fanática religiosa, sabe, não se concentrava na limpeza. Eles disseram para ela: – Sra. Meatyard, terá de ir embora se não fizer melhor do que isso.

– Oh! – respondia ela – o Senhor está chegando!

– Bem, Ele ainda não chegou. Por que não volta ao trabalho enquanto espera? – perguntaram-lhe, então.

– Mas ela não queria, não adiantava insistir. Não puderam fazê-la se decidir, sabe? Aí, ela tirou a roupa e tentou se batizar na caldeira de cobre da cozinha. E eles a mandaram para casa.

– Bons céus! – exclamei. – A caldeira estava acesa quando ela fez isso?

– Não, madame. O velho profeta não acreditava no conforto. Fiquei um pouco com ela em casa, mas não adiantou. Ela con-

tinuava a gritar que o Senhor a perseguia. Finalmente, parecia que ela estava às voltas com o diabo. Como não pudesse livrá-la, tive de enviá-la para longe; e agora ela se foi. E se quer saber da verdade, senhora, eu estava tomando umas para me consolar, quando ouvi a sua batida.

– Deve estar se sentindo muito solitário – comentei, apesar de ele parecer excessivamente alegre.

– Assim-assim. É solitário, mas tranqüilo. Não havia paz para ninguém enquanto ela tentava salvar a sua alma. Eu disse a verdade, senhora, não a teria salvo se tivesse ficado comigo. Eu a teria mandado às favas se não pudesse interná-la. Não valia a pena salvá-la, sua alma a preocupava tanto!

Pensei que seria melhor interromper esse fluxo de psicologia.

– Os corretores estão perto daqui? – perguntei.

– Sim, senhora, logo ali, na curva. Mas se esperar até amanhã para vê-los, jogo alguns baldes de água no chão e digo para eles que o teto está com goteiras; assim eles deixam mais barato. Gostaria que ficasse com o local, pois acho que combinaríamos muito bem, apesar de a madame poder estar decepcionada por me ver neste estado.

Em face dessa franqueza, só me restava dizer-lhe que, se ficasse com o local, o emprego seria dele. Na verdade, possivelmente ele me serviria melhor do que uma mulher, pois é provável que ficasse menos amedrontado com as minhas atitudes.

Bem, comprei o lugar, embora não sem muitos escrúpulos, pois sou sensível a ambientes e gostaria de saber que tipo de aura teria sido deixada ali pelo profeta homicida e sua congregação de suicidas. Eu podia visualizar claramente o tipo de fanático maluco que ele deve ter sido para reunir uns “consideravelmente poucos” seguidores de suas alucinações e produzir o híbrido arquitetônico que me propunha a habitar. Pois as opiniões religiosas desse inconformado tinham a aparência de um ritual. Os lados batista e católico de sua natureza me odiariam igualmente, porém, como me odiariam por diferentes razões, era possível que acabassem se anulando. No momento em que obtive a posse, fiz um completo exorcismo com o Ritual Banidor do Pentagrama Maior. Eu gostaria de saber o que Meatyard pensou quando sentiu o aroma de incenso, mas tudo o que ele disse foi:

- Não precisa se preocupar com goteiras, madame, porque não existem - e vi que isso era verdadeiro, o que explicava o preço pelo qual adquiri o imóvel. E foi bom que fosse baixo, pois teria de fazer uma boa despesa antes que o local ficasse habitável. Há um velho ditado que reza que tudo o que se destina a fins mágicos precisa ser comprado sem regateio. Mas existe um limite para esse tipo de coisa.

Entretanto, não regateei a respeito do banheiro. Era de um quartzo semelhante a mármore, cor-de-rosa pálido nas paredes. O chão era de mármore preto, quente sob os pés, pois o aquecimento central ficava embaixo dele. Minha banheira era negra e parecia uma tumba, mas seu interior era do mesmo tom rosado das paredes. Também era quadrada e tinha sido feita especialmente para mim, o que era uma extravagância; contudo, banheiras são uma das minhas fraquezas. Tirei a idéia da horrível fonte do profeta, embora nunca o admitisse. O sr. Meatyard, porém, adivinhou isso e me disse piscando os olhos:

- Vejo que a senhora acredita em "imersão" total, madame.

- Acredito em ter o que gosto - retruquei.

- Muita gente faz isso, sem pensar; só quando conseguem o que querem é que descobrem que já não lhes interessa mais.

Meu quarto era do curioso verde-azulado do chagré, que também é o verde do mar numa costa rochosa. Não havia nada além da minha cama, da penteadeira e de um armário de quarto: esses eram todos os móveis. A parede que não tinha espelhos era trabalhada em baixo-relevo à semelhança de ondas na praia. O quarto dava para o leste, como convém. Apesar disso, quase precisei demoli-lo para poder deixá-lo como ficou, pois as acomodações não-eclésiásticas eram exíguas. Apenas o fato de o profeta ter sido obrigado a providenciar vestiários para os seus ratos imersos se vestirem, depois do batismo, é que deixou espaço para o meu projeto. A sacristia virou cozinha, e os lugares em que ele separava as ovelhas das cabras eram respectivamente o quarto e o banheiro. Ele deve ter esperado conversões em massa, pois as acomodações não eram nem um pouco pequenas. Quanto ao mais, eu vivia, me movimentava e existia no grande salão.

Esse salão, à medida que eu o reconstruí, começava a mostrar uma beleza única e estranha. O revestimento de pinho foi

substituído por carvalho antigo e um mosaico de peças de madeira cobriu o velho pavimento lajeado cor de cinza. Não fiz nenhuma tentativa para limpar o trabalho em pedra cujas arestas convergiam na abóbada gótica e cujo reboco, da cor suave de pergaminho velho, ainda mostrava as sombras empanadas de estrelas douradas. Tudo isso eu deixei como encontrei, mas reduzi a pedaços as janelas coloridas, e com os seus fragmentos multicoloridos mandei fazer um mosaico semelhante a uma jóia rococó. Nos arcos pontudos do coro, coloquei vidro transparente nos caixilhos de chumbo das janelas, através dos quais podia olhar para o que tinha sido uma masmorra escura freqüentada por gatos, mas que agora se parecia com o recanto de um saguão italiano. Penso que o arquiteto devia estar com alguma igreja italiana em mente, pois o local lembrava com insistência as figueiras em grandes jarras de barro e um vinhedo trançado num caramanchão.

No verão, eu pretendia centralizar minha vida no coro por onde o sol entrava através das folhas de uma grande árvore lisa, graciosa como um salgueiro, porque nunca havia sido podada. No inverno, eu me retiraria para perto da grande lareira que eu mandara construir.

Resistindo à insistência do construtor para que eu adquirisse uma lareira pré-fabricada, fiquei em cima dos pedreiros enquanto eles instalavam uma lareira, maior que as mesas de jantar de algumas pessoas, e inclinavam a parte detrás a meu gosto. Isto, com uma ampla cobertura de cobre, era tudo o que eu possuía de grandioso. Nela, uns troncos grossos de árvores e um monte de turfas queimavam no inverno e ardiavam lentamente no verão, pois mesmo com o clima mais quente o salão era frio. Havia sofás confortáveis e grandes cadeiras, tamboretas e pufes, além de armários de colecionador para colocar e expor minhas preciosidades. E eu tinha tantas almofadas como Gabriele d'Annunzio. Na galeria, dispostos de modo que o visitante casual não pudesse alcançá-los, estavam os meus livros.

Não que eu tivesse muitos visitantes fortuitos, pois havia um trabalho a realizar e, estando eu ali com uma finalidade, não podia perder tempo com eles. Os visitantes não eram encorajados a aparecer, e a maneira como o sr. Meatyard desestimulava as visi-

tas era devastadora. As pessoas que eu via, essas eu recebia por alguma razão específica, e elas sabiam disso.

O próprio sr. Meatyard era maravilhoso, uma vez que o seu problema havia sido resolvido. Ele era careca como um ovo, segundo ele mesmo dizia, as correntes de ar sopravam em sua calva no inverno e as moscas andavam sobre ela no verão; por isso ele precisava de algum tipo de proteção. Assim, resolvemos que ele usaria um pequeno barrete de veludo preto que fazia com que parecesse um gnomo com suas orelhas de abano e o nariz chato e arrebicado. O efeito era deveras muito elegante, quando visto contra o fundo de carvalho antigo. Na verdade, ele era o servidor ideal para uma pessoa como eu, que tinha uma reputação de vampirismo pela qual zelar. Ninguém diria, baseando-se na sua aparência, que tinha sido chofer de táxi. Sob minha orientação, ele também se transformou num cozinheiro admirável.

Tratava-se de um arranjo estranho. Vivía eu, com meu chofer de táxi e cozinheiro, retirados numa capela abandonada num beco de Surrey, porquanto até mesmo sacerdotisas de cultos esquisitos têm de viver em algum lugar, enquanto estão encarnadas – e existem cultos mais exóticos do que o meu.

Minha residência parecia simples, e de fato o era, de uma maneira um tanto fastidiosa. Mas levou tempo para instalar, pois eu não ia às grandes lojas e encomendava isso ou aquilo. Eu reunia as minhas coisas à medida que as descobria em excêntricas lojinhas, em ruas transversais, pois nelas se encontram peças exóticas e bonitas, se soubermos onde e como olhar e se soubermos o que estamos procurando. Mogno vitoriano escuro cheio de entalhes e de enfeites de madeira ondulada é uma coisa; e a mesma peça, desnudada de seus adornos, laqueada e revestida de ouro, é outra coisa. Pouco a pouco, consegui completar o meu lar enquanto ainda morava no antigo, mas o verão ia adiantado quando me mudei.

Essa mudança tinha qualquer coisa de sacrifício. Como já disse, sou sensível aos ambientes. Eu havia realizado um exorcismo eficaz e o lugar era inofensivo, mas estava tão destituído de personalidade como o espaço exterior. Eu havia feito ali muitas refeições do tipo piquenique, enquanto os pedreiros ainda estavam trabalhando, mas isso não é o mesmo que entrar e viver no local como logo vim a descobrir.

O sr. Meatyard continuou em seu chalé; desse modo, o imóvel ficou inteirinho para mim. Era como estar encerrada num vaso vazio. Eu nunca havia sentido algo tão estranho. Penso que alguém que voasse num avião particular através do Atlântico teria a mesma sensação – eu devo ter feito um exorcismo muito eficaz. Para minha sorte, quando saí do meu palheiro, pela última vez, era um dia adorável de sol e de brisa, e dirigi o meu vistoso cupê preto, através da ponte, a fim de iniciar minha vida transpontina. Se fosse um dia úmido e frio, não sei se eu teria suportado.

O sr. Meatyard fez uma maravilhosa refeição para mim – da forma como apenas um homem acostumado a cozinhar numa pá sobre um balde de carvão poderia ter preparado. Não obstante a refeição e apesar de o calor do dia, a turfa e o cedro estarem ardendo suavemente na minha lareira, fugi desse lugar, à medida que a escuridão entrou, como se fosse perseguida pelas fúrias. Refugiei-me, então, no desembarcadouro para observar os últimos raios do crepúsculo.

O sol já estava baixo sobre os tetos de Pimlico, do outro lado do rio, pois ali a curva da correnteza segue tanto para o norte como para o sul, e havia uma linha do horizonte à luz do acaso que me recordava os Andes. No meio da correnteza, o rio já estava na sombra da escuridão cor de índigo. Na margem de Surrey, contudo, ele brilhava com todas as nuances da cor laranja, que as ondas refletiam a luz como jóias lapidadas. Um lanchão que descia com a maré, um vulto escuro contra o dourado do céu, conseguia, com a sua carga no convés alto, assemelhar-se a uma gôndola gigantesca. Sentei-me numa grande trave de madeira, com a água marulhando perto dos meus pés sob as pranchas carcomidas, e observei o esplendor esmaecer e a noite chegar.

Naquela luz enganadora, a sordidez se fora das ruas principais de Pimlico. Seus telhados irregulares e chaminés tortas destacavam-se contra o céu descorado em silhuetas desiguais, modernistas e estarrecedoras. Em seguida, com o enfraquecimento da luz e a chegada da neblina, os contornos vagorosamente se nublarão, até que sua perspectiva serrilhada se transformou em dobras macias de montanhas que desapareceram gradualmente nas colinas. As lâmpadas da Grosvenor Road clarearam, à medida que a escuridão se acentuou, e seu reflexo formava longas linhas bri-

lhantes de luz sobre a água cada vez mais escura. Mas elas nunca eram muito claras, pois a parte do mundo em que estavam, nem era comercialmente ocupada, nem estava de acordo com a moda. As casas que davam para o rio eram velhas e altas, e a luz da rua não alcançava além dos primeiros andares. Dentro em pouco, a escura linha irregular das fachadas semelhantes a rochedos começou a se destacar aqui e ali com retângulos de luz amarela, à medida que as luzes dos aposentos iam sendo acesas, já que seus ocupantes não haviam se preocupado em colocar cortinas nas janelas que davam para o rio.

Então, através de um par de janelas do andar superior, que estavam entre as últimas a serem acesas, notei que alguma coisa se movia tão regularmente como um pêndulo. Eu gostaria de saber que espécie de trabalho estaria sendo executado ali, àquela hora. Subitamente, porém, o ritmo foi interrompido, quando o retângulo de uma das janelas foi bloqueado e eu vi o contorno dos ombros e da cabeça de um homem destacados contra a luz. Adivinhei que a pessoa que andara percorrendo o quarto agora estava apoiando os cotovelos no peitoril da janela, observando o rio. Eu tinha a certeza de que se tratava de um homem, porque nenhuma mulher atravessa um quarto daquela maneira, e fiquei imaginando se poderia ser o meu violento amigo ruivo que eu quase havia atropelado. A localização era mais ou menos a de sua casa, e andar daquele modo inquieto era o tipo de coisa que ele faria.

Meus pensamentos se voltaram para o homem da maneira pela qual o havia visto. Sua imagem estava nitidamente impressa na minha memória, como costuma acontecer nessas circunstâncias. Realmente, eu estivera perto, muito perto de provocar uma tragédia, e apenas o fato de ele ser tão ágil como um gato, a despeito de sua estrutura física avantajada, é que tinha impedido a ocorrência de um acidente muito grave. Eu não estava surpresa por ele ter perdido as estribeiras comigo, pois devo tê-lo aterrizado completamente.

Ele era um homem de meia-idade, com o rosto pálido de pessoa que trabalha dentro de casa. O cabelo ruivo na cabeça de buldogue estava ficando levemente grisalho e rareando nas têmporas. O rosto era muito marcado: as duas linhas verticais entre as sobrancelhas indicavam tensão nervosa, e as linhas profunda-

mente marcadas no ângulo das narinas até o canto do maxilar indicavam irritabilidade, ainda que seus olhos fundos e bem separados sob as pesadas sobrancelhas fossem cândidos e brilhantes como os de uma criança, e ele não parecesse um homem rabugento. A impressão que ele me deixou era muito mais a de um homem amargurado e extenuado do que a de um homem mal-humorado, embora eu não tivesse dúvidas de que conviver com ele, nessas circunstâncias, não seria agradável. Suas roupas eram de boa qualidade, mas antigas e usadas com negligência. Não obstante carregasse uma maleta profissional de couro, seu jaquetão azul de botões duplos não revelava sua profissão, nem tampouco o seu chapéu sem abas. Ainda assim, quando ele tirou o chapéu, mostrou uma testa tão alta como a dos líderes de muitos povos. A mão que se agarrou à porta do meu carro para recuperar o equilíbrio era das mais belas e extremamente bem cuidadas que já vi. Apesar de quadrada e larga, era dotada ainda da sensível flexibilidade que se vê nas mãos dos grandes pianistas — que, ao contrário do que diz a crença popular, nunca são finas e de dedos longos. Aquela face zangada de buldogue, com sua testa maravilhosa, era vagamente conhecida por mim, e eu não me surpreenderia se já a houvesse visto ou voltasse a ver nas revistas ilustradas. Um homem com mãos e cabeça como aquelas certamente não seria uma nulidade e poderia muito bem ser alguém importante, apesar das roupas descuidadas e da sua residência fora de moda.

Continuei sentada na morna escuridão, observando-o a percorrer o quarto, perfeitamente certa de que o inquieto homem que andava e aquele que eu quase atropelara deviam ser a mesma pessoa. Fiquei imaginando que experiência de vida seria a que cavara aqueles sulcos em seu rosto e o transformara num tigre sem descanso. Para uma mulher com a minha experiência com o sexo oposto isso não era difícil de adivinhar: aquele homem tinha um problema sexual, e um problema muito grave. As roupas descuidadas; os dois quartos no andar superior de uma evidente casa de aluguel, onde ele era provavelmente um hóspede permanente; a linha dura da boca bem fechada, tudo contava a mesma história. Subitamente, eu o vi como um homem que vive separado da mulher, sem ter culpa disso, e que não transigia com a sua consciência. Que a pobreza não era o seu problema, isso era óbvio, devido

à qualidade de suas roupas. Além do mais, ele tinha um certo ar de segurança pessoal que não combinava com o fracasso. Que a situação não fora criada por ele, eu deduzi da sua boca rígida e de seus olhos francos – eis ali um homem com um terrível senso de dever. Talvez ele houvesse se excedido no cumprimento do dever – as mulheres são estranhas e nem sempre estimam um homem pelas suas virtudes. Ainda assim, julguei que alguém com mãos como aquelas não seria impermeável ao sentimento – ao contrário, seria altamente sensível. Juntando isso, então, à vitalidade – traduzida por seus movimentos rápidos e alertas – e à força de liderança – obviamente encarcerada naquele físico turbulento e atarracado – ter-se-ia a explicação para o rosto zangado, cheio de rugas, e para o olhar infeliz.

Isso me trouxe de volta ao meu problema, que não era pessoal – eu não tenho dilemas pessoais –, mas ao problema relacionado com o meu trabalho: através de minha experiência de vida, eu precisava encontrar uma solução para embaraços como os que eram representados por aquele homem. Ele era correto, eu tinha certeza; no entanto, pelas circunstâncias de sua vida, estava impedido de qualquer extravasamento humano natural e decente, e frustrado por ser correto. O que se diria a um homem como esse? Dizer para que seja desonesto? Isso provavelmente não resolveria o seu problema, se ele o tentasse. E depois, sua formação era tão boa que ele não ousaria fazê-lo. Tratava-se de um problema trágico, para o qual a solução oferecida por uma religião que pregasse o evangelho do amor não traria sugestões úteis, a menos que se considerasse conselhos de aperfeiçoamento como sugestões úteis.

Que soluções mais apropriadas eu, que sou pagã, teria a oferecer? Pois aquele homem precisava viver num país cristão e enfrentar as conseqüências da cólera dos humildes se fosse apanhado em alguma transgressão. O dr. Gladstone – creio que foi em 84 – disse que não existe nada mais horrível do que ser perseguido por um rebanho enlouquecido. E ele devia saber do que estava falando, pois era o grande apóstolo da justiça evangélica para a classe média.

Nossos modernos Ulisses têm de encontrar seu caminho entre a cruz e a caldeirinha da castidade e da promiscuidade. Uma notável autoridade sobre o assunto fez uma conferência sobre os

limites da promiscuidade. Pessoalmente, acho que não há limites quando se começa esse jogo. De igual forma, aparentemente, também não há limites para a castidade. Sempre fui da opinião de que o verdadeiro segredo da vida consiste em saber quando parar, quer você se incline para a direita, quer se incline para a esquerda.

Supondo, contudo, que fosse para eu me adiantar como sacerdotisa da Natureza e mostrar que era possível desfrutar excessivamente algo bom, quem me daria ouvidos? Isso simplesmente não invalidaria os meus fins? Como Aqueles que me enviaram foram sábios, quando disseram: “Não pregue a Lei; dê exemplos!”.

Uma brisa fria começara a soprar com a chegada da noite e não parecia vantajoso permanecer sentada por mais tempo no poste de amarração. Eu teria de enfrentar minha nova moradia a qualquer hora e quanto mais cedo o fizesse, mais depressa isso passaria. Parecia também haver pouca finalidade em observar o homem do outro lado do rio por mais tempo. Ele continuava com seu andar de tigre e, aparentemente, estava decidido a continuar assim durante a noite toda. Tive sorte por ser uma noite de luar claro, pois o embarcadouro não possuía iluminação e o madeiramento estragado não era lugar para eu pisar com minhas sapatilhas.

Percorri lentamente toda a extensão da pequena rua. Embora a noite estivesse quente, todas as janelas estavam com as cortinas decorosamente cerradas. Atrás de uma delas, alguém esforçadamente praticava um hino num harmônio. Eu gostaria de conhecer o tipo de vida que se levava lá no meio das aspidistras. Desejava saber se elas resguardavam os seres humanos agastados com as restrições impostas pelas circunstâncias e ansiosos por uma vida que lhes era negada. Há sempre a diferença de uma geração entre a classe culta de um povo e sua média, e outra geração entre os grandes centros populacionais e as províncias; e ainda uma outra geração entre as províncias e as regiões mais distantes; assim, num mesmo século, há sempre semelhanças entre as condições sociais do povo que vive no campo. Portanto, bem poderia ser que o curso geral da vida do povo por trás das cortinas fechadas fosse presunçosamente satisfatório, e as pessoas agradecessem a Deus por não serem como os demais homens, cujas ações eram

descritas nos jornais de domingo. Era possível, todavia, pela lei das probabilidades, que das vinte casas ímpares, mesmo numa rua pequena como aquela, pelo menos uma escondesse um pequeno inferno particular por trás de suas cortinas.

Quando me virei para fechar a pesada porta atrás de mim, olhei diretamente para o outro lado do rio, acompanhando o comprimento da rua e me pareceu que, mesmo através da neblina cada vez mais densa, eu ainda podia ver a luz daquela janela sendo atravessada seguidas vezes por uma sombra inquieta. Então, fechei os pesados ferrolhos, voltei-me e entrei no grande salão.

Fiquei parada com uma folha da porta em cada mão e observei o interior do aposento. Através da alta janela oriental sem cortinas brilhava a lua cheia. O vidro colorido da janela superior luzia difusamente com um fulgor cintilante semelhante à luz de uma opala negra. Através do vidro transparente da série de janelas que agora enchiam os arcos mais baixos, entrava a claridade do luar e jogava as sombras agudas de seus caixilhos de chumbo sobre as almofadas empilhadas nos amplos assentos em seus vãos. Um descorado tapete persa estava estendido no lustroso chão negro e em seu centro ficava uma mesa mourisca com incrustações. Sobre esta havia uma grande jarra, onde flutuavam lírios d'água. O luar batia em cheio sobre ela, e um raio de luz brilhante refletia a curva do vidro. Os lírios boiavam descorados na superfície da água prateada, porém debaixo deles havia estranhos lampejos de fogo dourado. Concentrei-me no jarro que brilhava suavemente através do amplo salão e, como os degraus do altar eram altos, o jarro ficava no nível dos meus olhos. Enquanto eu observava, pareceu-me que a neblina subia da superfície da água, flutuando como fumaça no ar parado, e que dentro dela havia uma luz. Em seguida, eu soube que tudo estava bem, pois o poder havia descido. Ísis estava morando no templo que eu preparara para Ela e, na linguagem dos iniciados, eu havia estabelecido os meus contactos.

CAPÍTULO VI

Essa questão de contactos é algo muito estranho. Conteí-lhes como a minha casa estava tão vazia quanto o espaço exterior e a minha alma tão desolada como se se tivesse extraviado entre as estrelas. Saí e, quase sem pensar, dirigi-me para a água. Ao retornar, irrefletidamente voltei meus olhos para a água, e pronto! Estabeleci meus contactos e o poder estava se infiltrando, pois esses fenômenos sempre ocorrem por intermédio de canais vivos e nunca por si mesmos. Foi a mudança em mim que fez Ísis surgir, e não qualquer mudança em Ísis. Então, Ísis me alcançou através da água.

Abri as cortinas para deixar a luz da lua entrar e fui até a lazeira atizar o fogo lento transformando-o em chama, porque estava com frio devido à névoa que subia do rio. Depois, não resta dúvida de que eu precisava suprir a base de todas as manifestações que vinham até mim, para não me sentir esgotada. Sentia-me cansada, com frio e muito contente pelo fato de haver café no bule de cobre que estava junto ao fogão. Tomei o café e, acendendo um cigarro, recostei-me entre as almofadas de uma cadeira funda, descansando e observando as chamas.

Ora, a lua e a água são de natureza feminina, mas o fogo é de natureza masculina. Ao fitá-lo, eu pensava no homem do outro lado do rio. Então, me concentrei. Assim não é possível, pensei comigo mesma. Se eu continuar desse jeito conquistarei telepaticamente esse homem. E, tirando-o da mente com um gesto de enxotar, voltei meus pensamentos para o meu trabalho e me dediquei à meditação.

Eu havia conseguido o meu local de trabalho e conseguira também que fosse contactado. Agora, meu problema era encontrar as pessoas que trabalhariam comigo. Eu, que até então sempre

tivera de contar comigo mesma, precisaria agora confiar em outras pessoas, e isso me exasperava. Estava acostumada a saber que bastava propiciar as condições certas dentro de mim para que tudo o mais se seguisse. Assim, uma desalentadora sensação de insegurança assolava-me, ao compreender que dependia do discernimento, da dedicação e da coragem alheias, ou então da falta dessas qualidades nas outras pessoas. E, no ocultismo atuante, os nervos são tudo. O fator do livre-arbítrio chegou com a entrada de outros atores no drama, e o fato de eu ter aprontado minha alma não era suficiente.

O que eu mais receava no trabalho ocultista é que os que trabalhassem comigo perdessem a resistência. Com a traição é fácil lidar. A falta de experiência não importa quando existe dedicação. A perda de resistência, entretanto, é algo que não se pode enfrentar e nem sempre é fácil de se prever. Os que prometem mais, executam menos quando chega a hora – habituamo-nos a isso. Os “intelectuais inseguros, que negam fogo sob tensão”, são a matéria-prima dos “círculos avançados” – acostumamo-nos com eles. Mas o que fazer com uma pessoa que parece livre de inibições e que, de repente, torna a voltar-se para a fé de sua meninice? Lá vai ela de volta para os joelhos da mãe e a idade da razão se perde para essa encarnação. Santo Inácio de Loyola disse: “Dê-me uma criança até os sete anos; depois disso, quem quiser que fique com ela”. Esse santo severo parecia orgulhoso do fato, mas na minha opinião não há do que se vangloriar, não mais do que se houvesse arrancado as asas de uma mosca. Pois se uma pessoa de meia-idade apanha uma criança e impõe-lhe suas opiniões, quais as chances de essa criança se adaptar às mudanças de condições de vida à medida que os anos passam? Ela começa a vida uma geração atrasada no tempo e, quando alcançar a maturidade, estará atrasada duas gerações. Essa honestidade é um negócio horrível, e se não estivermos muito acostumados com ela, logo veremos o tipo de Moleque que obtivemos. Eu gravaria as palavras de Cromwell, homem profundamente religioso, na porta de cada igreja e capela do país: “Rogo-lhe, pelas entranhas de Cristo, imaginar que é possível que possa ter-se enganado”; mas não acredito, porém, que exista igreja ou capela em todo o país que me permita fazer isso.

Provavelmente, do outro lado do rio, o homem que percorria o quarto com passos nervosos estava às voltas com as inibições que lhe haviam sido inculcadas antes de completar sete anos. Pois, além de tudo, se a mulher dele não vivia com ele, por que não viveria ele com outra mulher, iniciando um novo relacionamento que deixasse todo mundo feliz e à vontade? Tudo seria tão simples, se não fosse complicado pelo valor de posse que atribuímos ao sexo e pelo valor mágico que atribuímos à virgindade – ambos tabus irracionais julgados apenas pelo padrão sentimental. As pessoas os transgridem e, enquanto não são descobertas, nada acontece, assim como também nada acontece ao selvagem que, levado pela fome, come um peixe no qual está a alma do seu ancestral. Ainda assim, os da sua tribo, se souberem disso, o enviarão à floresta para que morra; ou será perseguido por sua consciência até o dia do seu julgamento. Podemos ver o argueiro no olho do nosso irmão polinésio, mas a trave no nosso é a coluna do templo.

Nada havia para eu fazer, a não ser observar e esperar. Eu não podia ir procurar as pessoas que queria; tinha de aguardar que elas me encontrassem. Eu sabia que o fariam porque eu estava fazendo o chamado de Ísis, vibrando-o nos Planos Interiores do modo como um telegrafista emite o seu código. Os que estivessem no meu comprimento de onda logo o sintonizariam, e em seguida uma curiosa combinação de circunstâncias incumbir-se-ia do resto. Eles viriam dos confins da terra como pombos-correio, atendendo subconscientemente ao chamado, sem saber o que os impelia. Então, eu estaria diante do problema de me explicar para suas mentes conscientes, já que, com frequência, o consciente está em grande desacordo com o subconsciente. Isso não seria fácil, pois o que eu me propunha a realizar era tão diferente dos conceitos usuais, a ponto de parecer incompreensível, ou até mesmo insano à primeira vista. E as pessoas temem o que não compreendem. As pessoas tinham medo de mim e eu estivera a um passo de ser odiada. Preciso, portanto, dar algumas explicações que tornem o que segue inteligível.

Não fiz segredo do fato de eu ser uma pagã e de adorar Ísis, que é um outro nome da Natureza. Ao afirmá-lo, não nego o Deus Único, a fonte de tudo o que existe, pois a Natureza é a manifes-

tação de Deus. Penso, contudo, que existe um tempo para as coisas espirituais e um tempo para as naturais, e que cometemos um erro quando exageramos o espiritual. As pessoas fazem isso na prática, embora tenham medo de o admitir; porém, eu não receio dizê-lo.

Confio na Natureza, considero-a sagrada e apresento-me sob o glifo da Grande Ísis, cujo símbolo é a lua. Acredito que servi no culto da Grande Ísis através das eras e que minha tarefa atual é defender a Natureza daqueles que blasfemam contra ela e que se prejudicam com isso.

No entanto, a mente do rebanho é ignorante, impiedosa e poderosa, e nós, que retornamos à Grande Natureza, à Mãe de Tudo, somos levados para as catacumbas pelo nosso culto. Parece-me também que, no tempo do qual eu falo, minha tarefa especial era mostrar o caminho secreto para as catacumbas – o caminho do olhar voltado para o íntimo, o caminho psíquico através dos planos interiores, onde a adoração pode ser conduzida em segurança e os adoradores escapam à indignação da turba. A isso nós chamamos de Porta sem Chave, que também é a Porta dos Sonhos. Freud a encontrou e a usou para se adiantar durante o dia. Nós, porém, que somos iniciados, a usamos para nos adiantarmos à noite. Lastimo que tenha de falar por enigmas no que se refere a essas coisas, mas não há outra maneira de se referir a elas. De qualquer forma, este livro está cheio de enigmas, de maneira que um a mais ou a menos não fará muita diferença.

Mas, voltando aos assuntos práticos, eu desejava praticar magia e, para tanto, necessitava de ajuda, pois a organização mágica é uma estrutura em forma de pirâmide – no ápice, a divindade dos planos interiores; e, na terra material, dois para converter o poder – Shakta e Shakti, como os hindus os chamam. E Shakti, convém recordarmos, equivale a Ísis. No Oriente, eles sabem disso, porém no Ocidente o conhecimento se perdeu com o fim dos Mistérios. Mas eu tenho essas noções, porque me lembro dos Mistérios.

Eu, que represento a Deusa, tinha de encontrar quem seria o Seu sacerdote. Então o trabalho poderia começar, e tudo o mais se seguiria. Esse era o primeiro passo, e o mais difícil, pois eu

nada podia fazer a não ser aprontar o lugar e esperar. Ísis é que escolheria o Seu sacerdote.

* * *

Assim se passaram os dias. O verão se transformou no outono, e o outono cedeu lugar a um inverno tardio, pois o clima estava maravilhosamente ameno para a época do ano. Aprendera a amar meu novo lar, mas como sua decoração estivesse terminada, eu não tinha mais ensejo de esquadrihar os atalhos, à procura de enfeites adoráveis, e o tempo custava a passar. Ainda não fora capaz de me concentrar no preparo do meu templo secreto, onde a parte realmente importante do meu trabalho seria realizada. A inspiração não vinha; então, ciente de que era inútil forçar essas coisas, deixei-as de lado e esperei. Os tronos, o altar cúbico, o divã para o transe e o grande espelho para o trabalho eu já possuía. Eu estava de posse de alguns dos instrumentos mágicos também, mas nada estava consagrado.

Eu realizava uma boa porção de estudos, contudo o trabalho solitário era enfadonho e estava me deixando despolarizada. Nenhum mágico pode trabalhar por muito tempo sozinho. Meu divertimento principal era observar o rio, pois na maré enchente ele era um magnífico ser elemental. Eu sentia falta dos espaços abertos e da solidão a que estava acostumada e que me era tão necessária, e não apreciava nem que as pessoas sempre estivessem à minha volta e nem o fato de não poder me livrar delas. Comecei a dar meus passeios à noite, quando havia neblina, ou no mau tempo, pois nessas ocasiões eu tinha o Aterro praticamente só para mim. Eu atravessava Lambeth Bridge, caminhava até Blackfrairs e voltava. Os policiais costumavam sacudir as cabeças quando me viam, assim que eu aparecia no meu impermeável preto, e me advertiam sobre o meu horrível destino se persistisse em perambular naquelas horas impróprias e naquelas circunstâncias sinistras – mas esses assuntos não me deixam nervosa. Não possuo valores, no sentido apreciado pelos ladrões, e ando mais depressa que a maioria das pessoas. Portanto, não

represento uma tentação nem para o ladrão de bolsas e muito pouca atração para o sátiro vagabundo, que invariavelmente são pessoas de pouco fôlego. Devassos furtivos, na minha opinião, são popularmente considerados uma fonte de perigo para as mulheres sensíveis. Nenhum homem arrisca uma recusa se estiver sóbrio e, se não estiver, não poderá ir muito longe, nem depressa ou em linha reta.

Antes que chegassem as noites claras de verão, entretanto, tive uma experiência que poderia me obrigar a rever minhas posições sobre o assunto, pois comecei a tomar consciência, de maneira intuitiva e subconsciente, de que estava sendo seguida de vez em quando. Como todo médium sabe, há um lugar sensível na nuca que, quando é olhado fixamente, a pessoa sente. E eu tive a sensação de vago desconforto em várias ocasiões, mas não prestei muita atenção. Partindo do princípio de que um gato pode olhar para um rei e de que, enquanto o indivíduo a que nos referimos não se tornasse incômodo, tinha todo o direito à cidade de Londres como eu mesma, fiz mais do que olhar para trás por sobre os ombros: obriguei meu perseguidor a correr atrás de mim se quisesse roubar dinheiro; e se chegou em casa tão esbaforido quanto eu, devo ter-lhe feito um grande bem.

Apesar disso, a repetição do incidente me impressionou mais do que eu estava disposta a admitir. Além do mais, a inatividade prolongada e a solidão estavam me afetando. Eu não podia entender por que meu trabalho devia ser adiado assim, quando tudo estava pronto no plano físico. Minha autoconfiança começava a se abalar e, na magia, a confiança em si mesmo é tudo. Eu me surpreendi imaginando se estava auto-sugestionada e, embora afastasse esse pensamento assim que surgia, o seu aparecimento não era um bom sinal. Eu percebi que estava ficando super-sensibilizada pelas condições irregulares da minha vida. E o indivíduo que me aborrecera, ao me seguir no Aterro, havia sido tecido na fábrica dos meus sonhos. Eu também estava sonhando mais frequentemente do que gostaria. Embora meus sonhos fossem inócuos, em belas paisagens, não me agradava notar que a sensação de estar sendo perseguida persistia neles, ainda que não temesse aquela companhia pouco atraente, quer em carne e osso, quer na imaginação. Contudo, sentia que algo deveria ser feito quanto ao

caso. Não é aconselhável perder dessa maneira o domínio sobre a mente, sobretudo no trabalho que eu estava realizando. Por esse motivo, determinei que começaria a tarefa que vinha adiando e deixaria o meu templo pronto para a ação.

Como já disse, eu precisava de um lugar para o trabalho de magia, que deveria ser mantido unicamente para essa finalidade, e onde ninguém que não estivesse relacionado com essa tarefa deveria pôr os pés. Embaixo da construção, havia um porão de bom tamanho, onde havia sido instalada a aparelhagem de aquecimento, e que era muito mais amplo do que o necessário para esse propósito. Então, decidi dividi-lo e usar parte dele para o meu templo mágico.

Chamei o construtor para que fizesse uma avaliação do local. O sr. Meatyard, que estava alimentando a caldeira, apoiou-se na pá a fim de colocar-se a par do que andava acontecendo, pois ele se considerava seguramente como parte da família. E de fato o era, pois o homenzinho sabia intuitivamente muito mais do que poderíamos creditar-lhe. Depois que o construtor pôs de lado seu caderno de anotações e partiu, meu cavalheiro biscateiro aproximou-se de mim de maneira misteriosa, como se estivesse me convidando a participar de um crime, e sussurrou secamente:

– Alguma vez já lhe ocorreu, madame, que há um enorme desperdício de espaço neste lugar?

– Não – disse eu – isso não me ocorreu.

– Ele é quadrado pelo lado de fora, não é? Bem, ele não é quadrado pelo lado de dentro. – Em seguida, lembrei-me de que o vestíbulo era consideravelmente mais alto que o porão; na verdade, da mesma altura, para ser exata. Conseqüentemente, deveria haver sobre o porão um aposento do mesmo tamanho aproximadamente. Isso seria, de fato, um presente dos deuses se pudéssemos achar-lhe a entrada. Entretanto, eu não tinha idéia de cavar em volta da construção ao acaso, como os exploradores da grande pirâmide, pois minha moradia não fora construída para os faraós e eu duvidava que suportasse esse tratamento. Todavia, o sr. Meatyard tinha suas opiniões sobre isso também, e me dirigiu até o armário no canto do meu dormitório, que outrora fora o vestiário das mulheres, e descobrimos, como há muito tempo ele suspeitava, que o armário tinha um fundo falso.

O sr. Meatyard foi buscar a machadinha com a qual rachava a lenha e despedaçou as tábuas frágeis, reduzindo-as a lascas e revelando uma escada empoeirada que subia não sei para onde. Subimos por essa escada e entramos, como eu havia suspeitado, num aposento em cima do porão. O lugar era perfeitamente habitável, com uma lareira e janela cobertas de teias de aranha, parcialmente mobiliado, embora, sem dúvida, de forma adequada, com uma velha cama de casal e uma porção de garrafas.

– Sempre calculei – disse o sr. Meatyard – que ninguém é tão bom como parece.

Mas isso não era tudo. No canto havia outro armário. O sr. Meatyard bateu no seu fundo e fez a mesma sugestão anterior:

– Vamos derrubar este também?

O armário foi aberto e surgiu outra escada que também subia não sei para onde.

– Não confie em ninguém – comentou o meu servidor.

Ele subiu na frente, e nos encontramos no que era obviamente um espaço existente debaixo da clarabóia. Considerando, porém, que não deveria conter mais do que a instalação do telhado, ele tinha paredes de dez pés de altura antes do início do ponto mais alto. Não havia janelas, e o chão, as paredes, as vigas e tudo mais estava pintado de preto.

– Bem, não sei o que o profeta pretendia fazer aqui – disse o sr. Meatyard, olhando perplexo para aquele lugar. Eu, entretanto, sabia: ele estava fazendo o mesmo que eu!

Sáímos desse cômodo, que não era de muito bom agouro, e me senti feliz por voltar à luz natural do dia. Havia alguma coisa sobre as excentricidades do profeta que deixavam certo mau odor. A diferença entre o paganismo dele e o meu era a diferença que existe entre Priapo e Pan.

Dei ordens para que o sr. Meatyard limpasse o local e queimasse a cama. Em seguida, realizei um exorcismo, mas um exorcismo completo. O quarto em cima do porão abrigaria o equipamento mágico, que é volumoso, e também serviria como quarto de vestir. O apartamento octogonal debaixo da clarabóia seria o templo. Eu já possuía vários acessórios, que haviam sido trazidos do meu apartamento e guardados na galeria. O sr. Meatyard e eu levamos-os para cima pelas escadas estreitas, pois eu não queria a intrusão de nenhum estranho nesse assunto.

– Cruzes, madame, como a senhora é forte! – murmurou ele, limpando a testa suada depois de me ajudar a erguer o grande espelho e a colocá-lo em posição.

Dessa maneira, pusemos tudo no lugar. As paredes negras de nada precisavam a não ser de verniz para dar-lhes brilho. Sobre o assoalho negro, estendi um pesado tapete da mesma cor a fim de abafar o som no quarto abaixo. Da saliência central, pendia um lustre de bronze de uma mesquita, portanto, a Luz Perpétua; e, sob ele, o altar cúbico que representa o Universo. No ângulo oposto à porta, coloquei o grande espelho para o Ritual do Espelho. Entre ele e o altar, ficava o meu longo e estreito divã, negro como um túmulo – para o trabalho de transe e a meditação – ladeado pelos Pilares de Equilíbrio: o negro e o prateado. Em volta dos sete lados estavam os símbolos dos sete planetas. O oitavo lado, onde ficava a porta, representava o Elemento da Terra e não tinha símbolo, pois deixamos a terra para trás quando entramos no templo cósmico. Isso era tudo, exceto pelos dois troncos de estrados baixos que se confrontavam, um de cada lado no sentido da largura do aposento, com o altar no meio deles, e que eram usados para trabalhar a polaridade. Sobre o altar, estavam as Armas Elementais que governam a Terra, o Ar, o Fogo e a Água. Na frente do espelho, pendia o símbolo da Deusa – um crescente lunar com os cornos voltados para cima. Tudo era muito simples – nada de nomes ou números mágicos; e, a não ser pelos símbolos planetários, nenhuma cor, exceto o negro e o prateado. Certamente, essas eram as cores essenciais para o ritual mágico, sem todas as armadilhas usadas para impressionar a imaginação dos que não sabem em que consiste, verdadeiramente, o trabalho de magia. Em seguida, chamei uma amiga para ajudar na consagração.

Ela veio e se declarou bastante intrigada e francamente com inveja, lamentando abertamente que as exigências da vida familiar a impedissem de descobrir igrejas abandonadas, choferes de táxi desprezados pela mulher, além de impedi-la de dedicar a vida aos propósitos do ocultismo.

Sempre acho muito engraçada a maneira pela qual os estranhos esperam que os adeptos misteriosos das Ordens Secretas vivam as suas vidas. Eles parecem pensar que o arco está sempre

retessado. Se estiver – podem acreditar no que digo – trata-se de um disfarce, uma qualidade teatral, como a flechada de Cupido numa pantomima. Um bom arco tem uma tração de quarenta libras, mesmo na arte de atirar com o arco, e a tensão da totalidade do ser que lança a seta mágica é muito maior do que o equivalente psíquico de quarenta libras. Alguém seria capaz de posar com esse arco retessado durante todos os dias e noites de sua vida? Isso seria impossível. Alguma coisa se romperia. Desse modo, aceitei o ato de cozinhar como uma arte primorosa e costurei minhas próprias roupas. Ser artesão sempre foi uma tradição entre os iniciados, uma tradição que figura até mesmo entre os Segredos Perdidos da Moderna Maçonaria.

Usar as abreviações fáceis dos termos técnicos representa uma grande tentação mas, se eu dissesse que minha amiga e eu começamos a elaborar a construção do templo astral, isso não esclareceria muita coisa. Portanto, permitam-me explicar o que fizemos e por que o fizemos. Não sou responsável pelo que os outros ocultistas fazem, especialmente na ficção. Também nem sempre sei por que o fazem e, às vezes, chego a duvidar que o façam. Respondo apenas por mim mesma e pelos adeptos da minha tradição.

Antes de mais nada, o local do trabalho mágico é um local à parte e oculto; ninguém precisa saber onde é, já que é vulnerável ao pensamento. Em segundo lugar, ele tem de ser equipado com os símbolos usados no trabalho e nada mais, pois se trata de um lugar em que a mente tem de se concentrar. Em terceiro lugar, ele deve ter o templo astral construído sobre ele, e essa é a parte mais importante. E é assim que fazemos: nós nos sentamos e imaginamos – nada mais – *porém*, trata-se da imaginação de uma mente treinada!

Assim, nos sentamos, minha amiga e eu, nesse quarto octogonal negro, lá em cima, na estrutura do telhado, e imaginamos o templo de Ísis tal como o conhecêramos perto do Vale dos Reis, nos grandes dias de seu culto. Nós o imaginamos em seu contorno geral. Em seguida, pintamo-lo com todos os seus detalhes, descrevendo o que víamos, até que cada uma de nós conseguisse visualizá-lo cada vez mais nitidamente. Representamos a entrada através da avenida de esfinges com cabeças de carneiro; o grande portão

de torres nas muralhas de Temenos; o pátio interno com seu tanque de lótus, as colunatas obscurecidas e o grande vestíbulo com seus pilares. Imaginamos tudo isso, exatamente como era em cada templo da Deusa desde tempos imemoriais. E, ao fazê-lo, alterando a observação com a descrição, as cenas imaginárias começavam a assumir feição de realidade objetiva e nos vimos neles – não mais olhando para eles com os olhos da mente, mas caminhando dentro deles. Depois disso, não havia mais esforço de concentração, pois a visão astral assumia a direção. Caminhamos pela avenida de esfinges, passamos sob a entrada monumental e através do pátio interno com o tanque de lótus, e entramos pelas portas de bronze para o grande vestíbulo.

Sobre nossas cabeças, pendia a lâmpada da Luz Perpétua, que existe em todo templo dos Mistérios. Sob nossos pés, o círculo do Zodíaco inscrito no mármore. Nas extremidades do longo vestíbulo, os assentos elevados dos sacerdotes brilhavam fantasmagoricamente. Do lado oposto de onde estávamos, as pregas pesadas de uma cortina ocultavam o *Sancta sanctorum*, escondido no recesso de um arco; ali havia uma passagem em declive que unia o subterrâneo deste templo a um outro – um templo nas montanhas distantes, cavado como uma tumba na rocha viva. Por essa passagem, a água corria através de um encanamento para o tanque de lótus, pois havia uma fonte nesse templo subterrâneo. Era o templo de uma crença mais antiga que a nossa, de uma fé pré-dinástica. Penso que devia ter pertencido ao povo hamítico de raça negra que precedeu a raça egípcia, pois sua Deusa era de basalto negro e as Suas feições eram negróides. Diante de Seus grandes joelhos, existia uma mesa de altar, onde havia um canal para recolher o sangue, o que revelava que fora usada para sacrifícios – e como ela era do tamanho de um homem, sabíamos para que tipo de sacrifício servira. Esse templo caíra em desuso na minha época e, embora houvesse uma tradição sobre a sua existência, sua entrada estava perdida sob a areia e não restara nenhum caminho, exceto a passagem subterrânea só conhecida pelos sacerdotes mais antigos. Estes também sabiam que lá atrás, nesses princípios tenebrosos e cruéis, estavam as raízes de onde o nosso culto extraiu sua existência. Nesse templo é que foram ordenados os sacerdotes mais hierarquicamente elevados, mas poucos deles conheciam esse fato.

O grande piso do vestibulo permaneceu vazio; contudo nós, os do templo, sabíamos que não estava vazio, pois ali a forma astral da Ísis mumificada jazia como se estivesse num sarcófago. Tomamos nossos lugares nos tronos, minha amiga e eu: ela na extremidade da esquerda, eu no estrado da direita, como convinha ao meu *status*. Sentadas ali, na escuridão, vimos – numa visão dentro de uma visão – a forma mumificada da Grande Ísis tornar-se visível.

Em seguida, terminada essa parte do trabalho, eu disse para minha amiga: – Vamos ao Templo Negro?

Ela aquiesceu, e desci do estrado juntando-me a ela diante da entrada baixa para a passagem subterrânea. Mas antes mesmo de estender minha mão para erguer a cortina, compreendemos, simultaneamente, que não estávamos sós.

– Vê alguma coisa? – perguntei à minha amiga.

– Sim – respondeu ela. – Um dos sacerdotes está aqui.

– Pode ver quem é? – indaguei, pois sua mediunidade era mais forte que a minha.

– Penso que é o sacerdote dos holocaustos – disse ela.

Ora, o sacerdote dos holocaustos estaria apto a ir conosco ao Templo Negro, pois era lá que realizava o seu trabalho. Mas como era uma figura sinistra e sombria, não desejávamos especialmente que viesse. Esses sacerdotes de holocaustos eram escolhidos entre os sacerdotes que haviam cometido algum crime grave e aos quais era dada a oportunidade de expiá-los. Eram evitados pelos outros sacerdotes, embora, em virtude de seu officio, fossem hierarquicamente superiores. Assim, apesar de não desejarmos essa companhia, não podíamos recusá-lo, pois ele tinha o mesmo direito de ir ao Templo Negro que nós, altas sacerdotisas. No entanto, assim que começamos a descer as escadas, soubemos que havia algo de errado.

– Não se trata do sacerdote dos holocaustos – alertou minha amiga. – Trata-se de uma projeção astral. Você não lacrou adequadamente este lugar.

Ora, eu tenho orgulho dos meus selos. O que eu exorcizo, está exorcizado e permanece assim. Quase me aborreci com isso, pois podia jurar que havia colocado adequadamente os sigilos. Particularmente, julguei que minha amiga fosse a culpada por essa

divagação mental e tinha pensado em alguém, evocando-o dessa maneira. E ela, evidentemente, imaginou o mesmo a meu respeito, pois disse:

– Você teve algum hiato na sua concentração?

– Não – rebati secamente, já que isso era uma imprudência dela, pois eu era a sua superior hierárquica.

– Bem, ele tem a ver com você, não comigo – afirmou. – Você deu autorização para que alguém entrasse no templo?

– Absolutamente – respondi.

– Não seria alguém com quem pensa trabalhar? Pois se andou pensando em convidá-lo, mesmo que não o tenha feito efetivamente, se ele for um bom médium, poderia ter sentido isso e ter entrado aqui. Na verdade – continuou ela – tive a impressão de que ele já estava aqui quando entramos no Vestibulo das Esfinxes. Pensei ter visto alguém ajoelhado em adoração diante do *Sancta sanctorum*.

– Isso é improvável – retruquei – pois, embora o populacho se ajoelhe dessa maneira, um sacerdote não o faria, e ninguém, a não ser um sacerdote, poderia fazer a projeção astral. Minha amiga admitiu essa improbabilidade e deixamos o mistério sem solução, voltando para comer a ceia que o sr. Meatyard havia preparado para nós, no grande salão.

Nessa noite sonhei – e sonhei com nitidez extraordinária – que eu estava caminhando pelas ondulantes montanhas cinzentas, com o mar lá embaixo, nos rochedos, à minha direita. Primeiro, eu estava sozinha, deleitando-me com o meu sonho, quando subitamente me ocorreu que eu poderia sonhar com meu perseguidor desconhecido. E no mesmo momento em que a idéia me passou pela mente – um sonho dentro do sonho – pensei ouvir passos atrás de mim e pela primeira vez senti medo. Apertei o passo, e logo me vi voando, num esforço para fugir, semelhante a um pesadelo, mas eu ouvia o meu perseguidor aproximando-se cada vez mais. Perdi completamente a cabeça mas, embora apavorada, eu sabia que meu perseguidor não era mau. Contudo, mesmo assim, eu continuava a fugir e não permitia que ele me ultrapassasse. Por um momento, pareceu-me que o sonho se transformava numa visão e que eu estava a ponto de aprender algo importante. Então, num supremo esforço, o meu perseguidor emparelhou comigo: senti a sua mão segurando uma dobra do meu casaco.

Acordei banhada em suor, ouvindo o som do meu próprio grito.

Para me livrar da horrível atmosfera que ficou depois desse íncubo, levantei-me e fui para o grande salão onde os restos da ceia ainda estavam sobre a mesa. Bebi o que sobrara do leite e comi um sanduíche, pois não há nada como comida para fechar os centros psíquicos. A sensação do pesadelo passou. Era uma noite quente, e fui me sentar à janela, observando a lua.

Eu estava muito intrigada. Nem tudo andava bem com o meu trabalho, eu sabia disso. Primeiro, a longa demora, o que demonstrou que eu estava desligada dos meus contactos; depois, a repetida invasão de um intruso na minha esfera de sensibilidade. O fato de minha amiga também ter percebido a presença dele revelou que não se tratava de uma fantasia subconsciente. Resolvi que sairia de férias, e logo.

No dia seguinte, porém, quando tentei pôr minha resolução em prática, houve o mais curioso bloqueio e resistência dentro de mim mesma, e abandonei essa idéia. Havia mais implicações naquela situação do que eu imaginara; porém não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser esperar que ela se esclarecesse.

Eu já estava há mais de um ano nesse local de trabalho e, de certa maneira, passei a encarar minha vigília como algo rotineiro. A polícia também aceitou meus hábitos noturnos como uma coisa natural e, durante algum tempo, embora eu ainda sonhasse com o homem, não vi mais meu perseguidor. Então, numa noite de nevoeiro, percebi que ele estava novamente atrás de mim. Apressei-me, mas não pude me livrar dele, uma vez que não havia tráfego para retardá-lo nos cruzamentos. Uma vez, na verdade, eu o senti bem perto de mim quando parei numa ilha, para esperar uma brecha no trânsito. Isso era muito mais do que ele ousara fazer antes. Se eu tivesse visto algum dos policiais amigos, teria parado para falar com ele. Meu perseguidor, entretanto, evidentemente, também achou que tinha ido longe demais, e ficou mais atrás, embora eu tivesse a certeza de que ele continuava ali, pois podia ouvir distintamente as suas passadas no meu encalço. Não era agradável também ser seguida assim, através da ponte para pedestres, no denso nevoeiro, pois ambas as margens do rio estavam invisíveis

como tudo o mais, a não ser a remoinhante água plúmbea do rio, de cada lado da ponte cujas grandes correntes desapareciam em cima, na escuridão. Os passos do meu perseguidor soavam bem atrás de mim, cada vez mais próximos, e não se ouvia outro som em toda a escuridão coberta de neblina.

É muito fácil ter acesso à consciência mais elevada no meio da cerração, pois fica-se isolado do mundo, sozinho com as forças elementais. Pareceu-me que, à medida que avançava, eu realmente descia a longa passagem subterrânea que conduzia ao templo da Ísis Negra seguida pelo sacerdote dos holocaustos. Eu ainda acreditava que ele não me forçaria a deitar no horrendo altar de que se servia; achava, antes, que me desejava fisicamente.

É claro que posso ter pensado nisso porque eu conhecia o tipo de necessidade que leva os homens a seguirem as mulheres pelas ruas, mesmo que não lhes desejem fazer mal. E, acometida por uma estranha excitação, enquanto fugia, pareceu-me saber o que ia pela mente do homem que estava me perseguindo. Eu tinha a certeza de que ele não me importunaria e de que não havia maldade nas fantasias do seu coração. Para ele talvez eu fosse uma criatura de sonho, e mal tivesse percebido que havia uma mulher de carne e osso debaixo daquelas roupas, uma mulher que ficaria amedrontada com aquela perseguição.

Entretanto, cheguei sã e salva a Surrey, do outro lado do rio, e corri a toda velocidade para casa. Meu caminho passava por ruas movimentadas, cheias de gente, e não seria capaz de dizer se o meu perseguidor ainda continuava no meu encalço. Contudo, eu achava que não. Segurando a chave para abrir rapidamente a porta, deslizei para dentro do calor e da escuridão perfumada do meu lar com um suspiro de alívio. Mas, no momento em que o fazia, senti a porta ser empurrada e abrir-se atrás de mim. Evidentemente, meu perseguidor cruzara o limiar e estava lá dentro comigo, os dois sozinhos na escuridão. Nesse momento, fiquei terrivelmente amedrontada, pois sabia que, a menos que mantivesse a cabeça no lugar, estava prestes a ter uma experiência possivelmente desagradável e perigosa. Entretanto, controlei-me; levei meu visitante ao completo pavor ao dirigir o facho de uma lanterna elétrica diretamente para o seu rosto. Imaginem o meu aturdimento, para não dizer o meu desgosto, quando descobri que ele

não era outro senão o homem que eu quase atropelara naquele dia em Grosvernor Road e que desde então assumira um papel tão importante na minha imaginação!

Não obstante, compreendi imediatamente que estivera certa na minha crença de que ele não era perigoso. Eu nunca havia visto um homem tão completamente abalado e envergonhado de si mesmo. Pedi-lhe para sair e ele se foi como um raio.

Acendi as luzes e entrei no grande salão, sentindo-me bastante agitada. Foi a neblina, pensei, que me fez achar esta experiência tão alarmante. Na verdade, eu estava muito mais aborrecida do que devia, pois, além do mais, o homem não era tão terrível assim, visto de perto. Determinada a tirar o gosto ruim que a experiência deixara em minha boca, subi os longos lances de escada estreita para o meu templo embaixo da clarabóia. A lâmpada brilhava difusamente. Renovei o pavio e me deitei no divã para meditar. O templo astral ergueu-se vividamente, sem nenhum esforço da minha parte. Havia mais poder em volta do que eu conhecera antes, e vi nitidamente, como se fosse uma presença física, o sacerdote dos holocaustos deitado com a face voltada para o chão, os braços estendidos diante da cortina que ocultava o *Sancta sanctorum*.

Ele tinha o direito de estar ali, e nenhum exorcismo que eu fizesse o afastaria, mesmo se eu resolvesse fazê-lo. Eu não estava satisfeita com a sua presença, pois, naquela noite especial, eu queria o templo para mim mesma. Tive, porém, de me acomodar à situação. Subi ao trono, sentando-me nele sem saudá-lo, e ele também ignorou minha presença, apesar de estar consciente dela.

Fiz o melhor que pude para concentrar meus pensamentos, já que estava profundamente perturbada – de forma não racional, segundo pensei – e a presença do sacerdote dos holocaustos era uma distração. Eu queria livrar-me dele, mas havia uma sensação forte de que não devia dar nenhum passo para bani-lo, pois ele fazia parte do que estava por acontecer. Isso me agradou ainda menos, pois eu sentia a aversão instintiva dos sacerdotes regulares pelos sacerdotes dos holocaustos, proscritos que pertenciam a uma época que já havia passado. Somente os membros mais evoluídos do clero sabiam qual era o seu verdadeiro e importante papel.

Desse modo, aceitei a presença silenciosa do homem exilado e entre nós, dentro em pouco, começou a se estabelecer uma harmonia, uma sensação de camaradagem: eu já não desgostava tanto da sua presença. Então, repentinamente, ele se ergueu e atravessou o templo caminhando na minha direção e, ajoelhando-se diante dos meus pés, colocou sua cabeça no meu joelho numa atitude de completo abandono e submissão. Parecia-se com um homem que estivesse se despojando de sua auto-estima. Coloquei minha mão no lugar sensível da base do seu pescoço e o abençoei. Ao fazê-lo, vi que seus cabelos eram ruivos e começavam a ficar grisalhos, e que aquele não era outro senão o homem que acabara de sair pela minha porta!

Mas, mal o toquei, ele se pôs novamente em pé e desapareceu como um raio pela escadaria que desembocava no Templo Negro. Segui-o imediatamente, pois percebi que corria perigo em sua projeção psíquica, e o que lhe aconteceria se falhasse em manter a concentração ao entrar no Templo da Ísis Negra, eu nem ousava imaginar. Descemos a comprida galeria ao lado da água, quase que depressa demais, e me vi dentro do Templo Negro. O homem já estava lá, agarrado aos grandes joelhos da Ísis Negra, fazendo uma oração angustiada. Ele precisava voltar novamente ao seu corpo, a qualquer custo. Isso não daria certo: a Ísis Negra é uma força terrível. Eu ignorava como ele encontrara o caminho para entrar no Templo. Eu hesitava em traçar os pentagramas de exorcismo que romperiam a visão e o forçariam a sair do plano astral. Eu não sabia se ele tinha o direito de estar ali, uma vez que fora capaz de atravessar os sigilos que eu colocara no meu lugar de trabalho e se, aparentemente, e era capaz de ir e vir à vontade. Ou a falha teria sido minha? Aquele estranho sorrateiro teria abalado de tal forma os meus nervos que minha própria divagação mental causara a fusão da sua imagem com a minha visão? Eu não sabia! A visão estava fora de controle, e eu nada podia fazer para terminar com ela.

Sentei-me no divã negro, profundamente comovida. Parecia que o meu psiquismo se havia misturado indissolivelmente com o conteúdo do subconsciente. Eu fora até ali, até este lugar lacrado e consagrado, com o propósito definido de tirar o estranho dos meus pensamentos, e ei-lo ali, parte da minha visão. Eu não estava gostando nada do que estava acontecendo.

Levantei-me do divã, fiz novamente as circum-ambulações e os exorcismos. Enchi o aposento com nuvens de incenso até o ponto de sufocação e deitei-me outra vez no divã, decidida a passar a noite em meditação e vigília, até esclarecer e resolver completamente o problema.

A Grande Ísis, a terrível Ísis Negra, fonte de todo o poder, que raramente aparece, e apenas em grandes momentos, materializou-se. Estou acostumada ao Seu poder e a recebi sem medo, sabendo que em poucos segundos Ela se transformaria, mostrando o Seu aspecto agradável. Esse aspecto é muito mais bonito do que qualquer coisa que possa ser formulada sob o simbolismo da Ísis Branca, que sempre poderá transformar-se na Ísis Negra se muita força se extravasar através dela. Por essa razão, nós, os que temos o conhecimento, trabalhamos com a Ísis Negra e a transmutamos.

Essa, eu sabia, era a coisa importante que eu estava esperando, embora eu desconhecesse a razão da demora e da sua vinda naquele momento. Subitamente, me ocorreu que havia na formulação do meu trabalho um tipo de padrão visível que eu não notara antes. Os que lidam com o lado oculto das coisas sabem muito bem que esses padrões existem. Na verdade, eles são causados pelas forças invisíveis com as quais trabalhamos. Quando essas forças estão sob controle e são dirigidas por uma vontade firme, os modelos aparecem. Por essa razão, eu sabia que, se pudesse descobrir a estrutura dos modelos, tudo ficaria claro. Há um elo central que atravessa todas essas coisas. Encontre esse elo e você terá a solução.

Eu tinha conhecimento de como procurar esse elo: procura-se o que reaparece e torna a se apresentar. Naquelas circunstâncias, havia um fator que se repetia, e apenas um: o homem de cabelo ruivo. Gostando ou não, eu precisava aceitar o fato. Eu buscara em vão o meu lugar de trabalho até que encontrei esse homem frente a frente e quase o oferecera em sacrifício. Em seguida, depois de um vislumbre dos seus irados olhos verde-acinzentados, eu viera diretamente para este lugar. Embora houvesse entrado, sentira-me incapaz de me pôr à vontade e saíra para andar pela beira do rio. O mesmo homem – se é que era o mesmo – apoiara as mãos no peitoril da janela e olhara para mim do outro lado do rio. Ele podia me ver, pois eu estava usando um vestido de linho

branco que contrastava com o fundo escuro da sala quando os últimos raios de sol me banharam. Fosse como fosse, a partir daquele momento entrei na posse pacífica do meu novo lar, e a força começou a tomar forma. Então, andando atrás de mim no Aterro, ele deu um jeito de penetrar nos meus sonhos. Porém, como eu não tivesse olhado para esse estranho intruso, nada ocorreu no plano físico. Ao que parece, isso apenas pode acontecer quando os olhares se encontram. Lembrei-me de como todos os que trabalham com as forças invisíveis atribuem grande importância ao brilho dos olhos.

Finalmente, naquela noite de neblina, ele se aproximou de mim, entrou em minha casa, olhou-me cara a cara – eu o expulsei como a um cão vadio.

Recordo nitidamente a maneira como ele foi embora: confuso, comovido e envergonhado. Não, aquele homem não sabia de nada – pelo menos, não de forma consciente. No entanto, há mais níveis mentais do que o consciente, e eu sabia que nele jaziam latentes o conhecimento e o poder. Aquele não era um homem comum, mesmo no que dizia respeito ao plano mundano. Sua cabeça aristocrática e suas belas mãos me revelavam isso. Quem era, o que era, eu ignorava, mas sabia com certeza que era “alguém”. Isso me agradou, pois apreciei o sucesso.

Eu também gostaria de saber até onde ele sabia que havia algo em andamento. Estaria eu me insinuando em seus sonhos, assim como ele fazia nos meus? Será que ele me identificava com a mulher que quase o atropelara casualmente? Se assim fosse, sua primeira impressão sobre mim teria sido tão desfavorável como a minha sobre ele. Ele havia pensado que eu era uma tola; isso se tornara evidente. De fato, ele o dissera. Além disso, eu julgava que ele fosse um daqueles homens que desaprovam o *make-up*, e naquele dia eu estava usando batom cor-de-coral e esmalte vermelho. Minha mão direita estava sem luvas, pois eu estava usando um anel engastado com uma pedra preciosa elíptica no dedo indicador, que não permitia o uso de luvas, e ele lhe dera uma boa olhadela, enquanto se segurara na porta do meu carro para me dizer o que pensava a meu respeito. Sim, eu certamente abalara o cavalheiro em todos os planos do seu ser!

Então, aconteceu a última de todas as cenas – e eu gostaria de saber se seria deveras o fim dessa história cheia de aconteci-

mentos estranhos: a cena do lado de dentro da soleira da minha casa às escuras, quando acendi a lanterna em seu rosto e o mandei embora, envergonhado e infeliz. Certamente, esta seria a última cena e o final da peça, a não ser que existisse algum elo subjacente a nos ligar um ao outro, pois nenhum homem se arriscaria a renovar uma experiência como aquela. Não haveria mais perseguição no Aterro, isso era certo. De fato, o homem correria uma milha à minha simples visão. Tendo em vista tudo isso, como eu poderia estabelecer qualquer contato com ele, ou entabular qualquer tipo de relacionamento racional, sem falar na explicação que teria de dar sobre o que estava por acontecer, e induzi-lo a fazer a parte que devia representar?

Havia uma única maneira de consegui-lo; eu reconhecia isso. Apenas um caminho era seguro e correto – o verdadeiro modo da Tradição: eu teria de apanhá-lo psiquicamente no astral, deixando que as coisas se desenrolassem à sua maneira no plano físico. Então, eu saberia que estava na trilha certa e que não cometera nenhum engano na escolha do sacerdote. Eu tinha de ficar em silêncio e esperar – um ano, cinco anos – não importa. No final, se ele fosse o homem escolhido, ele viria. O chamado teria de alcançá-lo através dos planos interiores; teria de trabalhar a partir da sua consciência interior para a sua consciência exterior, e esta não podia ser forçada. Ele tinha de compreender por si mesmo, e só Deus sabe contra que resistências e preconceitos, convenções, opiniões preconcebidas e até mesmo contra o medo sua consciência teria de prevalecer, pois Ísis costuma causar medo nas pessoas.

Muito bem, pensei, usaremos a velha tática: no plano exterior, a passividade; no interior, o chamamento.

Assim, chamei o meu sacerdote para mim nos planos interiores e pelos planos exteriores ele veio. Sem qualquer sombra de dúvida, tratava-se do sacerdote dos holocaustos. Eu imaginava que história se ocultaria atrás dele e que explicação se seguiria. Ele veio e estava simplesmente em frangalhos. Sentia muita pena daquele homem. Ele atingira o ponto de completa saturação de suas forças. Certamente, aquele não era um homem que agradecesse a simpatia alheia; porém, estava no fim de suas forças, e sabia disso, tão bem quanto eu. A menos que se fizesse algo por

ele, estaria totalmente arruinado. Homens desse tipo são assim, quando sua couraça é rompida.

Portanto, projetei-me por meio de uma projeção astral que tira tanto plasma do etérico que se torna visível até mesmo para quem não é médium. Trata-se de algo muito perigoso de se fazer, especialmente sobre a água, pois esta absorve as emanações astrais. Projetei minha mente, vestida num corpo de luz, para aquele quarto do outro lado do rio que eu vira iluminado uma noite e que fora cruzado repetidas vezes pela sombra inquieta do homem.

Sim, eu não estava enganada: sem dúvida, aquele era o meu homem. Também não me enganara quanto à sua condição.

– É necessário enfrentar isso – disse para mim mesma – ou não só perderei o meu sacerdote, como ferirei e farei sofrer gravemente este homem.

Assim, eu, sacerdotisa de Ísis, pus-me a trabalhar com o meu conhecimento e o meu poder. Em interesse próprio não o teria feito e penso que não o teria feito em favor dele, pois então ele nada representava para mim. Eu o fiz, entretanto, por amor de Ísis, porque Ela precisava dele para o Seu trabalho.

CAPÍTULO VII

Contarei o que fiz, pondo as cartas sobre a mesa, pois isso mostra como usamos a Porta sem Chave para escapar de Moloch, o Senhor deste Mundo, e nos refugiamos no Reino Secreto, que é o lado escuro da lua, o lado que ela oculta da terra.

A Porta sem Chave é a Porta dos Sonhos. Ela é a entrada pela qual o psíquico pode fugir da insanidade quando a vida é difícil demais para ele. Os artistas a usam como uma janela numa torre de observação. Os psicólogos a chamam de um mecanismo psicológico. Os magos a chamam de magia. E o homem da rua a chama de ilusão ou charlatanismo, conforme o seu efeito.

Fiz a projeção astral de acordo com o método usual; isto é, eu me imaginei de pé, alguns passos na frente de mim mesma, e então transferei a minha consciência para o simulacro assim criado pela minha imaginação e observei o quarto através de seus olhos. Em seguida, visualizei o rosto do homem com o cabelo ruivo que estava ficando grisalho, e pensei em mim mesma falando com ele. O expediente funcionou. Tive a sensação de vácuo que se sente quando há uma elevação rápida e que sempre caracteriza a troca de nível de consciência. Toda a consciência da minha ambientação física desapareceu, e eu parecia estar num aposento estranho, um quarto que nada tinha de nobre: descuidado, mal-iluminado e sombrio, atulhado de papéis, na mais completa desordem. Um fogo de carvão duro e barato ardia numa lareira fora de moda, da qual ninguém removera as cinzas durante as últimas doze horas. Em cima dela, no centro da prateleira desordenada, havia a fotografia de uma garota usando roupas de vinte anos atrás. Uma garota de rosto bonito, olhos tolos e uma boca obstinada. Se aquela fosse a esposa dele, seria fácil entender por que o homem vivia separado dela: o rosto bonito o havia cativado e, embora ela não

tivesse inteligência para entender a vida, possuía suficiente força de vontade para causar os seus mal-entendidos.

Com uma mulher daquelas a única saída seria abandoná-la.

No meio dos restos de uma refeição, um homem trabalhava nos seus papéis, concentrado neles. Nessas condições, a telepatia é impossível. Eu podia ler nele, entretanto, o motivo pelo qual estava se concentrando com tanta intensidade. Eu também sabia que, a despeito dos seus esforços, minha imagem teimava em se insinuar no limiar da sua consciência, pois continuei a ter a sensação da realidade da visão, que subitamente foi intensificada durante um segundo.

— Ele não pode continuar com isso por muito mais tempo — disse para mim mesma. — Entre o sono e a vigília serei capaz de chegar até ele.

Mas não pude sequer manter minha projeção astral por muito tempo. Tive de fazer retornar minha consciência para meu corpo físico e descansar durante um momento, antes de assumir, uma vez mais, o risco da jornada astral através da água.

Bem tarde da noite, tentei novamente. Como eu esperava, a força de vontade do homem estava falhando. Não devemos nos constranger, como esse homem estava tentando fazer, usando a pura força bruta contra a natureza. Isso não pode ser feito. A natureza, como era de se esperar, havia se rebelado, cobrando tantos maus tratos.

O que eu faria com aquele homem? Eu detesto qualquer tipo de dominação. Ela não só é errada, mas perfeitamente inútil, já que a reação inevitável destrói tudo o que tiver sido construído. Mas ali se tratava de uma operação de emergência. Algo tinha de ser feito, e rapidamente, pois existe um ponto além do qual não se pode dirigir o temperamento sem causar danos irreparáveis.

Havia apenas uma coisa que eu podia fazer: agir como um hipnotizador e dominar a vontade dele, induzindo-o a ver as coisas da maneira como eu as via. O risco e a responsabilidade me terrificavam, porém isso precisava ser feito antes que ele afundasse. Assim, agi — apenas por compaixão e por nenhuma outra razão.

Fiz com que ele me visse. Imprimi minha imagem na sua mente confusa até que, roído pela emoção como se encontrava,

ele me viu. E tive a felicidade de sentir que se acalmava gradativamente e se tranqüilizava, quando antes ele estava se dilacerando em pedaços. Então, a resistência dele diminuiu no limiar do sono. Fiz aquilo que os vampiros fazem, e pode-se dizer que sou o vampiro ideal para isso: extraí desse homem sua vitalidade agitada e atormentada, até que a pressão ficou cada vez mais baixa, até as fronteiras do esgotamento. Em seguida, deixei-o dormir até voltar ao normal. Ele tivera a visita de um súcubo. Se a imaginação o faria me ver como uma mulher bonita ou odiosa, isso eu não calculava. O que quer que fosse, seria conforme o que realmente havia no seu coração, sem levar em conta suas inibições preconcebidas.

Voltei ao templo, atravessando o rio: fiz essa jornada perigosa por cima da água, que tem a capacidade de absorver e de anular o magnetismo, interrompendo a projeção! No templo, cujas formas astrais construíamos com tanto cuidado para que nunca fossem banidas, coloquei ambas as mãos sobre o altar e encarei o símbolo lunar que estava pendurado sobre o espelho, uma entrada para outro plano. E, no espelho, vi o meu próprio reflexo com a imagem da Grande Ísis atrás de mim. Para essa forma indistinta, construída pela mente, entreguei a força vital que eu imprimira em mim mesma.

Eu A vi tomando forma e tornando-se brilhante. Seus contornos ficaram nítidos e palpáveis – a forma astral estava extraindo substância etérea. Logo teríamos uma materialização.

Mas não era isso que eu queria. Dentro em pouco, tendo cedido à Deusa a minha vitalidade, senti o retorno do fluxo começar: agora Ísis me estava comunicando o seu magnetismo. Senti que minha vitalidade, juventude e dinamismo cresciam, e soube que a Sua imagem estava refletida em mim. Eu compreendia também, de maneira clara e dolorosa, que ao lidar daquele jeito com o homem do outro lado do rio, forjara um vínculo com ele que não seria facilmente destruído. Eu estava consciente de que, dali por diante, eu teria de ser Ísis para ele. Essa era a responsabilidade que devia assumir e que eu não ousava recusar. Eu sabia, ainda, que precisava dar o ousado passo de procurá-lo no plano físico, e fiquei remoendo mentalmente como poderia fazê-lo.

Atravessar a ponte e tocar a campainha da porta da sua casa não era exequível. Isso, porém, não me preocupou indevidamente,

pois quando há um vínculo estabelecido nos planos interiores, este age no plano exterior com o mínimo de iniciativa humana. Tudo que se precisa fazer é agarrar a oportunidade quando ela se apresenta. Às vezes, esta é tão tênue que dificilmente pode ser percebida.

Fechei o templo e fui dormir. Nos sonhos que apareceram no limiar do sono, revi a cena à minha porta, quando expulsei um homem para dentro da neblina. Ao que parecia, eu o segui, tentando encontrá-lo, inteiramente esquecida do fato de que ele não devia perseguir mulheres pelas ruas.

Eu tinha muita pena dele. Sabia como estava envergonhado, e desejava encontrá-lo para dizer-lhe que entendia o acontecido, que não interpretaria o incidente de maneira vulgar. E que, a despeito da maneira inusitada como travamos conhecimento, um laço de simpatia se estabelecera entre nós.

Pareceu-me, ainda, estar em contacto psíquico com ele, e que ele, por sua vez, me visualizava, apesar de não saber em que desejo ele me enquadrava. Eu podia sentir, no entanto, que “a pureza saíra de mim” e que havia um fluxo psíquico entre nós. Por isso, me alegrei. Eu tinha necessidade urgente de ajudar esse homem, no que estivesse ao meu alcance, pois sentia que o compreendia e à sua natureza agitada.

Pela manhã, ele ainda “estava em contacto”, e eu tive intuitivamente a sensação de que ele se sentia mais feliz e calmo do que estivera durante muito tempo. Então, repentinamente, quase com o ouvido físico, ouvi sua voz gritando como se tivesse sido tocado por ferro em brasa.

Isso me chocou e aturdiu como uma pancada na cabeça. O melhor seria concentrar-me nele e lutar com ele até perceber que se acalmava. A experiência, contudo, me deixou abalada e aborrecida e, durante toda a manhã e o resto da tarde, mantive uma ajuda psíquica para ele, de medo do que pudesse acontecer em seguida.

Naquela tarde, tive ocasião de consultar meu dentista para o exame anual, pois até mesmo mortais estranhos como eu dão a César o que é de César. Folheando velhas revistas na sala de espera do consultório, vi, de repente, olhando para mim do meio de

beldades mundanas e de esportistas ociosos, um rosto de tipo muito diferente.

É claro que, na ocasião em que a fotografia fora tirada, ele, obviamente, havia cortado o cabelo. A não ser por isso, era o mesmo, até no que se referia à jaqueta axadrezada e à camisa de gola solta que vira ao acender o facho da minha lanterna elétrica em seus olhos. E, em letras de imprensa, li a sua história.

Ele tinha se envolvido numa controvérsia com alguns vivisseccionistas – parecia ser um indivíduo polêmico – e todos eles tinham ido parar no tribunal, movendo ações uns contra os outros. A decisão lhe fora favorável, tanto para a citação como para a contestação, mas o juiz pedira que ele moderasse os seus modos.

Como eu havia imaginado, tratava-se de uma pessoa de destaque, um médico de renome internacional. Ele mais pareceu um brutamonte, pensei, mas lembrei-me de ter visto outra expressão em seus olhos quando perdeu o autocontrole. Ele parecia muito mais uma alma errante e perdida do que um cientista famoso. Mas, talvez as duas coisas não sejam incompatíveis, não tanto quanto somos levados a acreditar pelas manifestações excessivamente autoritárias.

Ao tentar compreender o seu temperamento, estranhando o fato de um homem da sua posição ter-se desviado do comportamento habitual a ponto de altercar com pessoas sem nenhuma importância, achei que o seu mau humor estava sendo descarregado às custas dessas pessoas. Os danos que ele sofrera por ter sido acionado, ele os repassara para o hospital. Na verdade, é provável que ele não tenha sofrido o menor dano pessoal, mas seus inimigos, sendo pouco humanitários, haviam sido particularmente impiedosos em seus ataques, e um júri exasperado fizera com que pagassem pela falta de bom senso e de boas maneiras. Seja como for, o negócio todo fora um abuso do processo do tribunal, e o juiz havia dito isso mesmo.

Então é esse – pensei, fitando a cabeça de buldogue que olhava para mim da página capciosa – então, esse é o homem que arranjei para representar Ísis!

Houve mais biografia do que trabalho dentário quando chegou a minha vez de ocupar a cadeira. Mencionei, para o meu dentista, que havia reconhecido, numa de suas revistas, o retrato

de um homem que quase atropelara em Grosvenor Road. Os portões do fluxo de reminiscências foram abertos. A coisa era pior do que eu pensara.

O dr. Rupert Annesley Malcolm, M.D., D. Sc., F.R.C.P., para dar-lhe todas as suas principais distinções, possuía muitas outras, estrangeiras e honorárias. Era um homem de enorme prestígio científico e de nenhuma vida social. Seu temperamento irritável, suas maneiras bruscas, seu apartamento ordinário eram notórios entre gerações de estudantes de medicina. Sua extrema generosidade, sua absoluta integridade e desprendimento, sua enorme capacidade para o trabalho e sua coragem em evitar abusos e alfinetar reputações ilusórias tinham uma audiência menor entre os homens de seu próprio calibre – o meu dentista falou dele com respeito, mas sem entusiasmo. Sobre sua história particular ele nada sabia, exceto que era filho de um ministro presbiteriano e que sua mulher era uma inválida que residia à beira-mar; que era conhecido por ter uma renda colossal, mas que a gastava toda em pesquisas – certamente não gastava consigo mesmo. Meu informante duvidava dessa renda colossal, embora o dr. Malcolm tivesse alguns pacientes muito importantes, pois era notoriamente indiferente ao dinheiro. E dinheiro não é ganho pelos que lhe são indiferentes. De qualquer forma, era provável que recebesse um salário muito maior do que seria adequado para a sua maneira solitária de viver.

Essas eram as informações que consegui. Depois que terminou a sessão, suplementei-as com o *Diretório Médico* e descobri como o dr. Malcolm era realmente importante. Fiquei ainda mais intrigada com a loucura que o doido idiota estava fazendo, perseguindo-me pelo Aterro. Era o último tipo de aventura em que um homem de sua posição deveria ter a ousadia de se envolver. Se precisasse realmente fazer isso, em seu próprio benefício ele deveria agir mais discretamente. E então, pela própria indiscrição de suas atitudes, deduzi que não tinha o hábito de se meter nesse tipo de coisas.

Disquei o número de telefone que me haviam dado no diretório e marquei uma consulta para as 6.30 daquela tarde. Insisti que era urgente, pois me pareceu que, se minhas percepções psíquicas estivessem corretas, o quanto antes Malcolm e eu nos encontrás-

semos e esclarecêssemos as coisas, melhor seria. Sua secretária estava relutante, mas fiquei firme. Poucos minutos antes das seis e meia daquela tarde eu estava na típica sala de espera que se vê nas casas do distrito médico e que são planejadas para uma multidão de consulentes: a mobília pesada, elegante, sem personalidade e inadequadamente empoeirada; a inevitável mesa central repleta de revistas cheias de orelhas dobradas – apenas mais uma dessas salas, parecida até nos últimos detalhes com aquela em que eu estivera sentada um par de horas atrás.

Quando cheguei, havia outro paciente antes de mim – o dr. Malcolm estava evidentemente atrasado –, um menino pequeno, malformado, com as pernas num aparelho de aço, acompanhado pela mãe superansiosa, muito mais nervosa do que o filho. Começamos a conversar. Adivinhei que ela abominava o grande dr. Malcolm, mas por qualquer razão desconhecida seu pequeno filho não parecia se importar. Considerei isso como um ponto a favor do homem que estava prestes a enfrentar. Nessas coisas, o instinto de uma criança é muito seguro e penetrante, e se o garoto não estava com medo dos seus modos grosseiros, era porque provavelmente não passavam de maneirismos. Dentro em pouco, meus companheiros foram chamados. O menino deslizou de sua cadeira e se dirigiu atabalhoadamente para a porta com seu passo desigual, quase com impaciência – o grande dr. Malcolm não representava nenhum horror para ele.

Esperei e esperei... Meus companheiros estavam longe de parecer prósperos, e grandes somas de dinheiro dificilmente seriam pagas por eles, mas nenhuma restrição de tempo lhes foi feita.

A escuridão estava invadindo aquela sala sombria, de modo que não podia distrair mais a minha mente com os jornais, e a atmosfera do lugar principiava a tomar conta de mim. O local parecia densamente povoado por espíritos apreensivos. Comecei a ficar nervosa e, quando chegou minha vez, precisei tomar coragem com ambas as mãos.

Eu sabia, desde o começo, que teria de dominar a entrevista; caso contrário, haveria uma boa porção de mal-entendidos – nesses assuntos, o terreno, uma vez perdido, não é recuperado. Eu devia tomar conta da imaginação de Malcolm e tocar as cordas do seu

ser. Pode parecer charlatanismo, mas, na verdade, tratava-se de uma cirurgia psíquica. Se eu fizesse essas coisas para satisfazer a minha vaidade pessoal ou para fins egoístas, seria abominável. Mas eu o fiz porque não havia mais nada que pudesse ajudar efetivamente aquele homem. Senão, da mesma forma e sem considerar as convenções, eu lançaria meus braços em volta dele, se o visse retroceder correndo perigo.

A enfermeira abriu uma pesada porta de mogno e me fez entrar num aposento grande e bonito, mobiliado de modo sóbrio e impessoal. De pé, diante da escrivaninha e sob o brilho da lâmpada central, estava o meu amigo ruivo, parecendo muito cansado e aborrecido. Encarou-me, como que paralisado por um raio, e logo descobri que me reconhecera. Reuni toda a minha coragem, invoquei Ísis e avancei para o ataque.

A recepção que tive esteve longe de ser encorajadora. O homem estava ao mesmo tempo zangado e agitado, mas eu tinha de passar por isso. Ignorando suas reações conscientes, falei para o seu subconsciente evocando o que eu sabia que devia existir nele. E, como eu já intuía, houve uma resposta. Ele resistiu e lutou contra, mas eu estava segura demais do meu terreno, tinha grande experiência no trato com seres humanos para ser irritada. Pus meus dedos nos pontos vitais da alma dele e apliquei pressão. Eu era como um cirurgião quebrando uma junta endurecida, e em psicologia não existem anestésicos. Sobre essas coisas não vale a pena falar. É terrível ver a alma nua de um homem!

Quando passou a reação, levei Malcolm para casa comigo. Não sei o que teria acontecido com ele se eu não o fizesse. Ele se mostrava tão chocado que teria sido atropelado no primeiro cruzamento.

CAPÍTULO VIII

Foi uma viagem ímpar através de Londres, ao lado do homem que tantas vezes me perseguira no Aterro. O chapéu desabado puxado sobre os olhos, as mãos dobradas sobre a maleta que repousava em seus joelhos, ele não disse uma palavra durante a viagem inteira. Apenas sentou-se ali, parecendo uma escultura de marfim. Não lamentei ter de desviar para ruas tranqüilas ao me aproximar da ponte, pois a concentração necessária para dirigir no trânsito não era fácil nessas circunstâncias.

Eu gostaria de saber com que mescla de emoções ele se aproximaria da minha porta. Quando a mantive aberta para que me seguisse, nossos olhos se encontraram pela primeira vez.

— Como sabe, eu já estive aqui antes — afirmou ele secamente.

Admirei-o por isso. Não devia ter sido fácil admitir isso.

— Eu sei — respondi. — Gostaria de tê-lo reconhecido.

— Ter me reconhecido? — ele parou na soleira como um cavalo empacado. — Com quem está me confundindo?

— Com ninguém — disse eu. — Não quer entrar? Há muita coisa ainda a contar sobre a minha versão da história.

Isso fez com que entrasse. A curiosidade não é uma prerrogativa exclusivamente feminina. Por um momento, pensei que ele fosse se refugiar numa fuga.

O médico colocou o chapéu na cadeira mais próxima, mas, talvez por força de hábito, continuou a segurar a maleta. Admirado, examinou bem todo o meu salão. De vez em quando, fora de guarda, havia algo nele de incrivelmente infantil. A não ser por isso, impressionou-me como um homem que jamais tivera juventude.

Então, nossos olhos se encontraram novamente, e ele corou até a raiz dos cabelos.

— O senhor esteve aqui antes — disse eu, pensando ser melhor falar sobre essas coisas.

Ele curvou a cabeça. — Sim — anuiu —, estive.

Por essa afirmativa, julguei-o um bom médium, melhor do que eu imaginara — talvez melhor do que ele percebera também. Devia ser uma experiência chocante descobrir subitamente que a nossa vida secreta de sonho é real.

Instalei-o na minha poltrona, e ele afundou nela como um homem muito cansado. Após haver recusado um licor de cereja, aceitou agradecido minha sugestão sobre uma chávena de chá. Depois de tomar o chá, pareceu muito mais reconciliado com a vida.

— Por que não faz cirurgias? — perguntei, mais para ter o que falar do que por qualquer outro motivo.

Ele sorriu, se podia ser chamado de sorriso aquele leve esgar zangado dos lábios.

— Eu devia ter sido um cirurgião — concordou — e teria gostado.

— Então, por que não foi?

Ele permaneceu em silêncio durante um momento. — Tenho horror a sangue — revelou por fim. — Não é bom fazer cirurgias com essa idiosincrasia.

— Então como conseguiu ser médico?

— Acostumei-me. Mas não me arriscaria a operar.

Novamente ele se calou. Tornei a encher sua xícara. O silêncio foi tão prolongado que, quando afinal o homem o rompeu, não consegui atinar, por um instante, a que ele se referia.

— É a primeira pessoa para quem conto isso — disse ele.

Então, o silêncio caiu uma vez mais. Eu o deixei assim, sentindo que, à sua maneira atrapalhada, estava viajando rapidamente e para longe.

Foi ele quem rompeu de novo o silêncio. — O que a fez perguntar por que eu não me tornei um cirurgião? — quis saber.

— As suas mãos — respondi.

Ele as inspecionou. Examinou a ponta dos dedos, um a um. Observou com evidente desagrado as marcas de nicotina que manchavam suas unhas, embora fossem bem cuidadas. Levantei-me e tirei da parede um pequeno entalhe das “Mãos em oração”, de Durer, e dei para ele olhar.

– Mãos são coisas maravilhosas – comentei.
– Sim, eu sei. Dependo muito das minhas. Dependo realmente muito mais delas que da minha vista – acrescentou.
Ele observou cuidadosamente o quadro.
– Gosto dessa pintura – comentou. – Onde posso arranjar uma igual?
Já estava na ponta da minha língua dizer que podia ficar com ela; em vez disso, disse-lhe que podia obter uma cópia em qualquer galeria de arte.
Ele ergueu-se abruptamente.
– Tomei bastante do seu tempo – afirmou. – Preciso ir.
Parecia ter-se esquecido das promissoras revelações que o haviam induzido a entrar, ou talvez desejasse evitá-las. Eu não cometeria a tolice de pressioná-lo para ficar.
– Gostaria que o levasse de volta? – perguntei.
– Não, vou andando.
– Então, vou lhe mostrar um atalho – sugeri.
Descemos a pequena rua até o desembarcadouro.
– Não seria longe se pudesse voar – falei.
– Aquela é a minha casa, do outro lado? – exclamou, parando de súbito. – Bom Deus!
Gostaria de saber o que havia que demandasse essa linguagem enfática nessa ocasião. Imaginei que logo descobriria.
– Alguma vez andou de um lado para o outro em seu quarto à noite? – perguntei.
– Andei... – respondeu ele. – Sempre usa vestidos brancos?
Ele me olhou curiosamente e de esguelha, como um cavalo nervoso. Sem esperar minha resposta, andou até a ponta do embarcadouro e ficou olhando a água.
Eu lhe fiz companhia.
Sem erguer os olhos, ele falou.
– Se eu não fosse um bom nadador, há ocasiões em que me jogaria no rio. Embora não o fizesse por ora – acrescentou.
Em seguida, virou-se para mim com um movimento brusco que, como eu começava a reparar, era habitual.
– Bem, não vai me mostrar o caminho para casa?
– Vou – respondi-lhe. – Vou mostrar-lhe o caminho se tiver nervos para ir a pé.

– O que quer dizer? – perguntou asperamente.
– O senhor saberá, qualquer dia destes – respondi.
Andei na frente, ele me seguiu – dificilmente poderia fazer outra coisa – e eu o dirigi por uma aléia estreita, entre muros, até um lance de escadas gastas que subiam até a beira da ponte.
– Eu não achei o caminho tão terrível assim – constatou, quando lhe disse adeus sob a trêmula luz do lampião de gás.
– Eu não me referia a isso – observei.
Ele parou hesitante, como que sem estímulo para se mover.
– Eu a verei de novo? – perguntou laconicamente.
– Como quiser – afirmei. – Será sempre bem-vindo.
– Obrigado – ele disse e, levantando o chapéu, virou nos calcanhares e foi embora.
Comecei a voltar pelo atalho na aléia escura. Não havia ido muito longe quando ouvi passadas rápidas se aproximando. Meu primeiro impulso foi apressar o passo e alcançar a estrada, pois não era um lugar onde se devesse arriscar um encontro com algo desagradável.
– Srta. Morgan, gostaria de lhe perguntar uma coisa – disse uma voz atrás de mim, bastante sem fôlego, sem fôlego demais – pensei – do que seria normal depois de uma caminhada tão curta.
Eu me volvei. Inegavelmente, mesmo na obscuridade, tratava-se daqueles ombros quadrados, do pescoço de buldogue.
– Meu amigo, o que quer de mim? – perguntei tão gentilmente quanto possível, pois sabia que ele estava fazendo um grande esforço.
– Olhe aqui, importa-se... com os meus sonhos durante o dia? Não posso evitá-los, sabe. Mas, se quiser, tentarei.
– Pensei que não os pudesse evitar.
– Naturalmente poderei, se recondicionar minha mente.
– A que preço?
Ele ficou em silêncio.
– Eu não me importo o mínimo – assegurei-lhe. – Isso não prejudica ninguém e acho que o ajuda.
– Não gosto de fazê-lo, entende?
– Esses sonhos partem de algo muito mais profundo que a superfície – afirmei. – Não iniba as suas visões. Observe-as e veja como elas se comportam. Conhece a teoria da psicanálise?

- Sim, naturalmente.
- Então, não se importe se o simbolismo dos sonhos girar em torno de mim. Compreenderei perfeitamente.
- A... transferência freudiana? - perguntou.
- Sim - respondi, pensando ser essa a melhor coisa a dizer. Tranqüilizado, ele virou-se nos calcanhares e foi embora.

Andei lentamente de volta ao ancoradouro e fiquei ali até ver a luz se acender na janela do outro lado do rio. Então, uma sombra bloqueou o quadrado iluminado, e eu soube que Malcolm inclinara-se para fora da janela. Fiquei feliz por estar usando o meu impermeável negro. Esperei um pouco, para deixá-lo cansar-se de sua vigília e fechar a veneziana, pois achava que ele poderia me enxergar se eu caminhasse pela rua curta, mas bem iluminada. E eu não desejava especialmente que ele soubesse que eu ficara de vigia no embarcadouro. Contudo, ele mostrou ter uma paciência inesgotável e, por fim, me venceu. Voltei e entrei no quente e perfumado salão em que vivia, me movia e existia. Então, e só então, me ocorreu que Malcolm estivera aguardando para ver as luzes se acenderem na minha imensa janela.

Eu gostaria de saber que pensamentos haviam ocupado a sua mente agitada. Que havia turbulência mental, disso eu estava perfeitamente certa. Por sua maneira de proceder, julguei que ele fosse um homem que não se interessava por mulheres, a não ser como pacientes. Não creio que o motivo fosse a sua assustadora imagem de granito causar-lhes repulsa, pois o curioso senso de dinamismo que envolvia aquele homem poderia ser bastante atraente para muitas delas; porém, Malcolm em geral era brusco e intimidativo para que alguma coisa semelhante a um caso de amor pudesse começar.

Eu tinha a certeza de que, se ele considerasse o seu relacionamento comigo sob o aspecto de um "caso de amor", esforçar-se-ia mentalmente para alijá-lo. Eu havia feito o melhor que podia para dar-lhe um ar de experiência psicológica - o que na verdade era - mas, naturalmente, essa era apenas a metade da experiência. Não tive chance de falar sobre a outra metade da experiência, e ele poderia concluir, não sem certa razão, que se tratava de um "caso" e talvez ficasse com medo.

Entretanto, não havia nada que eu pudesse fazer. Ele estava nas mãos da Grande Deusa e, assim, por esse mesmo motivo, eu

estava também. Apenas esperava que tudo desse certo. Não se sentindo preso às convenções, Malcolm seguiria o seu impulso íntimo, empreendendo um curso direto de ação. Eu praticamente lhe havia fornecido um "desafio", quando lhe dissera que lhe mostraria o caminho se tivesse nervos para trilhá-lo. Isso poderia pô-lo à prova; ou poderia intimidá-lo ainda mais; ou, por pura inépcia social, ele poderia perder inteiramente a ocasião. Restava-me apenas aguardar e ver.

Nada aconteceu durante mais ou menos um mês, e eu começava a imaginar se Malcolm me julgara perigosa demais como amiga e havia decidido se afastar. Ou se, tendo me encontrado, achou que a realidade não correspondia às suas expectativas e mudara-se para novas pastagens. Eu estava intrigada sobre o que fazer. Que ele era o sacerdote dos holocaustos, o homem escolhido para o trabalho, disse eu não tinha a menor dúvida; que em seu ser superior ele sabia disso, eu estava perfeitamente segura. Mas haveria alguma justificativa para que eu exercesse alguma atração sobre a sua mente subconsciente a fim de atraí-lo para mim?

Algumas pessoas diriam: "Sim, você tem o conhecimento, e deve usá-lo." No entanto, esse uso envolve uma responsabilidade que eu estava pouco disposta a assumir. Se eu atraísse Malcolm para mim por um ato de vontade, como bem poderia fazer, o que quer que acontecesse seria atribuído a mim. Tenho um horror, profundamente enraizado, a qualquer forma de coerção espiritual, tão sutil e ainda assim tão poderosa. Como alguém pode ter a segurança de estar certo ao julgar para outra pessoa, quando é tão difícil acertar mesmo ao julgar para si mesmo? Ainda assim, se eu tivesse certeza quanto ao meu julgamento da situação, o que eu me propunha a fazer só serviria à Grande Deusa e, através Dela, à minha raça. Apenas incidentalmente prestaria um inestimável benefício àquela alma atribulada do outro lado do rio.

"É um negócio perigoso brincar com almas.
E problema suficiente salvar a nossa própria. . ." *

* It's a dangerous business, playing with souls,
And trouble enough to save one's own...

- disse Browning, que eu sempre considerara um homem muito sábio. Ele continua, dizendo:

"Mas lá estava o meu amigo com as brasas ardentes;
Ele brincava com elas como se fossem pedaços de pedra"! *

Isso também era verdadeiro no caso de Malcolm, pois o homem estava se maltratando de um modo abominável. Ei-lo preocupando-se com o sistema nervoso central - que é o lugar onde a mente e o corpo se encontram - e, a despeito de sua aquiescência ao freudianismo, ele sabia tanto sobre a mente como sobre explorações polares. Suponho que ele tenha sido estudante quando nada se sabia sobre o moderno desenvolvimento da psicologia, tanto que a estava trazendo para tão perto da Doutrina Secreta. Sua vida interior estivera recebendo o mesmo tipo de nutriente que cabia à porção de crianças pobres durante a Revolução Industrial - e com o mesmo tipo de resultados se eu não estivesse muito enganada. A alma daquele homem estava toda deformada, fora de medida e mortalmente doente. A causa? Pura ignorância e moralidade antinatural. E era para pessoas como ele que Ísis viria descendo numa luz prateada.

"Quando estiver na dúvida, não faça nada" - é uma regra básica na magia. As conseqüências da ação nos planos interiores são de tão longo alcance que não se deve arriscar a dar um passo errado. Além disso, o tempo não conta, e eu, sendo uma iniciada, podia dar-me ao luxo de esperar.

Portanto, esperei. Esperei por tanto tempo que começava a indagar se Ísis de fato teria qualquer tarefa para Malcolm. Então, subitamente, aconteceu como que uma intuição ardente, e eu soube que, tal como havia imaginado, Malcolm me julgara perigosa demais para travar conhecimento comigo. Ele achou que eu o afastaria do seu dever, e estava determinado a romper relações comigo. Eu não podia deixar de admirar a integridade férrea dessa decisão, ao mesmo tempo que deplorava sua inutilidade e tolice.

* But there was my friend with the burning coals
He played with for bits of stone!

Foi um curioso estudo de telepatia, e eu o registrarei exatamente como aconteceu.

Eu andava muito sozinha naqueles dias. Fico só uma boa parte do tempo e, com aquele estranho empreendimento em mãos, evitava todos os outros envolvimento e incumbências, até saber como se desenrolariam os fatos. Deixei meus estudos de lado, a fim de que a minha mente permanecesse tranqüila e receptiva. Certa tarde, eu estava silenciosamente sentada ao lado da lareira no grande salão. Anoitecia, e eu acendera a lâmpada de leitura. Não me preocupara em atravessar a sala e ir até a porta para acender o lustre, que encheria o grande salão com uma suave luminosidade amarelada. As janelas altas permaneciam sem cortinas e escuras, pois, embora fosse noite de lua cheia, ela ainda não havia surgido. O teto estava invisível na penumbra, e os cantos afastados do aposento jaziam nas sombras. Bem à volta de onde eu me sentara, o brilho do fogo iluminava o chão. No meu colo, entretanto havia uma poça de luz concentrada do abajur, em cuja claridade minhas mãos se moviam. Elas trabalhavam em uma das minhas vestimentas iridescentes, costurando com o fio dourado que dava brilho ao fulgor suave da seda. Lembro-me de ter um diamante negro em uma das mãos e uma pérola negra na outra, e à medida que meus dedos se moviam, o negro brilho selvagem respondia ao suave lustre, como Ísis e Nephtys. Então, de repente, a menos de uma jarda, vi o rosto de Malcolm. Eu nunca vira com tanta nitidez esse tipo de materialização.

Eu sabia que não se tratava da minha imaginação, pois os olhos eram vivos, e a alma do homem transparecia neles. Se eu tivesse imaginado o seu rosto, a alma não poderia estar por trás daqueles olhos. Por isso, eu sabia que não chamara a imagem de Malcolm, mas que ele viera até mim numa projeção astral. E eu gostaria de adivinhar o que o levava ao ponto de permitir que sua mente escapasse ao seu controle.

Do meu ponto de vista, Malcolm teria a exata noção do que estava fazendo caso houvesse lido um livro meu que eu deixara com ele. Então, por que o faria? Esse era um mistério que eu não conseguia resolver. Apenas podia ver aquele rosto, com seus estranhos olhos iluminados fitando-me com concentrada atenção. Não fez qualquer tentativa de falar comigo e nenhuma expressão havia

no seu rosto, exceto uma atenção concentrada. Mas ele estava ali, no ar, diante de mim. Eu não tinha meios de saber se ele estava dormindo ou sonhando, ou se estaria me olhando por meio de uma visão psíquica. Entretanto, havia aqueles olhos observadores, e eles permaneceram ali.

Dessa ocasião em diante, compartilhei da companhia quase constante do dr. Malcolm Rupert. Sentada tranqüilamente na minha cadeira, descendo a rua apinhada de gente para fazer compras, nada fazia diferença – Malcolm aparecia, olhando para mim com aqueles olhos profundos, destituídos de expressão.

Certa noite, fora me deitar à hora habitual naquela enorme cama que o sr. Meatyard tanto reprova por dar-lhe trabalho desnecessário, sendo eu solteira. Eu estava fazendo a costumeira meditação – com a qual o iniciado passa ao sono profundo – e descia a longa avenida de ciprestes até o meu templo, quando percebi que tinha companhia. Não precisei olhar por cima dos ombros para ver quem era, embora até então nossas excursões oníricas houvessem sido sempre nas paisagens ao lado do mar.

Voltei-me e olhei para o rosto do meu companheiro. Em seguida, tomando sua mão nas minhas, aproximei-o de mim. Lado a lado, entramos no templo de Ísis, sacerdote e sacerdotisa. No entanto, tomei o cuidado de cerrar as cortinas sobre o *Sancta sanctorum*.

Permanecemos de pé, sob a lâmpada pendente onde ardia a Luz Perpétua. Estávamos no centro do Zodíaco desenhado no mosaico, o Zodíaco que simboliza o Universo e tudo o que nele existe. Ficamos voltados para a cortina negra corrida que ocultava o *Sancta sanctorum*, e o adoramos como é permitido a todos os homens. Ele, porém, não tinha permissão de ultrapassar essa cortina.

Repetidas vezes, e com clareza, eu disse a meu companheiro que ele tinha o direito de entrar no templo de Ísis para cultuá-la, embora temesse que seu psiquismo não fosse capaz de entender. Em seguida, deixei-o só e atravessei a cortina negra. No que diz respeito ao *Sancta sanctorum*, nada direi, nem mesmo depois de ter demorado tanto tempo contando a minha história. Só posso apenas revelar que o aposento está vazio. Deixem falar quem puder atravessar aquela cortina e obter o sacerdócio. Eu não posso!

Voltei, e o meu sacerdote ainda estava ali, ajoelhado onde eu o deixara. Peguei novamente suas mãos nas minhas e o conduzi ao longo da avenida atravessando o pátio de lótus. No fim dessa avenida, nos separamos: ele atravessou o rio e retornou à sua vida mundana, e eu regressei à Casa das Virgens para passar a noite.

Daf em diante, eu raramente tinha o Templo de Ísis só para mim. As pessoas que, de vez em quando, trabalhavam comigo, também estavam conscientes da sua presença. Algumas delas se ressentiam com isso, e outras, de maior discernimento, entendiam que ele era um de nós.

As coisas chegaram ao auge nas vésperas de Natal. Na ocasião, eu já estava bastante acostumada com a presença do meu sacerdote, e ele cessara de me incomodar, quer estando acordada, quer estando dormindo. Eu havia feito a costumeira jornada ao templo por meio da meditação, jornada que se transformara num sonho, como devia. Eu estava de frente para o meu sacerdote sob a Luz Perpétua, quando meu sono foi perturbado. A amiga com a qual eu tinha o hábito de trabalhar estava passando o Natal comigo. Pensei tê-la ouvido entrar em meu quarto. Fiquei aborrecida, pois o sonho era interessante e não desejava ser despertada. Eu sabia que ela era uma pessoa nervosa e imaginei que provavelmente viera para me contar sobre alguma tola experiência psíquica. Permaneci deitada em silêncio, embora estivesse acordada, na esperança de que, ao me ver daquela maneira, ela fosse embora, caso não se tratasse de um assunto realmente importante. Mas, em vez disso, senti um aperto firme no meu antebraço. Evidentemente, minha amiga não tinha a menor intenção de ser ignorada. Eu também não podia deixar de ser gentil com ela; assim, com esforço, me levantei para descobrir que não havia ninguém no quarto! Soube então, com absoluta certeza interior, quem estivera ali, materializando-se o suficiente para deixar marcas roxas nos meus braços.

Sentei-me na cama. Este, pensei, é um assunto sério, pois tratava-se de uma materialização completa e havia sido projetada por cima da água. Novamente, não existia nada que eu pudesse fazer, salvo esperar para ver.

Precisei aguardar algum tempo antes de ver algo mais. Na manhã seguinte, houve um silêncio mortal, um completo vazio. Evidentemente, Malcolm ficara com tanto medo como eu mesma.

Senti falta do meu sacerdote. O fluxo magnético entre nós – base da magia do luar – já começara a fluir, e eu sentia a falta dele. Sua ausência me levava a ficar prostrada, sem objetivos, insegura de mim mesma e da minha missão. No entanto, estava habituada a essas reações físicas e não me perturbei com elas. Eram incômodas enquanto duravam, porém não duravam muito tempo. Suspeitei que, embora eu o houvesse advertido para não falar dessas coisas com nenhuma pessoa, Malcolm provavelmente aconselhara-se com alguém que o estava ajudando a resistir à minha influência. Eu não tencionava forçá-lo a fazer nada contra a sua vontade, porém não tinha escrúpulos com relação a essa outra pessoa. Contudo, estávamos entrando no período da interrupção das chuvas, que anuncia o Equinócio Vernal. Eu relutava em tentar fazer qualquer trabalho psíquico nessas circunstâncias. Nos equinócios, tanto no vernal como no outonal, todos os contactos se rompem automaticamente à medida que mudam as marés astrais. Restava verificar se eu seria capaz de entrar em sintonia com Malcolm novamente ou não, nessa nova maré. Talvez não conseguisse. Se ele recalcitrasse, Ísis poderia abatê-lo; mas, se eu o *sintonizasse* outra vez, sabia que o trabalho podia ser feito.

Com efeito, quando as agitadas condições astrais se acalmaram depois da lua vernal, lá estava de novo a forma astral de Malcolm. Tratava-se, porém, apenas de uma pálida sombra do seu ser anterior. Alguém interviera. Agora, como agir? Eu tinha poder; deveria usá-lo? Odiava a idéia de usar de arbitrariedade, pois uma alma é algo sagrado para mim. Todavia, alguém usara arbitrariamente desse poder. Resolvi que, apesar de não fazer pressão sobre Malcolm, livrar-me-ia dessa pessoa.

Quando a lua nova acumulou poder, subi ao meu templo, que já fora novamente selado e dedicado à recente maré astral. Contarei o que fiz, porque é interessante: primeiramente, coloquei os pentagramas, os grandes signos mergulhados no fogo astral, nos quatro pontos cardeais. Já vestida com roupa preta justa e o toucado prateado de sacerdotisa da lua, assumi as vestes astrais, imaginando-me trajada como convinha ao meu grau. Senti o

peso do próprio arco da serpente *Uraeus* acima de minhas so-brancelhas e a pressão do *kestos* prateado nos quadris. Em minha mão estava o *ankh* astral bem como o terrestre. Com estes, desenhei os símbolos da lua e fiz a invocação com os grandes Nomes de Poder. O poder desceu. Cada peça da mobília do ritual, cada símbolo nas paredes foi tocado pela luz. O quarto estava se tornando brilhante, embora nada estivesse queimando em toda a escuridão cheia de sombras, a não ser a lâmpada diante da Deusa e a Luz Perpétua acima.

Coloquei novamente o *ankh* sobre o altar e apanhei o saduceu. Tracei o símbolo do Fogo no ar, e pequenas chamas se espalharam. A fumaça que saía em ondas do turbulo ficou tingida de vermelho. Então, chamei a deusa Sekhmet, de cabeça de Leão, e senti uma cabeça de leão se materializar sobre a minha própria.

Coloquei o caduceu de volta sobre o altar e retomei o *ankh*, a *crux ansata*, o sinal da vida, e com ela desenhei o círculo mágico e o triângulo da arte. A seguir, chamei meu sacerdote, e insisti, até que ele veio. Ele se materializou no triângulo da arte. Estando ele no triângulo e eu no círculo, desenhei em torno de cada um de nós o círculo de fogo com o caduceu. As chamas se elevaram cada vez mais alto, até que ultrapassaram a altura de nossas cabeças; um calor ardente provinha delas. Com os olhos, mantive a forma que evocara e vi, atrás dela, a alma do homem.

– Ó amado de Ísis! – evoquei. – Vós e eu estamos sozinhos no círculo de fogo, onde ninguém pode interferir. Fareis a vossa vontade e a de ninguém mais.

Em seguida, diminuí vagorosamente a força de minhas vibrações. As chamas arrefeceram. A imagem do homem desapareceu, e fiz a expulsão que libera as tensões psíquicas e faz tudo voltar ao normal. O quarto estava extremamente quente. Penso que alguma coisa teria se incendiado se eu prolongasse a experiência por muito mais tempo. Sentia-me banhada de suor e completamente exausta. A experiência toda, incluindo a meditação preliminar, durara menos de meia hora. No entanto, demorei dois dias para me recuperar.

Fiz tudo isso por Rupert Malcolm; todavia, tinha minhas dúvidas quanto a ser ele agradecido por isso. Se eu tivesse a cer-

toza de que nunca mais tornaria a pôr os olhos nele, procuraria substitutos sem sofrer com isso. Mas, do jeito que as coisas estavam, sentia uma premência me dizendo: "Este é o homem para o trabalho; se preciso, ele deve ser induzido a fazê-lo. Não se importe com os sentimentos dele e jamais dê atenção aos seus. Nesse caso, os sentimentos pessoais não têm importância. Ele sofrerá, e você correrá os riscos, mas o trabalho precisa ser completado. Isso é o que importa."

Então, veio a confirmação que jamais falha quando grandes acontecimentos estão em marcha, pois Os que estão do Outro Lado nunca esperam que se confie cegamente. Minha amiga veio ter comigo e comentou:

– Tive um sonho estranho: sonhei que estava com você no templo, e o Sacerdote da Lua * aproximou-se de mim e falou que eu devia dizer para você enviar a mensagem. Você sabe o que isso significa?

– Sim – respondi –, eu sei.

– Você fará isso?

– Farei.

– Como?

– À minha maneira – afirmei. – Fique certa de que a mensagem alcançará a pessoa a que se destina. Porém, se ele agir de acordo com ela ou não, esse é um outro caso.

* Ver *A sacerdotisa do mar*, da mesma autora.

CAPÍTULO IX

Era uma noite tempestuosa. O rio estava transbordando, e sacos de areia foram empilhados ao longo de toda a Grosvenor Road. O sr. Meatyard havia colocado as pesadas tábuas de madeira que se encaixavam em fendas, entalhadas com esse propósito, na parte inferior da porta da frente. Eu trocara o meu costumeiro chapéu de feltro de abas largas por um de oleado com aba mais comprida atrás, e fora até o embarcadouro para observar a enchente do rio. Era um espetáculo maravilhoso. Eu estava concentrada nessa visão, esquecida de tudo mais, quando senti tocarem no meu cotovelo.

Apanhada completamente de surpresa, sobressaltei-me. Meu pé escorregou na madeira molhada e quase cai por cima da borda do ancoradouro. Notei que me agarravam por trás com um par de mãos semelhantes a patas de gorila. Fui erguida e posta em segurança. Voltei-me e vi o rosto do dr. Malcolm, branco como um lençol.

– Meu Deus! – exclamou. – A senhorita quase caiu no rio! Sinto muitíssimo. Sinto tê-la assustado. Eu não queria fazê-lo.

– Como soube que eu estava no ancoradouro? – perguntei.

Ele corou levemente. – Não sei como. Apenas soube, e isso é tudo. Como ninguém atendesse à sua porta, vim até aqui.

Andamos vagarosamente de volta pela estrada curta. O dr. Malcolm caminhava com os olhos fixos no chão, sem olhar nem uma vez para mim, absolutamente calado.

– Estou contente por ter vindo – observei, porque precisava romper o silêncio. – Teria ficado muito aborrecida se não o visse novamente.

– Tenho estado ocupado demais no hospital – replicou. – Eles estão com pouco pessoal. Meu assistente andou doente...

Aceitei essa desculpa, embora não acreditasse nela. Dentro em pouco, ele mesmo resolveu se desdizer.

– Na verdade, eu poderia ter vindo se realmente quisesse, porém não conseguia esclarecer as coisas. Eu não era capaz de conciliar a senhorita com a mulher que vi em sonhos.

– Não somos a mesma pessoa? – perguntei.

– Não inteiramente – disse ele. – Não posso imaginá-la fazendo as coisas que a vi fazer.

Achei melhor não questionar sobre isso.

Chegamos à grande porta. Enfiei a chave na fechadura e consegui abri-la. Entretanto, ela tendia a se fechar por causa do peso, e as tábuas, encaixadas nos batentes à altura dos joelhos, tornavam a entrada difícil.

– Quer me dar uma mãozinha? – pedi, estendendo a mão para ele. Malcolm ajudou, mas manteve os olhos voltados para baixo. Não sei se para evitar os meus, ou se para reparar nos meus tornozelos – nos quais pôde dar uma boa olhada. Dessa forma, entramos em casa.

– Que perfume é esse que sempre está impregnado neste lugar? – perguntou ele, quando atravessou as portas internas que davam para o salão.

– Ele recende a coisas diferentes – disse eu. – Hoje, o perfume é de olíbano.

– Por que usa esse tipo de coisa? – quis saber.

– Pelo efeito psicológico – respondi.

Malcolm foi até a lareira e voltou-se de costas para o fogo. Com as mãos nos bolsos das calças e com o jaquetão enrugando-se sobre elas como as penas de uma ave selvagem, ficou olhando para cima, com um cigarro apagado entre os lábios. Só faltava um chapéu de ponta, colocado de viés, para que ele se parecesse exatamente com um oficial de navio montando guarda. Dentro em pouco, descobriu que o cigarro estava apagado e arremessou-o no fogo.

– Estou com o sistema nervoso central abalado – comentou.

Quem acreditaria que aquela era a autoridade mundialmente famosa sobre a matéria?

Tirou um pacote de Player amassado do bolso e acendeu outro cigarro, sem pedir minha permissão.

– Tem havido um barulho dos infernos no hospital.

– Por quê?

– Por minha causa, como sempre. Diga-me, srta. Morgan, acha que tenho péssimos modos?

Naturalmente, os modos dele eram péssimos, mas não tive coragem de dizer-lhe isso.

– Acho que o senhor é muito distraído – afirmei – e isso faz com que ofenda as pessoas sem ter essa intenção.

– Por que será que esses tolos não podem ver que não tive intenção de ofender?

– Provavelmente porque são tolos.

– Sim, é provável que seja isso mesmo. Mas também eu sou um tolo fora da minha especialização! Meu Deus, então não sei disso?

– Esse é o começo da sabedoria.

– E eu descobri isso. Eu não tinha a intenção de vir vê-la novamente, a senhorita sabe, até esclarecer tudo comigo mesmo.

– E está tudo claro?

– Não, não está. As coisas não se esclareceram. Por isso vim esta noite.

Achei que, da parte dele, tratava-se de uma dolorosa confissão.

– A senhorita me chamou – disse ele, constatando um fato.

– Sim – anuí.

– Por que fez isso?

– Porque eu o queria.

– Para o que me quer?

– Essa – respondi – é uma longa história. Se concordar, pode me ser útil.

Malcolm digeriu minhas palavras durante o tempo em que fumou o cigarro. Finalmente, falou.

– Vou lhe contar como estão as coisas: sou um homem casado. Minha esposa é uma inválida e mora à beira-mar. Costumo ir vê-la num ou noutro fim de semana, mas o médico me disse para não fazê-lo mais. É um incômodo que só a aborrece. Trabalho no London e em outros lugares, mas posso demitir-me se for necessário. Imagino que eles ficariam satisfeitos, depois do que ouvi hoje. Tenho de ganhar certa quantia de dinheiro a fim de manter

minha mulher com vida, e isso nunca foi um problema. Não preciso de muito para mim mesmo. Excetuando isso, estou à sua disposição.

Essa súbita e completa capitulação colheu-me completamente de surpresa. Era o ponto a que chegaríamos eventualmente, porém eu imaginava que chegaríamos a ele gradualmente. Eu não sabia como tratar o meu formidável recruta. Minha mente estava em branco, exceto pelas linhas de Hilaire Belloc, que a martelavam continuamente:

“Eu tinha uma tia em Yucatan
Que comprou de um homem uma jibóia
E a manteve como um bichinho de estimação.
Ela morreu, porque não conhecia sequer
Umas regrinhas simples que isso requer –
A serpente vive até hoje!”*

Eu falei, embora com uma voz que não parecia a minha e cujo som também o surpreendeu:

– Essa é uma oferta extraordinariamente generosa. Generosa demais para que eu possa aceitá-la. O senhor precisa me conhecer melhor e saber o que eu faço. Então, se quiser repetir a sua oferta, ficarei contente em aceitá-la.

– Muito bem. Resolva as coisas como quiser. Não tenho a mínima idéia do que deseja, mas farei o que puder.

– Então sente-se – sugeri. – Vou fazer um chá, e depois conversaremos.

Malcolm sentou-se obedientemente na minha cadeira especial. Remexi nas brasas quentes do borrarho, puxando-as para a frente da grande lareira. Coloquei-as sob a chapa redonda de ferro, própria para assar bolos, e assei alguns à moda rústica. Ele ficou me observando absorto, tornando-se ainda mais pensativo quando o aroma do bolo começou a encher a sala. Por fim, comeu tanto que tive medo de que ficasse doente.

* I had an aunt in Yucatan/Who bought a python from a man/And kept it as a pet./She died, because she never knew/Some simple little rules and few –/The snake is living yet!

Coloquei os apetrechos do chá num carrinho e levei-os para a cozinha, para que o sr. Meatyard cuidasse deles nas horas de folga. Meus hábitos domésticos são muito simples, mas sempre muito práticos. Então, fui até o quarto trocar de roupa e vesti um dos trajes folgados e iridescentes que uso em casa. Isso, pensei, será bom para o dr. Malcolm.

E foi. Contudo, a não ser por um olhar espantado e pelo movimento desajeitado da mão que empunhava o cigarro, nenhuma reação foi esboçada.

Acendi um dos meus cigarros, pois jamais ocorreria ao meu acompanhante me oferecer um dos seus – o hospital tinha mais do que razão em repreendê-lo por seus maus modos. No entanto, Malcolm havia se oferecido a mim, sem nada pedir em troca, e um homem na sua posição tinha um bocado a oferecer – um salário gigantesco e, acima de qualquer salário, um enorme prestígio. Ele era um dos médicos da nobreza.

– Diga-me: – pedi-lhe – por que está enjoado do sistema nervoso central?

– Ele não leva a nada.

– Se abandonar o ramo, o que vai fazer?

– Endocrinologia.

– Psicologia, não?

– *Grrr!*

– Então, não acredita que a mente é capaz de influenciar a matéria?

– Nunca achei que influenciasse. Mas estou danadamente certo de que o corpo influencia a mente. Desculpe-me. Eu não devia usar essa linguagem perto da senhorita, mas vivo me esquecendo de que não é um homem, embora seja tão arrojada quanto um.

Isso de fato foi surpreendente, tendo em vista a reação dele às minhas vestes iridescentes.

– Não quero dizer que a sua mente seja como a de um homem, mas acho que encara a vida como um homem.

– O que sabe sobre o meu modo de encarar a vida?

– Sei pela forma como agiu comigo. Nenhuma mulher comum teria me aceito da maneira como o fez. Elas ficariam com medo de mim, tentando adivinhar o que fazer, pelo simples fato de eu me aproximar.

- Como sabe que não estou com medo?
- Não está, não é verdade?
- Não, nem um pouco, mas gostaria de saber como sabe disso.

- Eu detestaria que fosse assim. Não precisa ficar com medo. Durante todo este tempo venho desejando me desculpar pelo meu comportamento - antes de conhecê-la, sabe o que quero dizer. Deve ter pensado que eu fosse um louco, ou o mais horrível grosseirão. Na verdade, não sou nem uma coisa nem outra. Naturalmente, jamais sonhei que houvesse algo na telepatia além dos truques de palco - andei lendo o seu livro, de vez em quando. Acho que devia guardar os meus pensamentos para mim mesmo e não devia começar a imaginar coisas sobre a senhorita, contudo nunca julguei que as aceitasse. Suponho que o pecado esteja na intenção e, se for assim, sou um pecador. Apesar disso, não posso calcular qual será a sua atitude sobre o assunto, srta. Morgan.

- Se eu lhe contasse qual seria, dr. Malcolm, provavelmente não entenderia nada. Não no momento, de qualquer modo. Talvez consiga entender mais tarde. Mas gostaria que não me chamasse de srta. Morgan.

O dr. Malcolm ficou vermelho, fosse pelo prazer de haver sido convidado a me chamar pelo nome de batismo, fosse devido ao pânico de ter de fazê-lo. Isso eu não sei. Entretanto, eu logo o desiludi.

- Morgan não é o meu nome, sabe? Precisei assumi-lo para poder acatar uma vontade superior, mas nunca o apreciei. Não combina comigo. Meu nome mesmo é Le Fay e, se for para sermos amigos, gostaria que me chamasse assim. O outro nome me aborrece. Vivien Le Fay: este é o meu verdadeiro nome.

- Vivien também não combina com você. Parece coisa tirada de Tennyson.

É verdade: não combina. O nome foi tirado da lenda do rei Artur. Vivien Le Fay era a jovem feiticeira que enganou Merlin no seu julgamento - mas não me acho nem ao menos parecida com ela. O primeiro nome que meu pai escolheu para mim era o mais adequado, só que o pastor não permitiu que ele o usasse.

- E qual era?

- Lilith.

- Lilian?
- Não, Lilith.
- Quem é ela?

- Era uma amiga de Adão antes que ele conhecesse Eva. Dizem alguns que era um anjo caído; outros, que era um espírito sem alma da terra. Acredito no que dizem os psicólogos: que ela é a mulher arquetípica do inconsciente coletivo dos homens. Seja como for, era uma espécie de demônio, ou pelo menos assim pensava o clero, apesar de não ser essa a opinião dos cabalistas. Estes afirmam que ela ensinou a sabedoria a Adão. Contudo, mesmo atendendo a Deus, que não a aprovou, substituindo-a pela mulher que Ele julgou apropriada, Adão não pôde esquecê-la. Algumas pessoas dizem que foi ela, e não a Serpente, quem ocasionou a Queda.

- Hum, percebo - disse Malcolm. - A mulher arquetípica do inconsciente coletivo dos homens. Talvez seja isso.

- Isso o quê?

- O motivo pelo qual sonhei com você.

- Pensa realmente que foi isso?

O dr. Malcolm ficou um minuto em silêncio, para prosseguir dizendo:

- Não, não de fato. O nome de minha mulher é Eva - acrescentou. - Gostaria que me dissesse o que pretende fazer comigo - concluiu.

- Sabe alguma coisa sobre magia?

- Conjurações?

- Não, magia. Acreditaria se afirmasse que pratico magia?

- Sim, acreditaria. A senhorita é tão diferente de todas as mulheres que conheci que acreditarei em tudo o que resolver dizer sobre si mesma. Mas não fala sério, fala?

- Estou sendo absolutamente séria. Acreditaria em mim, se eu lhe contasse que o senhor também pratica magia?

- Vejo agora aonde quer chegar. Refere-se a esse tipo singular de telepatia que está acontecendo entre nós, e com o qual quer fazer experiências comigo? Mas pensei que isso fosse espiritualismo, não magia.

- E o espiritualismo não é uma magia?

- É?

– Pode acreditar que sim.
– Faça qualquer coisa que lhe agradar, srta.... srta. Le Fay.
Quer fazer transferência de pensamentos comigo? De que tipo?
– Do mesmo que vem fazendo.
– Meu Deus, não! Não pode dizer isso! Não sabe o que estive fazendo.
– Não sei?
– Srta. Le Fay, a senhorita não pode saber!
– Rupert Malcolm, eu sei.
Ele pulou da cadeira.
– Quanta coisa sabe sobre isso?
– Uma boa porção. Todavia, não sei quanto mais há para saber.

– Sabe que estou apaixonado pela senhorita?
– Sei.
Malcolm ficou em pé, rígido e imóvel durante um longo minuto. Em seguida, numa voz perfeitamente controlada, falou:
– O que faremos quanto a isso?
– Transmudaremos isso em poder.
– Não sei o que quer dizer.
– Essa é a dificuldade. Eu sei exatamente o que quero dizer, mas o senhor, não. Terei de contar-lhe e mostrar-lhe, e precisará confiar em mim até que veja nitidamente o seu caminho. Quer se sentar e deixar que eu fale? Não vai se sentar, dr. Malcolm?

Ao me ouvir falar assim, Malcolm prendeu a respiração e se afundou na cadeira.

– Conhece a minha situação – disse ele. – Eu nunca lhe causarei embaraços.
– Não vejo como pode deixar de tornar as coisas difíceis para mim.
– Difíceis demais?
– Sim, receio que sim.
Ele cobriu o rosto com as mãos.
– Ó, meu Deus, eu não sabia!

Eu não desejava levar aquele homem reservado a ponto de perder o controle, de forma que falei com calma e impessoalmente, como se estivéssemos nos referindo a outras pessoas.

– Podemos optar por romper completamente um com o outro, ou desconsiderar as convenções e ir até as últimas consequências...

– Não está com a intenção de fazer isso, está? – perguntou Malcolm, asperamente, olhando para mim. – Eu não concordaria!

– Não estou propondo nada – observei. – Estou simplesmente analisando a situação do momento.

Ele corou e abaixou os olhos.

Eu prossegui.

– Podemos romper completamente, podemos ir juntos até o fim, ou podemos usar o poder que flui entre nós para propósitos mágicos.

– Esse, naturalmente, é um assunto do qual não entendo – disse Malcolm. – Mas de uma coisa eu sei: que embora possamos adiar a decisão, usando a magia ou seja lá o que for, chegaremos *àquilo*, no final. Conheço a minha natureza; portanto, dou-lhe um aviso leal: eu consegui me manter suficientemente longe a fim de evitar a tentação; mas, por natureza, não sou um homem de mente pura. Tenho de lutar contra as feras selvagens de Éfeso. Se a vir demais, sentindo o que sinto, terei um grande problema em mãos. E, se me der um dedinho, é provável que pegue o braço. Ambos podemos nos arrepender mais tarde.

– Se praticarmos a magia juntos – afirmei – isso extrairá essa força e tornar-lhe-á a vida muito mais maleável.

– Quanto a isso, não posso opinar. Jamais tive qualquer experiência de magia, nem esperava ter – acrescentou com um débil sorriso, que me revelou que o pior da crise emocional agora estava sob controle.

– Aceitará a minha palavra de honra, se garantir que será como eu disse?

Malcolm hesitou.

– Não duvido que tenha falado de boa fé, srta. Le Fay, porém receio que não conheça a natureza dos homens.

– Conheço um bocado sobre a natureza dos homens, dr. Malcolm – de todos os tipos de homens.

Ele se retesou.

– Isso, naturalmente, é assunto apenas seu – respondeu.

– Qual pensa ser a minha idade? – perguntei-lhe.

Malcolm observou-me por entre as pestanas cerradas.

– Talvez esteja na segunda metade dos trinta, embora não pareça.

– Sou muito mais velha. Jamais tente descobrir. Seria um choque se eu lhe contasse. Já leu o livro *Ela*, de Rider Haggard?

– Li, quando era menino.

– Sou igual a Ela.

Malcolm permaneceu um pouco em silêncio. Em seguida, falou:

– Esse livro me causou grande impressão quando o li.

– Acredita em mim, quando lhe digo isso? Não acha que estou apenas romanceando?

– Sim, acredito. Deus sabe por quê, mas acredito.

– Nesse caso... fará magia comigo? – insisti.

– Está bem, se é o que deseja. Mas... compreende em que vai se envolver, não? Não posso de forma nenhuma assegurar meu bom comportamento. Já me comportei mal – seguindo-a e tudo o mais. No entanto, espero que seja capaz de segurar, se lidar comigo com firmeza. Mas, srta. Le Fay, eu nunca a perdoarei se não o fizer.

– Meu amigo, não quero encrencas, tanto quanto você. Fique certo disso.

Malcolm teve de se contentar com a minha palavra.

Agora, eu já conhecia seus longos momentos de silêncio, quando parecia que se concentrava no seu íntimo e comungava com o seu subconsciente. Esquecido do que estava à sua volta, ficava olhando para o espaço por minutos intermináveis. Nessas ocasiões, via-se-lhe no rosto uma intensidade absorta e preocupada que lhe conferia um ar de zangado com a vida em geral. Dessa vez, o silêncio durou muito mais tempo do que de costume, e no seu rosto havia uma aparência de perplexidade irritada. Era um rosto intimidativo, e se eu não tivesse conhecido outras expressões naqueles olhos estranhos, sentir-me-ia repelida por eles. Mas começava a respeitá-lo e a gostar dele.

Finalmente Malcolm falou:

– Srta. Le Fay, gostaria que me dissesse qual a sua posição no caso.

– Acha que entenderia se eu lhe contasse qual é?

– Sim. Entenderei tudo direito se tiver paciência comigo e me deixar fazer perguntas. Entender faz parte do meu trabalho. Se não se importar em passar pelo meu crivo, eu logo lhe darei a minha opinião. Portanto, faça um breve resumo da situação, assim como a vê.

– Meu caro dr. Malcolm, está me pedindo uma coisa muito difícil. Não sei por onde começar.

– Comece por qualquer lugar. Eu a analisarei. Estou acostumado a lidar com esse tipo de situação.

Felizmente, ele estava tão atento fitando o espaço que não viu o meu rosto. Não era de admirar que estivesse encrencado com o pessoal cheio de pompas do hospital!

Desse modo, comecei este trabalho hercúleo:

– Acredita em vida após a morte, dr. Malcolm?

– Não.

Fiquei imaginando que a minha tarefa era aquela de Sísifo, e não a de Hércules.

– Acredita numa realidade invisível por trás das aparências?

– Sem dúvida. Tem de haver. Nós a pesquisamos durante muito tempo. Examiná-la-emos mais ainda daqui por diante.

– Qual a sua concepção sobre a natureza dessa realidade?

– Elétrica.

Suspirei e fiz nova arremetida contra o bloco de concreto.

– Acredita na existência de um conhecimento ancestral, secreto e tradicional, passado de um iniciado a outro através das eras?

– Não vejo motivo para acreditar. Entretanto, como não tive oportunidade de estudar segundo essa orientação, não estou em posição de manifestar minha opinião.

– Acreditaria se eu lhe dissesse que é assim?

– Acreditaria.

– Bem, nesse caso, aceite de mim que é assim.

– Muito bem.

– Eu sou um dos receptáculos desse conhecimento.

– Não acho difícil acreditar nisso.

– Por causa desse conhecimento, tenho certos poderes que são... incomuns – talvez essa seja a melhor palavra.

– Posso confirmar isso por experiência própria.

– O senhor também os tem.
– Tenho?
– Não percebeu?
– Tenho passado, certamente, por algumas experiências in-comuns desde que nos encontramos. Contudo, eu as atribuí à se-nhorita, e não a mim mesmo.

– São necessárias duas pessoas para essas experiências, dr. Malcolm. Não posso induzi-lo à prova se não tiver capacidade de resposta. E não compreendeu que estava tendo essas experiências independentemente de mim, antes mesmo que eu soubesse da sua vida?

– Nunca as tive antes de conhecê-la, srta. Le Fay. A senho-rita pode não ter tomado parte nelas conscientemente, mas atuou como um catalisador para mim.

– Isso aconteceu porque o poder que eu tenho estimulou o seu. Vou dizer-lhe outra coisa, dr. Malcolm: o senhor agiu como um catalisador para mim.

Malcolm virou-se e me encarou.

– Eu procurava, em vão, um local para iniciar o meu traba-lho. Simplesmente não podia encontrá-lo. Tratava-se muito mais do que a dificuldade usual de achar uma casa, pois eu apenas queria um estúdio com dependências para morar – uma forma muito simples de acomodações. Af, lembrei-me de ter visto esta igreja certa vez, quando entrei num caminho errado. Mas pensa que conseguia encontrá-la de novo? Não conseguia. Gastei horas à sua procura. Sei agora que devo ter passado pelo fim da rua uma porção de vezes, e virado em cada uma das outras ruas, me-nos nesta. Então, desesperançada, eu já ia de volta para casa, quando quase o atopelei. Logo em seguida, o sol bateu na janela ocidental da sala e a iluminou: foi assim que descobri onde estava a minha igreja.

– Bom Deus, era a senhorita?

– Sim, era eu. Receio tê-lo abalado. Deveria ter me descul-pado antes.

– Certamente sofri um choque, mas não foi a pancada que levei nas costas. Sabe, a senhorita era parecida com alguém de um pesadelo que eu costumava ter quando estudante. Eu costu-mava sonhar que ficava preso na sala de dissecação, depois que

todo mundo havia saído; e lá estava uma mulher com longos ca-belos pretos, deitada numa laje à luz do luar. E eu precisava dis-secá-la. Não tínhamos ouvido falar de Freud naqueles dias. Por-tanto, tomei os meus sonhos como um aviso, e fiquei nervoso co-mo um gato por causa deles.

– Por que os sonhos o faziam ficar tão nervoso? Natural-mente, estava acostumado a dissecações?

– Oh, perfeitamente. Eu comia o meu lanche com uma das mãos e fazia um *post mortem* com a outra. Mas isso era diferente. Eu desejava dissecá-la tanto quanto a senhorita iria gostar de lim-par galinhas. E para a tarefa, eu dispunha de nada mais do que de um par de abotoadeiras; nenhum escalpelo, nenhum fórceps, na-da. E quando houvesse terminado, sabia que eles viriam e me en-contrariam, caçar-me-iam pelas ruas e me matariam. Aparente-mente, eu poderia reduzir, à vontade, a dama a pedaços com as abotoadeiras, mas tão logo eu terminasse deveria ser morto.

– A moça era eu?

Malcolm se mexeu desajeitadamente.

– Sim, receio que sim. Mas nunca a relacionei com a mu-lher da capa preta do Aterro.

– Levantei-me e fui até minhas estantes de livros, voltando com o volume sobre múmias, de Elliot Smith.

– Isso lhe lembra alguma coisa? – perguntei, mostrando-lhe certa página.

– Meu Deus, é claro que lembra!

– Como explica isso?

Malcolm permaneceu num dos seus silêncios habituais, e eu sabia que teria de esperar. Finalmente, falou:

– A senhorita perguntou-me se acreditava na vida depois da morte, e eu respondi que não. Acho que fui um tanto precipitado; eu deveria ter dito que não estou em posição de formar uma opi-nião. Acredito que haja provas, mas nunca estive suficientemente interessado para investigar. Dir-lhe-ei, entretanto, em que acre-dito: em vidas anteriores a esta – sempre acreditei nelas, desde quando consigo lembrar. Ninguém me contou; eu simplesmente sabia. Não posso provar. Eu acredito nisso, e é tudo. Este é o único ato de fé que já realizei. Nunca me ocorreu relacionar meu pesadelo na sala de anatomia com qualquer coisa que se referisse a uma outra vida. No entanto, este livro – bem, pode não servir

de prova para mais alguém, mas é bastante bom para mim, pois todas as minhas idéias sempre giraram em torno das coisas egípcias. Jamais me dei bem com a religião, embora seja filho de pastor. Todavia, sempre senti que os egípcios tinham uma religião que valia a pena e que eu poderia me adequar a ela.

– Que tipo de pensamentos sobre vidas passadas o senhor tem?

– Nada de edificante. Ao contrário, bastante sinistro, para ser franco. A última espécie de coisas que a senhorita esperaria que eu imaginasse. Parece-me que fui um tipo de rejeitado, e um dos bem maus. Ressenti-me um pouco com a injustiça do fato, mas, em parte, sabia que fora merecido. Quando criança, eu era o diabo. Jamais segui uma religião – não obstante – meu Deus – eu tinha uma convicção sobre o pecado! Porém, srta. Le Fay, quando recentemente fiz um pouco de psicanálise, o conteúdo desse sonho evidenciou exatamente essa sujeira freudiana.

– Fez análise para se livrar de mim?

– Bem, sim, acho que foi isso. Tentei observar-me imparcialmente e julgar-me pelas regras da psicologia, da forma como as conheço, e pareceu-me que eu estava me tornando um caso patológico. Então, requisitei um segundo parecer, que confirmou o meu.

– A análise o ajudou?

– Nem um pouco. Contudo, aparentemente, não esperava nenhum resultado positivo antes de três anos. Tratava-se de um simples diagnóstico. O colega tentou a hipnose, mas eu não era sugestível. Portanto, ele me enviou para uma mulher que acreditava no Pensamento Novo. * *Grrr!* Eu poderia ter torcido o pescoço dela. Baboseira! Falou comigo – comigo, imagine só! – a respeito do poder da mente sobre o corpo. Eu lhe disse que tentasse um tumor cerebral e aprendesse o poder do corpo sobre a mente. Ela não gostou de mim. Eu não gostei dela. A mulher sorria o tempo todo como um gato Cheshire, porque isso estava de acordo com os seus princípios sobre a amabilidade. Porém o

* Movimento de cura mental que engloba pequenos grupos e organizações dedicadas à cura espiritual e ao poder criador do pensamento construtivo (N.T.).

tempo inteiro ela não gostou de mim. Eu não sorrio como um gato persa. Não gosto das pessoas, elas sabem disso, e não me importo que saibam!

Fiquei com pena dessa pobre mulher. Meu atual trabalho de Hércules não era nada, se comparado ao que ela realizara tentando convencer o seu formidável paciente de que Tudo é Amor. Achei que o mais provável seria que Malcolm a tivesse desiludido tanto que ela não conseguiu causar-lhe a mínima impressão.

– Há algo de que me arrependo muito, entretanto, srta. Le Fay: falei com ela a seu respeito. Sabe Deus por quê. Sabe Deus como pude ser tão tolo. Entretanto, seja como for, estou sinceramente arrependido.

– O que disse a ela sobre mim?

– Disse-lhe como me atraía e como permitia que minha imaginação me fizesse de bobo, até me descontrolar.

– Que orientação ela lhe deu?

– Aconselhou-me a tirá-la da idéia, naturalmente. Ela sabia que eu era um homem casado.

Pensei na inutilidade desse conselho. Ora, por não ter conseguido fazer isso, é que Malcolm fora lhe pedir ajuda.

– Diga-me, dr. Malcolm, o que o levou a desconsiderar o conselho?

– Oh, o seu chamado! No minuto em que soube que me queria, tive de vir. Farei qualquer coisa no mundo pela srta. Sabe disso, não é?

– Sim, sei. Foi por isso que o chamei.

– Mas não sente por mim o que eu sinto pela senhorita. Não me iludo a esse respeito.

– Não, não sinto. Isso é verdade. Mas está bem assim, não é mesmo? Nunca poderíamos trabalhar juntos se eu estivesse apaixonada.

– Não, certamente que não. Concordo com isso. O que nos traz de volta ao ponto de partida. Ia me falar sobre qual seria a sua atitude no caso. Pelo menos, foi o que entendi. Mas, dane-se tudo, madame! Esteve *me* psicanalisando! E com abotoadeiras também.

– Farei o melhor que puder para explicar, dr. Malcolm, mas não posso garantir que irá compreender.

– Continue. Compreenderei perfeitamente. Não sou um completo tolo, embora possa pensar isso de mim pelo modo como andei me comportando.

– Pois bem. Ouça: eu lhe disse que possuí um poder mágico, dr. Malcolm. E, agora que lhe revelei o fato, creio que pode ver por si mesmo. Eu pretendo usar esse poder. Ele é raro, pelo menos no grau em que o possuí. O senhor é um médium, embora médiuns sejam bastante comuns. Mas o senhor também tem, junto com a sua mediunidade – e essa combinação está longe de ser comum –, um grau de dinamismo de força vital, ou de energia e direção, que em minha experiência é único. Parte dele vai para o seu trabalho, naturalmente, e é por isso que chegou até onde está em sua profissão. Mas o que acontece com o resto, dr. Malcolm?

– Receio que isso suba à cabeça e eu me ponha a perseguir pessoas pelo Aterro, fazendo geralmente papel de tolo, como já deveria saber.

– Tem o costume de fazer esse tipo de coisa?

– Não! Por favor, srta. Le Fay. Não, nunca! Nunca até agora. Nunca em toda a minha vida. Dou-lhe a minha palavra de honra.

– Mas isso eu já sabia! Não entendo os motivos dessa sua reação.

– Eu apenas estava falando genericamente, sabe. Não queria ser tão pessoal.

– Pode ver por si mesmo, não pode, dr. Malcolm, como a tremenda força impulsionadora que pôs em sua fantasia fê-la vir à tona sob a forma de telepatia?

– Sim, compreendi isso e sinto muito. Foi desagradável para a senhorita.

– Não foi nem um pouco desagradável.

– A senhorita está além da minha compreensão. Imaginei que uma mulher gosta, ou não gosta, desse tipo de coisa. Julguei que, quanto a isso, não houvesse meias medidas.

– Alguma vez já estudou as religiões antigas? A hindu, a egípcia?

– Não, nunca. A mulher do Pensamento Novo falou em Ioga. Estou inclinado a pensar que na ioga existe alguma coisa. Muito embora não da maneira como ela fala. Amor! Espírito!
Grrr!

– Não ligue para a mulher do Pensamento Novo. Ela era solteira?

– Usava uma aliança. Ah, sim, tratava-se, por certo, de uma donzela... Entendo onde quer chegar.

– Pois bem, se tivesse estudado as religiões antigas, teria observado que suas manifestações são diferentes das nossas. Elas cultuavam a força criativa, enquanto nós procuramos eliminá-la.

– A força criativa?

– A força de reprodução não é uma força criativa?

– Acho que não entendi.

– Dr. Malcolm, vou fazer-lhe uma pergunta que não precisa responder, a menos que queira. Seu casamento atendeu às suas expectativas?

Malcolm permaneceu em silêncio.

– Minha esposa tornou-se uma inválida depois do nascimento do nosso filho – disse, por fim. – Tenho um débito enorme para com ela.

– E a criança?

– Eles não podiam salvar ambos.

– Obrigaram-no a escolher?

– Sim.

– Um outro filho?

– Não, fora de cogitações.

– Mais vida de casado?

– Não, naturalmente que não.

– Seu casamento o satisfaz, dr. Malcolm?

Ele ficou sentado, em silêncio. Enfim:

– Não, é evidente que não.

– O que aconteceu com aquele lado da sua natureza que deveria ter-se realizado no casamento?

– Só Deus sabe. Eu não sei. Inquietou-se um tanto, supinho, e se gastou de uma forma ou de outra. Tornou-me mal-humorado, imagino.

– Dorme mal?

– Pessimamente.

– Acertei no diagnóstico?

– Assim espero.

– Sonha bastante?

- A senhorita deveria saber.
- E depois que sonha, sente-se mais feliz?
- Ah, minha cara, claro que sim!
- Percebeu como a sua tremenda força vital se extravasou em seus sonhos e passou telepaticamente para mim? E, porque sei como recebê-la, tomá-la e absorvê-la, o senhor ficou em paz? Se eu lhe devolvesse essa força, isso seria uma experiência nada saudável para o senhor.
- Uma coisa assim é possível?
- Sonhou e ficou em paz, não foi assim?
- Como posso dizer-lhe isso? Sim, sim. Fiquei muitíssimo satisfeito. Sabe disso. A senhorita entende a situação.
- Tem tentado desligar-se de mim. Como se sentiu então?
- Reduzido a cacos... a cacos. Não pude suportar.
- Vê como a força aparece?
- Ela aparece na imaginação. Mas a senhorita me encontra a meio caminho. Seria diferente se não o fizesse. E, ainda assim, importa-se comigo?
- Esse é o segredo de tudo. Eu o encontro no meio do caminho. Extraio essa força de você e a utilizo na minha magia. E isso, dr. Malcolm, é o que lhe proporciona essa paz.
- Mas isso é correto? É justo?
- Isso magoa alguém?
- Não, não vejo como.
- Ajuda o senhor?
- Incomensuravelmente.
- Eu, que sou tida como pagã, ajudei-o mais do que a mulher do Pensamento Novo, que deve ser considerada muito espiritual?
- Oh, não me fale dela!
- Nesse caso, meu amigo, confiaria em mim para realizar essas experiências?
- Sabe que confiarei. Acho que não preciso assegurar-lhe isso. Contudo, diga-me: qual o propósito que tem em vista?
- Não se trata exatamente de pesquisa; já fiz tudo isso e sei o que pretendo. Mas... dificilmente sei como expressá-lo.
- Quer que eu seja um modelo vivo?

– Não é bem isso também. E, de certa forma, pode-se dizer que é. Se entendesse um pouco de magia, saberia do que estou falando. Mas não entende. Deixe-me explicá-lo assim: o senhor e eu somos parte de nossa raça, não somos? E, por isso, a nossa raça faz parte de nós. Do que é constituída a nação britânica? Principalmente de escandinavos e de celtas. Eu sou uma mulher celta de cabelos negros; o senhor é um homem escandinavo de pele clara. Somos os dois tipos extremos da nossa raça.

– Certamente que sim. Nós dois temos tipos, caráter e aparência diametralmente opostos, e eu deveria saber que percorreria um longo caminho antes de descobri-lo. Sua ossada é de um tipo e a minha de outro, para começar.

– E é na diferença que reside a atração.

– Não: a atração é mais profunda do que isso. Não é a sua aparência que me atrai.

– Ponha de lado a personalidade, por enquanto. Deixe-me abordar o próximo ponto. Nós, os iniciados, afirmamos que se pode trazer uma coisa à manifestação, através dos Planos Inteiros, elaborando-a simbolicamente. É por isso que temos um ritual. Ora, se formos trabalhar juntos no problema que espero resolver, este será solucionado para a raça, porque somos parte dessa raça. E qualquer coisa que seja realizada em nossa mente fica fazendo parte da mente grupal e cresce como um fermento.

– Isso é um fato?

– É um fato, dr. Malcolm, e esse conhecimento faz parte da Tradição Secreta.

– Entendi. A senhorita quer fazer comigo um tipo de cultura.

– Exatamente.

– Bem, qual será meu grau de envolvimento em tudo isso? Há algum tipo de risco? Não estou perguntando porque tenha medo, mas porque desejo saber como pôr em ordem os meus negócios. Preciso deixar minha esposa amparada. Não posso sair do hospital sem que sejam avisados. Fora isso, estou, como já falei, inteiramente a seu dispor. Nada sei sobre essas coisas. Terá de me ensinar tudo, mas aprenderei, se tiver paciência comigo.

Tudo isso dito por um dos maiores cientistas da época! Fiquei embaraçada com a completa simplicidade e modéstia desse

homem. Talvez fosse esse o segredo da sua grandeza, pois provavelmente diria à Natureza a mesma coisa que dissera para mim.

– Acho difícil saber como lhe agradecer – afirmei.

– Agradecer-me? Não seja louca! Não tem nada que me agradecer. Não estou muito mais feliz do que teria motivo para esperar ou desejar? Sinto-me bastante honrado, srta. Le Fay, honrado além da conta. Trata-se de um caso de gratidão de minha parte, não de agradecimentos da sua. – Malcolm se deteve por um instante. – Compreende o que isso significa para mim? Só espero que compreenda e que eu, de forma alguma, não a tenha enganado. Agora, diga-me o que pretende fazer comigo. Passemos aos negócios. Quanto do meu tempo quer, para começar?

– Tempo justo no começo, até que aprenda a técnica. Depois disso, uma noite por semana, com alguns picos de trabalho. Sempre à noite. Sou uma criatura da lua. Não funciono antes do pôr-do-sol.

– Também trabalho à noite; portanto, isso me servirá muito bem. Quando começamos?

– Agora, se quiser.

– Não há problema, no que me diz respeito; mas eu não deveria pôr meus negócios em ordem primeiro?

– Meu caro dr. Malcolm, está pensando que eu vou assassiná-lo?

– Como posso saber? Adivinhei que há um grau apreciável de risco.

– Mas não de morte ou mutilação. O risco, o único risco que o senhor corre é de uma convulsão emocional um tanto desagradável. Poderia, possivelmente, ter um colapso nervoso, mas penso que tem demasiada capacidade de resistência para que isso aconteça. Contudo, isso não lhe causaria qualquer dano permanente.

– Supondo que ocorra o pior, por quanto tempo eu ficaria fora de ação? Estou perguntando simplesmente para poder ajeitar as coisas – não quero deixar meu pessoal na mão. Alguém tem de fazer meu trabalho, se eu não puder.

– Se o pior acontecer, ficará emocionalmente prejudicado durante uma maré solar, quer dizer, até o próximo equinócio. Não penso, porém, que isso o deixasse fora de ação ou incapaz de fa-

zer seu trabalho por mais do que uma maré lunar, ou seja, até a próxima lua nova.

– Estou acostumado a ficar nervoso. Não acredito que no-tem qualquer diferença. Mas se o único risco *para mim* é uma tempestade nervosa, quem vai assumir o risco *real* do negócio? Pois estou convencido de que existe um risco, embora pareça despreocupada quanto ao fato.

– Assumirei esse risco, dr. Malcolm, mas ele não é tão grave assim. Sei o que pretendo e estou inteiramente acostumada com isso. O único risco real é o da perda de controle. Eu dificilmente me descontrolo; já estou habituada. Do que realmente tenho medo é da sua falta de controle dos nervos, porque jamais teve antes qualquer experiência dessa espécie, e o senhor e eu não podemos deixar de trabalhar com alta voltagem.

– Minha querida criança, faz parte do meu trabalho ter os nervos em ordem. Por quem me toma? Por uma velha senhora fazendo rendinha?

– Quando falo em perder o controle dos nervos estou me referindo não à falta de coragem. Sinto-me bastante alegre, uma vez que isso não vai acontecer no seu caso. O que receio é um súbito ataque de consciência. Como bem disse há pouco, o senhor e eu temos opiniões bem diferentes acerca da vida, e deveríamos trabalhar a favor da vida e com a vida. Tenho o hábito de moer todas as minhas arestas no mesmo moinho: é a única maneira de acertá-las. Parece perigoso, mas não é; não para mim, em todo caso. O senhor poderia achar que eu o estou levando ao pecado. Navegaremos perigosamente contra o vento, admito. Mas qualquer dano que causemos será para nós mesmos. Não haverá dano para mais ninguém.

– Fico contente de ouvi-la dizer isso. Eu não estaria disposto a fazer qualquer coisa que pudesse magoar a minha esposa.

– Nunca lhe pediria que o fizesse.

– Muito bem, prossiga. Aceito os riscos previstos. Não sei de onde tirou a idéia de que tenho uma mentalidade estreita. Não desejo livrar-me com evasivas e, exceto pelo que já lhe disse, eu sou o seu homem.

– O senhor tem certos princípios inflexíveis, não tem? Suponha que tenhamos de contrariar um deles?

– Então, simplesmente avaliarei minhas perdas e irei embora.

– Nesse caso, demoraria uma maré solar para superar o ocorrido. Mas, em vez disso, teria de confiar em mim. Mesmo que eu fosse obrigada a retalhar os seus princípios, eu simplesmente destruiria a válvula de segurança que sempre usamos na magia. Nada haveria a lamentar a não ser a perda de experiência em si.

– Quem sofreria o choque?

– Eu, mas sei como recebê-lo. Não sairia ferida.

– Como fará isso, srta. Le Fay?

– Como se fosse um pára-raios: dando passagem à corrente para a terra, através de mim. Isso encerra a experiência, pelo menos durante esta vida, mas sem causar danos.

– Acho que compreendo. É como velejar. Nunca dê volta a um cabo de escota. Se vier um pé-de-vento, deve deixar a palamenta livre para evitar virar de borco, não é assim?

– Exatamente.

– Percebo. Mas não entendo por que acha que eu necessariamente iria embora com a palamenta.

– Não irá, se souber quando deve largá-la.

– E pensa que meus princípios são tão rígidos que vou preferir afundar com o mastro a soltá-lo?

– É precisamente disso que tenho medo.

– No entanto, com toda a certeza, levará um machado para cortar o mastro?

– Acha que vou deixá-lo afundar se cair do barco, dr. Malcolm?

– Não há vantagem em ser arrastado pela senhorita, se meus princípios me afogarem da mesma maneira.

– Sou o capitão do navio; se ele naufragar, afundarei com ele.

– Por que precisa fazer isso?

– Questão de honra, meu amigo. Meus princípios são tão rígidos quanto os seus, embora de outra maneira.

Malcolm ajeitou o cabelo vermelho.

– Não vejo nenhum motivo para tanta rigidez – disse ele.

– Isso é porque estamos discutindo os meus princípios, e não os seus. Se estivéssemos discutindo os seus, sentir-me-ia assim como o senhor: não veria motivo para tanta rigidez.

– Parece-me um tipo de expedição suicida. Quando começamos?

– Quando quiser.

– Por que não agora mesmo? Suponho que se sinta a meu respeito da mesma forma como me sinto em relação aos animais que submeto à vivissecção: fazer o melhor que puder com o pobre animal e prosseguir com o trabalho. O trabalho vale mais do que o animal.

CAPÍTULO X

Levei Malcolm para cima, para o quarto de vestir. Para chegar lá, precisávamos atravessar o meu quarto. Malcolm deu uma espiada receosa em torno e baixou os olhos. Além disso, não titubeou, embora eu achasse que havia respirado mais desafogadamente nas escadas, não obstante estas fossem bem íngremes.

Deixei-o no quarto de vestir. Tendo tirado do armário a vestimenta de veludo negro e o toucado prateado de sacerdotisa da Lua, subi ao templo para trocar de roupa, pois não era conveniente aparecer diante da Deusa em trajes mundanos. Depois de pronta, invoquei-a e permaneci em meditação diante do símbolo da lua, por uns poucos minutos. Em seguida, fui buscar Malcolm.

Emoldurada pelo arco escuro das escadas, eu devia parecer uma figura impressionante por causa de minhas vestes, pois Malcolm jogou a cabeça para trás como um cavalo amedrontado. Permanecemos calados durante um momento. Então eu lhe disse:

– Venha.

Puxei a cortina pesada para o lado, para que ele pudesse passar para o templo. Silenciosamente, Malcolm cruzou o limiar de Ísis. Entrei e fiquei ao seu lado.

– Este é o meu templo – disse eu.

– O que faz aqui? – perguntou ele.

– Entro em contacto com a lua – respondi.

– Entendo – afirmou ele, apesar de eu não acreditar que entendesse.

Malcolm se pôs a examinar o local. Nunca, nem em seus sonhos mais extravagantes, Rupert Malcolm tinha visto algo parecido; e ele tinha visto muita coisa estranha antes de receber o seu F.R.C.P. *

* *Fellow of the Royal College of Physicians.*

– Este é o diagrama do Universo – expliquei. – Esses símbolos, nos sete lados, representam os sete planetas e indicam onde entra a sua influência. O lado pelo qual entramos representa o caminho de volta à terra. Os quatro lados do altar cúbico reproduzem os quatros elementos. Aqueles são os seus símbolos: os triângulos. Suba ao altar. A que altura ele chega?

– Até a altura da cintura, e eu meço mais ou menos um metro e setenta.

– O altar chega ao umbigo de um homem de um metro e oitenta, e é feito de um cubo duplo que significa: “Em cima como embaixo”. Este é o altar cúbico do universo. Se duplicar novamente os cubos, o altar terá a altura de um homem. O outro altar, com feitiço de mesa – ou divã, depende do modo como você encarrar – forma um T com o altar cúbico; é o altar do sacrifício. Aquele grande espelho é a entrada para os planos superiores. Penduramos nele o símbolo da força com a qual estivermos trabalhando e situamos os outros símbolos adequadamente em volta. Aquele luz que pende acima da nossa cabeça é a luz do espírito. Ela representa o Criador. O pavio flutuante no vaso em forma de lótus, sobre o altar, representa o poder do Criador trazido ao universo – Deus em manifestação na Natureza. Essa luz na jarra de opala, na frente do espelho, significa o poder da lua. Há jarras coloridas com pavios flutuantes debaixo de todos os símbolos dos planetas, mas só a jarra da lua está acesa hoje, porque trabalharemos com o poder da lua. Aqueles dois pilares, o negro e o prateado, representam a força positiva e a força negativa. No momento, ficam um de cada lado do altar dos sacrifícios, porque esse é o foco do poder no trabalho que iremos realizar. As duas luzes nas extremidades completam o número de cinco luzes no templo, pois cinco é o número do homem. Quatro delas se refletem no espelho, mas não a quinta, a luz do espírito acesa no teto; isso eleva o número de luzes para nove, que é o número da Lua.

Os olhos de Malcolm acompanhavam os movimentos da minha mão apontando para as coisas.

– Entendo – disse ele. E penso que entendeu mesmo, pois sua mente era aguda e clara como o diamante. Trabalhar com Malcolm era uma delícia.

– Mas há mais do que isso – continuei. – Esse é o templo físico. Há também um templo astral, construído na imaginação, e o que construímos na imaginação é real em seu próprio plano. Levarei o senhor através desse templo astral hoje à noite, se tudo correr bem.

– Como entramos nesse templo astral?

– Através do espelho.

– Percebo. É para isso que serve esse espelho grande, não é?

– Sim, é a isso que chamamos de ritual do espelho. É mais fácil ver fisicamente num espelho do que no quarto real. Podemos construir as imagens astrais no espelho; a estrutura cristalina do vidro manterá o magnetismo. Olhe para o espelho. Vê o meu rosto aparecendo bem em cima dos seus ombros?

Coloquei-me bem atrás dele, e a luz do pavio flutuante em cima do altar refletiu-se no meu rosto. A luz brilhando de baixo para cima destaca o contorno de um rosto de maneira invulgar e faz com que ele pareça bem diferente. Até mesmo eu, vendo o meu rosto no espelho, sobre os ombros de Malcolm, tive dificuldade em reconhecê-lo. Nossos olhos se encontraram no espelho.

– Quem é ela? – perguntei.

– A mulher da sala de anatomia – respondeu, e senti que estremezia.

Essa não era a resposta que eu esperava ou queria.

– Olhe novamente – intimei – e diga quem é ela. Diga com franqueza.

– Bem... a senhorita sabe.

– Sim, sei – respondi –, porém desejo descobrir se o senhor sabe.

– Tanto quanto sei, pelo menos tanto quanto posso deduzir a partir do meu sonho, ela era a sacerdotisa de um daqueles velhos templos onde eu era sacerdote. Eu profanei o seu corpo morto, e me meti em complicações.

– O senhor a profanou no interesse da magia?

– Não – disse Malcolm, e percebi a mente do homem se fechar como uma porta de aço. Ele não me diria mais nada, eu sabia disso, por mais que o pressionasse. Mas isso não tinha importância. Ele sabia e isso bastava. De minha parte, podia fazer

uma avaliação exata do fato, por conhecer os usos dos antigos egípcios.

– Diz que se meteu em complicações. Não lembra qual foi o seu castigo?

– Naturalmente, apedrejamento até a morte.

Não existia o *naturalmente* no caso. Eu havia visto Malcolm cumprir uma outra pena, e gostaria de descobrir por que ignorava o fato, uma vez que ele se recordava de tanta coisa.

– Alguma vez tomou parte em cultos que incluíssem sacrifícios de sangue? – perguntei. – Senti Malcolm estremeecer novamente. Era estranho ver aquele homem calejado, entroncado e rijo estremeecer daquele jeito.

– Acho que sim – respondeu tranqüilamente – e esse fato provavelmente é a essência da minha aversão a sangue.

– Também acredito que tenha tomado parte em cultos desse tipo – disse. – Mas saiba que não se tratava de um culto de sangue. Era a parte mais secreta do culto de Ísis – o culto mais antigo, o pré-dinástico –, onde, a longos intervalos, eles matavam um homem em sua honra. Os sacerdotes encarregados disso eram conceituados nesse culto. Essa incumbência era tida como expiação por haverem feito algo errado. Acho que esse foi o seu castigo por ter profanado o corpo da sacerdotisa.

– Não, não foi – disse Malcolm apressadamente – ou, pelo menos, não foi essa a história que imaginei. Minha idéia é que entrei para o sacerdócio sob falsas alegações. Acredito que realmente eu pertencia a uma das classes de párias que cuidava dos cadáveres, e eles não me aceitariam de jeito nenhum se soubessem da verdade. Quando pequeno, para salvar uma herança, tomei o lugar de uma criança que havia morrido. Eu era o único a conhecer o segredo do meu nascimento e não devia ter tentado pertencer ao clero. Mas não pude resistir. Então, eles me descobriram, obrigaram-me a fazer os sacrifícios de sangue e procuraram me segregar do sacerdócio, mas não podiam fazê-lo: eu sabia demais. Então para piorar as coisas, apaixonei-me por uma das sacerdotisas. Em seguida, houve toda sorte de problemas. Negaram-me uma segunda chance depois disso e deram cabo de mim. Em todo caso, essa é a história com a qual me embalavam para dormir quando criança.

– Que história para criança!

– Oh, eu era desse tipo de criança. Fui criado pela governanta do meu pai – minha mãe morreu quando nasci. Espantoso, não é, como essas calamidades obstétricas parecem me perseguir? Esse foi o fim da sacerdotisa também.

– Também imaginou isso quando era pequeno?

– Imaginei toda a história, assim como acabei de contar. Naturalmente, a morte da minha mãe me incutiu essa idéia. Ainda assim, era uma coisa esquisita para um rapaz imaginar. Apesar de eu não ser tão imaturo quando tinha treze anos.

Eu podia ver como os anseios da puberdade tinham sido guardados pela recordação.

– A garota com quem se casou era do mesmo tipo que a sacerdotisa? – perguntei.

– Não, exatamente o oposto em todos os sentidos. E eu sabia, mesmo naquela ocasião, que deveria esperar pela minha sacerdotisa. – Suas mãos agarraram a extremidade do altar, fazendo a chama da lâmpada tremular. – Mas minha natureza era forte demais para eu resistir. Esse tem sido sempre o meu problema. Então, a família dela pressionou para que nos casássemos. Ela, na verdade, não queria casar. Tinha medo de mim e não a culpo por isso. Mas eu era muito cabeça-dura para prestar atenção no fato. Assim, a senhorita pode ver por que acho que lhe devo algo, não pode? Ela me foi oferecida em sacrifício, como sempre. É a velha história outra vez. Ainda sacrificando e ainda um pária. – O altar balançou sob o aperto convulsivo de suas mãos, fazendo a chama tremer até que as sombras dançassem pelas paredes. Pensei que a chama fosse se extinguir.

O que alguém poderia dizer? Olhando para o espelho, Malcolm estava descobrindo por si mesmo a natureza do ritual.

– Sabe por que fui estudar medicina? Penitência! Para esgotar o meu senso de pecado, entende? Na verdade, eu deveria ter sido um médico missionário!

Eu estava começando a imaginar o que fazer com Malcolm, pois ele parecia ter-se enraizado no altar cúbico, prendendo-o com ambas as mãos, mas eu o queria no outro altar, o altar dos sacrifícios. Eu sabia o que teria de fazer: sacrificar aquele homem, como ele sacrificara os outros – não a sua vida ou o seu

sangue físicos, mas a sua vitalidade magnética e tudo o que faz a vida valer a pena para um homem. Eu precisava fazer isso e devia aproveitar sua vinda através do renascimento. Malcolm havia adivinhado acertadamente quando se comparara a um animal vivissecionado.

– Quero que deite neste divã. Fará isso? – perguntei.

– Por que não? – Malcolm deu a volta ao altar – mas o fez no sentido errado – Deus o ajude! – e se estirou no comprido e baixo divã, que serve de altar e de túmulo. Apanhei um banco, coloquei-o atrás de sua cabeça e me sentei ali. Nossos olhos se encontraram no espelho. Curvei-me sobre ele, e as pontas compridas do meu toucado de prata caíram sobre os seus ombros, emoldurando-lhe o rosto. Peguei sua cabeça em minhas mãos. O homem se retesou, tentando se desviar, mas manteve o aperto.

– Não costuma pegar nos seus pacientes quando trata deles? – indaguei.

– Desculpe – respondeu, e relaxou.

– Olhe no espelho – ordenei-lhe.

Nossos olhos se encontraram novamente. Comecei a construção do templo.

– Não pense em mim. Nunca se importe com a mulher humana. Pense na sacerdotisa do espelho. Você me usará como se eu fosse o canal da força com a qual quer entrar em contacto. Minha personalidade não toma parte nisso. Ela se esvairá tão logo a força comece a fluir. Todas as mulheres são Ísis, e Ísis é todas as mulheres. Olhe para o espelho.

– Agora – prossegui – vou levá-lo numa viagem. Estamos no Egito, às margens do Nilo. É noite de luar. É lua cheia. Há névoa surgindo da água do rio e faz frio. A neblina fria do rio. A névoa fria do luar. A fria névoa astral. Agora estamos fora, no mundo astral.

Malcolm estremeceu – ele sentira o frio astral.

– Há um grande portão de pilares diante de nós. Sua sombra é escura sobre a areia. Nós entramos nessa sombra.

Malcolm estremeceu outra vez, a ponto de o divã balançar embaixo dele.

– Passamos sob o grande arco do pilar e estamos no pátio da piscina de lótus. O luar cai na água onde os lótus flutuam ador-

mecidos. Passamos por eles, subimos alguns degraus, através de um amplo terraço, e entramos naquela porta – uma porta grande que está aberta. Agora, estamos num salão escuro e abafado, iluminado apenas por uma lâmpada pendente. É o salão das Esfinxes.

Malcolm sobressaltou-se.

– À nossa frente, uma cortina negra oculta o *Sancta sanctorum*.

Malcolm respirou profundamente, e suas mãos seguraram com firmeza os meus pulsos. Ele estava vendo tudo isso no espelho.

– A cortina se abre. A Deusa aparece! Adore-a. Ore para Ela. Peça-lhe o que precisar!

Malcolm soergueu-se para a posição sentada, arrastando meus braços com ele. Precisei colocar um joelho no divã para não perder o equilíbrio. Agora eu estava ajoelhada no divã atrás dele, com os cotovelos na altura de seus ombros e as mãos encolhidas contra o seu peito. Podia sentir-lhe o peso e as batidas do coração. Suas unhas feriam-me a pele. Achei que teria sorte se não quebrasse nenhum osso. Retesados, imóveis e sob intenso esforço, ambos olhávamos para o espelho. Lá estava a face desfigurada do homem, os olhos meio loucos. Acima dele, o rosto perfeitamente calmo de uma mulher parecia flutuar no espaço, pois meus trajes escuros eram invisíveis na escuridão. O toucado prateado refletia a luz. Os poços escuros dos olhos não tinham expressão. Nem eu mesma reconhecia o meu rosto.

Em seguida, começou a esquentar e havia uma força atrás de mim. Ísis estava se manifestando. Acima da minha cabeça, eu vi a Dela. Eu não estava mais consciente da agonia em minhas mãos ou da tensão no meu corpo. Tudo o que sentia era a força que fluía através de mim num calor elétrico. Não retesei mais as mãos para protegê-las contra o aperto das mãos de Malcolm. Deixei que ficassem flácidas e percebi os ossos dobrarem-se um após o outro, quando elas se relaxaram. Agora estavam adormecidas, e eu nada sentia, pois a força estava percorrendo o meu corpo.

Sobre mim mesma e o homem, formou-se uma nuvem – uma nuvem prateada da mais tênue névoa do luar, resplandecendo como ouro e esquentando à medida que refulgia. Era a aura de

Ísis emanando de nós, do nosso magnetismo. Trata-se daquilo que existe oculto no casamento. Durou alguns instantes. Em seguida, dissolveu-se lentamente. O magnetismo extravasara de ambos, e Ísis o absorvera. Malcolm caiu de encontro ao meu peito, e pensei que houvesse desmaiado, até que o ouvi dar um longo suspiro. Deitei-o sobre os travesseiros; contudo, ele continuou a segurar minhas mãos. Eu podia sentir que as dele estavam suando. As minhas estavam frias como gelo; por isso, reconheci a maneira pela qual fluía aquela força. Malcolm virou-se, apoiando-se nos cotovelos e, apertando-me de novo as mãos, olhou fixamente para o meu rosto.

– Mas a senhorita é Ísis! – exclamou. – É Ísis!

Nessa ocasião, pressionou o rosto contra as minhas mãos e ficou deitado tranqüilamente.

Por quanto tempo permaneceu nessa posição eu não sei – um tempo considerável, quase uma hora, eu diria. Finalmente, sentou-se, colocando os pés para fora do divã e, virando-se, fitou-me. Levou minha mão aos seus lábios.

– Muito obrigado – disse.

Observou atentamente a mão que segurava: as unhas estavam azuladas, os dedos inchados.

– O que aconteceu com a sua mão? Meu Deus, fui eu que fiz isso? – perguntou, perplexo.

Atenciosos dedos impessoais, tão gentis que não fizeram as contusões doer, percorreram cada tendão, osso e junta. A seguir, passou a examinar a outra mão. Malcolm, o homem, podia ter seus problemas no trato com as mulheres; mas Malcolm, o médico, não tinha nenhum: as mãos que examinaram as minhas eram completamente profissionais. Depois, ele tornou a pegar a primeira das mãos e comparou as duas.

– Reduzirei esse edema – disse. – Sente-se.

Sentei-me ao seu lado no divã. Era um homem completamente diferente daquele que, parte por timidez, parte por princípios, evitava qualquer contato mais íntimo comigo. Apoiando minha mão em seu joelho, começou a massageá-la como se estivesse calçando uma luva. Da ponta da unha até a articulação dos dedos e pelos canais entre os ossos, seus dedos trabalhavam gentilmente, tão delicadamente, repetidas vezes. Observei-lhe o rosto. Ele

não estava olhando o que fazia. Seus olhos fitavam o espaço com uma expressão intensamente vaga. Era como se ele estivesse ouvindo a minha mão. Lembrei-me de que ele havia dito que dependia muito mais dos dedos do que dos olhos. Nesse momento, Malcolm largou a primeira mão como se fosse uma coisa inanimada e começou com a outra, repetindo o processo. O alívio foi enorme; senti as mãos quase normais. Ele as comparou novamente. Exceto por algumas marcas vermelhas na gelada palidez da pele, nada revelava o rude tratamento que elas haviam recebido. E eu imaginara que certamente uma das mãos estivesse deslocada.

– Amanhã, faço nova massagem para você – ele disse. – Suas mãos estão frias. Está com frio?

– Na verdade, não – respondi. – Trata-se do frio psíquico. O poder saiu de mim.

– Para onde?

– Difícil de dizer. O poder também saiu do senhor?

– Saiu, definitivamente. Minha pressão abaixou por isso, segundo penso. Sinto-me estranhamente em paz.

– Nesse caso, o poder foi para a Deusa. Você sentiu Ela se manifestar?

Ele levantou os olhos e encontrou os meus.

– Eu vi você como a Deusa – disse ele em voz baixa.

– Eu sou a sacerdotisa da Deusa.

– Qual é a diferença?

– Não me vê agora como a Deusa, vê?

– Eu a vejo como sempre a vi.

– E como me vê?

Malcolm inclinou-se sobre minhas mãos até eu não conseguir enxergar-lhe o rosto.

– Como uma Deusa, minha querida, como uma Deusa!

Fiquei sentada, tensa, comovida demais para responder. Quem era aquele homem e que segredos descobrira?

– Esteve atrás da cortina? – perguntei.

– Que cortina?

– Na Casa de Net.

– Receio não saber a que se refere.

– Dr. Malcolm, o quanto o senhor sabe?

– Não sei de nada, já lhe disse isso.

– Não conhece essas coisas da maneira como entende de anatomia ou de fisiologia. O senhor as conhece nos sonhos, nos devaneios, na imaginação. Elas são os símbolos da realidade invisível.

Malcolm permaneceu imóvel por um momento.

– Meu Deus, que realidade! A senhorita quer mesmo dizer que as minhas . . . fantasias . . . têm alguma relação com a realidade invisível?

– Isso mesmo.

– Bem, Deus nos ajude! Isso é tudo o que me resta dizer.

– Pode me dizer quais são?

– É preciso? Não vai gostar delas.

– Não se importe com isso. Sou capaz de lidar com a senhorita tão pessoalmente como um cirurgião.

Malcolm permaneceu em silêncio por mais alguns minutos. Por fim, disse:

– Não a levei muito a sério quando acentuou as dificuldades deste trabalho. Mas agora eu entendo. Gostaria, entretanto, de saber se sabe exatamente até onde vai me levar. Ou talvez fosse mais correto perguntar para onde eu a estou levando, se me empurrar para esse caminho?

– Sim, eu compreendo.

– Muito bem, aceitarei a sua palavra. A senhorita está familiarizada, presumo, com a linguagem da psicanálise?

– Estou.

– Quando, recentemente, fui àquela consulta, foi psicanalisado o meu sonho da sala de anatomia. Supõe-se que esse sonho tenha uma base de sadismo. Não considerarei certa essa análise, pois, acredite ou não, srta. Le Fay, tendências para o sadismo são exatamente as que não possuo. Faço de mim mesmo um mártir – essa é a minha tendência. Asseguro-lhe que meu temperamento é violento, mas isso acontece porque vivo tão bestialmente irritado. Não há malícia em mim...

– Há um outro sonho, contudo, que vem ocorrendo a intervalos, durante toda a minha vida. Esse não foi analisado, nunca o contei para ninguém. Ele sempre se repete antes de qualquer ocasião importante. Não quero dizer que seja um sonho profético.

Nada disso. Mas acontece quando estou sob tensão – na noite antes de um exame, por exemplo. É o seguinte: esfaqueio um homem num jardim, à luz da lua, sem qualquer traço de sangue – como pode imaginar. Entro num templo pela porta lateral – é um cenário egípcio, posso lhe assegurar isso – e personifico o homem que esfaqueiei, que era o sacerdote do templo. Uma mulher entra pela porta principal – o lugar está vazio e iluminado por uma lâmpada pendente, como a deste lugar. Ela se aproxima de mim e faz um movimento, quando descobre que não sou quem esperava. Eu a seguro pelas mãos e a puxo através das cortinas – por Deus, você me perguntou se eu havia estado atrás das cortinas! É a essa cortina que se referia?

– Exatamente.

Malcolm pareceu petrificado.

– O senhor entrou no *Sancta sanctorum* – afirmei. – O que viu lá?

– Nada, era uma sala vazia.

– O senhor empossou a sacerdotisa como a deusa.

– Não fiz isso!

– Fez!

– Não fiz!

– Fez sim!

– Entendo – disse Malcolm, depois de um momento. – Mas você sabe que não pode ter sido nesta vida.

– Sei disso. Essa época já passou. A evolução continua. Atualmente estamos sob o signo de Ar de Aquário. Os rituais são astrais. Foi daí que se tirou o ideal do celibato na vida religiosa, em vez de o velho ideal da fecundidade. A sacerdotisa está empossada no astral, dr. Malcolm.

– Entendi o que disse. Mas isso funciona?

– Deveria saber que sim.

Malcolm pensou por um instante.

– Funciona. Posso prová-lo. Apesar de não saber como funciona.

– Toda magia funciona através da imaginação.

– Mas... a força vital não é transmitida pela imaginação.

– Pelo contrário...

– Não vejo como.

– O que é um sacramento?
– O sinal visível e exterior de uma graça interior e espiritual.

– O casamento é um sacramento?

– Acho que sim, suponho...

– E qual é a natureza da sua graça espiritual interior?

– O amor, imagino.

– É algo mais tangível que isso – é o magnetismo. O senhor se lembra de me ter ouvido dizer que a realidade invisível por trás de qualquer manifestação psíquica tem a natureza da eletricidade? Bem, ei-la em função, mais palpável que a emoção, menos palpável que o protoplasma.

Malcolm ficou perdido em pensamentos quando percebeu as implicações do que eu afirmara.

– O protoplasma emana o magnetismo, ou é o magnetismo que emana o protoplasma? – perguntou afinal.

– As duas coisas – expliquei – porém o magnetismo surgiu primeiro na evolução do tempo e surge primeiro em todas as manifestações da vida. O senhor não pode ter protoplasma sem magnetismo.

– A senhorita consegue ter magnetismo sem protoplasma?

– Sim, e essa é uma das chaves secretas do ocultismo. Sobre o sinal visível e exterior, e acima dele, há a graça interior e espiritual.

– E o sinal exterior e visível é... o protoplasma? Sim, naturalmente. O protoplasma – a substância básica – pura albumina. Sim, isso poderia se desenvolver dessa maneira. Alguma vez já considerou o milagre do pinto que se desenvolve da clara do ovo, que também é pura albumina?

– Já considerou o milagre do Universo se desenvolvendo do espaço?

– Minha querida criança, se pensar bastante em qualquer coisa, verá que tudo é um milagre. Trabalhei durante toda a minha vida com o sistema nervoso central e acho que sei algo sobre ele, mas não tenho a menor idéia de como a sensação se transforma em movimento. Falar sobre impulsos aferentes e eferentes é uma conversa de tolos; não quer dizer coisa alguma. Não passam de balbucios de bebês numa oitava mais alta: *Gu-gu! Dá-dá! É*

nisso que se constitui a metade da terminologia científica. Os tolos não conseguem perceber que descrição não é o mesmo que explicação. Estou apto a descrever o sistema nervoso central — ninguém pode fazê-lo melhor — mas diabos me levem se puder explicá-lo! Filha, sabe que o principal serviço que posso prestar aos pacientes que vêm até mim é impedir que os outros façam alguma sujeira com eles? O dia em que tenho um caso que posso tratar é um dia escrito com maiúsculas. Diagnóstico? Sim, eu coloco o rótulo certo neles; prevejo o resultado final se isso os conforta; entretanto, geralmente não é isso que acontece. É por isso que me cansei do sistema nervoso central — há tão pouco que se possa fazer! Imagine: gosto da bem delineada precisão da neurologia, e contribuí com a minha parte para ela; todavia, quando olho para os pacientes enfileirados na minha clínica, sinto-me como uma velha galinha choca agarrada a ovos de porcelana. Não sou capaz de fazer nada com os pobres-diabos em noventa por cento dos casos. Todos esses tratamentos fantásticos não têm utilidade física — ocasionam um bocado de sofrimento, custam caro e não fazem bem. Morfina e salvarsan são as únicas drogas que têm alguma utilidade real para mim. E eu lhe digo: estou cheio delas.

Levantei-me. — Vamos terminar por aqui e descer para tomar café?

Malcolm também se levantou.

— Mantenha as mãos para cima, tanto quanto puder — avisou.

Malcolm pegou minha mão esquerda, a que estava pior, e a colocou na altura do meu peito. Tirando um alfinete de segurança da gravata, improvisou uma tipóia. Despregou o broche que segurava as pontas dobradas e, fechando-o, reajustou-o de modo que ajudasse a sustentar o peso do braço. Era como se Malcolm estivesse vestindo uma criança. Malcolm nem uma vez permitiu que sua mente se aproximasse da mulher de quem estava cuidando. Eu era simplesmente uma paciente, e sua gentileza era extraordinária. Não que me tratasse com extremo zelo. Longe disso. Suas mãos eram firmes, os movimentos definidos, à medida que enfaixava o braço para colocá-lo na posição que ele desejava. Entretanto, era tão regular, tão preciso, a pressão era exercida tão gradualmente, o ângulo era calculado com tanta exatidão, que não causava ne-

nhuma dor às mãos distendidas e contundidas. Eu não teria acreditado que alguém pudesse tratar a carne amassada para firmá-la até que vi o curativo terminado. Também não acreditaria que Malcolm — que geralmente estava em ponto de ebulição como uma chaleira — conseguisse, de repente, tornar-se distante, tranquilo e abstraído. Era como se estivesse muito longe. Contudo, quando fechou o gancho do broche, seus olhos encontraram os meus. Subitamente, Malcolm, o homem, estava de volta, e ficou tenso, ainda segurando as dobras da minha roupa nas mãos. Era como se houvesse tocado numa corrente elétrica e ficasse paralisado pelo choque. Sorri-lhe e, com delicadeza, livre-o dessa situação embaraçosa.

— Obrigada, meu amigo. E não uso levemente a palavra amigo — acrescentei.

— Sinto tanto pelo machucado em suas mãos — retrucou ele em voz baixa, desviando o olhar.

— Não se desculpe. Está tudo bem. Sempre deve haver algum sacrifício nestes assuntos. Teríamos feito deliberadamente qualquer coisa parecida, se isso não houvesse acontecido acidentalmente. Mas foi melhor assim. Quando a magia funciona por si mesma, de modo espontâneo, isto quer dizer que as forças cósmicas estão agindo. E você sabe que isso é muito diferente da força de vontade humana.

— Não precisarei destroncar outra vez os seus pulsos, não é? Não penso que pudesse fazê-lo a sangue-frio, você sabe disso.

— Oh, não houve nada disso. Nada disso é feito deliberadamente. No entanto, a magia é uma tensão terrível — bem que podemos encarar o fato. Uma tensão física, bem como uma tensão mental.

— Quando eu estava no seu altar, encontrava-me a um passo do tétano. É isso o que quer dizer?

— É, é isso. Você não ousa mover-se porque, se o fizer, romperá os contactos, e a tensão muscular se tornará simplesmente aterradora — especialmente quando se invoca ou se projeta a força com os braços estendidos.

— Notei o desenvolvimento dos músculos do seu pescoço e da sua cintura escapular. Seu pescoço é do tipo de pescoço das mulheres que carregam grandes pesos na cabeça. Vou vê-la fazer todas essas coisas no devido tempo?

– O senhor verá.

– Hum... será muito interessante!

Será mais do que interessante, pensei, sabendo o que tentava fazer com Malcolm.

Ele ficou me observando enquanto eu fazia as saudações que interrompiam os contactos. Terminada essa parte do ritual, ele me seguiu. Descemos a escada estreita de volta para o mundo normal – se qualquer lugar em que eu estivesse pudesse ser realmente chamado de normal.

Malcolm foi comigo até a cozinha e fez chá sob a minha orientação, pois no momento eu não podia confiar em minhas mãos para lidar com chaleiras de água fervendo. Ele era uma criatura totalmente desamparada numa cozinha. Não tinha idéia do assunto e era cheio de dedos ao tratar com a chaleira, a despeito da sua requintada habilidade de manipulação. Malcolm conseguiu derrubar muito mais chá nas dobras das calças do que o que tomamos posteriormente.

Eu queria que ele voltasse logo ao normal, antes que fosse embora, mas ele estava tão completamente mudado que eu gostaria de saber o que seria considerado normal para ele. Malcolm recostou-se na minha grande cadeira a devanear, e pensei que fosse adormecer. Entretanto, o chá o animou e ele piscou os olhos para mim como se estivesse surpreso por me ver ali.

– Então é esse o tipo de coisa que vamos fazer? – perguntou ele.

– Esse é o começo – afirmei.

– Foi satisfatório?

– Bastante, até onde chegou.

– Tem mais?

– Tem, mas o pior já passou. No começo, há sempre uma tensão maior. Fica mais fácil à medida que se prossegue. Geralmente, podemos descarregar a força de um modo um pouco mais gradativo. Desta vez houve um impacto porque o senhor havia armazenado tanta força latente em si mesmo e a força surgiu com um simples toque.

– Não especificamente latente, srta. Le Fay. Eu tinha tudo isso bem na superfície, quando rapaz. Naturalmente uma boa parte disso arrefeceu nos últimos anos, porém nunca esteve enter-

rado muito profundamente; jamais foi difícil estimulá-lo. Uma história que li numa revista durante uma viagem de trem, certa vez, fez isso.

– Uma revista ilustrada?

– Sim. A cores. Era um número de Natal.

– Isso explica tudo. A cor é de vital importância.

– Por quê?

– Porque a cor se corresponde com a força; e assim, do mesmo modo, também a tonalidade da música e o ritmo.

– Está revelando um mundo completamente novo para mim, srta. Le Fay; mas, mesmo assim, penso que eu já sabia da existência dele. Conheço os limites precisos da Ciência: sei onde termina a evidência e onde começa a especulação. Sempre fui muito cuidadoso ao estabelecer esta separação, particularmente no meu próprio trabalho. Nele nós sempre temos de descobrir a histeria, e a hipnose representa um papel de grande importância. Srta. Le Fay, vi coisas acontecerem à mente através do corpo, e ao corpo através da mente, que... bem, pode acreditar, porém ninguém mais o faria. Perguntou-me se eu acreditava no poder da mente sobre o corpo, e eu nem liguei. Eu estava pensando nos remendos feitos pelo Pensamento Novo nos males orgânicos. É claro que eles nada podem fazer, a não ser administrar placebos – embora os placebos valham a pena para o pobre-diabo que contraiu a moléstia. No entanto, uma legítima cura mental de uma doença de verdade... – bem... só vendo!

– Deveria me ver fazendo cura mental, srta. Le Fay. É o espetáculo mais engraçado que já vi. Grande parte do meu trabalho consiste em distinguir entre as desordens nervosas orgânicas e as funcionais. Os casos funcionais, naturalmente, são os de histeria. Entra um parafítico em sua padiola e nos pomos a trabalhar. Alguns médicos usam um martelinho. Eu não: eu uso os dedos.

– “Então, não consegue esticar o braço, meu pobre homem?”

– “Não senhor, não posso”. – “Qual é a sua profissão?” – Ele me conta. – “O capataz o maltratou?” – Em seguida, vem uma história de insulto, agressão e ofensa geral ao seu *amour-propre*. Nessa hora apalpo-lhe o cotovelo. – Malcolm inclinou-se para mim.

– Não, não vou fazer isso com a senhorita. Isso agravaria as suas contusões. – Malcolm colocou uma mão sobre meu joelho. –

“Então, ficou parálitica da cintura para baixo, madame, desde o seu acidente de moto?” – “Fiquei, doutor”.

Súbito, Malcolm bateu com os dedos na altura da minha rótula. E eu, sem querer, dei um chute para a frente. Ele exultou.

Repetiu a dose, e mais uma vez aquele pé ridículo subiu.

– Faça isso de novo – disse – e eu o chutarei com vontade.

– Uma vez, fui chutado com vontade por um pretenso parálítico – contou ele – e isso quase me custou os dentes da frente. Se eu recebesse uma comissão por todo o dinheiro que poupei para as companhias de seguro, já seria milionário. Mas nem todos os pacientes são assim. Muitos julgam que estão legitimamente doentes. Na verdade estão, mas não fisicamente. E esse é o tipo que é curado nas grandes assembleias religiosas de Albert Hall. Conheço pacientes meus que foram parar lá, srta. Le Fay, e algum clínico geral deu-lhes um certificado, afirmando que são autênticos milagres de cura física. Não é meu costume mudar de opinião, mas percebe o que vim a pensar dessas coisas, não? Não que eu condene os clínicos gerais por cometerem erros quando se trata do sistema nervoso central. Sei o que os meus pacientes particulares falam de mim. O que eu lamento é que ponham seus nomes numa coisa que nem sequer examinaram. Parece-me que quando as pessoas se deixam levar pelo misticismo, perdem o juízo, srta. Le Fay. O que acontece com elas?

– Auto-hipnose e dissociação da personalidade deliberadamente induzidas são parte do método dos Mistérios. Algumas pessoas sabem o que pretendem; outras, não. As que não sabem, ficam fora da realidade e permanecem assim.

– Compreendo. Insanidade artificialmente induzida e localizada. Hipersugestionabilidade, para começar; a seguir, o seu cultivo. Essa foi a sugestão que estive me dando esta noite, srta. Le Fay.

– Sei que foi, dr. Malcolm. Mas houve mais do que isso. Começou como sugestão, mas terminou como algo muito maior, ou melhor, teria terminado com algo muito maior se eu tivesse permitido que continuasse. Entretanto, achei melhor interrompê-lo nos estágios iniciais, uma vez que esta foi nossa primeira tentativa de trabalhar em conjunto. Não quis sobrecarregá-lo com uma tensão excessiva.

– Então, esteve avaliando o meu ritmo, não é verdade?

– É, estive pondo as suas qualidades à prova; descobrindo o ponto de partida e habituando-o a sentir as forças.

– E o próximo estágio?

– Conseguimos estabelecer nosso ponto de partida nesse sonho seu, que se repete. Ele nos forneceu tudo o de que precisávamos. Agora vou lhe ensinar a técnica que usaremos, e o senhor se acostumará gradativamente com a força e será capaz de aumentar a voltagem.

– O que esse meu sonho lhe revelou, srta. Le Fay?

– Revelou para você e para mim o acesso aos níveis mais elevados da sua consciência, os níveis que jazem além da subconsciência, para a qual os sonhos comuns e fugazes abrem caminho.

Malcolm consultou o relógio.

– Bom Deus, olhe que horas são! Vim apenas para fazer uma visita! Sorte que amanhã é domingo. Posso vir e cuidar de sua mão? Vai ser preciso.

– Pode vir. Será muito bem-vindo. Mas, antes de sair, diga-me francamente: como faria no caso de eu ser uma de suas pacientes? Que efeitos a experiência desta noite lhe causou?

Malcolm alisou o cabelo ruivo grisalho, empurrando-o para trás com ambas as mãos, num gesto que lhe era característico.

– Para começar, eu estava meio fascinado e meio incrédulo. Agora não estou tão fascinado nem tão cético. Posso ver que esse negócio tem um aspecto psicológico que está ao alcance da razão, assim como posso ver que a ioga tem uma base psicológica no centro do sistema nervoso central. Noto que a senhorita conhece essas bases, o que é muito mais do que a mulher do Pensamento Novo fazia; e sou capaz de sentir que é uma pessoa sensível, o que é muito mais do que ela era. Apreciarei devidamente essas experiências, sobretudo se permitir que eu mantenha registros sistemáticos do que fizermos e dos resultados que obtivermos. Estou tentando formar uma opinião sobre se a senhorita é uma hipnotizadora muito esperta – com certo conhecimento de psicologia que utiliza em conjunto com os poderes de imaginação de uma novelista de primeira categoria – ou se há algo mais nisso tudo, como vejo que acredita. Não sei. Mantenho minha mente

aberta. Não vi nada, até agora, que não pudesse ser explicado psicologicamente; contudo, é cedo para saber, e a senhorita pode ter algumas cartas escondidas na manga que eu ainda não vi. Por enquanto, não descobri onde está esse risco que leva tão a sério. Poderia virar de pernas para o ar um tipo pseudo-artístico de adolescente, mas não acho que exista muita coisa a fazer com um rude pássaro velho como eu. Entretanto, estou disposto a lhe dar carta branca para agir abominavelmente como quiser. Concordo com a senhorita, Le Fay; isso tudo é tremendamente interessante.

– O senhor fará os registros? – perguntei.

– Farei – respondeu.

– Quero que me diga mais uma coisa antes de ir embora. Eu lhe trouxe tranqüilidade?

– Sem dúvida. Sinto-me bem disposto e com bastante sono.

Malcolm se levantou. Acompanhei-o até a porta. Ele parou, hesitante, na soleira. Joguei meu casaco de pele sobre os ombros e caminhamos lentamente pela rua. Nada se falou até que demos uma parada no embarcadouro. Então, ele disse:

– Como soube que eu gostaria que caminhasse comigo pela rua?

– Meu negócio é saber das coisas.

– Pode ler meus pensamentos?

– Mais ou menos. Se você pensar intensamente em mim, espero que consiga sabê-lo.

– Sabe quando minto para você?

– Sei.

Malcolm ficou olhando para o rio, na direção do seu apartamento.

– Sim, srta. Le Fay, a senhorita me deu paz, uma paz que foge a todo entendimento, e eu lhe agradeço por isso.

Malcolm tirou o chapéu, virou nos calcanhares e caminhou na direção da sua casa.

CAPÍTULO XI

Na manhã seguinte, minhas mãos estavam tão inchadas e duras que não pude me vestir nem pentear. Portanto, sentei-me diante da lareira, agasalhada num roupão de veludo branco e esquentando os pés nos chinelos. Enquanto tomava um chocolate, imaginava quando Malcolm viria me fazer a massagem que prometera. Numa ocasião como essa é que eu via a desvantagem de ter um serviçal masculino em vez de uma governanta, por mais comum que fosse. Pensei que Malcolm sobreviveria ao me ver de roupão, já que este não era muito diferente, salvo pelas proporções, dos vestidos soltos que habitualmente usava dentro de casa. Eu não desejava, contudo, que me encontrasse com os cabelos soltos pelos ombros.

Chamei meu empregado, que estava ocupado em suas tarefas diárias.

– Sr. Meatyard – disse eu –, alguma vez já alisou a cauda de um cavalo?

– Deus seja convocado, madame, pois já recebi prêmios em competições!

Julguei que, provavelmente, o patrão dele os tivesse recebido, mas eu não queria ferir seus sentimentos apontando a incorreção.

– Acha que pode pentear meus cabelos?

– Claro que posso. Ficará bonito!

O sr. Meatyard se pôs a trabalhar com minhas escovas de prata, com muita vontade. Já havia desembaraçado e alisado o cabelo que caía como uma capa sobre meus ombros quando se ouviu uma batida na porta. Com a escova na mão, ele foi atender, e eu o ouvi saudando um amigo.

– Mas doutor! É o senhor?

– Sim, sou eu – ouvi a voz de Malcolm. – O que está fazendo com essa escova, roubando?

– Não. Deixei disso desde que consegui este emprego. Estou penteando os cabelos da senhorita.

O sr. Meatyard abriu a porta e fez Malcolm entrar.

– Puxe uma cadeira, doutor. Logo terminarei com isto.

– Gostaria de tomar uma xícara de chocolate? – perguntei, imaginando que seria melhor fazer de conta que tudo estava normal.

– Muito obrigado – respondeu Malcolm, servindo-se do bule de louça mantido quente nas brasas do borrarho.

O sr. Meatyard largou minha escova e pôs-se a fazer uma trança, afastando-se de mim à medida que esta ficava mais longa. Malcolm observava-o.

– Segure isso por um momentinho, senhor. Pode fazê-lo? – disse ele, entregando a ponta da trança para Malcolm segurar, enquanto cuidava da outra parte do cabelo. A seguir, enchendo a boca com uma porção de grampos de cabelo, enrolou as duas tranças em volta da minha cabeça, numa imitação bastante meritória do meu penteado habitual.

– Af está! Uma coisa maravilhosa, não é, senhor? – falou o meu gentil empregado com justificável orgulho.

Os olhos de Malcolm se fixaram nos meus por breves segundos, o que era tudo o que cada um de nós ousaria fazer.

– Excelente – confirmou ele. – Eu não teria feito melhor.

– E esse é o elogio de um entendido – afirmou Meatyard, compondo-se. – Vi o senhor fazer alguns bons trabalhos quando eu freqüentava a clínica.

– Não tão maus – concordou Malcolm. – Cada um com a sua especialidade. Como vai indo a perna?

– Vai indo bem. Não serve para nenhuma competição de beleza, mas também não penso em participar de alguma.

O sr. Meatyard reuniu meus objetos de *toilette* e saiu.

– Gostaria que lhe empoasse o nariz? – perguntou-me Malcolm. – Farei isso, se quiser.

– Seu patife! – exclamei, completamente aturdida com esse comentário de Malcolm, pois nunca imaginaria que ele propusesse algo parecido.

– Eis o seu relatório – comentou, jogando uma porção de papéis no meu colo. – Pode lê-los enquanto cuida de suas mãos.

Percorri as páginas o melhor que pude. Na primeira, havia o primoroso diagrama do meu templo, completo em todos os detalhes, devidamente anotado com todas as informações que eu lhe dera. Em seguida, em nítida e formal escrita a mão, vinha uma narrativa literal da viagem astral em que eu o levava. Finalmente, um relatório de suas experiências subjetivas:

“Desde o início de toda a transação, sentia-me como que sugado por um remoinho. A sensação era extremamente dolorosa quando eu opunha resistência; extremamente agradável, quando me entregava.

“Quando a srta. Le Fay propôs começar o trabalho, fiquei antecipadamente nervoso. A respiração acelerou-se e tornou-se superficial. O coração batia rápida e irregularmente. A boca ficou seca. Houve sensações desagradáveis no epigastro. Houve sudorese. Isso continuou até que ela me deixou sozinho, para ir se vestir. Nessa ocasião, consegui me dominar e me acalmar um pouco.

“Controlei-me, dizendo para mim mesmo que não havia nada de misterioso em tudo aquilo. Que ela estava iludida e que eu estava apenas me divertindo.

“Mas, quando a contemplei descendo as escadas em seus trajes, soube que era real. Meu nervosismo, contudo, havia desaparecido. Ou, para ser mais preciso, minha agitação se transformara numa sensação de enlevo que não era de todo desagradável. Assim que a vi com seu toucado prateado, lembrei-me de onde a tinha visto antes: era ela a mulher que eu via sempre no templo dos meus sonhos.

“Quando a srta. Le Fay abriu as cortinas para eu passar, tive uma curiosa sensação: era mais do que uma simples peça de tecido que estava sendo afastada – como se uma cortina estivesse sendo descerrada em minha mente.

“O quarto me pareceu absolutamente familiar, embora menor do que eu esperava. Achei perfeitamente natural andar até o altar e permanecer ali, com as mãos em cima dele. Minhas mãos vibraram durante todo o tempo em que as mantive sobre o altar, como se uma corrente elétrica o atravessasse.

“O espelho produziu um estranho efeito em mim. Continuei vendo coisas nele. Por um instante, pensei que houvesse uma passagem em forma de arco para um outro aposento, maior e mais

elaboradamente equipado. Em seguida, vi o templo refletido nele – o mesmo que eu sempre via e onde encontrava a mulher.

“Então, a srta. Le Fay me fez deitar num divã e começou a descrever as coisas para mim. À medida que o fazia, eu as visualizava dentro do espelho. Finalmente, tive a impressão de que estava do outro lado do espelho.

“Deixei de dizer que por um momento fiquei aborrecido, quando ela pôs as mãos, uma de cada lado, na minha cabeça. A sensação de remoinho voltou. Quando, entretanto, me abandonei ao prazer que isso causava, passei diretamente através do espelho e me vi no templo que ficava do outro lado, e na companhia dela. Então revivi, com grande nitidez, com muito prazer e muita agitação, o meu sonho costumeiro. Desta vez, porém, eu tinha uma sensação peculiar de que, em vez de personificar o sacerdote, eu era o próprio sacerdote; e de que, fazendo o que eu fazia, estava simplesmente representando o meu papel num rito regular. Conseqüentemente, em vez de o sonho terminar em vergonha, terror e autocensura, senti uma profunda satisfação e realização, como se minha vida, de qualquer forma, houvesse se destrancado, como se a porta que me levara através dos amplos espaços se abrisse. Tão grande era essa impressão de alívio e de gratidão, que contive as lágrimas com dificuldade. Embora eu estivesse completamente de volta à consciência normal, a srta. Le Fay continuou a aparecer para mim como eu a visualizara no meu devaneio.”

Juntei os papéis o melhor que pude.

– Obrigada – falei. – Há uma coisa que admiro muito: é a coragem de ser honesto consigo mesmo.

– Eu nunca achei difícil ser honesto comigo mesmo – afirmou Malcolm por sua vez. – Jamais tive a menor dúvida sobre o que existe ou sobre o que parece existir. Julgo muito difícil, entretanto, ser honesto com a senhorita. Em princípio, estou ciente de que posso falar-lhe como de homem para homem e sei que entenderá, mas acho extraordinariamente complicado lidar com uma mulher assim na vida real. A senhorita provavelmente conhece aquele tipo de sonho em que se está escalando no meio de vigas ou à beira de um precipício, mas no qual se está acordado o suficiente para reconhecer que tudo não passa de um sonho e que uma queda, portanto, não ofereceria o menor risco. E de súbito,

no momento em que a gente está para se lançar no espaço, surge a horrível sensação de que afinal talvez não seja um sonho, porém um tipo arriscado de realidade. Então? É assim que me sinto quando começo a me deixar levar pelas suas sugestões. Sei que está tudo bem; sei o que pretende. E aí aparece esta horrível sensação – meu Deus, imagine se não existir nada fora do normal, e estivermos justamente fazendo uma confusão das coisas! Eu lhe digo, fico simplesmente gelado só de pensar nisso!

Durante toda essa exposição de fatos, Malcolm, com o rosto perfeitamente tranqüilo e com mãos perfeitamente firmes, massageava os meus dedos.

– Perderá esse medo à medida que aprender a lidar com essas forças – expliquei.

– Bem, espero que sim – retrucou Malcolm – pois esse sentimento é muito incômodo. Na verdade – continuou – penso haver esclarecido uma porção de dúvidas ao comentá-las aqui. De fato, foi por isso que tomei essa decisão. Espero que não se importe com esses julgamentos. A senhorita é uma mulher com uma experiência de vida muito ampla: aceito esse fato. Houve ocasiões em que me resenti com isso, mas agora sou grato por ser assim. Flexione essas mãos na altura dos pulsos e movimente-as para todos os lados. Elas são graciosamente flexíveis.

– O que faz aos domingos? – perguntei, pois Malcolm aparentava estar se atrasando deliberadamente, como um cão abandonado, e eu não queria que ficasse à minha volta até de noite – quando estaria novamente pronta a trabalhar com ele.

– Eu costumava ir visitar minha mulher nos fins de semana e enfrentar montanhas de trabalho no seguinte. Hoje em dia, eu não sei. Se o dia está bom, dou uma caminhada pelo parque; se chove, vou a um concerto – não ligo para cinema. Tampouco ligo muito para concertos, para me distrair. Imagino que geralmente acabo trabalhando, da mesma forma que em dias de semana.

Não era difícil imaginar o melancólico vazio da vida daquele homem. Ele não tinha nada, a não ser o seu trabalho e o seu dever para com a mulher. E agora, esse dever se restringira ao mínimo: ele apenas era obrigado a cuidar das despesas da mulher.

Não tive coragem de mandá-lo embora de vez; sugeri então que fosse dar o seu passeio, enquanto eu me vestia e resolvia os poucos assuntos que dependiam da minha atenção.

Malcolm voltou na hora indicada e almoçou com tanto prazer que fiquei imaginando o que a sua senhoria preparava para ele comer, se é que preparava alguma coisa. A seguir, instalei-o na minha poltrona, com uma porção de jornais de domingo, onde adormeceu tranqüilamente; dormiu até a hora do chá. Como visita, Malcolm não era nenhum problema.

– Pensei que me houvesse dito que sofre de insônia – comentei, quando afinal acordou com o barulho causado pelo sr. Meatyard trazendo o carrinho de chá.

– Em geral, sofro de insônia – respondeu – mas não quando a senhorita está por perto. Nessas ocasiões ferro imediatamente no sono.

– Devo considerar isso um elogio? – perguntei.

– Deveria – afirmou –, se soubesse quanto é bom sentir-me relaxado.

Tivemos um chá reforçado à moda de Yorkshire, pois eu sabia que só faríamos outra refeição bem mais tarde. Malcolm apreciou tudo, como um garoto que estivesse em casa para as férias. Descobri que estava reservando um lugarzinho para ele no meu coração e que gostava de lhe proporcionar prazer. A magia forja um estranho vínculo de simpatia entre as pessoas que a praticam em conjunto. Ao contrário, se as coisas não dão certo na magia, as brigas pessoais são tempestuosas.

Depois do chá, tentei em vão entreter Malcolm com conversas a respeito dos jornais de domingo. Conversas vagas não lhe interessavam.

– Vou fazer-lhe uma pergunta – disse. – A senhorita pode achar que não tenho esse direito. Não precisa responder, se não quiser, e tentarei não tirar conclusões. Com uma pessoa tão fora dos moldes tradicionais, corre-se o risco de chegar a conclusões que tanto podem ser verdadeiras como podem passar muito longe do alvo. Uma vez, a senhorita comentou comigo que tinha uma experiência bastante grande com homens: o que quis dizer exatamente?

– O que realmente deseja saber é precisamente até onde chego com eles – interpretei.

Malcolm corou. – Bem, sim, acho que é isso mesmo. Mas sem qualquer referência pessoal, não se esqueça. Penso que me

conhece o suficiente para saber disso. Gostaria de ter essa informação em parte para poder entendê-la e, em parte, para estar certo de que me compreende, pois do contrário posso tornar-me mortalmente perigoso.

– Vou contar-lhe trechos da minha história sentimental – respondi. – Não toda a história, que por ser longa e repetitiva demais o aborreceria. Quando menina, eu era magra, séria, concentrada, crítica e tinha uma língua ferina. Era estritamente virtuosa, tanto por inclinação como por necessidade, pois dada essa relação de características, eu não podia ser diferente. Mais tarde, depois que entrei em contacto com o lado invisível das coisas, mudei consideravelmente, tanto no comportamento como na aparência.

– Certamente que precisava mudar, se era uma garota de-selegante – disse Malcolm.

O lado invisível das coisas, pensei, tampouco deixou de influenciar Malcolm.

– Quando vim a estudar a religião comparada, descobri que havia muitas espécies de moralidade no mundo, tanto no antigo como no moderno. Algumas davam resultado, outras não, a julgá-las pela felicidade ou não das sociedades que governavam. A nossa, logo cheguei à conclusão, fazia parte das que não davam resultado. Fiquei imaginando, por esse motivo, se seria necessário harmonizar essa moralidade mais do que se faria apenas por educação – que sempre é bom manifestar para com pessoas tão influentes como a “sra. Grundy”. Concluí que não seria, pois eu via que as suas regras eram escrupulosamente observadas e ainda assim resultavam em miséria e destruição.

Malcolm agitou-se desconfortavelmente na cadeira.

– Vi essas regras serem invalidadas sistematicamente em seus propósitos – prossegui. – Também as vi serem desconsideradas não apenas com a impunidade mas, em muitos casos, com resultados excelentes. Deduzi portanto que, embora um código de algum tipo precisasse existir – se fosse para os seres humanos se associarem –, ele não devia, necessariamente, ser o código que temos, pois este parece lamentável em seus resultados. Assim, fiz uma reverência à sra. Grundy sempre que ela cruzava o meu caminho, pois ninguém é bastante forte para desafiar abertamente o

código social sob o qual vive. E pus-me a trabalhar para formular meu próprio código, que deveria prestar realmente para a finalidade a que se destina.

– Pareceu-me que o problema estava no fato de o sexo ser uma maquinação de emprego duplo – tantas engenhocas de uso duplo dão problemas, não é? – ponderei. – O sexo tinha de cuidar da continuação da raça e, ao mesmo tempo, servir à felicidade das pessoas, e essas duas finalidades são mutuamente antagônicas. O que as pessoas ganham na dança perdem na contradança – e o problema real é o equilíbrio entre dois desejos opostos.

– E como topou com uma solução? – perguntou Malcolm.

– Como os hindus fazem, meu amigo, destinando os desejos opostos às diferentes idades. Por que eu reproduziria minha espécie antes ou depois do vigor de minha mocidade? Por que, na verdade, pensaria em reprodução num país tão densamente povoado, se eu tinha outras contribuições a dar ao bem comum? Como os gregos fizeram, fiz uma distinção entre o sexo para fins de reprodução e o sexo tendo em vista a felicidade, e acho que o senhor descobrirá a solução. De minha parte, sou uma mulher livre, sacerdotisa de um dos deuses mais antigos – foi isso que lhe deu a chave com que me descobriu.

– Posso entender que os estudos tivessem mudado os seus pontos de vista – disse Malcolm – mas o que mudou a sua aparência? O estudo não faz isso e, quando faz, apenas torna a pessoa mais magricela do que seria naturalmente, pois ela não pratica suficiente exercício.

– O que mudou minha aparência – expliquei – foi aprender a conhecer os Deuses Antigos na doutrina ancestral dos Mistérios. Eles me proporcionaram plenitude de vida e eu, que estava faminta de vida, comecei de repente a me alimentar Deles. Mudei, rejuvenesci, minha vitalidade aumentou. Homens que nunca tinham olhado duas vezes para mim agora encaravam-me insistentemente, e eu vivia dos sentimentos que eles nutriam por mim. Pode pensar que sou um vampiro, mas vampiro é quem tira demais, ou quem tira tudo e não dá nada. Nunca fiz isso. Lembre-se de que os seres humanos alimentam magnética e emocionalmente uns aos outros durante todo o tempo – você apenas tem de verificar na sua própria vida para constatar esse fato.

– E o que acontece quando se fica com fome? – perguntou Malcolm.

– Nesse caso, fica-se inquieto, deprimido ou briguento, conforme o temperamento.

– Eu sou todas essas coisas.

– Contudo, quando está em minha companhia, adormece como um bebê depois de tomar a mamadeira.

– É uma mulher de grande magnetismo pessoal, srta. Le Fay; qualquer um pode sentir isso a uma milha de distância. Por que é, então, que em vez de me excitar, como seria natural, a senhorita me acalma?

– Porque sei como usar meu magnetismo; sei como ligá-lo e desligá-lo à vontade. Verá que jamais serei culpada da crueldade de estimular um desejo quando não existir forma da extravasá-lo adequadamente.

– Fiz essa descoberta e aprecio o fato. O que significa que posso ser feliz com a senhorita sem precisar me afligir por isso. Então sou infinitamente grato. A senhorita exerce um tremendo efeito emocional sobre mim, como receio ter sido incapaz de ocultar, mas não me excita sexualmente – não, nem mesmo quando as circunstâncias me obrigam a segurar a ponta do seu rabo-de-cavalo!

Ri, e Malcolm curvou os lábios num arremedo de sorriso que fazia justiça à sua alegria.

Anoitecera, e eu estava pronta para começar, pois quando posso não trabalho à luz do dia.

Levei Malcolm para cima, para o quarto de vestir.

– Tão logo minhas mãos fiquem boas – disse – terá os seus trajes.

– Vai confeccioná-los? – perguntou.

– Seria difícil encontrá-los prontos para vender – respondi.

– Eu mesma vou cuidar disso. Eu os magnetizo à medida que os for fazendo.

– Será muito bom usar as roupas que fizer para mim – comentou Malcolm.

– Mas não poderei fazer suas sandálias – acrescentei. – Terá de providenciá-las sozinho. Traga sandálias comuns de banho e eu cuidarei de adaptá-las para o novo uso.

Deixei-o ali e subi ao meu templo para me vestir. Não ou-
saria fazê-lo diante de Malcolm, pois os rituais da magia exigem o
despojamento total dos trajes mundanos e eu me sentiria const-
rangida despindo-me diante dele. Da parte dele, a experiência
não estaria completa enquanto não estivesse trajado adequada-
mente. Talvez, nesse caso, fosse bom que suas roupas ainda não
estivessem prontas.

Fiquei de pé diante do altar, com as mãos sobre ele, e me
concentrei. Há ocasiões, na magia, no começo de uma operação,
em que a mão gelada do medo me oprime o coração ao pensar na
minha responsabilidade. Sou deliberadamente orientada apenas
pela luz do meu julgamento humano, e por nenhuma outra, ao
colocar em movimento os maquinismos que manipularão as forças
cósmicas. Não me importo quando a única envolvida sou eu, mas
quando existe a participação de uma outra pessoa, o caso é dife-
rente. Passo longas horas meditando, sem me apressar; espero e
observo até que os sinais apareçam para dar início às operações.
Finalmente, sentindo-me como se estivesse caminhando para a
minha própria execução, pus minha mão na alavanca invisível e
acionei as engrenagens. Ao fazê-lo, disse as palavras da oferenda
oriental: Eu sou o teu sacrifício.

Em cada operação mágica, há horas em que me pergunto se
não estaria enganada. Sou realmente o que penso ser? Isso se de-
ve à discrepância entre os dois modos de consciência: a consciên-
cia cerebral normal e a consciência superior, que inclui a sub-
consciência e que a transcende, pois contém não apenas as recor-
dações desta vida, mas as de todas as vidas passadas e as de todo
o seu conhecimento. No trabalho de transe, desligamos a cons-
ciência normal e usamos apenas a consciência superior. Na ma-
gia, usamos simultaneamente os dois tipos de consciência. Temos
de usar o correspondente psicológico de uma desembreagem du-
pla e, inevitavelmente, há perda de força à medida que as engre-
nagens são desligadas e ligadas outra vez. É nesse momento que
dúvidas e receios horrorosos me assaltam. Esses sentimentos se
dissipam por completo e a magia se intensifica, mas proporcio-
nam maus momentos enquanto duram. Habitualmente, passamos
por cima deles com o impulso do ritual, mas eu ainda não havia
chegado ao ponto de poder usar o ritual com Malcolm e era obri-
gada a fazer minhas transições a sangue-frio.

Contudo, sobrevivi:

“A fúria dos elementos, as vozes demoníacas que esbravejam
diminuirão, harmonizar-se-ão,
Cessarão. Primeiro, haverá paz depois do sofrimento,
então uma luz —” *

Os iniciados afirmam que Browning, autor destes versos, foi
um de nós. Pela evidência contida nessas linhas acredito nisso,
pois ultrapassei tantas vezes esses portais.

Passei tantas vezes pelo caminho do medo que quase deixei
de receá-lo. Tenho a certeza de que será desagradável; contudo,
sei que será breve. As sombras começavam a me envolver en-
quanto fiquei diante do altar em minhas vestes, entretanto rilhei
os dentes e fui buscar Malcolm. Não me importo quando estou
sozinha. Quando sou responsável pelos outros é que me sobrevém
esse medo. Mas eu sou o sacrifício! É a essa idéia que devo me
apegar. Se algo sair errado, estou na frente, na linha de fogo.

Malcolm atendeu ansiosamente aos meus chamados. Ele ha-
via cruzado, no dia anterior, o portão do medo, e o fascínio pelo
Invisível o impedia. Ele me seguiu subindo a escada escura, e no-
vamente ergui a cortina para ele passar, literal e metaforicamente,
e juntos pisamos o chão de Ísis.

– Devo deitar-me no divã? – perguntou ele em voz baixa.
– Não – respondi. – Hoje você fica diante do altar vertical.

Coloquei-o de frente para o espelho no lado da Terra, e po-
sicionei-me do lado oposto, com o espelho atrás de mim. A lâm-
pada pendente irradiava uma pirâmide de sombra sobre nós. Das
sombrias, a lâmpada do altar projetava um cone de luz para o alto,
destacando bastante o maxilar pesado e as sobrancelhas hirsutas
de Malcolm. Seus olhos miravam o meu rosto, e percebi, pela sua
expressão, que minhas feições haviam mudado tanto quanto as

* The element's rage, the fiend voices that rave
Shall dwindle, shall blend.
Shall cease. Shall become first a peace after pain, then a light --

suas, naquela luz reveladora. O seu era o rosto de um sacerdote sanguínário; quanto ao meu, eu só podia adivinhar por causa dos seus olhos admirados e reverentes.

A reação de Malcolm ajudou-me a restaurar o meu senso de realidade. As engrenagens se movimentaram e a magia começou. Eu ainda não era, entretanto, a sacerdotisa em sua totalidade. Ainda estava me formando à custa do poder da vontade. Pretendia levar Malcolm ao paroxismo de intensidade emocional quando ele tocasse aquelas reservas de energia que suprem de força o maníaco e que dão ao artista o clímax da criatividade. Então, dele partiria o magnetismo que é usado pela magia e sem o qual a magia não existe. Não seria difícil fazer isso, pois eu podia manipulá-lo ao longo da linha de sua dualidade natural – o sentimento dele por mim e suas lembranças de vidas passadas. Contudo, mantê-lo firme na crista da onda, quando ela subia antes de rebentar, e cruzar a barreira entre os planos, numa grande crise emocional, era inteiramente uma questão de nervos e de concentração. E se qualquer desses elementos falhasse, aquele seria o fim de Malcolm. Ele não morreria, mas se os fusíveis explodissem devido a essa tensão, depois disso ele seria um carvão apagado. Em seguida, terminado o meu trabalho, eu teria de trazê-lo de volta ao normal; teria de apanhar as pontas soltas da consciência, de modo que não houvesse espaços em branco; teria de facilitar sua volta ao corpo de forma tão tranqüila e firme que nenhum sinal de tensão fosse visível; e teria, finalmente, de fazê-lo voltar à perfeita normalidade, pronto para reassumir seu trabalho cotidiano – *hic labor, hoc opus est*. Quanto mais habilmente alguém o fizer, menos as pessoas perceberão o que foi feito.

Coloquei minhas mãos sobre o altar e pedi que Malcolm repetisse todos os meus movimentos. As mãos largas e bem proporcionadas com seus finos dedos espatulados, bonita em sua força e sensibilidade, apareceram no círculo de luz. Minhas mãos são esquisitas, pois não formam um par: uma é masculina, a outra é uma mão de mulher. Nesta eu uso os anéis magnetizados que conferem poder. Sobre o veludo negro da toalha do altar, dentro do pequeno círculo da luz refletida pela lâmpada sagrada, estavam ambos os pares de mãos – as mãos viris, musculosas e flexíveis de Malcolm, e as mãos brancas, macias de mulher, com as unhas pintadas

com esmalte rosa. Elas repousavam ali em dedicação e sacrifício. Há uma curiosa sensação de desamparo quando as mãos estão colocadas sobre o altar. Fica-se completamente à mercê dos poderes invocados, e totalmente neutro ao abrir a alma para essas forças. A seguir, quando surge o poder, partilha-se dele, e a gente se torna novamente poderoso. Senti que o poder se manifestava. Então, retirei minhas reservas de energia do centro da terra e as focalizei no terceiro olho, o secreto olho astral situado no centro da testa, e tive a sensação de movimento à medida que a força começou a se formular. Hipnotizei Malcolm com meu olhar, da maneira como a serpente encanta o passarinho, pois temos de ser impiedosos na magia. Depois, ergui as mãos e irradiei a força para ele com dureza e com grande impacto, porque eu tinha de destruir suas inibições e atingir seus níveis mais profundos. Eu o vi estremecer quando a senti; contudo, os olhos dele se detiveram nos meus com firmeza. Suas mãos ficaram diante das minhas, com as palmas paralelas às palmas, separadas por alguns centímetros de distância. Ele não podia curvar os pulsos para trás, como eu fazia, porém suas mãos estavam bem firmes e seus braços eram como barras de ferro. Malcolm era um homem forte, firme como uma rocha, de uma só opinião, de uma dedicação sem reservas: eu não poderia ter desejado um homem melhor para trabalhar comigo.

Eu precisava magnetizar Malcolm e fazê-lo me ver como a sacerdotisa. Então, comecei a entoar o secular canto que afirmava o meu poder:

“Eu sou a que antes que a terra fosse formada
era Rhéa, Binah, Géia.

Eu sou o amargo mar sem som e sem amarras,
de cujas profundezas flui eternamente a vida.

Astarte, Afrodite, Ashtoreth. . .

Doadoras da vida e mensageiras da morte;

Hera nos céus, Perséfone na terra;

Diana nos caminhos e Hécate. . .

Eu sou todas elas e elas são visíveis em mim.

A hora da lua cheia se aproxima;

Ouço as palavras de invocação. Ouço e apareço. . .
Shaddai el Chai e Rhea, Binah, Géia. . .
Venho ao sacerdote que chamou por mim. . .” *

À medida que cantava e vibrava com essas palavras, eu movia os braços representando os símbolos correspondentes. Malcolm, incapaz de imitá-los, deixou os seus caírem ao longo do corpo e ficou imóvel. Fiz os símbolos do espaço, do mar e da terra interior; da Afrodite que cura e da Diana da lua e, finalmente, das asas de morcego de Hécate – pois, a menos que se saiba como lidar com o aspecto secreto da força, não se pode lidar com seu lado iluminado. Por fim, reverenciei Malcolm com a saudação completa devida a um sacerdote; penso que ele a conhecia.

Entreolhamo-nos, sacerdote e sacerdotisa. Malcolm tinha de suportar as forças o melhor que pudesse; eu já não podia suavizá-las mais para ele. Então, ouviu-se a voz que não é a minha voz, mas a mais formidável forma de mediunidade que existe: a mediunidade cósmica que traz a manifestação dos deuses:

– Sou a Ísis velada das sombras do santuário. Sou a que se move como uma sombra por trás das marés da morte e do nascimento. Sou a que aparece à noite, e nenhum homem jamais viu meu rosto. Sou mais velha que os tempos e esquecida dos deuses. Nenhum homem pode olhar para o meu rosto e viver, pois na hora em que rasgar meu véu ele morrerá.

* I am she who ere the earth was formed
Was Rhea, Binah, Ge.
I am that soundless, boundless, bitter sea
Out of whose deeps life wells eternally.
Astarte, Aphrodite, Ashtoreth –
Giver of life and bringer-in of death;
Hera in heaven, on earth Persephone:
Diana of the ways and Hecate –

All these am I and they are seen in me.
The hour of the high full moon draws near;
I hear the invoking words, hear and appear –
Shaddai el Chai and Rhea, Binah, Ge –
I come unto the priest who calleth me –

Malcolm olhou dentro dos olhos de Ísis.
– Estou disposto a morrer – disse ele.
– Ajoelhe-se.
Malcolm obedeceu.

– Há duas maneiras de um homem morrer: a morte maior e a morte menor – a morte do corpo e a morte da iniciação. Dessas duas, a morte do corpo é a menor. O homem que olhar o rosto de Ísis morre, pois a Deusa o leva. Os que morrerem essa morte, trilharão o caminho da nascente que fica ao lado do cipreste branco.

Inesperadamente, Malcolm cruzou os braços sobre o altar e descançou a cabeça sobre eles.

– Aquele que morrer ao nascer, deixem-no olhar para o rosto da Deusa em seu mistério. Fiquem longe de nós, ó profanos, pois trilhamos o caminho que leva ao manancial que fica ao lado do cipreste branco:

Malcolm parecia adormecido, e a voz melodiosa continuou:

“Ó Ísis velada e Rhea, Binah, Géia:
Conduze-nos ao manancial da memória,
À fonte onde cresce o pálido cipreste branco,
Pelos secretos caminhos à meia luz que nenhum
homem conhece –

O caminho sombrio dividido em três –
Diana dos caminhos e Hécate –
Selene da lua, Perséfone.

No meio dos céus brilha a lua cheia;
Ó, ouvi as palavras de invocação, ouvi e aparecei!
Shaddai el Chai e Rhea, Binah, Géia –.”*

* O Isis veiled and Rhea, Binah, Ge,
Lead us to the well of memory.
The well-head where the pale white cypress grows.
By secret twilight paths that no man knows –

The shadowy path dividing into three –
Diana of the ways and Hecate –
Selene of the moon, Persephone –

The high full moon in the mid- heavens shines clear:
Oh hear the invoking words, hear and appear!
Shaddai el Chai and Rhea, Binah, Ge –.

O quarto havia desaparecido e eu me vi numa grande caverna subterrânea, com água escura a meus pés. Diante de mim, Malcolm jazia ajoelhado com a cabeça curvada e os braços erguidos. O altar não estava mais ali e os braços erguidos pareciam expressar uma súplica. Eu já não estava vestida com o opaco veludo negro, adequado às forças negativas, mas com o tremeluzente e delicado índigo, azul e púrpura. Sobre minha cabeça estavam os cornos da lua, e em volta dos quadris, o cinturão estelar das constelações. E eu soube que eu era Ísis em seu aspecto do mundo sublunar, a quem os gregos chamavam de Perséfone, pois todas as deusas são uma só deusa, personificada de diferentes modos.

Nada de humano restara em mim. Eu era tão grande como o universo. Minha cabeça estava entre as estrelas, e meus pés tocavam na curva da terra à medida que esta girava em sua órbita.

À minha volta, no espaço translúcido, havia filas e mais filas de estrelas que me faziam companhia. Mais abaixo de mim, muito mais abaixo, toda a Natureza se esparramava como um tapete de padrões esverdeados. Eu estava sozinha no globo que se movia pelo espaço, com o homem ajoelhado diante de mim. Não havia mais ninguém na criação, salvo ele e eu – eu, a MULHER PERFEITA; e ele, o HOMEM arquetípico – e todo o universo manifestado se resumia no relacionamento que existia entre nós.

No meu calmo e negativo aspecto sublunar, eu era a Rainha dos Mortos, a regente dos Reinos do Sono. Na morte, os homens chegam até mim, atravessando o rio escuro, e eu sou a guardiã de suas almas até o alvorecer. Mas também existe uma morte-em-vida que, analogamente, também leva ao renascimento, pois há dentro da alma uma mudança pela qual os homens chegam a Perséfone.

Também sou a Grande Profundidade, de onde surge a vida, à qual todos devem voltar no fim de uma era. Dentro dela, nós nos banhamos nas águas do sono, mergulhando na profundidade primordial, retornando às coisas esquecidas de antes que existisse o tempo, e a alma é renovada, ao tocar a Grande Mãe. Os que não puderem retornar dessa forma ao Primordial não têm raízes na vida: são os mortos-vivos deixados órfãos pela Grande Mãe.

Eu era a Grande Mãe em seu aspecto mais benigno, tranqüila, acalentadora, como uma mulher que embala o filho ainda

por nascer. Eu era a Doadora do Sono, abençoando o homem cansado diante de mim com minha grande dádiva. Ele se chegara a mim como se fosse novamente uma criança – da maneira como o faz o homem extenuado a fim de renovar seu vigor para enfrentar a batalha da vida. E, a não ser que uma mulher o acalente, como eu acalentei Malcolm nessa noite, seus nervos se enfraquecerão e se romperão como um cordão pufdo. Só quando, por amor, ela puder tratá-lo como um nascituro, esse homem renovará sua força, já que para ele a mulher é a alma da terra, dentro da qual estão suas raízes mais profundas. Quanto mais dinâmico for o homem, mais ele dependerá dos contactos terrenos com sua mulher. Não se trata dos contactos da paixão. Esses de que falo são mais antigos, mais primitivos; remontam aos dias em que a humanidade ainda não havia nascido da alma da terra. Eu era a sua *anima*, o seu contacto sublunar, o seu vínculo com a terra mais ancestral e com as coisas primordiais em que residem as raízes da força. Através de mim, ele era capaz de tocá-las, uma vez que não teria o poder de fazê-lo sozinho, pois o homem pertence ao sol, às estrelas e ao fogo; ao passo que a mulher pertence ao espaço sombrio, à terra escura e à negra água primordial.

Quando esse homem que representava todos os homens se ajoelhou a meus pés, olhei para ele e a minha natureza se levantou dentro de mim como uma maré, com a compaixão divina da MULHER PERFEITA. Estirei meus braços, dobrando-os como se fossem asas sobre ele, e o abençoei. As pregas tremeluzentes de azul e roxo da minha veste o envolveram como um manto, e o levei para o meu reino.

“Deixa-te cair, oculta-te bem no fundo e entranha-te no sono eterno e primordial.
Aprofunda-te, esquece; em silêncio, isola-te
No mais recôndito coração da terra.
Bebe as águas de Perséfone,
A fonte secreta ao lado da árvore sagrada. *

* Sink down, sink down, sink deeper and sink deep.
Into eternal and primordial sleep.
Sink down, forget, be still and draw apart
Into the inner earth's most secret heart.
Drink of the waters of Persephone,
The secret well beside the sacred tree.

Enquanto cantava, envolvi-o com minha túnica. Tudo se tornou escuro e tranqüilo como o útero do Tempo, e ele se transformou num nascituro em seu sono pré-natal. Dessa forma, o homem descansou. E, à medida que o seu descanso se aprofundava, ele foi revigorado.

A seguir, no nível mais profundo, alimentei sua alma. Deliberadamente, sabendo muito bem que haveria repercussões na vida e que eu precisaria pagar por elas, mas sabendo também que, se eu agisse de outra maneira, ele não teria a energia necessária para fazer o que eu requeria dele, forjei o vínculo magnético entre nós, pelo qual o poder fluiria – o poder da mulher. Não era o brilho de Afrodite, mas o calor acalentador do útero da Grande Ísis que é a Natureza. Ela é a doadora do vigor, ao passo que sob seu aspecto de Afrodite ela é estimulante.

Malcolm dependeria de mim dali por diante. No entanto, para dizer a verdade, ele já estava sujeito a mim, pois me conhecera em seu sonho sob o aspecto de Perséfone, quando sonhara que repousava sua cabeça num ombro de mulher.

Sendo assim, aceitando o inevitável, cantei para ele:

“Sou aquela rainha secreta, Perséfone.
Todas as marés são minhas e me respondem.
Marés dos ares, marés do interior da terra,
As silenciosas marés secretas da morte e do nascimento –
Marés das almas dos homens, dos sonhos e do destino –
Ísis velada, e Rhea, Binah, Géia.” *

Em seguida, em minha visão, aconcheguei-o a mim, de tal forma que a sua cabeça repousou em meu peito. Eu lhe dei a paz.

A força começou a arrefecer. Os contornos do quarto foram surgindo hesitantes, através da névoa do luar, como se sássem

* I am that secret queen, Persephone.
All tides are mine, and answer unto me.
Tides of the airs, tides of the inner earth.
The secret silent tides of death and birth –
Tides of men's souls, and dreams, and destiny –
Isis veiled and Rhea, Binah, Ge.

da profunda água escura. Passei a sentir novamente minha personalidade humana. Malcolm ainda estava ajoelhado diante de mim perto do altar e parecia estar dormindo. Eu podia ver o seu cabelo ruivo grisalho no difuso círculo da luz. Uma das suas grandes mãos descansava flacidamente sobre o veludo negro, enquanto a outra servia de apoio a seu rosto enquanto dormia. Jamais vira antes um ser humano tão completamente descontraído e, ainda assim, continuava de joelhos junto do altar, mantido ali pela sua vontade inconsciente. Eu precisava trazer aquele homem de volta: ele tinha um longo caminho a percorrer.

Lentamente, com gentileza, pois Malcolm não devia voltar depressa demais, reverti as cadências com as quais o embalara no sono – cadências que nunca o tocaram e que eram, todas elas, as mais poderosas no gênero.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim sem entender bem o que acontecia. Vacilante, pôs-se de pé amparando-se no altar.

– Onde estou? – perguntou.

– Está aqui de volta, comigo – respondi. – Está no meu lar, onde é feliz.

– Sim, sempre sou feliz aqui – replicou ele mecanicamente, pois sua mente ainda não havia regressado totalmente.

– Agora interromperei o poder e farei tudo voltar ao normal. Estique as mãos – mantenha-as assim.

Estendi minhas mãos para frente, curvadas para trás na altura dos pulsos, e coloquei minhas palmas retas contra as dele. Ao fazê-lo, o poder se rompeu. Ele pulou para trás como um pedaço de elástico, e estávamos de volta ao normal, Malcolm e eu, olhando um para o outro com atenção.

– Meu Deus! – exclamou Malcolm passando a mão na fronte para enxugar o suor.

– Como se sente? – perguntei.

– Como me sinto? Sinto-me como se tivesse tomado dez banhos turcos em seguida. Sou um poço de suor! O que fez comigo? Vamos nos sentar em algum lugar.

Ele cambaleou vacilante e largou o corpo sobre o divã. Sua mão subiu até o colarinho.

– Vou tirar isto. Não me importo com a minha aparência.

E lá veio o frangalho ensopado que foi arremessado ao chão. Até mesmo as pontas da sua gravata estavam escuras de umidade.

– Senhor! – admirou-se Malcolm. – *Puf!*

Enxugou o rosto e o pescoço, até que o lenço veio juntar-se ao colarinho no chão.

– Vou pedir-lhe uma toalha de banho emprestada quando descermos – disse.

– Agora entende por que trabalhamos nessas roupas e ficamos nus por baixo? – indaguei.

– Meu Deus, acho que sim! Nenhuma roupa resistirá a esse tipo de tratamento por muitas vezes. Posso tirar o paletó?

Entreguei-lhe uma pequena toalha própria para limpar os instrumentos do ritual. Inteira e inconscientemente esquecido de mim, pois ainda não estava completamente de volta ao seu corpo, Malcolm sentou-se no altar negro do sacrifício, enxugando o peito largo, parecendo-se exatamente com alguém que houvesse tomado parte numa batalha.

Abri um armário de parede, peguei uma garrafa e despejei o conteúdo num copo comprido.

– Beba isto! – intimei.

– O que é? – quis saber, olhando desconfiado o copo, pois era um completo abstêmio.

– Suco de maçã – respondi –, natural. É melhor deixar as bebidas alcoólicas de lado nestas ocasiões.

– É melhor deixá-las de lado na maioria das ocasiões, na minha opinião – afirmou Malcolm. – De qualquer modo, é melhor que eu as deixe de lado.

O suco de maçã, porém, foi bebido de um só gole prolongado.

– Reposição de força – disse Malcolm. – Meu Deus, como eu estava precisando disso!

Beber o líquido rapidamente fez Malcolm voltar ao normal, e ele começou a tomar conhecimento da própria aparência.

– Minha querida *lady* – começou ele e, ao notar o peito descoberto, abotoou apressadamente a camisa. Apanhou o colarinho no chão, examinou-o, balançou tristemente a cabeça e o enfiou no bolso da calça.

– Não posso me arrumar. Não posso me desculpar. Não posso fazer nada. O que aconteceu de fato? Eu caí no sono, não foi?

– O senhor dormiu profundamente. Chegou a sonhar?

– Acredito que sim. Há vagas sombras de sonhos rondando a meu redor até agora. Só espero ter me comportado com razoável senso de discrição.

– O senhor nem se moveu.

– Isso é um consolo. Suponho que saiba o que pretende fazer. Deus a ajude, se não souber. Não sou nenhum peso-pluma.

– Se está suficientemente revigorado, vamos descer?

– Oh, sim, estou perfeitamente recuperado. – Malcolm levantou-se. – Senhor, meus pés não estão firmes! Parece que não sei no que estou pisando. Céus, agora eu sei como o paraplético histérico se sente!

– Caiu de novo no divã e examinou as articulações dos joelhos. – Está tudo bem – exclamou com um suspiro de alívio.

Tornou a se levantar, mas com cuidado, e caminhou até a porta.

– Vou descer essas escadas na sua frente, se não se importa. Não vou me arriscar a cair em cima da senhorita.

A atividade forçada, contudo, rapidamente o levou a recobrar a coordenação. Quando chegou à base dos lances das escadas, já havia voltado ao normal.

– Meu Deus! Faça isso freqüentemente comigo e logo terá um cadáver para enterrar! – comentou.

– De jeito nenhum – retruquei. – Isso lhe fará muito bem. Gostaria de se lavar?

– Eu gostaria de tomar um banho – respondeu.

Eu o despachei para o banheiro, armado com a minha maior toalha de banho. No devido tempo, Malcolm reapareceu, rosado como um querubim, vestindo as calças sob o roupão de banho que eu lhe havia emprestado.

– Da próxima vez que vier vê-la, trarei uma camisa de reserva – informou.

Eu sabia que ele estaria faminto e havia preparado uma boa refeição, mas não imaginava o lobo que eu teria de alimentar. Por detrás daquele exterior carrancudo, Malcolm era um verdadeiro menino. O que seus eruditos colegas pensavam dele eu não po-

dia imaginar; nem como seus miolos o haviam alçado à posição que ocupava numa profissão em que o *savoir faire* social tinha tanta importância. O fato de ele ter sido capaz de superar os inumeráveis obstáculos criados por ele mesmo revelava muito da sua tremenda força de liderança. Todavia, quanto mais eu observava, mais gostava dele. Esse homem era dotado daquela sinceridade desarmante, daquela total boa vontade e despreendimento. Achava que os homens de primeira categoria da sua profissão o teriam apreciado. Mas como os que não eram exatamente de primeira categoria devem tê-lo odiado!

Quando terminou a refeição, empurrou a cadeira para trás, afastando-a da mesa.

– Preciso ir. Se me sentar na sua poltrona, adormecerei e passarei a noite aqui.

– Não me importaria se o fizesse, no que me diz respeito.

– No que me diz respeito, também não, pelo menos da forma como me sinto agora em relação à senhorita. Sinto-me domesticado, srta. Le Fay.

– Como está agora?

– Completamente bem, minha querida. Qualquer criança poderia brincar comigo.

Retirou-se para o banheiro, a fim de pegar as roupas suadas, e retornou parecendo externamente mais apresentável.

Pegou na minha mão.

– Não sei o que lhe dizer – afirmou. – Não sei o que fez comigo, mas me ajudou além do que acreditei ser humanamente possível.

Olhou-me por um momento e, então, subitamente, deixou-se cair de joelhos, encostando a cabeça em mim como havia feito na minha visão. E, como na visão, eu o amparei. A seguir, ele se levantou e, sem dizer palavra, saiu pela porta. Observei-o caminhando ao luar na direção do rio. Parecia um gigante feito.

– Tudo isso – pensei comigo mesma – por Ísis em seu aspecto de Perséfone.

CAPÍTULO XII

Como o dia seguinte fosse uma segunda-feira, Malcolm teve algo mais em que pensar, além de pensar em mim e na minha magia. Contudo, no horário tranquilo entre o chá e a hora do jantar, houve uma batida na porta, e lá estava ele. Ficou diante de mim e descobriu a cabeça, como se estivesse obedecendo a um ritual. Pensei que fosse cair de joelhos outra vez, porém conteve-se, seguiu-me silenciosamente até o salão e mergulhou na sua cadeira habitual perto da lareira. Enfiou a mão no bolso da camisa e jogou um punhado de papéis no meu colo.

– Eis o seu relatório – disse, e acendeu um cigarro.

Juntei os papéis e li.

“Quando a srta. Le Fay propôs outra experiência não fiquei nervoso; ao contrário, senti um grande prazer. Ao me contar que ia fazer um traje para mim, fiquei positivamente inebriado. Por um momento, perdi de fato a cabeça. Entretanto, ela me deixou sozinho para eu me esfriar. Virou-se nos calcanhares e foi se vestir. Quando terminou de se aprontar, eu já estava mais calmo.

“Ela me fez ficar perto do altar, sobre o qual apoiei minhas mãos. Em seguida, fez o mesmo com as suas. Não sei por que, ver nossas mãos juntas me afetou bastante. Parecia uma espécie de união. Não entendo; percebo, porém, que é muito significativo. Então, ela fez hipnose simples, direta, comum e isso foi tudo o que era necessário.

“Entretanto, acordei num estado no qual nunca vi alguém voltar de uma hipnose. Adivinhei que minha temperatura devia andar pelos 39 ou 40 graus. Comecei a suar profusamente, o que me aliviou, embora fosse extremamente exaustivo, quase provocando uma síncope. Minha mente parecia confusa como se eu

estivesse delirando. Não sabia o que estava fazendo ou quem eu era. Apenas posso oferecer excusas pelo meu ulterior comportamento; eu, realmente, não era senhor de mim mesmo.

“Houve acentuada perda do controle sensorial dos membros inferiores – uma sensação cinestésica definitivamente anômala. A experiência lançou muita luz sobre a paralisia histérica e sobre a anestesia, e foi de grande interesse para mim.

“Recobrei-me rapidamente, entretanto, quando me forcei a andar. A comida e a bebida não só me fizeram voltar ao normal, como me fizeram atingir um estado de supernormalidade. Senti-me ótimo, e ainda me sinto (três horas da madrugada). Porém, sob toda essa vitalidade, há uma paz profunda e uma sensação de relaxamento e de tanta felicidade que, se eu tivesse boa voz, me poria a cantar.

“Estou profundamente agradecido à srta. Le Fay por sua paciência e por sua gentileza comigo.

as. R.A.M.”*

– R.A.M.? – perguntei. – Áries, o Carneiro – naturalmente! Conseguiu dormir na noite passada?

– Um pouco. Dois pouquinhos, na verdade. Um pouco assim que me deitei, outro pouco assim que estava clareando. No entanto, não senti nem um pouco os efeitos do sono interrompido. Senti-me bem disposto o dia inteiro e ainda me sinto assim. Bebi da fonte secreta, srta. Le Fay – da água da vida.

– Sonhou com tudo isso? – perguntei, pois deduzi de suas palavras que o subconsciente estava trabalhando e seu conteúdo vindo à tona.

– Sonhei. E o meu sonho e as conclusões que tirei dele estão no resto desses papéis que recebeu. Leia-os e pasme com eles. Então, poderá dizer se pretende me dispensar ou não. Não gostará deles, porém estipulou que eu devia ser franco, e fui. Agora tudo depende da sua decisão.

Voltei-me para os papéis, enquanto Malcolm acendia outro cigarro. Vi que sua mão não estava completamente firme. Sabendo como eram firmes as mãos de Malcolm, comecei a imaginar o que aqueles papéis podiam conter. Continuei a leitura:

* *Ram*, em inglês, carneiro.

“Depois que saí da casa, me vi numa situação muito estimulante; de fato, um pouco acima do normal. Um ato impulsivo e doentio de minha parte fora recebido com uma tolerância além da conta, e conseqüentemente eu estava um pouco embriagado. Fui para casa nesse estado. Mas, assim que entrei em meus aposentos, meu humor mudou de repente e compreendi que havia feito uma coisa muito tola, e que isso nunca deveria acontecer outra vez. Houve uma reação súbita, e me senti com uma disposição de dúvida, tornando-me profundamente infeliz.

“Sabendo que não pegaria no sono, agi de acordo com o conselho de um colega que consultara: tomei um comprimido para dormir. Como ele não surtisse efeito, tomei outro e entrei num estado desagradável entre o sono e a vigília, cheio de pesadelos, e do qual não gostei nada. A droga que eu havia tomado me impedia de me levantar, mas não me levava completamente à inconsciência. Resultado: fiquei muito perturbado e apreensivo.

“Alguma coisa parecia me dizer, insistentemente, que se eu chamasse pela srta. Le Fay tudo ficaria bem. Entretanto, eu não estava disposto a tentar isso, pensando que o melhor seria não fazê-lo.

“Lutei por algum tempo contra esse estado de ânimo, tornando-me cada vez mais desesperado, mas determinado a não ceder. Repentinamente, pareceu-me que havia um homem de pé ao lado da minha cama. Não o vi, mas sabia que estava lá e conhecia a sua aparência. Alto e magro, estava entre os cinqüenta e sessenta anos de idade, com a cabeça raspada queimada de sol. Tinha nariz aquilino, lábios finos, olhos cinzentos e usava um comprido traje reto de algodão ou linho alvejado, sem mangas. Usava sandálias douradas nos pés, um colarinho de ouro em volta do pescoço, braceletes de ouro nos pulsos e uma tira dourada em volta da cabeça. Reconheci de imediato o sacerdote principal sob cujas ordens eu trabalhara e que havia sido o único homem que me compreendera ou que me mostrara alguma simpatia. Minha confiança voltou prontamente e experimentei uma enorme sensação de alívio. Meu sono se aprofundou, e comecei a sonhar de verdade.

“Sonhei que falava das minhas dificuldades com esse homem, e o que ele me respondeu pode ser resumido no seguinte: contanto que eu não me importasse de ser sacrificado no final,

tudo estaria bem. Disse que eu não perdesse de vista o sacrifício final e que eu não precisava ficar com medo de que alguma coisa saísse errado. O sacerdote afirmou que me faltava fé. Eu neguei, alegando que também não temia conseqüências para mim mesmo; mas tinha medo – e não sem razão, do meu ponto de vista – das conseqüências para as outras pessoas, por causa das minhas imperfeições. Segundo ele, isso não fazia diferença, mas eu não conseguia aceitar essa opinião. Pedi algum tipo de garantia ou de promessa, mas ele não quis me atender. Tudo o que dizia era: 'Isso não tem importância'.

"Em seguida, o sacerdote falou algo que pareceu mudar toda a minha perspectiva, não sei explicar por quê. Contudo, assim que ele terminou de falar, minha apreensão se transformou em confiança. Não com palavras, mas por meio de idéias que me vieram à mente, ele afirmou: 'Você vai se lembrar do que lhe disse: da próxima vez você será o sacerdote'.

"Então, me pareceu que tive um sonho dentro do sonho, ou melhor, um tipo de recordação muito nítida desse homem aproximando-se de mim, momentos antes que começasse a tortura que me levaria à morte, pronunciando essas palavras.

"Acordei sobressaltado, embora sem qualquer vestígio da droga, cujo efeito costuma ser prolongado. Era como se, dentro do sonho, eu houvesse acabado de ter um pesadelo no qual tivesse sido torturado até a morte. Eu podia ver a câmara de torturas e tudo o mais. Ainda assim, eu sabia que não tivera nenhum pesadelo, mas apenas me lembrava de tê-lo tido. É muito difícil descrever a impressão recebida de alguns diferentes níveis de consciência sobrepondo-se uns aos outros.

"Tudo parecia ter-se esclarecido. Toda a minha ansiedade se fora. Sentia confiança em mim mesmo e não receava mais qualquer perda futura de autocontrole – coisa que era o meu grande temor, sabendo que em várias ocasiões somente as circunstâncias me haviam salvo de fazer papel de tolo. Parecia-me que, como sacerdote – desta vez um sacerdote autêntico, não um pseudo-sacerdote –, eu teria todo o poder de que necessitava. Eu não estaria mais trabalhando às cegas nas mãos da srta. Le Fay, deixando toda a responsabilidade recair sobre ela. Eu teria o conhecimento necessário, e ele me acudiria à memória quando a ocasião assim o exigisse.

"Com essa disposição otimista deitei-me novamente. Julguei desacertado tomar outro comprimido; contudo, não parecia fazer diferença que eu dormisse ou não, pois estava perfeitamente revigorado e com as idéias claras. Sentindo-me assim alvoroçado e autoconfiante, resolvi tentar uma experiência por conta própria. Chamei à minha imaginação as cenas que a srta. Le Fay descrevera quando me levou a pensar que estava entrando com ela no Templo de Ísis, vendo realmente a deusa aparecer. Realizei isso com extraordinário sucesso. De fato, a imagem da deusa se tornou tão nítida que tudo parecia ser verdadeiro. Fui tentado, por um momento, a imaginar a srta. Le Fay a meu lado, do modo como ela estivera na ocasião anterior, mas resisti a esse impulso e fui ao templo sozinho. Contudo, quando entrei nele, eu sabia que ela estava atrás da cortina que esconde o *Sancta sanctorum*. Entretanto eu não tinha o direito de entrar ali, a não ser que ela me convidasse, e estava certo de que nunca receberia esse convite. Mas, por outro lado, talvez pudesse. Esse era um item que ainda não estava decidido. Eu compreendia que isso era assim, mas não sabia o que significava e até agora não sei.

"Desci algumas escadas íngremes até uma porta abaixo do nível do chão. Eu tinha a chave e entrei. Aquele era o meu domínio, onde eu me sentia em casa. Era um lugar tenebroso e sinistro, porém sentia-me mais em casa ali do que na parte principal do templo – assim como, atualmente, sinto-me mais à vontade no laboratório do que na parte administrativa do hospital, e me saio melhor com os pesquisadores do que com os estudantes comuns. Eu sabia que era um pária, mas um pária importante, e conquanto eles desgostassem muito de mim, não podiam se arranjar sem a minha presença. Estou me referindo ao templo, não ao hospital; todavia, isso se aplica igualmente a ele. A história se repete, se essas forem realmente lembranças de reencarnações. No entanto, eu gostaria de saber se são recordações desse tipo ou se são uma mera dramatização do meu estado interior. De qualquer forma, elas servem ao mesmo propósito – como uma psicanálise – de modo que tanto faz.

"É muito difícil descrever meu estado interior. Era mais que um devaneio e menos que o sono. Podia observá-lo, dirigi-lo, mas ainda assim eu estava ali, e aquilo estava acontecendo comigo.

“Imaginei-me descendo por uma longa passagem subterrânea, com a água correndo por um canal de um dos lados. Era monótono descer assim no escuro; contudo, descobri que podia acelerar meus passos, e eu mais voava do que andava. Dava no mesmo: eu tinha de passar por ali; não podia encurtar o caminho por qualquer ato de vontade arbitrário da minha parte. Finalmente saí numa grande caverna cujo teto era tão alto que eu não o enxergava. Julguei que fosse uma caverna natural que tivesse sido melhorada. Havia uma entrada principal de um lado — era toscamente octogonal — e do outro lado havia a enorme estátua de uma mulher nua, esculpida na rocha viva, e cuja parte posterior era a própria pedra. A porta pela qual eu entrara ficava ao lado da sua perna direita. Minha cabeça chegava-lhe até o nível da parte inferior da barriga da perna, de tal modo que, se eu erguesse os braços, podia alcançar-lhe os joelhos.

“O entalhe dessa imagem era muito tosco e primitivo. Parecia estar muito escurecida e descolorida pela fumaça, o mesmo acontecendo com as partes superiores das paredes da caverna e com o teto, até onde eu podia ver. A estrutura da representação da mulher era grosseira e maciça, aparentando simbolizar a força animal — cruel e brutal. Então, perpassaram pela minha memória as diferentes espécies de insetos, principalmente as aranhas, cujas fêmeas comem os machos depois de fertilizadas. Eu sabia que essa era a destruição brutal feita pela mulher; mas eu era o seu sacerdote, e essa era a questão: eu nada podia fazer a respeito. Havia um outro aspecto — um aspecto bonito da feminilidade no outro templo — mas eu não tinha nada que ver com ele. Fora com uma das sacerdotisas desse seu outro aspecto que eu me envolvera, e fora esse fato o causador dos meus problemas. Periodicamente, sacerdotes e sacerdotisas de grau mais elevado costumam descer ao meu templo na caverna, não sei o porquê. Eu devia cumprir algum tipo de ritual envolvendo um sacrifício com derramamento de sangue, em benefício deles, suponho. Eles obtinham o benefício e iam embora, abandonando o homem que fizera o ritual.

“Lembrei-me de que a srta. Le Fay me dissera para orar a Ísis e me recordei dos resultados notáveis que obtive dessa oração. Assim rezei para essa grande imagem, que julguei ser uma forma primitiva de Ísis. Lembro-me de ter-lhe abraçado os joelhos

e de ter me desabafado, desnudando toda a minha alma diante dela, embora seu aspecto fosse o de uma horrenda monstruosidade. Então, subitamente, ela começou a mudar, e em vez da imagem grosseira de arenito vermelho escurecido pela fumaça, ela se transformou, tornando-se brilhante como mármore preto polido. E eu vi que ela era a srta. Le Fay, ou melhor, uma estátua dela, três ou quatro vezes maior que o tamanho natural. Pensei nas palavras da Escritura: ‘Sou negra, porém graciosa’. Essa estátua era a coisa mais bonita que eu já havia visto, apesar de negra como azeviche. Eu sentia uma espécie de intensa admiração por ela. Continuei a abraçar-lhe os joelhos, mas assim como alguém que agarra uma serpente ou um peixe, mesclando medo e fascinação. Eu sabia interiormente que, se pudesse vencer esse medo, essa sensação de repulsa, e me entregar de coração à aventura, ela se transformaria novamente numa coisa bonita. Só que eu não era capaz de fazer isso.

“Então, a porta principal se entreabriu e através dessa brecha entrou a sacerdotisa que eu admirava. Naturalmente, fiquei muito alegre ao vê-la; desci do estrado que me encontrava e me aproximei dela a fim de abraçá-la. Ela retribuiu gentilmente. Seja como for, não se repeliu. Peguei-lhe na mão e a conduzi até o estrado. Sentamo-nos aos pés da deusa, e tornei a abraçá-la, com mais calor, e dela recebi o mesmo tipo de resposta amável. Tudo isso era um sonho autêntico, eu não o estava dirigindo.

“Em seguida, uma porção de cantos se fizeram ouvir à distância, e pela primeira vez notei que no meio do chão da caverna havia uma piscina de água, a qual, aparentemente, alimentava o canal que percorria a passagem. Ao lado desse tanque, havia uma grande estalagmite que, eu sabia, era considerada um objeto sagrado.

“A seguir, o sonho tomou novos rumos, mas eu continuava sentado aos pés da deusa acariciando a sacerdotisa. Ela parecia aceitar tudo tranqüilamente, como se fosse algo muito natural. Então, eu acordei.

“Não posso descrever a sensação de fluatuabilidade, de autoconfiança e de completa felicidade com que despertei. Habitualmente, quando tenho esse tipo de sonho angustiante, acordo com nojo de mim mesmo e fico desanimado o dia inteiro. No entanto,

não me deixei influenciar pelos cruéis incidentes desse sonho, acatando-os como se fossem perfeitamente naturais. Lembrei-me das palavras do meu visitante masculino: 'Isso não tem importância'. Elas evidentemente haviam surtido efeito, e de tal modo que realmente isso não tinha a menor importância. Eu estava assustadoramente satisfeito comigo mesmo, por ter tido a oportunidade de acariciar a sacerdotisa. Não fui capaz de pensar em outra coisa durante o dia inteiro.

"Espero que não se deduza do que relatei que eu tenha qualquer idéia de transformar minhas fantasias em ação. Eu as menciono só porque fui solicitado a contar tudo e pela importância psicológica que elas têm. A princípio, tive a intenção de guardá-las para mim mesmo e preparei o relatório anterior. Todavia, percebi que isso não daria certo e que precisava ser franco e agüentar as conseqüências; de outro modo, poderia viciar toda a experiência e induzir a srta. Le Fay a uma falsa sensação de segurança."

Não era de admirar, pensei, que a mão de Malcolm tremesse ao me entregar esse relatório. Para um homem com o seu temperamento, essa confissão deveria corresponder a uma extração de dentes.

Ele continuava sentado, fumando e olhando para o fogo da lareira, perfeitamente imóvel e natural, parecendo mais do que nunca um colosso de granito. Eu gostaria de saber qual seria o melhor modo de lidar com ele. Malcolm não me agradeceria se o encorajasse – eu sabia disso. Não se tratava do simples problema de encontrar o tom exato, nem de fazê-lo sentir-se humilhado ou desconcertado.

Evidentemente, ele sabia que eu havia terminado de ler, embora tivesse o cuidado de não levantar meus olhos da página.

– Bem? – perguntou. – Recebo minhas ordens de retirada agora que descobriu que tipo de homem sou? Eu a avisei de que a minha mente não era pura.

– Um homem que é honesto como você foi, dr. Malcolm, é um amigo muito mais digno de confiança do que as pessoas que imaginavam estar tirando partido da Natureza.

– É lógico que a senhorita está perfeitamente certa, só que eu não sabia se conhecia bastante a natureza humana para aceitar

as coisas dessa maneira. Eu não estava seguro de obter a sua amizade, se tentasse fingir que era melhor do que sou na realidade. Estou apaixonado pela senhorita; seria bobagem tentar negar isso. Contudo, isso não quer dizer que não vou proceder direito por esse motivo. Procurei me afastar, como sabe, quando percebi o rumo que os acontecimentos estavam tomando, e achei que ficaria arrasadoramente apaixonado se eu a visse constantemente. Eu tinha medo de ser ferido – e fui ferido muitas vezes na minha vida. No entanto, depois da nossa primeira excursão lá para cima, não tive mais medo. Parece algo estranho de dizer, mas simplesmente não me importo com o quanto for ferido. Entretanto, eu tinha receio de feri-la, sobretudo depois que machuquei suas mãos. Também fiquei com medo de dizer ou fazer alguma coisa que a desgostasse, ou que me fizesse parecer repulsivo. Porém, agora todos esses temores se foram. Como aquele velho sacerdote disse: "Isso não tem importância". Sinto que nada disso importa. Saberemos contonar todas as situações. Falei-lhe como se fosse de homem para homem, e a senhorita fez o mesmo comigo. Estamos ocupados com uma coisa grandiosa e não admitiremos que considerações mesquinhas nos aborreçam. Eu sei que tanto quanto eu, sua intenção é evitar qualquer maldade. Eu não faria nada que magoasse minha esposa e não faria nada que a magoasse – antes eu cortaria a minha mão direita – ambas as mãos. Sei que não me pediria para fazer isso, e nem por um momento imaginei que me permitisse fazê-lo, mesmo que eu quisesse. De qualquer modo, seria uma tola se consentisse porque eu começaria a persegui-la no momento seguinte. Então, af estamos. Se eu explodir, explodirei a uma distância segura. Mas esse é um problema meu.

Durante todo esse recitativo, nenhum músculo do rosto de Malcolm se mexeu, nem a sua tonalidade de voz mudou. Ele poderia estar ministrando uma aula a seus alunos.

Não pude falar por um momento.

– Por que não responde? – perguntou ele.

– Porque não posso – respondi. – O que o senhor disse me comoveu demais.

– Está tudo bem?

– Perfeitamente bem.

– Não lhe causo repugnância?

– Longe disso. Eu o respeito profundamente, dr. Malcolm. Nada sei sobre o seu trabalho profissional; todavia, sei por que é considerado um grande homem, não apenas um homem importante, mas um grande homem.

– Minha querida, não diga bobagens. Simplesmente faço meu trabalho e luto como um demônio com qualquer pessoa que tenta se atravessar no meu caminho. Só pareço grande quando comparado com os tolos. Não é a minha grandeza que é uma maravilha, mas a tolice deles. Eles não podem ver, ou não querem, o que está diante dos seus próprios olhos – isso é tudo. Se quer saber, não existe nada para ver. Eu só lhes mostro o que deveria ser óbvio para eles.

– E o que me diz de todos esses anos de observação e pesquisa?

– Oh, trata-se de pura rotina. Eu lhe disse que estava cansado do sistema nervoso central, não foi? Estou mesmo mortalmente cansado. Eu não cometeria a tolice de dizer que não existem mais coisas a serem aprendidas sobre ele, mas fiquei cansado. Vou dar-lhe um aviso prévio: vou abandonar meu emprego no hospital. Não me importo de ficar como clínico em alguma cidade pequena em que possa ser útil. Acho que vou ficar no Maudsley. Também estou considerando Malet Place, mas eles estão com medo de mim. Gostam certamente da minha fama, mas estão assustados com meus pontos de vista iconoclastas – têm medo que eu reduza suas delicadas estruturas psicológicas a pedaços. E eu o faria, por Deus! Eles precisam de um neurologista como eu. Posso ser médico por profissão, mas por temperamento sou um cirurgião. Os médicos são exageradamente adados para o meu gosto. Dê-me uma cirurgia rotineira – de abrir e tornar a costurar – e eu termino o serviço e pronto!

Depois, com voz mais tranqüila, perguntou se ia oferecer-lhe o chá.

– Bom Deus! – exclamei. – O senhor ainda não tomou o seu chá?

– Não tomei. Estive fazendo de mim mesmo um mártir, escrevendo esses relatórios. Penso que também mereço alguns daqueles biscoitos feitos em casa, considerando o modo pelo qual

me sacrifiquei no altar da Ciência. Não a aborreci com as minhas revelações, srta. Le Fay?

– Certamente que não – assegurei-lhe. – Sou uma pessoa de mente muito mais irredutível que a sua, no que diz respeito a toda essa conversa de temperamento cirúrgico.

Então, eu lhe servi um chá maravilhoso e ele comeu os biscoitos até as últimas migalhas. Não acredito que qualquer mulher tivesse tratado Malcolm antes como um bichinho de estimação, mas ele soube apreciar isso condignamente.

– Estou completamente feliz aqui – disse quando, satisfeito, se recostou na cadeira. – Pensei que vê-la tantas vezes me roubaria o sossego; mas, pelo contrário, isso me acalma. Agora preste atenção: fui absoluta e perigosamente franco; talvez até mais franco do que deveria. Quero que faça o mesmo comigo e me conte exatamente como se sente a meu respeito.

– Farei o possível mas, a menos que me entenda, não compreenderá como posso me sentir assim.

– A senhorita me disse que era justamente igual a Ela – um tanto inumana. Contudo, é tão danadamente humana, e é isso que acho tão encantador. Não se importa que eu fale dessa maneira, não é? São palavras, nada mais.

– Conversar é uma válvula de escape valiosa. Fale quanto quiser.

– Estou descobrindo isso. Sempre fui calado como um túmulo a respeito de tudo o que realmente importa, e posso ver que foi um erro. Eu deveria ter praguejado como um tropeiro e arre-messado a mobília pelos cantos. Aliás, agi desse modo nos assuntos de menor importância. Sou um demônio danado de irritadiço, como sabe, só que procuro não demonstrar. Mas, olhe: estamos falando de mim outra vez. Vamos ao que interessa; diga-me o que quero saber.

– Quer saber o que sinto pelo senhor?

– Quero. Não faço idéia, só sei que é terrivelmente boa para mim.

– Terei de começar pelo início, ou não conseguiria entender. Eu sabia que deveria trabalhar com alguém e, desde o princípio, sabia que o fato de gostar ou não dessa pessoa não teria importância – não me era permitido pensar em meus próprios senti-

mentos, mas apenas no trabalho. Eu também sabia que, se o trabalho desse certo, eu sentiria afeição pelo homem com quem trabalhasse; e mesmo assim, eu não podia pensar em meus próprios sentimentos. Além disso, andei praticando autodisciplina por tanto tempo que verdadeiramente não pensei neles. Estou ficando muito apegada ao senhor, dr. Malcolm, mas não dependo do senhor para ser feliz. O senhor, pelo contrário, está se tornando muito dependente, segundo receio.

– É verdade. Terrivelmente dependente. Não ligue e prossiga.

– Esse, claro, é o elo fraco da corrente. Trata-se, porém, de uma fase que teremos de resolver e sair dela. Sei que não precisarei refreá-lo sem repeli-lo, nem temer as conseqüências pelo fato de estar tão apaixonado por mim.

– Quer dizer que espera que eu desista dessa paixão?

– Não, não se trata disso; contudo, espero que chegue até onde eu estou, de modo que possa se sentir apaixonado por mim sem ser dependente ou possessivo.

– Isso, é lógico, está além da minha compreensão – pelo menos assim como sou atualmente. Posso mudar, é verdade. Estou bem preparado para aceitar o fato. Mas até esse dia devo simplesmente aceitar a sua palavra quanto a isso.

– Desejo que alcance o ponto em que possa me amar livre e feliz, sem o sentido de posse. Estou preparada para passar ao seu lado pelos difíceis estágios intermediários, até que chegue lá.

– Penso que está um pouco equivocada no seu julgamento sobre a natureza do homem; mas, como eu já disse, estou disposto a manter uma mente receptiva. De forma que pretende que eu me transforme numa espécie de ele-ela, não é isso?

Rimos da piada. Notei que o riso de Malcolm estava deixando de ser um rosnido. Sua voz possante, antes áspera, tomava um belo timbre de barítono.

– Gosta de mim, srta. Le Fay? Diga-me.

– Sim, gosto, demais até. Na verdade, o senhor conquistou um lugar especial no meu coração.

Malcolm ficou em silêncio por um momento.

– Naturalmente, não era a isso que eu me referia – lamento, por fim.

– O que quis dizer então?

– Nada. Não tem importância. Deixe estar; eu espero.

– Quer saber se eu me sinto atraída pelo senhor como homem?

– Sim, é isso. Sou atraente?

Fiquei pensando por um momento, e Malcolm compreendeu mal o meu silêncio.

– Não, é claro que não sou atraente. Como poderia? Tive a minha resposta e a mereci.

– Não, ainda não obtive a sua resposta – retruquei. – Eu tentava imaginar como torná-la compreensível. Sentir-me atraída pelo senhor como homem é algo muito diferente de estar apegada ao senhor como uma amiga, tendo completa confiança no senhor como companheiro de trabalho. Esse apego, essa confiança, eu sinto. Entendo o seu ponto de vista e estou procurando dar-lhe uma resposta verdadeira, que não o iluda de um ou de outro modo.

– Acho a sua força dinâmica muito atraente porque é tão interessante – expliquei-lhe. – O senhor pode proporcionar experiências extraordinárias, e há muito da Eva incorrigível em mim para não me sentir inclinada a topiar essas experiências, embora saiba que não devo, no interesse do trabalho em que estou envolvida. Como o senhor, tenho medo de cair em tentação, e é isso que provavelmente me impede de obter uma imagem clara dos meus sentimentos. Por temperamento e por treinamento, sou categoricamente autocontrolada, e ainda assim sinto que preciso do senhor.

– Fico contente com isso – disse Malcolm em voz baixa –, pois representa muito para mim.

– Definitivamente – continuei –, não estou apaixonada pelo senhor, mas ainda assim gosto que esteja apaixonado por mim. Eu me alimento desse seu amor por mim, se quer saber. Tiro força desse amor e ele me mantém jovem. Algumas pessoas diriam que sou um vampiro, mas sempre terei o cuidado de não tirar demais do senhor, pois não o magoaria por nada deste mundo. Além disso, me delicia vê-lo vir aqui e ficar assim descontraído, feliz e em paz.

– Mas tudo isso – prossegui – não é um sentimento pessoal, que é o que o senhor realmente deseja saber. O senhor falou como se nenhuma mulher pudesse nutrir qualquer sentimento pessoal pelo senhor, mas isso não é verdade. Mulheres levianas, talvez não; mas para uma mulher que tenha olhos para ver, o senhor tem uma espécie muito original de atração. Também tem um tipo estranho de beleza – a beleza que vem da força equilibrada e da pura aptidão para as suas funções. Seu rosto é pouco atraente, mas tem uma cabeça magnífica, se é que pode entender a diferença, e penso que até mesmo um tolo não poderia deixar de notar a beleza de suas mãos. São as mãos mais bonitas, literalmente falando, que já vi num homem. Também acho que deve ser um magnífico espécime quando está nu. Obviamente, tem ombros possantes.

– Mas isso ainda não responde à sua pergunta – afirmei. – Sim, o senhor me atrai, com um curioso tipo de atração-repulsão que é muito mais forte que a simples atração. Sêrio, tenho uma certa dose de medo do senhor, embora não goste menos do senhor por isso. Na verdade, acontece o contrário. Suponho que se trate de um remanescente dos dias em que o conheci como o sacerdote dos holocaustos; honestamente, não creio que seja outra coisa.

– Não acha que isso se deve ao fato de tê-la seguido no Aterro?

– Não, porque aquilo, falando a verdade, foi um elogio.

– Bem, certamente trocamos credenciais – disse Malcolm, recostando-se na cadeira com as mãos atrás da cabeça e os pés na lareira, quase na horizontal. Embora fossem deploráveis, suas maneiras eram completamente isentas do intuito de ofender.

– Eu lhe respondi o que desejava saber?

– Sim, espero que sim, apesar de eu não ter a capacidade de entender.

– Meu amigo, eu o magoei?

– Um pouco. Mas eu pedi isso. Não me importo. É bom que eu saiba.

Levantei-me, fiquei atrás de sua cadeira e, inclinando-me sobre ele, coloquei minha mão no seu rosto.

– Isso tira a dor? – perguntei.

Ele pôs sua mão em cima da minha e a apertou mais contra o rosto.

– Isso tira a dor de qualquer coisa – respondeu.

Os minutos passaram, e nem um de nós dois se moveu. Por fim, Malcolm falou:

– Acho que estou sendo terrivelmente ingrato por não me sentir satisfeito com o que me disse. Naturalmente, esperava que afirmasse sentir por mim a mesma coisa que sinto pela senhorita, embora soubesse perfeitamente que não o faria. Está bem que não me ame, também. É óbvio que eu teria de ir embora se me amasse – o lugar ficaria quente demais para eu me controlar. Como estão as coisas, posso ser feliz a meu próprio modo excêntrico. Prometo não me tornar incômodo se não se importar que eu fique por perto. Isso é tudo o de que preciso – a pequena dose de vitamina que serve para manter a saúde. Precisa-se de muito pouco, mas fica-se doente se não se obtém esse pouco. A senhorita é uma pessoa de extraordinária compreensão. Parece saber como me dar exatamente o que preciso. Uma mulher como você é um presente de Deus para qualquer pessoa na minha situação. Deus a abençoe por isso. Por que está de pé dessa maneira, todo esse tempo? Vai ficar cansada. Venha e sente-se no espaldar da minha cadeira. Ou não quer fazer isso?

Sentei-me como ele pediu, e ele recostou a cabeça em mim, esquecendo-se até do indefectível cigarro.

– Pensei que não se importasse comigo – disse.

Passamos a noite assim, Malcolm e eu. Ele nem se mexeu, nem falou nenhuma vez.

Quando deram onze horas, eu me levantei.

– O senhor vai para casa dormir – ordenei. – Tem um dia de trabalho pela frente amanhã.

Malcolm também se levantou. Para falar a verdade, ele havia adormecido.

– Sinto-me como uma bateria que acabou de ser recarregada. Ficar assim aqui desfez todas as arestas da minha alma.

Ele veio na minha direção e pensei que fosse me beijar. Não queria que fizesse isso, nem ele talvez desejasse fazê-lo nos seus momentos mais lúcidos, disse eu tinha certeza. Não desejávamos chegar a esses termos, se era para trabalharmos juntos.

– Agora vá depressa, como um bom menino – aconselhei e toquei em sua bochecha para amenizar a dor da minha recusa.

– Deus o abençoe – acrescentei.

– Já fui abençoado – respondeu e, virando-se nos calcanhares, partiu.

Dez minutos mais tarde, o telefone tocou.

– Escute, preciso contar-lhe: eles vão me conferir mais um título honorífico qualquer. Encontrei a carta quando cheguei em casa. Era o único título que eu não possuía – eu tinha todas as honrarias estrangeiras, mas não esta – por causa das minhas brigas, segundo creio.

– Oh, meu querido. Estou tão feliz! – gritei. E estava de verdade; muito mais do que se eu mesma houvesse recebido o tal título!

– Ficou realmente tão contente assim? – ouvi a voz ao telefone. – Fico muito mais contente com a sua apreciação do que pelo próprio F.R.S. * – Lilith, estou terrivelmente apaixonado.

Ouvi o clique do telefone quando ele desligou.

* Fellow of the Royal Society.

CAPÍTULO XIII

Passou-se algum tempo até que eu visse Malcolm novamente. Ouvi a sua voz, entretanto, embora não o visse – aquela voz rude que perdera sua aspereza e que se tornava profunda e vibrante quando o homem estava comigo.

Eu estava sentada perto do fogo com a bandeja do chá a meu lado, e esperava Malcolm a qualquer minuto – quando o telefone tocou. Atendi. A voz dele estava fria, formal, e sua rispidez era bastante acentuada.

– Telefonei só para lhe dizer que não poderei aparecer esta noite. Tive um chamado para descer e ver minha mulher. Creio que ela está muito mal.

– Sinto muito – eu disse. Que mais poderia dizer?

– Obrigado. Achei que entenderia. Eu a verei quando voltar.

– Espera ficar muito tempo fora?

– Não faço idéia. Alguns dias, acredito. Ficarei até as coisas se definirem – de uma ou de outra maneira.

– Ela está tão mal assim?

– Ela teve um acesso, foi o que me disseram, mas não sei que tipo de acesso. Não posso dizer-lhe nada enquanto não for para lá. Até logo. Tenho de tomar o trem.

– Até logo.

Seria este homem o mesmo que me havia dito na noite anterior: “Lilith, estou terrivelmente apaixonado por você”? A uma palavra de sua mulher, ele retrocedera. Senti-me um pouco aborrecida com ele. Ainda assim, eu podia perceber o sentido psicológico do acontecido: num homem com seu temperamento, a lealdade vinha antes do sentimento. Malcolm pusera o dedo na chave da sua própria natureza quando dissera que gostava de se fazer de

mártir. O próprio fato de me dedicar um sentimento forte o faria **distanciar-se** mais de mim, quando o apelo à sua lealdade viesse primeiro. Mesmo assim, pensei que eventualmente ele voltasse para mim, pois a alma pode morrer de fome, da mesma maneira que o corpo.

Sentei-me e costurei minhas roupas iridescentes, à espera. Então ocorreu-me uma idéia, e comecei a costurar as roupas de Malcolm. Naturalmente, tratava-se de feitiçaria, mas não havia razão para eu me envergonhar disso.

Cinco dias se passaram sem novidades. Malcolm também não parecia estar "receptivo" psiquicamente. Ausentara-se completamente de mim. Eu sentia a sua falta. Senti muito mais do que imaginara ser possível. Também estava preocupada com ele, pois sabia que devia estar passando por horas difíceis. Além do mais, existia aquele vínculo de simpatia entre nós, que o trabalho de magia sempre forja, e fiquei triste por ele. Eu não poderia ficar alegre e indiferente enquanto Malcolm estivesse sofrendo.

Então, certa noite bem tarde, ouvi uma batida na porta. Lá estava Malcolm, sem chapéu ou sobretudo.

– Bom Deus! – exclamei. – De onde está vindo?

– Voltei há alguns dias – respondeu.

Garoava levemente, e seu denso cabelo despenteado estava orvalhado de chuva. Ao passar o lenço sobre ele, notei que estava apreciavelmente mais grisalho e que seu rosto estava cinzento.

– Como vai? – perguntei.

– Estou podre. Será tarde demais para uma xícara de chá e um pouco de comida? Não comi praticamente nada durante todo o dia.

– Foi a fome que o levou a me visitar?

– Acho que sim. Fui um tolo de não vir antes e pedir que me ajudasse, como sei que faria. Senti-me melhor na hora em que desci as escadas para vir vê-la.

Fiquei imaginando se a esposa dele teria morrido, mas ele estava usando uma gravata colorida, e eu tinha a certeza de que Malcolm era uma pessoa muito escrupulosa num assunto como esse. Portanto, concluí que ela continuava viva e presumivelmente fora de perigo, uma vez que ele fora capaz de deixá-la. Não fiz perguntas, mas lhe dei comida quente, chá, e deixei que comesse e fumasse em silêncio.

Por fim, ele disse:

– Não se importará, não é verdade, se eu não lhe contar tudo esta noite? Não é que não lhe queira contar, mas não tenho disposição para isso no momento. Passei por maus bocados.

– Meu amigo – respondi –, pode me contar tudo quanto quiser. Eu nunca lhe farei perguntas, pois essa é a minha noção de amizade.

Sentamo-nos em silêncio por algum tempo. Eu não ligara o lustre central; havia apenas as duas lâmpadas de leitura acesas e a lareira para iluminar a sala; os cantos estavam às escuras. Eu não podia ver o rosto de Malcolm, pois ele se afundara na poltrona; enxergava apenas os seus pés esparramados no círculo de luz fornecido pelo fogo. Contudo, pela maneira como esses pés se colocavam no tapete da lareira, sabia que ali estava um homem completamente esgotado. Eu gostaria de saber o que trouxera aquele homem de ferro, duro como um cabo de chicote, a tal estado de exaustão.

– Gostaria que cantasse para mim, como fez na outra noite – disse ele.

Levantei-me da cadeira e o olhei do outro lado da lareira, porém ele não ergueu os olhos. Não obstante, elevei meus braços nos gestos rituais, à medida que iniciava minha canção. Malcolm ficou deitado com as mãos sobre os olhos, ouvindo.

Primeiro cantei para ele a canção da saudade da alma pelos vales de Arcady:

“ Ó grande deus Pan, volta outra vez à terra;

Atende o meu chamado, mostra-te aos homens.

Pastor de cabras, pelas trilhas selvagens das montanhas.

Conduze teu rebanho perdido, das trevas para o dia.

Esquecidos estão os caminhos do sono e da noite;

Os homens buscam aqueles cujos olhos perderam a luz.

Abre a porta, a porta que não tem chave –

A porta dos sonhos por onde os homens chegam a ti.

Pastor de cabras, responde!”*

* O great god Pan, return to earth again;/Come at my call, and show thyself to men./Shepherd of goats, upon the wild hill's way,/Lead thy lost flock from darkness unto day./Forgotten are the ways of sleep and night;/Men seek for them whose eyes have lost the light./Open the door, the door that hath no key –/The door of dreams whereby men come to thee./Shepherd of goats, oh answer unto me!

– A porta dos sonhos – disse Malcolm, sem olhar para cima. – Sim, está certo. Conheço bem esse caminho, não conheço, Lilith?

– Sim – respondi –, você o conhece porque nunca o esqueceu. Algum dia vou ler sobre a sua encarnação passada, e então muita coisa se esclarecerá.

– Cante mais um pouco. Cante para mim aquelas canções sobre Ísis e a lua.

Então cantei para ele a canção de invocação à deusa. E cantei a canção que faz surgir a sacerdotisa. E cantei sobre a tripla que um homem percorre pelo secreto caminho banhado pelo luar, a fim de ser sacrificado para que a sacerdotisa tenha poder!

– Eu digo, Lilith, você se lembra do meu sonho com a piscina, na caverna, e da estalagmite? Trata-se da mesma coisa que a fonte secreta ao lado da árvore sagrada? O cipreste branco e a estalagmite seriam a mesma coisa?

– Sim.

– E as águas de Perséfone – são as águas da vida?

– São.

– Mas por quê? Pensei que ela fosse a rainha dos mortos e dos infernos.

– Ela também é a rainha dos nascituros.

– Era dela, aquela grande imagem que eu vi?

– Não, aquela era Binah, a forma primordial de Ísis. A segunda imagem que viu – a negra, porém graciosa – era Perséfone.

– Eu a vi como Perséfone.

– Sim, isso está correto. Trabalhei ao seu lado no ritual de Ísis até o ponto de Perséfone. Fui Perséfone para o senhor.

– O que Perséfone fez comigo?

– Ela é a rainha dos nascituros. Eu o levei de volta até sua infância – e antes ainda. Fiz do senhor um nascituro, a fim de que pudesse repousar.

– Esse é o tratamento psicológico para a loucura precoce.

– E trata-se de psicologia profunda. Se as pessoas retornassem a Perséfone quando precisassem, elas não sofreriam de *dementia praecox*. Isso é o que se consegue quando a vida se torna árdua demais.

– Estive bastante perto da loucura, nestes últimos dias. Na verdade, acho até que já estava louco. Então, as nuvens se dispersaram um pouco, e vim até aqui. Se me houvessem encontrado de manhã como eu estava à noite, certamente me teriam internado num hospício.

– Recorda-se das palavras do ritual: “Eles são os vivos mortos, deixados órfãos pela Grande Mãe?” – Isso não é *dementia praecox*? Os vivos mortos?

– Sim, parece.

– E agora, nesta vida, você atuou no ritual de Perséfone comigo. Refugiamos-nos no escudo da minha aura. Dentro em pouco, quando estiver repousado, eu o darei à luz, e o senhor retornará ao mundo e recomeçará a sua vida. Mas, antes que eu possa fazer isso, terá de se transformar no nascituro.

– Sim, eu sei. Rendição completa. Era isso o que eu não queria enfrentar, e foi por isso que demorei a vir.

Malcolm virou-se de lado na grande cadeira, ergueu os joelhos até o peito, cruzou os braços nos ombros e pendeu a cabeça sobre eles. Fiquei imaginando o que estaria acontecendo.

– Já viu um feto, Lilith? Estive deitado encolhido dessa maneira durante todo o dia. Não queria me mover. Nada parecia ter importância. Então, de repente, senti um tremendo desejo de vê-la. Ah, eu me desenrolei e simplesmente fugi, pois me ocorreu que vira pessoas deitadas daquele jeito no sanatório, e fiquei com medo.

– Ouça, Rupert! – e comecei a cantar com força:

“Sou a estrela que surge do mar,
do mar crepuscular,
Trago aos homens os sonhos que regem seus destinos.
Trago as marés lunares às almas dos homens,
Os fluxos e refluxos repetidos das marés;
Esses fluxos e refluxos alternados das marés;
Esses são o meu segredo, esses pertencem a mim.

Sou a Eterna Mulher, eu sou –
As marés das almas de todos os homens me pertencem.
Os fluxos e refluxos repetidos das marés;
As secretas, silentes marés que governam o homem;
Estes são os meus segredos, que pertencem a mim.

Das minhas mãos recebe ele o seu destino;
O toque das minhas mãos traz serenidade –
Essas são as marés lunares, essas me pertencem.
Ísis no céu, na terra Perséfone,
Diana na lua e Hécate,
Ísis velada, Afrodite do mar,
Todas essas eu sou e elas são vistas em mim.

A lua cheia brilha no meio do céu,
Ouço as palavras de invocação, ouço e apareço –
Shaddai el Chai e Rhea, Binah, Géia,
Vim para o sacerdote que chamou por mim.” *

* I am the star that rises from the sea,
The twilight sea.
I bring men dreams that rule their destiny.
I bring the moon-tides to the souls of men,
The tides that flow and ebb and flow again;
That flow and ebb and flow alternately;
These are my secret, these belong to me.

I am the Eternal Woman, I am she –
The tides of all men's souls belong to me.
The tides that flow and ebb and flow again;
The secret, silent tides that govern men;
These are my secret, these belong to me.

Out of my hands he takes his destiny;
Touch of my hands bestows serenity –
These are the moon-tides, these belong to me.
Isis in Heaven, on earth, Persephone,
Diana of the moon and Hecate,
Veiled Isis, Aphrodite from the sea,
All these am I and they are seen in me.

The high full-moon in the mid-heaven shines clear,
hear the invoking words, hear and appear –
Shaddai el Chai and Rhea, Binah, Ge,
come unto the priest that calleth me.

– Esse não é o tema de Perséfone – disse Malcolm.

– Não, não é – respondi.

Ele continuou deitado em silêncio, por alguns momentos.
Por fim, falou.

– O que diz é perfeitamente verdadeiro, e sei disso. Meu destino está em suas mãos, mas não estou livre para aceitá-lo. Eu não sou livre, Lilith!

As últimas palavras soaram como um grito de agonia.

– A alma nunca está vinculada.

Falei tranquilamente, tentando apaziguá-lo, pois ele não estava em condições de perder a calma.

– Quer dizer que, se minha alma estivesse livre, minhas obrigações legais e morais não teriam importância?

– O único vínculo que interessa é o dos planos interiores. O senhor está unido à sua mulher nesses planos?

– Não, não estou.

– Nesse caso, pode cumprir todas as suas obrigações e ainda assim manter sua liberdade interior.

– Acho que não a entendi!

– Não se importe com isso agora. Apenas aceite a minha palavra.

– Está bem. – Houve uma pausa. Então... – Essa é a primeira vez que aceito o diagnóstico de alguém sem verificá-lo. Cante de novo para mim, Lilith. Isso ajuda mais do que conversar. Não consigo assimilar o que você está me dizendo.

Cantei, então, novamente para ele a canção do sono de Perséfone, mas cantei-a até o fim, com a parte que ele ainda não ouviu.

“ Mergulha, mergulha mais e mais ainda

No sono eterno e primordial.

Mergulha, acalma-te, esquece e retira-te

Para o âmago mais secreto do interior da terra.

Bebe das águas de Perséfone,

Da fonte secreta ao lado da árvore sagrada.

Águas de vida, de força e de luz interior –

Prazer eterno nascido das profundezas da noite.

Então levanta-te, revigorado, com vida e esperança renovadas,

Renascido das trevas e da solidão.
Abençoado com as bênçãos de Perséfone,
E com a força secreta de Rhea, de Binah, de Géia.”*

Malcolm saiu da posição fetal.

– Meu mal-estar melhorou definitivamente – comentou – pois fiquei deitado dessa maneira durante todo o dia sem me incomodar com isso, e agora já estou com câibras. Essa canção tem força, Lilith. Pude visualizar tudo aquilo que cantou e, quando me chamou, tive de vir. Eu não podia mais ficar prostrado, *senti* aquele prazer, Lilith. Nunca imaginei que iria senti-lo novamente, mas aconteceu. Ouça, vou lhe contar o que ocorreu em Worthing durante a semana passada. Quero contar-lhe, quero que saiba o que houve. Qualquer pessoa acharia que sou um monstro, mas a senhorita entenderá. Não acredita que um homem seja moralmente culpado dos seus sentimentos, acredita? Ele não pode evitar esses sentimentos. Eu não posso, seja como for, e não adianta fingir que sim. Eles provêm do fundo do meu coração, e tenho de lidar com eles da melhor maneira possível.

– Aconteceu o seguinte – prosseguiu Malcolm: – recebi um telefonema pela linha-tronco, justamente na hora em que pretendia vir visitá-la, avisando que a minha esposa havia tido um ataque e provavelmente não sobreviveria àquela noite. Se essa chamada telefônica tivesse sido feita cinco minutos mais tarde, eu já não estaria em casa ou por aqui, e eles não teriam sabido onde me encontrar.

– Bem, desci diretamente para Worthing e cheguei a tempo. Eu lhe disse, quando telefonei, que não podia descobrir que tipo de ataque seria, uma vez que o seu problema não era de pressão baixa, e eu estava certo. Não se tratava de um ataque, mas de uma embolia. Eles tinham razão quanto ao fato de ela não sobreviver

* Sink down, sink down, sink deeper and more deep/Into eternal and primordial sleep./Sink down, be still, forget and draw apart/Into the inner earth's most secret heart./Drink of the waters of Persephone,/The secret well beside the sacred tree./Waters of life and strength and inner light –/Eternal joy born from the deeps of night./Then rise, made strong, with life and hope renewed,/Reborn from darkness and from solitude./Blessed with the blessing of Persephone,/And secret strength of Rhea, Binah, Ge.

àquela noite; na verdade, ela estava morrendo depressa. Havia uma única chance: operar. Havia uma possibilidade mínima, porém, de qualquer maneira, ela estava morrendo, e decidi assumir o risco. Jenkins, médico de minha mulher, concordou com meu diagnóstico quando discutimos o assunto, mas era completamente contrário à operação. Entretanto, eu o mandei à procura de um cirurgião. Ele teria de chamar um cirurgião do lugar; não havia tempo para buscar um de Londres.

– O cirurgião também era contra a operação; em primeiro lugar, porque pensava que minha esposa não resistiria; em segundo lugar, porque não tinha experiência em cirurgia cerebral. Concordou em operar, entretanto, se eu assumisse a responsabilidade do ato e o dirigisse. Não me importei com isso; é um dos meus trabalhos, pois conheço cérebros como nenhum outro cirurgião. Começamos às nove horas da noite. Éramos uma equipe reunida com dificuldade: o cirurgião não era especializado em cérebros; eu não sou de forma alguma um cirurgião; Jenkins teve de dedicar-se à anestesia; a enfermeira jamais havia assistido a uma operação, desde que se iniciara na profissão; e estávamos operando numa casa particular. Mesmo assim, foi um trabalho de primeira categoria. Minha mulher estava fora de perigo na manhã seguinte, como eu esperava sem dúvida. Mesmo assim, fiquei por lá mais vinte e quatro horas para contentar Jenkins e, quando me retirei, ela já estava sentada na cama, com os papagaios australianos andando à sua volta.

– Bem, voltei para casa pretendendo deixar minha maleta, tomar um banho e vir vê-la, quando subitamente irrompeu a tempestade. Imaginei que fosse por causa do ambiente dos meus aposentos – comecei a perceber o que os ambientes representam, depois que falou sobre isso comigo. Mudei-me para eles quando tive de desfazer o meu lar, e passei por maus bocados – depressão, e tudo o mais. Suponho que sejam psiquicamente tão limpos como as enfermarias cirúrgicas antes da época de Lister. De qualquer forma, decaí como se tivesse sido abatido com uma machadinha. Não posso contar-lhe pelo que passei, Lilith. Tive a mais horrível convulsão de sentimentos.

– Compreenda, bastava que eu me mantivesse tranqüilo por umas poucas horas, e todos os meus problemas estariam re-

solvidos. Todos se colocaram contra essa operação: Jenkins não achava que fosse possível; o cirurgião não queria se arriscar a operar; a enfermeira se absteve de dar opinião; a dama de companhia me tratou como se eu fosse um maníaco, chamando-me de açougueiro e sabe Deus mais do quê. Eles não me odiariam se eu ficasse quieto e a deixasse morrer. Na verdade, Jenkins até me disse: – Não será agradável para você, se ela morrer na mesa. – Ainda assim, o que eu podia fazer? Eu sabia que ela tinha uma chance, poderia negar-lhe isso? Lilith, acha que sou um tolo?

– Não – respondi. – Pelo contrário. Nunca vi nada mais nobre do que essa operação.

– Fico contente por me dizer isso. Acho que teria me castigado se tivesse dito outra coisa. Por um momento, pude sentir as sombras me sufocando. Sim, suponho que foi uma coisa nobre, dadas as circunstâncias de qualquer forma, foi grande demais para mim. Assumi mais do que podia agüentar. Não sabia disso naquela ocasião; de fato, eu estava me sentindo bastante satisfeito comigo mesmo. Foi uma jóia de operação – digna de registro, nada deteve o cirurgião. Não consigo me lembrar do nome do camarada, mas ele era dos bons. Nunca trabalhei com um melhor – engraçado que não consiga me lembrar do seu nome. – Fiquei bastante satisfeito com tudo até voltar para minha casa e, então, tive aquela horrível convulsão de sentimentos. Lilith, eu poderia ter assassinado alguém quando compreendi o que havia feito! Eu praguejei, no entanto, se você estivesse ali, eu a teria matado. Se estivesse ali, minha querida, não sei o que teria acontecido. Naquele momento, eu não era humano: eu era um demônio. Ainda não venci o horror de mim mesmo. Felizmente, esse estado não perdurou muito tempo. Alguma coisa cedeu dentro de mim, e fiquei completamente apático e indiferente, como se tudo fosse irreal, como se não passasse de um sonho. Não tinha mais sensações. Esse fato me pareceu repassado de misericórdia, porém agora percebo que não foi. A ausência de sofrimento era um sinal de perigo, da mesma forma como ocorreu em outras ocasiões.

– Nada aconteceu. Eu me levantava e deitava da maneira habitual. Barbeava-me, até. Mas não fazia as refeições, não sentia necessidade de comida. Sentia-me bem sem comer. E durante todo o tempo, eu parecia estar mais distante e cada vez mais apáti-

co, e me importava menos com as coisas. Suponho que não teria mais trocado de roupa e me incomodado de ir para a cama, mas apenas ficaria deitado na cadeira – quando, de repente, vi o seu rosto diante de mim e tive o primeiro lampejo de sentimento, desde que me transformara numa ruína. E com esse sentimento veio um vislumbre de discernimento e compreendi que estava em perigo. Eu sabia que estava quase louco. Não parei para pegar o chapéu ou o casaco – deixei as luzes acesas –, simplesmente saí da cadeira, correndo pelas escadas. Não sei se alguém me viu, mas pelo bem dessas pessoas, foi melhor assim. A senhorita não viu o pior do meu estado. Eu já estava bem melhor quando cheguei aqui. Agora que o pior já passou, minha deusa, Lilith, sinto-me um frangalho! Você me alcançou na hora, minha querida; se eu atravessasse outra noite sozinho, não haveria salvação para mim. Acha que poderá me fazer andar novamente? A única coisa de que me sinto capaz, no momento, é ficar deitado aqui, perto de você. Se eu sair daqui, afundarei novamente. Em nome de Deus, o que fará comigo?

– Vou mantê-lo aqui, sob minhas asas, até que melhore.

– Mas não pode fazer isso. Será um escândalo.

– Não, a menos que faça algum. Eu certamente não o farei.

– E Meatyard?

– Meatyard é um escândalo ambulante, não se preocupe. De qualquer forma, ele é muito apegado a nós dois. Ele pensará o pior e ficará contente.

– Lilith, não quero colocá-la nessa situação. Parece-me que passei toda a minha vida tentando acertar as aparências e sempre se voltaram contra mim. A prova circunstancial sempre está contra mim. Você simplesmente não pode manter-me aqui, Lilith.

– Ah, não posso? Espere e verá.

– Onde vou dormir?

– No meu templo.

– No seu templo?

– É, nunca ouviu falar sobre o sono no templo?

– Não, nunca. Do que se trata?

– Acho que chamará a isso de hipnotismo, mas é diferente.

Não uso a minha mente para dominar a sua, mas para dirigi-la. Não o conduzo da maneira como os pastores ingleses fazem com

suas ovelhas; agirei, contudo à moda dos pastores orientais. Sairei para os planos interiores e farei com que me acompanhe; e da mesma forma eu o trarei de volta.

– Da mesma forma que antes?

– É, da mesma forma, só que desta vez iremos adiante. Suas roupas estão prontas – disse-lhe, mostrando-lhe a túnica de veludo negro que estava dobrada na minha cesta de costura. – Estão prontas. Eu as terminei esta noite. – Tirei de suas dobras o faiscante toucado prateado. – Pegue isto – ordenei –, vá ao banheiro e se troque. Não há sandálias; portanto, terá de ir descalço. No templo não se pode usar nada que pertença à vida cotidiana: tudo isso deve ficar para trás. Concentre-se, esqueça, fique calmo e retire-se.

Malcolm ergueu-se da cadeira baixa, tirando suas novas roupas de minhas mãos. Não prestou atenção nelas; limitou-se a segurá-las, olhando para mim.

– Você as fez pessoalmente para mim?

– Fiz.

Ele olhou para as longas costuras.

– A mão?

– A mão.

– Magnetizou-as?

– Ao costurá-las, elas ficaram magnetizadas.

– Tiro toda a roupa e as uso em contacto direto com a pele?

– Isso.

– Está certo. – Malcolm dobrou a túnica sobre o braço e se retirou para o banheiro, num passo muito diferente dos do homem que se arrastara pelo chão uma hora antes.

Também fui trocar a roupa no meu dormitório. Voltei ao salão e permaneci em pé diante da lareira, esperando por Malcolm. Após alguns instantes, eu o vi atravessar o baixo arco escuro da porta ao lado do santuário, movendo-se silenciosamente com os pés nus e postando-se à minha frente.

Nunca vi um ser humano mudar de forma tão completa. Malcolm tinha uma estatura mediana, mas uma constituição robusta, e tanto a largura dos ombros quanto a profundidade do peito faziam com que parecesse mais baixo do que era realmente. Nas novas vestes, parecia ter exatamente o dobro de sua altura.

As longas pregas davam-lhe a estatura de que carecia. O toucado acentuava-lhe a altura. Seu rosto carrancudo e enérgico, tenso de expectativa, devido aos traços severos do *nemys* egípcio, assemelhava-se ao rosto de um dos deuses dos infernos. Malcolm era o arquétipo do homem primitivo. Dentro dessas roupas parecia-se com um gorila. Faltavam-lhe apenas o grande cinto de couro e a faca de bronze do sacerdote dos holocaustos. Precisei de toda a minha coragem para encará-lo, vestido assim, sob a luz difusa do salão.

Malcolm olhou para mim. Eu também usava veludo negro e o toucado prateado usado para a parte oculta do ritual.

– Você se parece com a lua que surge à meia-noite – comentou.

Encetei o caminho pelas escadas íngremes, com Malcolm seguindo silenciosamente o meu rastro. Havia algo de sinistro e aterrador nas pisadas macias dos seus pés descalços atrás de mim. Fiquei imaginando quantas vezes teria percorrido o longo caminho subterrâneo, que conduz do templo branco ao templo negro, com aquele surdo rumor de passos atrás de mim. Do ponto de vista humano, eu estava me arriscando com Malcolm. Ele próprio revelara que estivera bem próximo das fronteiras da insanidade. Se eu o empurrasse novamente até essa fronteira, o assassinato seria um ato de piedade comparado ao que ele me faria. Mas eu não tinha medo. Não havia em meu corpo e em minha mente o menor estremecimento de mal-estar, ou mesmo de tensão. Nessa noite, eu era a sacerdotisa de Ísis, mestra da magia.

Chegamos ao templo e, pela terceira vez, abri para ele as cortinas, para penetrar no limiar. Sem que lhe fosse pedido, encaminhou-se para o altar cúbico e pôs as mãos sobre ele, olhando para a chama inconstante da lâmpada. Com as pequenas tenazes prateadas do ritual, troquei o pavio e a claridade aumentou. Dessa chama, acendi uma vela delgada num castiçal de prata e a levei até o lampião da lua, diante do espelho. Em seguida, peguei o incenso que estava na gaveta e joguei-o sobre as brasas do turbulo para incensar o templo. Durante todo este tempo, Malcolm não se mexeu. Finalmente, fui me colocar junto dele. Ele ergueu os olhos e me viu refletida no espelho a seu lado.

Era uma imagem estranha e dramática a que estava refletida no espelho que cobria toda uma parte da parede. Emoldurados

pelos pilares da polaridade que ladeavam o altar em forma de divã – o pilar negro e o pilar prateado – estávamos de pé, lado a lado. Embora perfeitamente iguais em altura – pois sou alta para uma mulher – apenas um de nós era grande e poderoso, o arquétipo da força primitiva; enquanto o outro era esguio dentro das dobras amplas dos trajes. Cada um era o oposto exato do outro, em todos os seus aspectos.

Malcolm olhou-se no espelho.

– Sim, esse sou eu – disse ele. – Eu sei disso.

– Dentro em pouco, a deusa virá. Quando Ela chegar, peça que lhe dê forças.

– Não preciso de forças, Lilith, já possuo muita. Preciso de entendimento. Posso pedir isso a Ela?

– Pode, se se achar capaz de suportar esse esforço no presente momento. – Não dependia de mim refreá-lo. – Venha até o divã – pedi, e ele me seguiu.

Estendi um tapete de peles sobre ele, pois embora o templo estivesse quente, Malcolm permaneceria ali durante horas e poderia sentir frio. Ele juntou as mãos sobre o peito e ficou parecendo um cadáver num esquife. Se alguma coisa lhe acontecesse nesse lugar, eu gostaria de saber como explicaria ao magistrado encarregado de investigar as mortes suspeitas o fato de Malcolm estar nu sob aquelas vestes. Sempre existe a possibilidade de ocorrer algo nessas longas viagens astrais. Há ocasiões em que as pessoas saem do corpo para não mais voltar.

Desta vez, não peguei o banquinho para colocar atrás da cabeça de Malcolm. Preferi buscar um dos tronos, pois eu também ficaria ali durante horas e queria alguma coisa onde apoiar as costas.

Malcolm ergueu-se, quando me viu carregá-lo.

– Por que não permite que eu ajeite isso para você? – sugeri.

Mas eu nem pensara nisso. Eu tinha a força para o ritual e levantara a grande cadeira como se fosse um banquinho para os pés.

O incenso fumegava estavelmente. Os pavios recém-acesos haviam cessado de tremular, e nós nos aprontamos para a nossa vigília. Estiquei a mão e bati delicadamente nove vezes num gon-

go em forma de bastão, que pendia ao lado do altar. Ouvi os sinos astrais responderem e percebi, pelo movimento de Malcolm, que ele também os ouvira. Nossos olhos encontraram-se no espelho.

– Você é a Deusa – disse ele. – Oro a você?

Fiquei espantada. Não houvera invocação de abertura, no entanto Malcolm já havia estabelecido seus contactos. O uso da mulher verdadeira como a deusa é alta magia tântrica e rara, mas eu não podia negá-la a ele.

– Trabalhe no espelho – foi tudo o que falei. Nossos olhos se encontraram novamente.

– Você é Ela, e sei disso. Mesmo que o negue, eu sei. Para mim você não é uma mulher. Você é a deusa, e eu a adoro, eu a respeito, uma vez que sou livre para fazê-lo. Peço-lhe apenas uma coisa: o entendimento. Dê-me isso, e eu lhe fornecerei a força.

Malcolm permaneceu deitado em silêncio, olhando para os meus olhos no espelho.

Então, recomeçou:

– Quero saber como tudo começou. Quero entender. Por que estou em cativeiro? O erro foi meu?

Ele continuou deitado, fitando-me pelo espelho. Olhei bem dentro de sua alma.

– Os sacerdotes são homens colocados à parte – ouvi minha própria voz responder. – Você teve de ser segregado ou não poderia agir. Esse meio de segregação foi tão bom como outro qualquer.

– Alguma vez pagarei o que devo a minha mulher e ficarei livre?

– Agora, nada é devido. Você pagou, nestes últimos dias.

– Mas isso não significa que estou livre para tomar a lei em minhas próprias mãos?

– Não; o significado não é esse. Espere. Dentro em pouco você verá. Contudo, os sacerdotes jamais estão livres. Você é um cativo de Ísis, e trocará um dever pelo outro.

– Eu não desejaria nada melhor! – Pude sentir a repentina alegria de viver na voz de Malcolm.

Vi alguma coisa mover-se no espelho e soube que a Deusa estava se manifestando. Uma névoa tênue começou a se espalhar sobre a sua superfície. Tenho noção da Deusa atrás de mim quan-

do Ela se manifesta; assim, deixei minha cadeira e me postei aos pés de Malcolm, dando as costas para o espelho.

– Você é Ela – disse ele, olhando para os meus olhos.

– Eu sou Ela – respondi e, erguendo minhas mãos, enviei-lhe a energia. Ele ergueu as mãos do peito a fim de recebê-la.

Ficamos assim por algum tempo: palma da mão voltada para palma da mão, separadas por um metro e oitenta e dois centímetros de distância, com a energia fluindo entre nós como um feixe sólido. Ela era claramente visível, mesmo para os olhos físicos.

Eu falei.

– É da sua vontade dedicar-se sem reservas a mim?

– É – veio a resposta, sem hesitação.

– Permitirá que eu o tome e use, sem pedir nada em troca?

– Permitirei.

– Está bem.

Lentamente, o poder começou a trabalhar para a magia maior. Até então, eu usara Malcolm como a fonte de energia, extraindo dele o magnetismo a fim de que eu mesma pudesse operar. Mas agora, uma vez feito isso, comecei a projetar esse magnetismo na direção da Deusa, e Sua forma se moldou como eu a visualizara. Então, a força começou a fluir através dela – a força daquilo que Ísis representa: a força do luar e do lado lunar das coisas; a força de tudo o que cresce sob efeito da lua. A imagem tornou-se viva e, em seguida, numa forma mais estranha de obsessão, Ísis lentamente se sobrepôs a mim e, já fortalecida pela elevação do magnetismo de Malcolm, eu a recebi, de modo que me transformei em Ísis por toda a vida (esse é o antigo trabalho do templo, geralmente desconhecido). Assim, Malcolm se viu frente a frente com a Deusa, que ao mesmo tempo era eu e não era eu.

Parecia que minha consciência permanecera em estado jacente no fundo da cena, em algum lugar por trás da forma da Deusa. Ainda assim, eu era Ela e partilhava de Sua consciência. Toda a terra parecia ser minha, bem como todos os céus estrelados da esfera na qual me movia.

Pela expressão do rosto de Malcolm, vi que ele percebera a mudança. Vagarosamente, ele se soergueu até sentar-se no divã.

– Você é Ela – afirmou em voz baixa. – Eu sempre soube disso.

– Eu sou Ela – replicou uma voz que não era a minha. – Pergunte! Eu responderei.

Malcolm ficou sentado, tenso, olhando fixamente para a forma que se erguia diante dele. Ele não tinha experiência dessas manifestações, nem sabia como lidar com elas, mas a correção e integridade de sua natureza o guiaram.

– Quem é você? – perguntou ele.

– Eu sou Ísis, a Lua – veio a resposta.

– O que significa isso? – Malcolm já não estava mais perdido de espanto. Sua mente trabalhava; ele estava obrigando Ísis a cumprir sua promessa e A estava dissecando.

– Eu sou a potência negativa do universo, representada desta forma para você, pelo trabalho de magia.

– É real como a vejo?

– Como você as vê, as coisas são reais?

– Não, naturalmente que não. Eu percebo: a psicologia da vista é aplicada à visão – e, portanto, à psicologia do sonho. Está certo?

– Sim, está.

– Entendo.

– Então, aceite-me e use-me. O que é que quer?

– Eu quero o entendimento.

– Isso vem com o trabalho. O que mais quer?

– Eu quero... – Malcolm agitou-se desconfortavelmente e hesitou... – eu quero o que todo homem normal quer. Posso pedir-lhe isso?

– Pode. Esse é um dos meus dons, pois sou Todas as Mulheres... Receba a bênção de Ísis!

Uma ofuscante luz prateada inundou o quarto e desapareceu. Quando a luz se foi, a Deusa já não se encontrava ali, mas eu estava ali, com toda a Sua força – como Sua sacerdotisa. Minha personalidade humana havia desaparecido por completo, e eu era o meu Eu superior e uma sacerdotisa – a sacerdotisa –, a suma sacerdotisa, e como tal, também abençoei Malcolm.

– Você se sacrificou e serviu – a Deusa não esquecerá. Ela cuidará do pagamento.

– Como fará isso, Lilith? Como Ela me pagará? – gritou Malcolm, o homem, subitamente.

– Em Seu próprio tempo. De Sua própria maneira. Através dos canais que Ela escolher. Porém, tenha a certeza de que Ela

pagará. – Mantive a magia com toda a minha força, recusando-me a permitir que ela passasse do nível pessoal. Malcolm se firmou e recuperou o controle. E, balançando a cabeça, disse:

– Estou nas mãos Dela. Pegue o que quiser. Nada peço.

Então, aprofundando o poder mais um grau, fiquei diante dele em pessoa, ainda como todas-as-mulheres, pois em virtude de minha feminilidade faço parte de Ísis como todas-as-mulheres. Então, eu o abençoei como todas-as-mulheres abençoariam os seus homens se soubessem como fazê-lo, trazendo para eles o poder da lua por causa de sua feminilidade.

Eu era a mulher arquetípica com a Deusa às minhas costas. Na minha frente, estava ele, o arquétipo do homem, que precisava de mim. E cantei para ele a Canção da Compaixão de Ísis. É uma canção estranha, nascida da magia. É muito antiga, e somente as sacerdotisas podem cantá-la:

“ Perséfone, Lua dos desejos dos homens,
Tua luz tremulante ilumina com o frio luar!
Perséfone, Perséfone,
Lua da noite, ansiamos por ti.
No espaço exterior brotam as fontes do ser;
Com o fluxo das marés a vida jorra pelos céus,
E no coração dos homens despertam os ardores
adormecidos –
És a rainha dos sonhos e dos desejos.
Perséfone, Perséfone,
Lua da noite, vamos a ti!”*

A paixão do canto estava surtindo efeito e eu podia sentir Malcolm vibrando com ele. Então, o tema mudou. Agora, a força estava sendo trazida através da terra.

* Persephone, O Moon of men's desire./Thy lambent light illumines with cold moon-fire/Persephone, Persephone./Moon of the night, we long for thee./In outer space the springs of being rise;/With tidal sweep life streams across the skies./And in men's hearts awake the slumbering fires –/Thou art the Queen of dreams and of desires./Persephone, Persephone./Moon of the night, we come to thee!

“ A lua vai alta brilhante e clara,
Ó adorável, chegue mais perto, aproxime-se;
Dos homens solitários em solitárias trilhas
Desça num sonho de névoa prateada.
Perséfone, Perséfone,
Todos, por fim, chegam a ti.”*

Ouvi um som semelhante a um soluço partindo de Malcolm, e ele estendeu os braços para mim. Fui até ele, pois algo de humano teria de ser dado àquele homem para que não desmoronasse. Malcolm apoiou-se em mim e me apertou junto de si numa espécie de agonia. Foi terrível. Eu podia sentir cada músculo seu, rígido de tensão. Dentro em pouco, ele se afastou exausto, ofegante, transpirando. Com meu lenço eu lhe enxuguei o rosto. Malcolm ficou deitado em silêncio com os olhos fechados e, em seguida, como uma criança, procurou-me com uma de suas mãos. Pus minhas mãos nas deles e me sentei na ponta do divã, a seu lado.

E assim começou a vigília do sono no templo. O grande tronco não teve utilidade para mim: eu tinha de me manter ereta, sem me encostar, num tipo de crucificação que deixava todos os meus músculos tensos. Tratava-se da Asana do sacrifício indireto. Depois de certo tempo, os músculos se contraem e se enrijecem. Então o pior já terá passado, até o momento em que a pessoa tenha de se mover no final. Sempre achei que essas posições curiosas e rígidas fossem necessárias para fazer passar o poder, e que o poder obtido estaria em proporção com a dor causada pelas posições. Sou muito flexível e muito forte, mas elas são um verdadeiro suplício.

Primeiro, não pude me concentrar devido ao tremor provocado pelo esforço da posição, mas logo os músculos se soltaram e minha mente se viu livre.

Malcolm dormia tranquilamente como uma criança; as tempestades haviam passado. Seu rosto sulcado de rugas estava exausto, mas em paz. Sentada, pus-me a contemplá-lo.

* The moon is riding high and clear./O lovely one, draw near, draw near;/To lonely men on lonely ways/Come down in dream of silver haze./Persephone, Persephone./All in the end shall come to thee.

Pensei na completa inutilidade, desperdício e loucura do sacrifício que a moralidade convencional exigira de Malcolm. O fato de esse homem sacrificar sua virilidade em um relicário vazio não beneficiara a ninguém e os danos causados a ele eram cruéis, pois o lado amoroso da vida não é um ideal, mas uma função. Pensei na castração dos sacerdotes de Átis, no enfaixamento dos pés das mulheres chinesas, nas armações para a cabeça dos bebês dos índios Pele-Vermelha, e em toda a tortura desnecessária, inútil e continuada infligida pelas superstições e convenções da humanidade. Dentre essas, nossa moralidade ortodoxa é uma das piores. Com o poder da magia de que dispunha no momento, maldisse nosso moderno Moloch com seu rosto e seus pés de barro. E o que fiz então, porque o sofrimento de Malcolm me comovera, eu o fiz magicamente por todos os homens prostrados, como ele, em seus vários graus de frustração e inanição, pois essa é a maleabilidade da magia. O que foi realizado ali, naquelas horas de intensa energia e emoção, na escuridão do templo da lua com o rio fluindo do lado de fora, foi feito e fermentou na mente grupal da raça, como eu sabia que aconteceria quando chamei Malcolm para o ritual. Atualmente há libertação no mundo, por causa do que realizei naquela noite. A pequena fenda foi aberta na grande barreira, e as forças começaram a se mover formando canais e provocando a erosão à medida que flufam, até que dentro em pouco a força das águas irrompeu como o desmoronamento de uma represa. E toda a resistência desapareceu.

Assim se passou a noite, e a Deusa me visitou como o havia visitado, e mais uma vez tornei a vê-La. Quando Malcolm disse que eu era Ela, não afirmou nenhuma inverdade. Todas as mulheres são Ísis e Ísis é todas as mulheres em que a sua força se manifesta, segundo os seus respectivos graus. Algumas extravasam mais essa força, enquanto outras a manifestam em menor grau; mas nenhuma, a não ser que se iniba deliberadamente, deixa de ser dotada dessa divina qualidade. Uma sacerdotisa treinada com o meu treinamento manifesta essa força em toda a sua plenitude e vigor. Nem todos os homens podem suportá-la.

Preciso de homens fortes à minha volta, homens como Malcolm, para que essa força se manifeste em toda a sua magnitude. Trata-se de algo grande e glorioso que traz saúde à alma. Os gre-

gos criaram um deus e o chamaram de Dioniso, mas depois do êxtase vem a tranqüilidade, que é a bênção de Ísis. Não sei como alguém pode argumentar que é errado aquilo que proporciona uma paz tão profunda.

CAPÍTULO XIV

O que Malcolm pensou ao acordar pela manhã no templo, vendo-me a seu lado, eu não sei, pois, quando isso aconteceu, eu também estava dormindo, com os músculos contorcidos na minha Asana, completamente ereta e sem apoio. A primeira coisa de que tomei conhecimento foi vê-lo se sentando e olhando para mim.

Era praticamente impossível eu me mover sem a ajuda de alguém. Malcolm teve de me amparar e ajudar enquanto eu soltava os membros entorpecidos e contraídos. Sua gentileza foi para mim um bálsamo e seu conhecimento me livrou do sofrimento pior que é causado pelo desentrelaçamento de uma Asana. Ele massageou músculo por músculo e tirou assim a rigidez dos meus membros adormecidos. Por fim, quando pude me mover mais uma vez livremente, levantei-me. Abracei-o pelos ombros e disse-lhe:

– Como vai? Como se sente?

– Minha querida – respondeu – eu tive sorte. Fui abençoado, e você sabe disso, pois foi você quem me abençoou – e, tirando minha mão do seu ombro, beijou-a.

Casado, de meia-idade, cabelos grisalhos, baixote, atarracado e de maneiras rudes, Malcolm não era propriamente uma figura de romance. Para mim, todavia, enquanto ele estava ali na minha frente, agradecendo-me à sua maneira taciturna, ele irradiava uma beleza e nobreza que brilhavam como uma grande luz num lugar escuro.

Conduzi-o até a parede ocidental e corri uma cortina, revelando uma portinhola que havia instalado para ventilação. Abrimos as venezianas, e diante de nós descortinou-se o rio banhado pela luz matutina. Malcolm riu sem mover os lábios e apontou para a fachada distante, do outro lado do rio, onde duas janelas iluminadas brilhavam incongruamente na luz cinzenta da manhã.

– Deixei as luzes acesas – afirmou. – Receberei uma reprimenda quando voltar!

O sol estava nascendo no céu claro e a água do rio começou a cintilar. Era maré vazante, mas percebemos, pelo estado em que se encontrava a rua, que a água alcançara a porta de minha casa durante a noite, enquanto estávamos no templo, em vigília. Há uma curiosa afinidade entre os poderes da lua e a água. Jamais soube de uma magia lunar em que a água não estivesse presente de uma forma ou de outra.

Então, descemos para o grande salão. Malcolm foi na frente para me dar a mão, pois meus músculos ainda estavam enrijecidos. Porém, cansando-se logo desse processo, ele me ergueu sem cerimônias e me carregou pelo resto do caminho. Quando me deitou no grande sofá ao lado da lareira inclinou-se sobre mim por tanto tempo que pensei que fosse me beijar. Em vez disso, subitamente endireitou as costas e ficou olhando por alguns minutos para o fogo. Então, andou até o banheiro sem dizer palavra, reaparecendo logo depois, vestido, barbeado e impassível, para dar de frente com Meatyard, que o premiou com uma piscadela.

Malcolm ficou vermelho e, por um instante, pensei que fosse bater em Meatyard; mas este, sem suspeitar de que corria perigo, placidamente estava pondo a mesa para dois. Malcolm controlou-se e veio ter comigo, olhando-me com angústia, para verificar que eu me limitava a sorrir; então, ele sorriu também, mas de esguelha. Pobre rapaz! Era inocente de toda ofensa como um nascituro; contudo, como ele próprio salientara, as aparências sempre estavam contra ele.

Insisti para que tirasse umas férias do hospital – os deuses sabiam como elas lhe eram devidas. Durante a quinzena seguinte, Malcolm passou os dias em minha companhia, trabalhou comigo todas as noites, dormindo no grande sofá do salão. Enquanto isso, também a meu pedido, seus aposentos foram inteiramente redecorados e remobiliados. Todos os trastes velhos que estavam entulhados, foram vendidos e substituídos por uma mobília nova, escolhida por mim. É desnecessário dizer que nunca me deixei ver pela governanta de Malcolm, embora ela suspeitasse da minha presença. Homens dessa espécie não se reinstalam repentinamente, seguindo padrões estéticos, sem que haja algum tipo de influência exterior. Entretanto, Malcolm estava muito mais

confortável, numa boa cama, com uma lareira moderna, com luzes e abajures adequados. Isso fez com que começasse a sentir o prazer de ficar em casa.

Em seguida, noite após noite, trabalhamos juntos e ensinei-lhe a magia. A concentração não representou nenhuma dificuldade para Malcolm, cuja mente era treinada. A visualização também foi fácil, por causa do seu hábito de fazer diagramas para os estudantes. Ele também não mostrava nenhum nervosismo por se entregar às forças que invocávamos; no entanto, não podia nem ousava entregar-se a mim. Era a coisa mais difícil do mundo fazê-lo separar a mulher da sacerdotisa. Como a árvore for torcida, assim a árvore crescerá; e Malcolm fora vergado em excesso. Repetidas vezes, tentei mostrar-lhe que precisava me tratar como se estivesse tratando uma paciente, e que eu agiria do mesmo modo com ele, mas de nada adiantava. Malcolm tinha medo da emoção. Ele não conseguia compreender que se pode manter as forças no plano astral e lidar com elas nesse plano. Ele me fazia lembrar um cavalo receoso de atravessar uma ponte em ruínas, por medo de ela não suportar o seu peso. Ele não era capaz de entender a força, a certeza e a habilidade dos trabalhos astrais em mãos competentes. A terrível consciência puritana – a coisa mais ignorante que existe nesta terra de Deus – fizera de sua mente uma deformidade, e era um caso de ortopedia espiritual trazê-la novamente a estado natural.

Só com uma paciência infinita e depois de conversas intermináveis é que Malcolm chegou ao ponto de vista de que sexo e pecado não são termos sinônimos. Imagino que seu treinamento científico é que o levou a encarar o sexo como uma função fisiológica com resultados psicológicos. Em seguida – e somente nessa ocasião – ele se atreveu a lançar um olhar crítico sobre o código ao qual ele fora condicionado quando criança, tendo chegado por fim ao ponto de examiná-lo. Entretanto, as coisas se desenvolveram depressa, pois a mente de Malcolm era científica por nascimento e, a despeito de si mesmo, ele não podia deixar de admitir os fatos.

– Acha que a minha fidelidade à minha mulher foi uma perda de tempo? – perguntou-me certo dia, pois ele era, sem dúvida, uma pessoa íntegra.

– Acho que isso lhe ensinou uma porção de coisas – respondi. – Você não estaria trabalhando atualmente comigo se não houvesse passado por essa rígida disciplina. Entretanto, não acredito que sua esposa se tenha beneficiado com isso.

– Não, não acho que o tenha feito. Eu poderia ter tido uma meia dúzia de amantes e ela não saberia de nada. Acha que fui um tolo, Lilith?

– Lembra-se da história do ateniense que erigiu um altar ao Deus Desconhecido? Você cultivou um ideal; sacrificou-se por ele e não hesitou em evitar parte do sacrifício. Isso não ficou sem efeito nos planos interiores. Deve ter gerado uma força. Penso que foi cego, meu amigo, como você não o seria em qualquer outro assunto. Foi cego porque sua mente foi colocada em antolhos, quando criança. Agora os antolhos se foram. Resta saber se terá coragem para agir.

– Falta de coragem não está entre as muitas fraquezas que me atribuem.

– Dá no mesmo. Nesse assunto, falta-lhe coragem, pelo que imagino.

Malcolm pensou durante um momento. – Sim, acho que falta mesmo. Essa é a única coisa na minha vida que hesitei em agarrar. Eu deveria tê-la encarado anos atrás e devia ter feito justiça a mim mesmo, bem como a Eva. Se eu tivesse feito uma incisão, seguindo as regras da boa assepsia, essa ferida já teria cicatrizado.

Malcolm pensou por algum tempo. Finalmente, indagou, como que para si mesmo: – Quem será juiz nessas questões? Alguém estará justificado se tomar a lei em suas próprias mãos?

– Eis a questão – disse eu. – É fácil demais legislar para um mundo perfeito, pois temos de viver neste mundo tal como é. Se todos tomássemos a lei em nossas mãos sempre que tivéssemos vontade, logo não sobraria lei. Enquanto existir a lei, temos de aceitá-la; e precisamos esperar por outros critérios em outras vidas. Essa é a vantagem para os que acreditam na reencarnação. Não obstante, conquanto mantenhemos uma lei tola, não há motivo que nos obrigue a respeitá-la; embora sejamos compelidos a curvar a cabeça por *force majeure*, não existe razão pela qual devamos subjugar a mente. A legislação da rainha não tem efeito nos planos interiores, nos quais somos livres.

– Livres para fazer o que nos agradar?

– Não, isso nunca. Não existe isso de liberdade absoluta. O que existe é uma liberdade relativa, o direito de escolher o código que pretendemos observar. Livre de mente, Rupert – livre para saber diferenciar entre um ídolo e o Deus verdadeiro. Livre para reconhecer um código social como tal, e não como a Palavra do Senhor. Livre para encontrar Deus à nossa própria maneira, meu amigo, e não à maneira de qualquer outra pessoa. Livre para eliminar as convenções e partir para o que é fundamental.

– Você pode não ser capaz de fazer tudo isto nesta vida – ser livre como eu sou, por exemplo, pois estive no Caminho durante muitas existências – porém você pode, ao menos, dar a partida. No mínimo, poderá conquistar a liberdade intelectual que não admite autoridade que se sobreponha à verdade. E lembre-se: onde você terminar nesta encarnação, começará na seguinte; e o chão que tiver percorrido abrirá caminho para os que vierem depois de você.

– O sangue dos mártires é a semente da Igreja? – perguntou Malcolm. – Eu até concordaria em ser mártir; isso está no meu sangue. Meus ancestrais eram convenistas. Mas haveria justificativa para se oferecer mais gente em sacrifício? Eu seria justificado por sacrificar minha esposa, por exemplo?

– O que chamamos de justiça abstrata, existe, Rupert. Temos a obrigação de fazer justiça a nós mesmos, bem como de sermos generosos com as outras pessoas. O casamento é a única forma de contrato em que a lei obriga a uma assistência mútua, e nisso eu acho que a lei está errada; assistência indesejada nunca é um apoio satisfatório para quem dá ou recebe. O casamento também é a única forma de contrato em que a deserção de uma das partes não liberta automaticamente a outra parte. Como podemos esperar que o que não funciona bem em outros relacionamentos humanos possa funcionar bem no casamento? É natural que não dê certo. É por isso que existe tão pouca felicidade, sem considerar os verdadeiros destroços de que o mundo está repleto.

– As igrejas não concordariam com você.

– As igrejas que fiquem com o que agrada a elas. As condições que elas impõem para admitir à sua comunhão é problema delas. O erro aparece quando usam sua influência a fim de ditar

leis para as pessoas que não pertencem à sua comunidade. A História não registra nenhum benefício resultante da intromissão da religião na política. Você já se deu conta de que houve tempo em que, em Salt Lake City, era obrigatório condescender com a poligamia se você pudesse mantê-la? De que existiam pesadas penalidades, neste e no outro mundo, por se permanecer fiel a uma esposa? O Estado não tem o direito de lidar com qualquer outra coisa que não seja a lei do contrato em vigor para o casamento; deve haver liberdade de consciência tanto neste como em outros assuntos. Como o católico consciencioso pode legislar para o mórmon consciencioso, sendo ambos homens profundamente religiosos de acordo com as suas luzes, e estando ambos completamente certos de que Deus está do seu lado? E quem será o juiz desses dois? A Igreja da Inglaterra estabelecida pela lei? As capelas que se estabeleceram por si próprias? Ou a grande massa do eleitorado que não se importa com essas coisas e tem de dar um único voto para decidir sobre problemas tão díspares como assistência social, política estrangeira, mundo das finanças e mudanças na lei do divórcio numa única eleição?

– Isso está além do meu alcance, Ljilith. Eu não sei. Não posso julgar. Estou envolvido demais para ser imparcial. Se você estivesse no meu lugar, o que teria feito?

– Se eu estivesse no seu lugar, eu teria o seu temperamento e, por isso, presumivelmente, agiria como você agiu. Se me perguntasse qual a atitude que você, com o seu temperamento e, dadas as circunstâncias, deveria tomar no momento, eu lhe diria para não fazer nada no plano físico. Eu o aconselharia a se afastar de sua própria personalidade, retirando-se para o seu próprio Eu superior – que vive eternamente através de todas as suas encarnações – e a tentar chegar até os princípios fundamentais, procurando ajustar-se a eles. Quando tiver feito este ajustamento, verá que as coisas acontecerão por si mesmas no plano físico. Não existe magia maior do que essa.

– E qual é a magia menor?

– É a que fazemos com nossas mentes, à luz da magia maior de todas.

– Aquilo que estive me mostrando?

– Justamente.

– A magia maior não teria efeito sem tudo isso?
– Teria, só que muito devagar e provavelmente não nesta vida.

– Causarei algum dano a minha esposa se eu fizer o que está sugerindo?

– Não, absolutamente, pois não trabalhará em ninguém a não ser em você mesmo. Como o caminho irá se abrir, ninguém pode prever – talvez seja através de uma mudança nas circunstâncias da sua vida, ou ainda através de uma mudança dos seus sentimentos – mas haverá mudanças. Grandes forças foram postas em movimento por estes meios, e elas são as forças do direito fundamental – não tomamos a lei em nossas mãos, nem tampouco imaginamos os resultados. Contudo, Rupert, para sua informação, saiba que, qualquer que seja a mudança que ocorra na sua vida, não alterará o seu relacionamento comigo.

Com essas palavras, a expressão do rosto de Malcolm sofreu uma curiosa modificação. Por um momento, houve um lampejo algo selvagem e, então, uma aparência de alívio.

– Fico contente por ter-me dito isso, Lilith – afirmou ele. – Esclareceu um bocado de coisas.

– Não esclareceu nada, Rupert – retruquei. – Posso ser uma mulher livre, mas você, a menos que mude, jamais será um homem livre.

Ele pareceu confuso.

– Eu nunca me casei – confidencieei – e nunca me casarei. Por que faria isso? Não faz parte do meu trabalho trazer almas ao mundo.

– Percebo – disse ele. – Você é uma sacerdotisa, colocada à parte dessas coisas.

– Sim – respondi. – É exatamente isso. Sou uma sacerdotisa, colocada à parte dessas coisas.

Depois dessa conversa, a situação melhorou muito. Embora Malcolm negasse insistentemente o fato, ele era um homem de uma religiosidade inata. A vida não tinha significado para ele se não pudesse relacioná-la com as verdades fundamentais. Eu o entendia, porque essa também é a minha natureza. Nenhum de nós dois poderia ter encontrado satisfação no que acreditássemos estar errado ou que pensássemos ser fútil. A questão de o meu

código não ser o código do mundo não alterava o fato de que era o meu código. E quem julgaria o servo de outro homem? Para o seu próprio patrão, ele ficaria de pé ou cairia. O pecado contra o Espírito Santo é romper com o nosso próprio código, ao menos é o que eu penso. E eu mesma já vi o poder de Deus descer como uma chama flamejante.

Desse modo, tomei conta de Malcolm, permitindo que ele mesmo resolvesse o seu problema à luz da magia maior, pois essa é uma coisa em que ninguém deve interferir, em que ninguém deve prestar assistência – cada alma anda sozinha por esse caminho. Entretanto, ensinei-o a usar a magia menor que produz o efeito da maior, cuja falta explica por que tantas vezes temos de esperar até os céus responderem às nossas preces.

Devo ser perdoada por falar sobre esses assuntos por meio de enigmas, mas não há outra maneira de falar sobre eles. Contudo, o que não posso explicar posso descrever, e vou contar o que fiz com Malcolm.

Noite após noite, durante aquelas bem merecidas férias do hospital, eu fiz Malcolm cumprir comigo um ritual simples, tão antigo e eficaz! Refiro-me ao ritual da abertura dos portais, que permite a passagem para um outro plano, para um outro estado de consciência – conforme os termos que usamos –, pois um plano é um estado de consciência, e um estado de consciência é um plano.

Ensinei-o como sair para a viagem imaginária que termina no astral. E em minha companhia eu o fiz viajar, noite após noite, deitado no divã e olhando para o espelho, até que o caminho se tornasse conhecido para ele e ele pudesse fazer essa caminhada sozinho. E o que é mais importante: voltar pela mesma trilha. Os planos interiores se tornaram reais para Malcolm, e ele se certificou da sua existência e aprendeu a avaliar suas condições por suas próprias reações.

Certa vez, ele se voltou para mim e disse: – Você está me levando a sonhar um sonho artificial. Isto não é real.

– É real para você, é verdadeiro para você. O que mais deseja? – respondi.

– Mas não é real – protestou. – Estou me iludindo.

– É real no seu próprio plano – afirmei eu – e esse é o plano da causação. Não sabemos como essas coisas operam; só sa-

bemos que elas surtem efeito. O que você constrói na sua imaginação é um canal de força. Quanto mais real para você, mais forte será o seu efeito, e todas as coisas que você chama de teatrais em minhas ações são simplesmente destinadas a torná-las reais para você.

Desta forma, eu falava com ele, e o ensinava, e o fazia acostumar-se com as coisas, e esperava. Descrevíamos nossas visões um para o outro – as visões que eu construía e as que ele via, repisando repetidas vezes as mesmas bases até serem familiares a ambos. Essa é a *mise en scène* do trabalho mágico que cria um templo astral. Agora, nosso templo estava construído, embora Malcolm pensasse que se tratava de imaginação, e o estágio seguinte estava prestes a começar – o estágio de torná-lo um sacerdote. As pessoas tentam fazer de si mesmas sacerdotes a fim de estarem aptas para o templo. Contudo, a ordem dos acontecimentos deveria ser outra: primeiro construir o templo, e então fazer o sacerdote. Há boas razões para isso.

Também ensinei para Malcolm a alquimia mística, que é a ioga do Ocidente. Ensinei-o a recolher as forças do centro da terra e a fazê-las percorrer a espinha dorsal. Todo esse conhecimento constitui a base para tudo o que se segue. Só os que são capazes de fazer essas coisas podem lidar com magia. Nós, os do Ocidente, trabalhamos com uma árvore; no Oriente, eles trabalham com flores, mas dá no mesmo.

Certa vez, Malcolm me disse: – Há só uma coisa a seu respeito de que não gosto, Lilith: é esse traço de crueldade que existe na sua natureza.

– Ela combina com meus dentes de tigresa – afirmei. – Você se importaria em ser operado por um cirurgião de coragem mole, com bisturis cegos?

– Não, não me importaria – respondeu ele.

Mas eu ainda precisava tomar cuidado e não ousava mostrar minha cartada a Malcolm. Eu tinha de esperar pelo vagaroso crescimento da sua compreensão. – Se você soubesse – pensei – como sou realmente impiedosa, e a natureza dos riscos que estou correndo, eu gostaria de saber qual a sua opinião.

Tenho uma paciência e uma tenacidade imbatíveis; posso mantê-las enquanto necessário, e essa é a magia mais poderosa

que existe. Eu não tinha pressa; havia muito trabalho a ser realizado com Malcolm antes que ele estivesse pronto para o estágio seguinte.

Eu queria fazê-lo recordar-se de suas vidas passadas. Isso é importante na magia, porque o homem que se lembrar de suas encarnações anteriores terá tremendos recursos à sua disposição. Também queria ensinar-lhe a arte do fogo da Serpente – tão pouco compreendida no Ocidente –, arte na qual eu era uma especialista. Trata-se da arte de descobrir se o que estivesse previsto de fato aconteceria. Portanto, eu sabia exatamente o que estava dizendo, quando contei a Malcolm que nenhuma mudança em sua vida faria qualquer diferença em nosso relacionamento. Ele veio até mim certa manhã, com uma carta na mão, e me pediu para ler, andando nervosamente pelo quarto enquanto eu o fazia. O selo postal era de Worthing; portanto calculei que o remetente fosse a dama de companhia de sua esposa. Ela dizia que a sra. Malcolm de fato estava passando bem, mas que tivera uma ligeira recaída com o retorno de sua flebite. Continuava afirmando, entretanto, que não havia razão para ansiedade, pois tratava-se de um ataque muito leve da doença e o dr. Jenkins assegurava que não havia motivo para ele descer até lá.

Devolvi a carta para Malcolm. Eu não conseguia perceber a causa de tanta agitação.

– O que devo fazer, Lilith?

– Faça o que o médico aconselhou – respondi. – Ou, se não estiver satisfeito, peça um segundo parecer. Não assuma novamente a responsabilidade. É demais para se pedir a qualquer homem.

Ele pareceu aliviado. Malcolm, o mais dogmático, autoconfiante, infalível indivíduo da terra no que se referia a casos médicos, ficou simplesmente mais do que grato quando o orientei em seus assuntos particulares.

– Faça uma chamada telefônica, se está preocupado – acrescentei.

Ele pegou o aparelho e fez a chamada. Em poucos momentos, por um milagre tão maravilhoso como qualquer de minhas magias, Malcolm estava falando com a dama de companhia de sua mulher.

Eu só podia ouvir, é claro, um lado da conversa, mas não foi difícil perceber que Malcolm estava lidando com uma tola e tinha de lidar com uma tola obstinada. Aparentemente, eles haviam dispensado a enfermeira porque a sra. Malcolm não gostava de estranhos à sua volta, e a empregada e a dama de companhia se julgavam bastante competentes para fazer o trabalho de enfermagem que fosse necessário. Entretanto, Malcolm não as considerava capacitadas e não poupou palavras ao afirmá-lo. Todavia, não conseguiu convencer a tola criatura, que eu podia ouvir choramingando do outro lado da linha.

Finalmente, o dr. Malcolm bateu o telefone no gancho.

– Bem – disse ele –, parece que Jenkins está preparado para tratar dela sem a ajuda de uma enfermeira. O que posso fazer?

– Detenha Jenkins – aconselhei.

Foi feito um outro telefonema, mas Jenkins não estava e foi preciso deixar recado. Malcolm andava pelo quarto, de um lado para o outro, como um tigre enjaulado. Eu ainda não podia entender a razão de tanto estardalhaço. Dentro em pouco, a campainha do telefone tocou para a resposta do médico, e Malcolm praticamente deu um mergulho até o aparelho. Mas novamente ouvi as mesmas lamentações do outro lado, em vez dos tons mais graves da voz de um homem.

Malcolm colocou o telefone no gancho e aproximou-se de mim, junto à lareira.

– Minha mulher diz que tem completa confiança em Jenkins e recusa uma segunda opinião. O que faço agora, Lilith? Vou até lá e armo uma encrenca?

– Não – respondi. – Por que faria isso? É evidente que eles estão felizes à sua maneira, e que você é indesejável lá. Qual a vantagem de impor-lhes a sua presença?

Malcolm descansou ambas as mãos no alto parapeito da lareira e ficou olhando para o fogo.

– Por que esse maldito tolo do Jenkins não falou pessoalmente comigo? – perguntou. Mas essa era uma pergunta que eu não podia responder.

– Lilith, terei de ir até lá. Estou indo, até logo!

Antes mesmo que eu tivesse tempo para estender minha mão a fim de me despedir, ele havia se virado nos calcanhares saindo do aposento. Ouvi a porta da frente bater atrás dele.

Fiquei extremamente ansiosa por sua causa. Parecia-me que, se houvesse outra tempestade cerebral semelhante à anterior, não sobraria muito de Malcolm. Entretanto, não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser esperar.

Na manhã seguinte, antes que eu pulasse da cama, o telefone tocou.

– Chamada de Worthing – disseram-me.

Esperei, e uma voz falou:

– Ela se foi, Lilith.

De tão abalada, por um momento fiquei sem reação, e a voz de Malcolm falou novamente, muito agitada.

– Lilith, você está aí?

– Sim, estou aqui. Fiquei tão aturdida com a notícia que não sabia o que dizer. O que aconteceu?

– O coágulo se deslocou, a mesma coisa de antes. Desta vez, atingiu o coração. Acabou. Terminou tudo.

– Meu amigo – disse-lhe-eu –, há alguma coisa que eu possa fazer por você? Sabe que farei tudo o que estiver ao meu alcance, não sabe? Pode confiar em mim.

– Sim, Lilith, eu sei disso. É em você que estou confiando. Não sei onde estaria se não fosse por você. É o pensamento em você que me mantém vivo. Você sabe que foi um choque para mim. Abalou-me mais do que eu esperava.

– Não deveria.

– O funeral será na terça-feira de manhã, às onze horas. Pense em mim quando ele estiver em andamento. Fará isso por mim, Lilith? Não será fácil.

– Eu estarei com você – assegurei-lhe.

– Voltarei no trem da tarde. Posso ir vê-la?

– Naturalmente que pode. Gostaria de dormir aqui nessa noite?

– Não sei. Não se me sentir como agora. Estou um pouco abalado, compreende? Sinto-me como se houvesse sido um bruto... coisas assim.

– Meu amigo, quem poderia ter feito mais do que você fez?

– Eu não sei, não tenho certeza. Acho que estou sendo um tolo, mas enfim... Até logo, pense em mim na terça. Fará isso?

E as pessoas dizem que as mulheres não são lógicas! Mas isso era o que Malcolm era durante todo o tempo – ilógico – ele e a sua consciência em frangalhos, que não fazia bem a ninguém e ainda o levava a morrer de preocupação.

CAPÍTULO XV

Na terça-feira, decidi que Malcolm não devia ter a oportunidade de voltar a seus aposentos antes de me ver, pois eu não sabia que tempestades poderiam acometê-lo se voltasse sozinho para lá. Então, peguei o meu *coupé* preto e dirigi até a estação, a tempo de alcançar o primeiro dos trens que pudesse razoavelmente ser considerado um trem vespertino. Mas Malcolm não estava nele. Adivinhei que, provavelmente, almoçaria em Worthing ao voltar do funeral, e que estaria no próximo trem, ou mais tarde. Contudo ele também não veio em nenhum deles. Telefonei para minha casa a fim de saber se havia algum chamado seu, porém Meatyard disse-me que não recebera nenhum. Dessa forma, instalei-me para uma vigília, examinando cada um dos trens à medida que a noite ia passando, determinada a que Malcolm devia me encontrar ali, mesmo que chegasse no trem leiteiro da manhã.

Então, finalmente, um pouco antes da meia-noite, um trem entrou vagarosamente na estação, e eu vi Malcolm descer.

Seu chapéu estava puxado sobre os olhos, a gola do casaco levantada até as orelhas. Ele mesmo carregava sua bagagem, e concluí que jamais havia visto na vida um rosto com uma expressão mais triste ou mais carrancuda. Mesmo eu, que o conhecia tão bem, quase fiquei com medo de me aproximar.

Levantei-me e pronunciei o seu nome. Malcolm não me ouviu. Com grande ousadia, pus uma das mãos em seu braço. Ele se virou zangado, mas, ao me ver, controlou-se e uma expressão confusa apareceu no seu olhar.

– Lilith, você aqui? O que está fazendo aqui?

– Trouxe o carro para buscá-lo. Não queria que fosse para casa sozinho. Virá comigo tomar uma refeição antes de fazer qualquer outra coisa.

- Mas como sabia em que trem eu viria?
- Você disse que seria no trem da tarde...
- Mas... Lilith, você não ficou aqui até agora, ficou?
- Fique!
- Minha querida!

Malcolm enlaçou-me o braço e andou comigo até o carro. Eu tinha a certeza de que, fosse qual fosse a resistência que a sua temerosa consciência pudesse ter-lhe imposto, ela havia ruído.

Enquanto abria o carro, ele perguntou:

- O que posso dizer-lhe, Lilith? Como posso lhe agradecer? Em seguida, entramos no carro, e eu o levei para casa.

Embora parecesse natural tê-lo mais uma vez de volta em minha grande poltrona, havia certo embaraço entre nós. Ele estava abstraído e nem sequer fumava. Usava uma gravata preta, mas um homem fica em grande desvantagem quando está de luto: ele mostra as suas emoções. Uma mulher sabe como tirar melhor proveito de uma situação como essa, mas um homem de gravata preta é simplesmente lamentável.

Assim, deixei Malcolm sentado, como de costume, e permiti que ruminasse suas idéias até se livrar delas.

- Tenho uma coisa para você - comentou ele por fim, e, esticando a mão, pôs sobre meus joelhos uma antiquada caixa de jóias que eu o vira embalando no carro.

Eu me encolhi. Não gostava da idéia das jóias de sua mulher me serem entregues quando ela ainda nem esfriara na cova. Ele percebeu o movimento e reagiu:

- Não precisa se sentir assim por causa delas - explicou. - Ela jamais as apreciou, nem as usou. Eu simplesmente as guardei lá na casa da praia por ser mais seguro do que em meus aposentos. As jóias pertenciam a minha mãe.

Ele estendeu-me a caixa outra vez e a abriu. Em seu interior havia algumas ametistas - ótimas, em pesados e antiquados engastes - além de pedras preciosas, ágatas e outras pedras parecidas. Eu quase podia entender que a pequena mulherzinha doce, que a sra. Malcolm devia ter sido, não as quisesse ter usado. Entretanto, em mim elas ficariam perfeitas e combinariam maravilhosamente com minhas roupas. Disse-lhe isso e deixei o meu prazer transparecer na voz, esperando com isso distraí-lo da sua melancolia.

O estratagemas surtiu efeito, e seu contentamento ante o meu prazer iluminou-lhe o rosto carrancudo e tirou um pouco da sua soturnidade.

- Passei por maus bocados pegando essas coisas para você - disse ele. - Foi isso o que me atrasou tanto. Nunca imaginei que você pudesse estar me esperando na estação. Eu até já havia resolvido que era tarde demais para ir vê-la à noite, e estava odiando essa perspectiva, se quer saber a verdade. Mas não podia desistir dessas coisas que eu desejava lhe dar, nem que precisasse atravessar o inferno para pegá-las. Eu quase o atravessei de fato. Sabe o que aquela tratante criatura, a dama de companhia da minha mulher, aprontou? Induziu minha esposa a fazer um testamento em seu favor! Pobre Eva! Ela não tinha nada para deixar, porém isso pareceu não incomodar nenhuma das duas. Ela deixou para a srta. Nesbitt a casa com a mobília, todas as suas roupas e o que recebia de mim para a manutenção. Deixou tudo para ela, na verdade, exceto alguns pertences para velhos amigos, e ainda a instruiu para tomar conta da empregada que naturalmente se apego à dama de companhia.

- Deus do céu, quanta confusão! - prosseguiu Malcolm. - Ela contratou um solicitador sofrível - muito sofrível mesmo, se quer saber - para cuidar do testamento. Ele foi ao enterro e depois nos acompanhou até a casa. Eu não fazia a menor idéia de quem fosse ele; pensei tratar-se do namorado da governanta. Pelo menos, parecia ser esse tipo de homem. Então, após o almoço, ele leu aquele testamento iníquo. Eu disse para o advogado não ser tolo. A srta. Nesbitt podia ficar com as roupas, pois não tinham utilidade para mim; e podia ficar com a mobília que quisesse, pois também não me servia; e eu concordava ainda em pagar-lhe algo à guisa de uma pensão. Quanto à casa, porém, eu pretendia vendê-la e livrar-me dela. Af o advogado começou a blefar: perguntou-me como, a meu ver, minha posição profissional seria afetada, se a verdade sobre o meu casamento fosse divulgada! Peguei-o pelo cangote e pela bainha das calças e o arremessei pelo caminho do jardim e por cima do portão, Lilith. De certa forma joguei-o na rua. Talvez eu tenha de responder a um inquérito por agressão, mas acho que não. Mesmo que ele tivesse várias razões para mover um processo, eu tinha muitas outras para expulsá-lo. Além disso, ele precisava pensar no seu renome profis-

sional tanto quanto eu. De qualquer forma, foi o fim dele, naquele momento.

– Depois, entrei em casa e avisei a dama de companhia para se calar e não ser doida, se é que ainda pretendia receber uma pensão. Ela resmungou, esbravejou e xingou o quanto ousou, mas acabou por ficar mais ou menos quieta. Seja como for, ela se calou o melhor que pôde. Então fui apanhar as jóias, que, aliás, não estavam onde eu as havia guardado, e a fechadura fora forçada – e forçada recentemente. Perguntei-lhe onde estavam e ela respondeu que minha mulher tinha dado as jóias para ela. Afirmei que não eram de Eva e ordenei-lhe que as entregasse para mim, ameaçando-a com a polícia caso ela se recusasse. A mulher ficou irredutível, e eu telefonei para a polícia. O sargento veio, ambos fomos até o quarto dela e as descobrimos no seu guarda-roupa, em meio aos seus saíotes. Ele queria prendê-la em flagrante, porém aleguei que não seria necessário, pois a mulher era tão tola que poderia ter feito o que fez de boa fé. Na verdade, acho que fez mesmo. O advogado era a verdadeira causa do problema.

– A seguir, Jenkins me telefonou para que eu fosse vê-lo depois no hospital. Eu não queria permanecer mais tempo ali; sentia-me esgotado e mortalmente enjoado de tudo aquilo. Minha vontade era voltar para você, mas ele insistiu. Disse também que queria me ver em particular; assim, fui obrigado a esperar. Mandei as mulheres prepararem um jantar para mim, porém elas se recusaram e perdi a calma. Receio ter-lhes dito alguns palavrões. Elas arranjaram alguma comida, mas estava tão ruim que eu a joguei no chão. Então, fui encontrar Jenkins e aviei as suas receitas, enquanto ele terminava uma cirurgia. Eu não aviava receitas há anos. Espero que ninguém morra por isso.

– Em seguida, Lilith, houve uma confusão geral! Parece que ele nunca recebeu o meu recado. Elas sabiam que ele estaria ligando para a minha casa. Portanto, quando telefonaram para lá, a srta. Nesbitt aceitou a chamada e jamais contou palavra a ninguém. Ao contrário, telefonou diretamente para mim e me disse que não era necessária uma segunda opinião. Parece que Jenkins protestara o tempo todo contra a demissão da enfermeira – ele não seria tolo a ponto de querer tratar de flebite com amadores –, porém Nesbitt alegou que eu me negava a pagar as despesas. Disse-lhe que ele teria de se arranjar o melhor que pudesse. Acho

que ela andou contando uma porção de histórias sobre a minha brutalidade e ele havia acreditado nela, na ocasião. Mas, à luz dos acontecimentos posteriores, começara a duvidar. Jenkins disse o mesmo que você sobre a operação ter sido um ato nobre.

– Então, contou-me algo estarrecedor – meu Deus, por que nunca me contou antes? – Pensei que você soubesse – foi o que ele afirmou. Agora, pense nisso, Lilith: toda a minha vida foi um especialista em distinguir as doenças nervosas das orgânicas, e eu jamais duvidei de Eva! Não havia absolutamente motivo algum para que ela não tivesse tido uma vida normal de mulher casada. Não digo que teria sido sempre normal; havia um amplo elemento de autêntica histeria – se é que isso existe. Contudo, ela fez de sua saúde uma desculpa para se livrar de mim, e a sua dama de companhia, que tinha por ela um certo apego, gostava de fazer dela uma inválida. Jenkins me falou que tentou de tudo para convencê-la a se levantar, mas não adiantou. Eva provavelmente imaginou que, se recuperasse a saúde, eu esperaria que ela desempenhasse seu papel de esposa. Portanto, preferiu ficar na cama. Pense nisso, Lilith: todos esses anos, para nós dois... Que arranjo maldito! E chamam a isso de sagrado matrimônio, de moralidade, de pureza! Sinto-me um tolo, Lilith, um tolo é como me sinto.

Malcolm sentou-se, olhando fixamente para o fogo. Fiquei calada. Não acho que teria me ouvido se eu falasse. Fiquei imaginando que tipo de tratamento daria a Malcolm, agora que ele havia descoberto como sua consciência lhe pregara uma peça. Era bastante provável que reagisse chegando ao outro extremo.

Finalmente, perto das duas da manhã, ele se manifestou.

– Você disse que, quaisquer que fossem as mudanças da situação da minha vida, isso não faria qualquer diferença no nosso relacionamento. Você tinha em mente uma coisa assim, quando falou nisso?

– Tinha. Eu tinha a certeza de que o seu problema seria resolvido. Em minha opinião, ele sabia a coisa terminada. Eu não fazia idéia de como o caminho se abriria para você, mas estava segura de que iria se abrir.

– Você me deu esse aviso de modo que eu não ficasse... desapontado? Você já calculava que, se uma coisa como essa acontecesse, eu viria diretamente pedir-lhe que se casasse comigo.

Portanto, ainda sou um cativo, Lilith, ao que parece. Livre da lei do povo, mas prisioneiro da sua vontade.

– Você é prisioneiro de você mesmo, Rupert, e de nada mais. Você não mudou, embora as circunstâncias de sua vida tenham mudado.

– Suponho que imagina que sou como um dos pássaros de minha mulher – tanto tempo engaiolado que não sabe voar, agora que está livre. Lilith, vou lhe dizer uma coisa estranha: sei que não quer casar comigo, mas importa-se se eu continuar a amá-la?

– Nem um pouco – respondi.

– O que sente por mim? Quero que seja bem franca comigo; assim saberei melhor como organizar a minha vida.

– Tenho dois tipos de sentimentos por você: um como mulher e outro como sacerdotisa. Como mulher, eu o admiro muito. Existe uma profunda simpatia entre nós. Acho, porém, que você seria um marido horróroso, Rupert, e mesmo que eu fosse do tipo casadouro, não me casaria com você. Como sacerdotisa... não é fácil fazê-lo entender, mas tentarei. Como sacerdotisa, sei que você é um sacerdote e que tenho de trabalhar com você, quer eu goste ou não disso – e eu trabalharia com você, ainda que fosse o Demônio do Inferno. Você é um sacerdote porque irradia através de si o tipo certo de força e porque tem a capacidade de resistência para lidar com o poder. Eu trabalho com a força, Rupert, não com você.

– Mas também existe um vínculo entre nós porque você era o sacerdote dos holocaustos. Sua vontade era mágica, e você teve uma morte mágica, *concordando* em me possuir. Foi isso o que o trouxe até aqui. Rigorosamente falando, você não tinha nível para chegar onde está, e essa é uma das coisas que nos têm colocado em situação desvantajosa. Tive de introduzi-lo do jeito que era; treiná-lo e iniciá-lo antes de poder usá-lo.

– Enfim, como veio a me escolher, Lilith? Isso é o que eu nunca fui capaz de entender.

– Conheço os meus. Sei quem pertence e quem não; sei quem está no meu próprio Raio e quem não está. Sei o que está latente na sua mente subconsciente, mesmo que você não saiba.

– Diga-me, o que de fato vê em mim?

– Vejo duas coisas: uma, é a capacidade de devoção desinteressada; a outra, um tremendo excedente de força vital. Esse excedente o tem reduzido a pedaços por precisar de uma válvula de escape. Posso desviar magicamente essa força de você e posso usá-la; e, depois disso, você ficará mais feliz.

– Como se propõe a fazer isso?

– Você... sente-se muito atraído por mim?

– Sim.

– Bem, a força do seu sentimento se projetará.

– Supondo que eu não me apaixonasse por você por minha própria conta, teria me seduzido deliberadamente?

– Teria. Devo servir a objetivos que não são meus. Eu o teria feito até mesmo no interesse desses objetivos.

– A sangue-frio?

– Não há outro meio de trabalhar com magia.

– Então... você nada tem a não ser um plano de ação a sangue-frio contra mim?

– Eu tenho um plano de ação estabelecido com relação a você, do qual nada me demoverá; mas há algo mais do que isso, Rupert. Pensa que conseguiria trabalhar com você, como faço, se não houvesse algum afeto entre nós? A magia aumenta a simpatia. Como supõe que a força poderia fluir de você para mim, sem o fluxo de retorno de mim para você?

– Mesmo assim, parece-me uma proposta feita a sangue-frio. Não entendo todo esse palavreado sobre forças. Eu amo espontaneamente e a amo com tudo o que existe em mim. Não posso evitar. Não faria diferença se me odiasse ou me expulsasse daqui. Eu não posso parar de amá-la. Você me fascina. Tudo o que faz me fascina – cada movimento seu, cada linha do seu corpo, a maneira como as roupas lhe assentam, o brilho de suas jóias. E esta casa também me fascina – tudo o que lhe diz respeito – até mesmo o rio me fascina porque o associa a você. Não é sensualidade – isso nunca foi problema no que lhe concerne, pelo menos não até hoje – ambos temos sido tão energicamente cuidadosos! Trata-se de um tipo de *glamour*, e isso alimenta a minha alma. E quando minha alma está satisfeita, meu corpo pode se arranjar. Além do mais – não sei como descrever isso –, você me controla muito bem. Você jamais falhou em me mandar embora daqui nu-

ma maré elevada de felicidade. Não sei como faz isso, no entanto você o faz.

– Isso – expliquei – é a minha mágica. Nunca lhe ocorreu, Rupert, que existem outros relacionamentos possíveis entre uma mulher e um homem, além do que usualmente acontece como sexo?

– Não sei se existe, mas sei que há um relacionamento estranho entre mim e você, que é e não é um relacionamento sexual. Sei o que posso sentir por você se me descontrolar; e normalmente espero me sentir equilibrado porque não devo me descontrolar. Mas não me sinto assim. Por quê? Trata-se da sua arte mágica?

– Sim.

– Não estamos velejando de um modo estranho a favor do vento?

– Isso é reconhecidamente bom num barco à vela.

– Sim, naturalmente que é. A vela deve justamente fazer grivar. Uma fração a mais no leme, a retranca passa por cima, e viramos de bordo. Entendi o que quis dizer. Mas você se arrisca, não se arrisca, Lilith?

– Isso faz parte do meu negócio, da mesma forma que acontece com um cirurgião. Ambos temos o instinto do cirurgião, Rupert. É por isso que trabalhamos tão bem juntos na magia.

– Acha que sim? Receio não ter compreendido ainda as coisas o suficiente para avaliar se trabalhamos bem ou não. Só sei que sou feliz com você, Lilith. Gostaria que me dissesse, com absoluta franqueza, o que está tentando fazer e o que realmente pretende de mim. Chegou a hora das explicações diretas. Antes, eu não era livre para fazer ou para responder a perguntas. Havia coisas de que era melhor não falar naquelas circunstâncias. Elas eram manipuláveis enquanto inatingíveis, porém se houvesse tentado defini-las, ou erguesse o véu que você mantinha sobre elas, sentia que teríamos precipitado os problemas. Por isso, não ousei me arriscar a tanto. Pode ser que eu tenha sabido muito mais do que você pensa; pode ser que haja mais a saber do que eu compreendo, mas, de qualquer forma, é hora de chegar até o *Sancta sanctorum*, Lilith, ir além daquela cortina preta de que você fala e que me fez ver. Não estou pedindo isso como se tivesse di-

reitos; nem mesmo estou pedindo como um favor. – Estou apenas constatando um fato e acho que você me entende.

– Será assim, se se sente assim quanto a isso, Rupert. Se sabe o bastante para fazer uma pergunta dessa natureza, será capaz de dar a resposta. Mas, primeiro me diga: qual é a sua concepção acerca do *Sancta sanctorum*?

– Acho que se trata de uma sala vazia. Imagino que ela tenha um teto abobadado e janelas ocultas bem no alto do telhado, que podem ser descobertas para deixar entrar a luz da lua. Penso que seu formato é oval.

– Não, elas não são ovais, mas ovóides. Compreende que o templo da lua tem o formato da *crux ansata* – o Sinal da Vida? O Pátio do tanque de lótus é a haste, com o grande pilar a seus pés; o Salão das Esfinges é a haste transversal; e o *Sancta sanctorum* é o arco. Agora que conhece sua disposição geográfica você pode se mover por lá em sua visão. Mas diga-me mais: qual você acha que é a finalidade das janelas no alto, na abóbada?

– Para deixar entrar o luar. Acredito que trabalhe de alguma forma com o luar. Minha função é ajudá-la.

– Sim, isso está certo. E que devo fazer com o luar e por quê?

– Ah, aí você me pegou, Lilith. Não sei o que faz com o luar, nem como o faz, nem por quê. Também sei que não pode fazê-lo por si mesma. Você precisa de mim.

– De você ou de outra pessoa qualquer.

– É, acho que sim. Se não fosse eu, seria um outro alguém. Eu não significo para você o mesmo que você significa para mim.

– Rupert, eu não estou sendo deliberadamente indelicada com você, mas eu não posso, não ousar negar a lei do meu ser. Se eu me atrevesse a depender de você, perdê-lo-ia. Enquanto for capaz de trabalhar impessoalmente com você, de forma desapixonada, poderei dar-lhe muito. Mas, uma vez que me envolva pessoalmente, a magia se romperá e será o fim de tudo.

– Muito bem. Não entendo, mas aceito. Se você diz que é assim, isso basta para mim. Recebi muito, muitíssimo, mais do que mereço. Não quero estragar tudo por tentar obter mais ainda. Esqueça o que lhe disse e conte-me sobre o luar.

– Não posso contar muito sobre o luar porque pouco se sabe a respeito. Apenas estou apta a dizer-lhe que existem quatro coisas – espaço, o Sol, a Lua e a Terra. A força surge no espaço. Como, não sabemos. Ela passa do espaço para o Sol, e o Sol a transmite a este universo. Todos os planetas a recebem, cada um conforme o seu tipo, e a passa adiante: essa é a base da astrologia. Sou uma sacerdotisa da Lua, entretanto, e somente me relaciono com a força da Lua. Recebo a força da Lua – capto-a nas costas, principalmente na base do pescoço. Você, ao contrário, recebe o poder do Sol, e encontra-o frente a frente. No plano físico, você, o macho, é positivo; e eu, a fêmea, sou negativa e receptiva. Nos planos interiores, porém, na magia, a polaridade é inversa, e eu sou positiva e você negativo, precisando da minha influência para se tornar ativo e criativo. Contudo, lembre-se: é sempre o pólo negativo que faz o trabalho – o pólo positivo apenas fornece o estímulo. No plano físico, você só pode dar vida através de mim; nos planos interiores eu só posso dar vida através de você. A posição se inverte. Eu jamais darei à luz no plano físico. Todas as sacerdotisas da Lua têm de ser estéreis. É por isso que não me casarei, não há razão para fazê-lo. Meu trabalho é nos planos interiores e diz respeito à vida da raça. Tenho certas coisas a fazer; sou um canal para que essas coisas sejam feitas; é para essas coisas que preciso da sua ajuda. Elas têm de ser feitas – uma vez – de verdade, de modo a trazer a magia através delas para o plano físico. As imagens são construídas, as forças são levadas a um foco, nos planos interiores; porém, para trazê-las à manifestação no plano físico, elas têm de ser feitas – uma vez – de verdade.

– E qual é o meu papel em tudo isso, Lilith?

– Antes de mais nada, eu desvio o seu magnetismo para completar o meu. Venho fazendo isso há algum tempo; é por esse motivo que anda se sentindo mais contente e em paz, pois tem mais vitalidade do que sabe usar, e isso o reduz a pedaços. Com o que desviei de você, construí o que chamo de minha personalidade mágica; eu me transformo naquilo que imagino ser. Não posso fazer isso apenas com a minha própria vitalidade, porque a nossa vitalidade só é suficiente para uma personalidade normal, e temos de usar a vitalidade de outra pessoa para construir uma personalidade mágica.

– Como faz isso?

– Daqui a pouco eu lhe mostrarei como. Você a dá para mim quando se sente fortemente atraído por mim. Mas existe um modo de construir, um modo mágico, que eu lhe mostrarei no devido tempo.

– Fico contente por saber que faço alguma coisa. Há um terrível instinto dentro de mim, de doar-lhe a minha vida. Não sei como descrevê-lo. Dar de mim, fazer você me possuir. Sempre pensei que o homem quer possuir a mulher, mas não eu – eu quero ser possuído por você.

Era a última coisa que se poderia pensar ao ver aquele homem desabrido e dinâmico. Mas eu havia notado que os fracotes é que são sempre os mais possessivos; estão tão habituados a ser dominados, que querem compensar em favor de sua auto-estima no reino secreto do amor. Um homem como Malcolm, que domina automaticamente pela sua própria importância, gosta de ser dominado pela mulher que ama.

Malcolm continuou: – Durante toda a minha vida, acostumei-me a passar sem o que os homens aceitam como coisa natural. Não acredito que a abstinência sexual me tenha causado qualquer dano específico; isso se resolve mais ou menos automaticamente. O sentimento que mais intensamente me acometeu foi um tipo de vazio difícil de descrever. Não se trata exatamente de solidão. Posso ter essa sensação com uma multidão de alunos atropelando-se à minha volta, atentos às minhas palavras. Posso senti-la ao lidar com seres humanos o dia inteiro, até me enjoar à simples visão deles e até ansiar por ficar sozinho. Além disso, seres humanos são o meu ofício, e Deus sabe como me fartei deles. Não se trata de falta de companhia. As pessoas até que ficam satisfeitas em ouvir o que tenho para dizer; basta que eu curve o meu dedo para que elas se sentem e peçam por isso. Poderia ter um convite para jantar a cada dia da semana se eu o desejasse. Você pode não acreditar nisso ao olhar para o meu rosto feio e ao me ouvir praguejar; no entanto, eu poderia – palavra de honra!

Eu bem que acreditei nele. Malcolm tinha uma personalidade dinâmica, dessas que sempre são interessantes. Se ele resolvesse ser agradável, teria muita procura, socialmente falando, pois era extremamente importante.

E continuou. – Havia ocasiões, quando eu era mais jovem, em que sentia tão intensamente esse vazio que saía e me sentava nas casas de chá, e em lugares desse tipo, apenas para estar no meio de gente. Agora, essa é a coisa engraçada, Lilith: você poderá pensar que eu ia à procura de mulheres, mas não era isso. Eu ia observar o namoro dos jovens casais e dessa observação tirava uma espécie muito curiosa de satisfação, como se um pouco da emoção deles sobrasse para mim. Depois eu me sentia arrasado por dentro, porque achava esse comportamento degradante, e julgava que havia cometido um erro. Eu não feria ninguém, isso eu podia ver, e certamente me ajudava. Agora você diria, usando a nossa terminologia, que eles estavam me transmitindo o magnetismo de sua paixão, e que eu o estava captando telepaticamente?

– Telepaticamente, não. Esse termo é usado para as comunicações astrais. Você estava recolhendo o magnetismo magneticamente, pondo em movimento longos processos de sua aura e absorvendo-o.

– Então, por que não se faz isso automaticamente durante todo o tempo, nos ônibus, nos túneis de trem e em lugares parecidos?

– Porque precisamos estar em sintonia com o comprimento de onda de uma pessoa para poder fazer isso. Não se trata exatamente de um processo automático. Além disso, tem de haver reciprocidade. Você nada obtém de uma pessoa que está inconsciente e indiferente.

– Então, como eu podia ouvir os casais enamorados? Por certo eles não estavam conscientes da minha presença e eram indiferentes a ela, estando completamente envolvidos um com o outro.

– A pessoa que está emocionalmente excitada abre-se e sua própria aura emite radiações. Acho que você, em sua imaginação, estava se identificando com o namorado da garota e, dessa forma, por assim dizer, andou se insinuando na atmosfera deles.

– É, acho que sim. Mas, esse não é um truque sujo?

– Não é um truque inteiramente desejável. Há maneiras melhores de se obter os mesmos resultados.

– É com esses meios melhores que você está relacionada?

– É.

– Quer que eu faça com você o que costumava fazer com aqueles casais de apaixonados? Entrar num relacionamento imaginário, e não físico, com você?

– Essa é exatamente a experiência que eu desejo fazer com você.

– Mas como tudo isso irá terminar? Para nós, quero dizer, para você e para mim? Estou muito apaixonado por você, compreende?

– Enfrentaremos o fato quando chegar a ocasião. Eu já lhe disse que sempre existe uma válvula de segurança na magia.

– Fico contente por ouvir isso. Acho que teríamos de usar essa válvula de segurança há muito tempo atrás se eu começasse a deixar minha imaginação à solta. Houve uma ocasião em que eu tinha um medo mortal de perder a cabeça por você, de meter os pés pelas mãos (para misturar metáforas) e de aborrecê-la tanto que se voltasse contra mim e não mais quisesse fazer nada comigo. Dessa forma, eu perderia o pouco que havia conseguido. Eu tinha um medo enorme de algo assim, Lilith, e é isso que me fazia parecer tão reservado e indiferente. Acontece que eu não me sentia indiferente. A questão é que eu não me sinto seguro; não sei quando parar, uma vez tendo começado.

– Você tem medo da pressão que é feita sobre você, Rupert? Tem medo que o impulso da Natureza o estimule?

– É, é isso. Minhas intenções são as melhores, mas eu não tenho a certeza de que saberei manifestá-las. A Natureza poderia ser forte demais para eu controlar. Avisei-a, certa vez, de que, se me desse um dedinho, eu lhe agarraria o braço.

– Se você e eu ficarmos perdendo tempo aqui no sofá, sim. Mas no ritual isso não acontece. Tudo é muito impessoal. Trata-se de força pura e ela não pertence de forma alguma ao plano físico. O físico é meramente o resultado final, e nós não deixaremos a força chegar a tanto. Quando você e eu trabalhamos juntos num ritual, você representa o homem arquetípico, e eu a mulher arquetípica. Se preferir, Ísis e Osíris. A força passa do Sol para você, de você para mim, de mim para a alma grupal da raça e de volta para o Sol. Ou, no sentido inverso, pois trata-se de uma corrente alternada – da Lua para mim, de mim para você, e desta forma para a alma grupal, e de volta para a Lua. O que faço a

você, faço a todos os homens; e o que recebe de mim, recebe da Grande Ísis em pessoa, pois eu sou a Sua sacerdotisa, e você representa o povo. Pode entender isso?

– Não muito. Trata-se de algum tipo de telepatia, acho.

– Telepatia é o fator ativo; mas trata-se de algo maior que isso. Telepaticamente, nós somos a alma grupal da nossa raça, porém nós estamos transmitindo forças cósmicas. Pense nisso desta maneira, Rupert. Eu sou o que sou por ser mulher; e sou mulher em virtude do princípio feminino de vida que me formou e que se expressa através das formas que cria. Mas existe mais desse princípio feminino do que o que é usado para manter as formas que o expressam; e nós, que somos os sacerdotes da Lua, sabemos como irradiá-lo em sua forma pura, não diluída pela matéria. É o que chamamos de força da Lua. Era esse o ritual praticado nos templos da Grande Deusa, em épocas remotas. É praticado na Índia atual, e eles chamam a isso de Tantra. Onde quer que uma deusa seja cultuada, ali estão as forças lunares com as quais o trabalho é realizado, e elas são importantes. A falta delas é que está tirando o equilíbrio da civilização moderna de forma tão contundente. Os católicos compensam isso, em parte, com a devoção da Virgem – a *Stella Maris*, a Estrela do Mar. Quem é ela senão Vênus Anadiomena – a Vênus nascida da espuma? E quem é *Regina Coeli* se não for a Lua? Se você quer entender o paganismo, estude o catolicismo. Trata-se de uma descendência linear. *Plus ça change, plus c'est la même chose*. Os países latinos não têm os mesmos problemas sexuais que nós.

– Bem, não sei, minha querida. Parece-me que estamos brincando com fogo.

– Não se poderia dizer o mesmo de Watts, quando ele carregou a fornalha de sua máquina a vapor? Não há necessidade de temer essas coisas.

– Agora, olhe aqui, Lilith: supondo que brinquemos com fogo e as coisas fujam ao nosso controle, qual é essa válvula de segurança de que você tanto fala?

– Teremos que descarregar a força na terra e acabar com ela; mas esse seria o fim da magia. A magia só pode ser gerada sob grande pressão, como a pressão do vapor. Esse foi o motivo pelo qual o sacerdócio precisou aprender a controlar o seu poder.

– Mas, supondo que eu não ficasse livre, Lilith? Eu não o era, quando começamos este trabalho. Você não podia contar com a morte da minha mulher.

– Jamais fui dessas que consideram a virtude de uma mulher de maior valor que o equilíbrio mental de um homem. Ainda assim, eu teria queimado os fusíveis, se necessário.

Malcolm ficou sentado em silêncio, olhando fixamente para o fogo.

– Sinto que tenha me contado isso – disse ele, por fim.

– Por quê? Pensa o pior a meu respeito?

– Não, não realmente. É claro que isso é uma afronta às minhas convenções, porém posso ver que se trata de bom senso. Mas... isso me deixa com uma grande responsabilidade. Eu poderia ter vindo argumentar com você se não soubesse de nada – e se conseguisse persuadi-la acharia que tudo estava certo. Mas agora... não, eu não posso queimar esse fusível: seria um ato de covardia. Preciso terminar com isso.

– Você compreende que o estou oferecendo em sacrifício, não?

– Compreendo, e há alguma coisa dentro de mim que gosta disso. Está trazendo para fora o que há de maior em mim; está me fazendo manifestar toda a minha força. Gosto disso, Lilith.

Malcolm se levantou e se estirou, os grandes músculos do bíceps salientando-se sob as mangas. Então, voltando-se para mim de repente, disse outra vez com veemência: – Gosto disso, minha querida, gosto disso! E daqui em diante terei mais medo de você. Danem-se as conseqüências, arriscaremos a sorte! – Vi que os olhos dele estavam brilhando.

Em seguida, subitamente atravessou o salão até a grande janela cujos arcos de pedra não exibiam mais a cor cinza contra o fundo escuro, mas a cor negra contra o fundo cinzento.

– A aurora! – exclamou. – Meu Deus, já amanheceu! Falamos a noite inteira e me sinto tão revigorado como se acabasse de me levantar. Vamos lá fora observar o amanhecer no rio.

Abafei o fogo para usar contra o frio da manhã que eu sabia que sentiríamos, quando voltássemos. Enrolei-me nas minhas peles e saí com Malcolm para a rua silenciosa e acinzentada. A neblina do rio invadira-a, contudo o frescor do amanhecer se fazia notar.

O sol ainda não ultrapassara a linha do horizonte, mas o céu ocidental estava descorado. No leste, uma estrela mais baixa ainda era visível. Caminhamos lentamente sobre as pedras molhadas de orvalho do calçamento, até chegarmos às ruínas do desembarcadouro, e ficamos observando o rio. A maré estava subindo e a água se agitava em grandes ondas esparramando-se sobre os contrafortes. Havia um profundo silêncio na aurora envolta na neblina — um silêncio inacreditável numa grande cidade. Só o rio parecia vivo.

— Alguma vez já sentiu — perguntou Malcolm, enlaçando-me o braço com sua mão — como se o rio fosse uma porção da natureza elemental no meio desta grande cidade?

— Já, é fato — respondi. — Por isso é que vim morar na sua margem. Preciso ter contatos com a Natureza. A única ocasião em que se consegue tê-los, em Londres, é quando sopra um vento tempestuoso; então, esses poderes entram com o vento. Alguma vez já notou — acrescentei — a diferença entre a atmosfera dos Kensington Gardens e a do Hyde Park, divididos apenas por uma cerca? Um está fechado desde o anoitecer até o amanhecer, e o magnetismo da terra tem uma chance de se recuperar durante as horas de escuridão. O Hyde Park, todavia, é mantido desperto com lâmpadas e nunca tem a oportunidade de se refazer. Ele bem poderia ser pavimentado com asfalto, pois ali todo o magnetismo está no solo.

— Não — respondeu Malcolm. — Nunca notei. Não noto esse tipo de coisas, sinto muito. Jamais soube que isso existisse. Mas lhe direi o que noto: eu noto a atmosfera do seu quarto. Meu Deus, como é poderosa! O seu lugar é como um farol, Lilit. Muito antes de conhecê-la, eu costumava observá-lo lá do outro lado do rio. Ele atraía a minha atenção. Não posso dizer-lhe por quê. Naturalmente, ele deve ter estado ali para eu observar durante todos estes anos em que morei em Grosvenor Road, porém eu jamais havia olhado para ele antes.

— Ele vai atrair muitas outras coisas além de você, Rupert, quando o poder começar a atravessá-lo.

— Sim, acho que sim. Terei de estar preparado para ocupar, então, o banco de trás. Não posso esperar ter, indefinidamente, tudo para mim. Você não é desse tipo. Isso é muito, muito evi-

dente. Todavia, eu bem que vou aproveitar o máximo de você enquanto eu o tiver.

Malcolm riu e virei-me para olhá-lo. Jamais vira um ser humano mudar tão radicalmente. Ele era um homem completamente diferente: seus curiosos olhos brilhantes — que sempre haviam parecido os de uma serpente — exibiam agora uma centelha. Havia um corado saudável sob a sua palidez. O cabelo ruivo estava despenteado. Havia, na verdade, alguma coisa definitivamente dionisíaca nele, enquanto ficava parado ali, rindo na luz da manhã que nascia. Ainda assim, o que esse homem obtivera, exceto uma mudança de atitude? Nada de mim, decisivamente nada demais de mim.

Obriguei-o a dar as costas ao rio prateado e a voltar comigo para casa. Eu sentia frio, mesmo envolta em minhas peles, e ele, sem chapéu e sem casaco, logo estaria completamente enregelado se lhe fosse permitido brincar por ali enquanto esse espírito o animava. Naquele momento, não havia nele o menor senso comum. Malcolm passou outra vez a mão pelo meu braço e retornamos juntos — o homem simplesmente estourando de animação. Pensei naquela face rubugenta que havia visto entre a gola erguida e o chapéu enterrado até os olhos, algumas horas antes, na estação, e fiquei maravilhada com o milagre.

O fogo da fornalha estava baixo e haveria pouco calor nos radiadores até que o sr. Meatyard os alimentasse dentro de uma hora. Por isso, levei o desjejum para perto da lareira, no salão, e preparei a refeição ali mesmo. Assei *soda scones* numa grelha sobre as brasas, pois havia escassez de pão. Fritei *bacon* com ovos numa grelha elétrica presa a uma lâmpada padrão e fiz café numa cafeteira elétrica. Malcolm divertiu-se enormemente, manifestando o maior interesse nos meus movimentos. Colocou o prato sobre os joelhos e comeu a refeição como um garoto de escola. A estranheza da situação de repente me abalou, e perguntei-lhe quantas cartas de condolências ele recebera em seu nome. Ele disse que não sabia e pediu mais um ovo.

A seguir, deitou-se no sofá e eu o enrolei num cobertor. Quando Malcolm adormeceu, retirei-me também para o meu quarto, a fim de dormir um pouco. Antes de me deitar, entretanto, subi as longas escadas até o templo para enviar agradecimentos à

Grande Ísis, uma vez que a primeira fase da experiência acontecera em segurança e a fase seguinte estava pronta e preparada. Sentia-me muito cansada, pois enfrentara grande tensão durante as horas anteriores, e o magnetismo passara de mim para Malcolm. Porém senti que tinha de fazer essa peregrinação.

Estava escuro, silencioso e quente no templo, que cheirava a incenso. A sala estava viva de presenças; quase se podiam perceber as formas difusas com os olhos físicos, de tão tangíveis! Elas pareciam passar e passar, em interminável procissão. E, à medida que cruzavam a face Leste, um membro ou um rosto, ou uma ponta da roupagem podia ser vislumbrado. Era a dança dos deus celebrando a aurora. Aqui, o poder elemental vibrava agora em plena força.

Coloquei minhas mãos sobre o altar e pensei nos cornos da Lua, e a Grande Ísis veio até mim. Senti Sua presença atrás de mim, como sempre, pois é assim que Ela vem às mulheres. Agradei, olhando para o espelho e vendo nele o meu próprio rosto, pois eu sou Ela quando sou Sua sacerdotisa.

Agradei pelo sucesso que havia coroado o meu trabalho até então. Rezei pedindo força e discernimento para continuá-lo. E por fim, solicitei uma bênção para o meu sacerdote. E à medida que pensava em Malcolm, enquanto ele dormia no quarto abaixo com o meu casaco jogado sobre seu corpo, senti uma onda tão intensa de ternura que fiquei alarmada. Não devo me sentir assim em relação ao meu sacerdote, pensei, ou estragarei a magia. Então, ocorreu-me que somente assim eu poderia fazer magia com ele – a magia que precisava ser feita através de um homem, em favor de todos os homens, a fim de erguer os pesados fardos a serem suportados num mundo que esqueceu a santidade dos cornos da Grande Lua.

THE DOOR WITHOUT A KEY

*Time arose and smote thee silent at his warning,
Change and darkness fell on men who fell from thee;
Dark thou satest, veiled with light, behind the morning,
Till the soul of man should lift up eyes and see.
Till the blind mute soul get speech again and eyesight,
Man may worship not the light of life within.*

Swinburne.

[A PORTA SEM CHAVE

Embora saciado da escuridão e encoberto pela luz por trás da manhã,
O tempo chegou e perturbou com seu aviso o teu silêncio,
Mudança e trevas caíram sobre os homens que fugiram de ti,
Até a alma dos homens erguer os olhos para ver,
Até a cega alma silente ter novamente o poder da fala e da visão,
O homem não poderá adorar a luz da vida interior.]

CAPÍTULO XVI

Nada havia para diferenciar este homem daquele que saiu para as férias de um mês, a não ser uma gravata preta, descuidadamente atada. No entanto, todos no hospital notaram a diferença. Seu rosto tinha a aparência habitual de máscara, seu modo de falar continuava lacônico, mas os alunos já não se afastavam de Malcolm como se ele fosse as patas traseiras de um cavalo manhoso.

Ele estava explicando um caso de anestesia dos membros superiores e inferiores, mostrando aos estudantes como distinguir entre uma paralisia histérica e uma paralisia de origem orgânica, e mostrava como, num caso, a insensibilidade à dor terminava numa linha reta que atravessava o membro, sem ter qualquer conexão com qualquer estrutura anatômica e como, em outro caso, essa insensibilidade acompanhava a distribuição de um nervo específico.

— Qual a causa disso, senhor? — perguntou um estudante novato, sem compreender que a questão mais simples frequentemente é a mais difícil de responder. Malcolm olhou para ele, afastando o cabelo ruivo grisalho da testa com ambas as mãos, no gesto característico que tantas vezes fora arremedado nos espetáculos dos estudantes.

— Pergunte-lhes quando cruzar com eles — respondeu Malcolm, apontando com a cabeça a ala que abrigava a clínica psiquiátrica, uma inovação recente com a qual ele mantinha uma perpétua inimizade e com a qual era imoderadamente rude.

— Sim, senhor, eu sei. Mas como funciona? Por que ela não sente nada, embora não haja lesão orgânica?

Malcolm olhou para a turma de estudantes que esperava ansiosamente por suas palavras. Olhou outra vez para a paciente, que o estava observando com o rabo dos olhos, com um ar furtivo, levemente triunfante. Então, apanhou a atadura que havia

removido dos olhos dela e atou-a novamente em volta da sua cabeça, como se ela fosse um manequim de cera. Em seguida, com a agulha fixa com que estivera testando a sua pele para verificar a sensibilidade, ele feriu delicadamente o ar a seis polegadas da mão anestesiada. Foi recompensado por um grito! Malcolm desculpou-se com a paciente indignada, que agora esfregava a mão que estivera a uma distância de seis polegadas quando a picada fora dada, e olhou para os alunos, que o fitavam boquiabertos.

– Já leu alguma vez *Phantasms of the living* [Fantasmas dos vivos] de Gurney e Padmore, senhor? – ouviu-se uma voz do fundo da sala, e Malcolm pulou como se ele próprio houvesse sido espetado com uma agulha.

– Já – disse ele. – Já li.

Estudantes e professor entreolharam-se de novo. Malcolm reparou em cada um dos rostos. Alguns estavam bocejando, contudo uma minoria digna de nota continuava atenta e interessada.

– Já li – repetiu ele, vagarosa e pensativamente, desenfaixando a venda da porção de carne de canhão patológica a seu lado. – Vale a pena lê-lo.

– Eu também o li – ouviu-se a voz debaixo das dobras envoltentes da atadura que ele distraidamente deixara escorregar em cima do nariz da paciente.

– Ah, você leu, é mesmo? – disse ele, retirando a bandagem e olhando pela primeira vez para a cliente como se fosse um ser humano.

– É! – respondeu ela orgulhosamente. – E eu sou um exemplo.

Os alunos riram, mas o professor não. Ele ficou olhando para a mulher, passando lentamente a atadura através das mãos.

– Qual é a sensação? – quis saber.

– É semelhante à descida num elevador.

Os alunos riram novamente.

Malcolm tocou de leve na mão paralisada.

– Eu não me importaria demais com isso, se fosse você – ponderou.

Os olhos da paciente e os do médico se encontraram.

– Acha que foi isso que causou a paralisia? – perguntou ela.

– Acho, acho que sim – foi a resposta.

Os alunos bocejavam.

– Obrigada, doutor, lembrar-me-ei do que disse – falou a paciente.

Quando a classe se dispersou, o aluno que mencionara *Phantasms of the living* chegou até ele. Nenhum estudante fizera isso antes, Malcolm sentiu um repentino e secreto prazer.

– Já soube de algum caso de projeção astral, senhor?

– Já – disse Malcolm. – E você?

– Eu também.

Eles se encararam.

– Como a pessoa se sente? – indagou Malcolm.

– Exatamente da forma como ela descreveu.

Eles se voltaram e caminharam vagarosamente juntos até a porta. Aí Malcolm fez uma coisa que nunca havia feito antes: colocou a mão nos ombros do rapaz.

– O que o levou a começar com isso? – perguntou Malcolm.

– Comecei quando a minha mãe estava nas últimas. Eu não me encontrava em casa na ocasião; porém a vi tão nitidamente como vejo o senhor, e então eu a segui.

O jovem dirigiu os olhos para a gravata de Malcolm, mas não se atreveu a fazer a pergunta.

– Não, não foi assim comigo – disse Malcolm.

O professor deu umas pancadinhas leves nas costas do rapaz, à guisa de despedida.

– Redija-me uma descrição de suas experiências – pediu Malcolm. – Estou interessado nessas coisas.

Atravessando o quadrângulo do amplo pátio até o portão, ele compreendeu, com outra sensação intensa de prazer, que houvera uma curiosa impressão de simpatia, quase de intimidade, entre ele e o aluno e entre ele e a paciente. Nunca passara por tal experiência antes e sentiu como se alguma coisa faminta dentro dele estivesse sendo nutrida exatamente como Lilith a alimentava – da mesma maneira, embora em grau menor. Essa experiência deu-lhe um sentimento de bem-estar e satisfação com a vida, da qual até então se sentira meio excluído. E, de repente, pareceu-lhe que seu trabalho valia a pena de um modo como jamais valera antes.

Viu-se detido pelas luzes do semáforo no cruzamento para a estação subterrânea. Um carro esporte parou a seu lado. Ele se virou para olhar e descobriu, à direção, o mais irresponsável dos seus dois auxiliares clínicos, que repreendia várias vezes por dia. O jovem sorriu.

— Posso dar-lhe uma carona para qualquer lugar, senhor?

Em todos os anais do hospital jamais se ouvira falar de algo parecido. O próprio jovem se maravilhou por não ter caído morto assim que as palavras saíram de sua boca. Porém o terror do hospital estava se instalando confortavelmente no assento pequeno de encosto dobradiço, antes mesmo que ele pudesse fugir. O caminho para casa foi animado por uma discussão sobre os méritos relativos de várias marcas de carros esporte de dois lugares que, ao que tudo indicava, o médico veterano pretendia comprar. O rapaz, além disso, ficou muito intrigado quando, em vez de ser deixado nos famosos aposentos da Grosvenor Road, o passageiro pediu que o deixasse em Lambeth Bridge. O auxiliar o observou atravessar a ponte como se estivesse iniciando a marcha anual para Brighton, e, sendo jovem e irreverente, fez um prognóstico que chegava mais perto da verdade do que poderia imaginar.

Malcolm caminhava depressa; porém, em sua ansiedade, parecia andar um passo à frente do seu corpo. Ele assemelhava-se a um homem faminto à vista de comida. O que ele recebia de Lilith não sabia, contudo era alguma coisa que alimentava toda a sua natureza. Quando saía de perto dela, sentia-se contente, realizado, pronto para voltar com interesse ao trabalho, feliz em pensar nela como se fosse uma moldura para a sua vida. Depois de algumas horas, no entanto, começava a desejar sua presença e agora, passadas vinte e quatro horas, tinha a impressão de estar sendo impelido para ela por ferros encravados em suas entranhas. Era puro prazer; ainda assim, o impulso era tão forte que se tornava doloroso.

Malcolm percorreu rapidamente a rua que agora se tornara tão sua conhecida e, virando a esquina, viu a fachada iluminada da igreja que tantas vezes observara da outra margem do rio. Agora sabia que era bem-vindo ali e, por um momento, pareceu-lhe que um sonho como esse possivelmente poderia não ter-se tornado uma realidade.

Ele passou em frente das pequeninas casas de degraus brancos e cortinas de babados, que aparentavam pertencer a um outro mundo, a uma outra época. Era o mundo onde vivera até encontrar sua mulher-sonho — um mundo onde havia sido um escravo acorrentado, sem esperança ou trégua. E tudo agora fora deixado para trás; ele não pertencia mais a esse mundo; sua escravidão fora desfeita. Como, ele não sabia. Não fora por causa da morte da esposa — disso tinha certeza. Como Lilith dissera, isso não mudara nada interiormente. Uma transformação estivera acontecendo com ele, antes de sua morte, forçando o que estava por baixo da superfície a se manifestar abertamente. Ele ainda teria que mudar muito mais até chegar aonde Lilith Le Fay desejava que ele chegasse. E ele esperava essa mudança com a mesma ansiosa certeza que lhe permitia adivinhar que o sol nasceria pela manhã.

À sua frente, altaneira acima das pequenas casas de campo revestidas de estuque, erguia-se a fachada gótica da igreja, com a janela ocidental brilhando levemente devido à luz velada no interior. Ele sabia que ali, sob aquela luz quente e difusa, aguardando por ele, estariam uma saudação de boas-vindas, um fogo brilhante e uma enorme cadeira com almofadas macias. E ambos conversariam sobre coisas profundas e estranhas que ataçavam a imaginação, aceleravam a pulsação do sangue e traziam imagens aos olhos e à mente. Sentiria o cheiro do incenso e apreciaria não só o colorido rico, como o brilho das cortinas sedosas penduradas nas sombras. E, sob os pés, estariam os grossos tapetes macios e grandes extensões de parquet negro que brilhava como água. Em volta de todas as paredes havia livros: livros estranhos, livros raros; livros de cuja existência a maioria das pessoas nem sequer suspeitava; e quadros que abriam passagens para um outro mundo: o mundo do sonho.

E ela — ela para quem ele vinha — sabia exatamente tudo o que ele precisava. Ela jamais lhe oferecia comida antes que ele descansasse. Tomaria um chá, quente e aromático; depois, um cigarro e conversa agradável e descontraída no calor da sua presença. O cansaço o abandonaria como se fosse um casaco que se pudesse tirar. Sua vivacidade retornaria. Ficaria com fome e desejaria jantar.

Então, faria uma refeição, preparada sem estardalhaço; uma refeição que parecia simples, mas que era uma obra de arte. Ele que nunca em sua vida prestara atenção à comida, vivendo principalmente de sanduíches, repentinamente despertara para o fato de que comer era uma das artes comparáveis com a apreciação musical. Seu temperamento austero, no início, revoltara-se com isso; mas, uma vez habituado, aceitara muito delicadamente o fato.

Ele sabia, além disso, que algumas horas de intensa felicidade o aguardavam; entretanto, também sabia que algum dia, de alguma maneira, tudo isso teria fim, embora desconhecesse como ou quando.

Virou a esquina e chegou à frente da pesada porta ornada com tachões de ferro sob o arco baixo. Lilith nunca permitira que a porta fosse limpa, e tanto a porta como toda a fachada estavam cobertos com uma pátina de fuligem londrina que aparentemente protegia o lugar da observação de estranhos. Externamente, ela fazia parte do distrito e passava despercebida. Aquela porta se abria num minuto para um outro mundo. Malcolm ergueu a pesada aldrava em forma de anel e deu as três batidas com as quais sempre anunciava a sua chegada. Então, virou-se, olhou para a rua por onde viera e viu através da água o contorno indistinto de sua própria casa, inteirinha na escuridão. Ele aguardou, imaginando se a porta seria aberta por Lilith ou por Meatyard, contentando-se até descobrir.

A porta se abriu mais rapidamente do que ele esperava, e o homenzinho parecido com um gnomo com orelhas de morcego o saudou. Malcolm ficou desapontado. Gostava que Lilith abrisse a porta para ele. Ainda assim, por outro lado, gostava de vê-la de pé, alta e ereta ao lado do fogo enquanto ele caminhava até onde ela se encontrava, atravessando toda a extensão do aposento luxuoso. Talvez, depois de tudo, valesse a pena adiar as boas-vindas na porta para poder ter a sensação de aproximar-se dela enquanto ela o esperava; e sentir o magnetismo de sua presença acentuar-se cada vez mais, à medida que se aproximava.

O homenzinho deixou-o entrar sozinho no salão e, quando se voltou, depois de fechar as portas, Malcolm viu, como adivinhava que veria, a alta e graciosa silhueta da mulher que o aguardava. Contudo, como não acontecia em seus devaneios, ele ficou

tomado, como sempre, por uma agonia de timidez. Atravessou desleixada e rapidamente o amplo parquete, perturbando com seu passo pesado a tranqüilidade do aposento, como uma pedra arremessada na placidez de um tanque. Aproximou-se da mulher que o esperava, e ficou ali, parado, sem saber o que fazer. Queria pegar-lhe a mão, mas não se decidia a fazê-lo. Queria dizer-lhe como estava contente por estar ali; entretanto, as palavras não lhe vinham. Malcolm observara-se pela manhã, quando dava o nó da gravata: a gravata estava pegajosa, o colarinho pufido. O rosto estava enrugado e feio, mal-humorado. Diziam-lhe a todo instante que suas maneiras eram desagradáveis. Como podia ter esperança de agradar aquela bela mulher e conservar a amizade que lhe fora oferecida tão generosamente? Por que ela lhe dera essa amizade? Ele não sabia. Estava além da sua compreensão. Apenas o conhecimento de que ela estenderia a mão e o guiaria através daquele golfo é que permitia que ele enfrentasse a agonia por que passava cada vez que voltava depois de uma ausência.

A branca mão firme apareceu, e ele a tomou entre as suas; os dois ficaram assim sem falar por um momento, porém toda a emoção concentrada e acumulada estava se libertando nele e, dirigindo-se para ela, extravasava.

— Como vai? — perguntou ela, com aquela voz profunda, aveludada, de contralto de que ele tanto gostava, com os olhos sorrindo para ele.

— Muito melhor por ver você — respondeu Malcolm, estreitando-lhe a mão. — Então, houve chá, e cigarros, e tranqüilidade, e calor ao pé do fogo. Ele se recostou na cadeira funda, em meio às almofadas, e observou o fogo, sentindo-a a seu lado. Dentro em pouco, a animação voltou, e ele quis falar e contar-lhe coisas. Seu complexo de inferioridade desapareceu. Coisas como sua reputação internacional e seus títulos F.R.S. e o F.R.C.P. nunca lhe passavam pela cabeça. Ele só pensava em si mesmo como um brutamontes feio e desajeitado que estava sempre fazendo a coisa errada. Quando tudo começou a mudar, ele encontrou a própria virilidade, o bem-estar, uma visão mais ampla das coisas, e essa alegria que havia feito os filhos da manhã gritarem juntos. Então, ele abandonou o mundo e entrou numa nova vida, com uma personalidade nova. Sentiu dentro de si o alvorecer de novas forças

- e tudo isso fazia parte da magia de Lilith Le Fay, a quem o mundo que Malcolm abandonara teria chamado de corrompida.

Ele a fitou enquanto estava sentada, tranqüila, iluminada pelo fogo da lareira; seu perfil levemente assírio voltou-se para ele; suas mãos com os grandes anéis repousavam nos braços da poltrona; os pés calçados em chinelos prateados descansavam na borda da grande lareira. Era a coisa mais bonita que havia visto na vida. Grandes quadros e música grandiosa não se comparavam a ela. Lilith Le Fay ensinara-lhe o significado e o valor da beleza; e uma vez que esta enriquece a alma, ele aplicara a lição no relacionamento dos dois.

Malcolm havia desistido de suas consultas matinais aos sábados e estaria livre até segunda-feira. Lilith nunca lhe adiantava o que pretendia fazer, porém ele tinha o pressentimento de que desta vez seria importante. Ele sabia que era lua cheia, que a maré estava alta, que o Equinócio Vernal se aproximava e sentiu uma apreensão antecipada. Ele nunca ficava realmente à vontade com Lilith Le Fay, a não ser quando estava trabalhando com ela nos rituais estranhos em que quase estava se tornando um *expert*. Sua magia logo poderia competir com a dela. Malcolm sabia agora como enviar o poder para fora e como recebê-lo de volta, quando ela o devolvesse a ele. Se apenas... se apenas ele conseguisse vencer a sua timidez com relação àquela mulher e ficasse absolutamente à vontade e seguro de si mesmo e dela - que possibilidades se abririam diante deles! E esta noite, quando ele sabia que o grande acontecimento estava por vir, um sério ataque de timidez o acometera.

A mulher, sentada calmamente do outro lado da lareira, estava bem ciente disso. Contudo, podia olhar através do coração do homem e não se sentia perturbada de forma alguma. Não obstante, ela sabia perfeitamente que a falta de confiança e a timidez de Malcolm tornavam seu trabalho de magia incerto e impediam que o poder passasse através deles da forma como deveria. Se ele fosse por demais impiedoso, ou de uma total falta de escrúpulos, ou, ao menos, integralmente seguro de sua técnica e impessoal em relação com ela, a magia teria funcionado de modo regular. Era a consciência dele que o estava transformando num covarde, como ela sempre temera que acontecesse.

Como ela conseguiria penetrar nessa inibição e liberá-lo sem deixar solta uma avalanche de emoções? Se ela fizesse Malcolm perder a cabeça apenas uma vez, a vida para ele não teria mais valor, a não ser que se entregasse a ele: e isso estragaria a magia, porque esta é trabalhada a partir da tensão. Só lhe restava fazer o que fizera anteriormente - usá-lo de modo cruel e impiedoso, apesar de haver compaixão em sua alma. Era o melhor a fazer, pois um casamento com Malcolm estava fora de questão e uma ligação amorosa não o contentaria.

Teria sido a coisa mais fácil do mundo romper a barreira que existia entre eles, se ela houvesse escolhido o caminho direto; bastaria que estendesse a mão e o acariciasse. Porém as reações desencadeadas teriam de ser consideradas, e essas não seriam justas para o homem. Ela precisava deixá-lo lutar o melhor que pudesse e confiar que as inibições diminuíssem quando o poder chegasse através do ritual. Além de tudo, era a melhor maneira de trabalhar, maneira pela qual sempre haviam trabalhado nos velhos templos, onde as sacerdotisas eram levadas da Casa das Virgens apenas para os propósitos do ritual. Ela não podia satisfazer aquele homem como homem e trabalhar ao mesmo tempo com ele na magia.

Os dois compartilharam uma leve refeição noturna - e isso era tudo o que era permitido quando havia trabalho a realizar - e, em seguida, voltaram para junto do fogo, para o café e para fumar os cigarros. Enquanto estiveram sentados sob a luz difusa das lâmpadas de leitura, o silêncio tornou-se maiores entre eles, até que ambos puseram-se a olhar para o fogo, esquecidos um do outro.

CAPÍTULO XVII

Finalmente, a mulher falou.

– A maré deve estar subindo agora. Suponho que estejam esperando uma enchente, pois vi os sacos de areia ao longo de toda a Grosvenor Road.

O homem levantou-se e olhou para ela.

– A lua também está surgindo – acrescentou ela. – Logo ela irá clarear os telhados das casas e entrará brilhando no quarto.

Eles esperaram em silêncio por mais outra meia hora. Então, uma névoa prateada começou a aparecer na parte superior da grande janela ocidental, e um longo raio de luar entrou furtivamente, esparramando-se como uma lagoa no brilhante chão negro.

– O poder está começando a se concentrar – disse Lilith Le Fay. – Vamos nos trocar?

Sem dizer palavra, o homem saiu para o espaçoso banheiro todo brilhante de mármore negro e prata que tanto o espantara da primeira vez em que o vira. Ali, o colarinho e a gravata, os sapatos e as roupas logo estavam no chão num amontoado desordenado. Nu em pêlo, diante do grande espelho, Malcolm examinou-se com olhos críticos. Achou que ficava muito melhor sem as roupas do que vestido. Sua experiência em nus vinha das salas de anatomia. Assim, avaliou o seu corpo muito mais com os olhos de um anatomista do que com os de um artista; porém o que viu proporcionou-lhe satisfação: era um bom espécime do animal homem. Sua própria força o atraía.

Passou-lhe pelo pensamento que a mulher no andar superior poderia estar fazendo um exame semelhante diante do outro grande espelho, à medida que se desnudava em preparação para o ritual. Apressadamente, desviou seu pensamento de idéias daquele tipo. No entanto a mente ainda é mais indisciplinada que a

Língua e, embora pudesse aprimorar e intelectualizar suas idéias, elas ainda brincavam com o mesmo tema.

– Como somos diametralmente diferentes de todas as maneiras – pensou ele, enquanto se envolvia na túnica. Sou loiro, ela é morena; sou atarracado, ela é esbelta. Sou tão rude como os homens costumam ser, e ela é tudo o que existe de sofisticado. Sou um pouco como um gorila, e ela... não, ela não é nenhuma das coisas com as quais as mulheres habitualmente são comparadas. Ela é mais semelhante a uma águia, ou a uma serpente, ou a um leopardo.

Malcolm olhou pensativamente para o próprio rosto ao ajustar as dobras do toucado.

– Está certo, sou o sacerdote carniceiro – pensou. – Como, no mundo, nos arranjaremos para manter a paz, ela e eu? Ela é tudo o que eu não sou.

Malcolm parou para calçar as sandálias douradas nos pés tendinosos. Em seguida, endireitando-se, olhou-se novamente no espelho.

– Sim, por Deus, eu *sou* o sacerdote! – disse para si mesmo, quando viu diante dele uma imagem que lembrava a encarnação do impiedoso poder elemental.

– Sou um tipo primitivo – pensou. – Gostaria de saber se essa é a razão pela qual Lilith tem uma utilidade para mim. Creio que é.

Então, ele se virou e passou pela porta de comunicação para o dormitório vazio da mulher que amava.

Parou e olhou em volta, notando todo o luxo das sedas.

– A própria essência da feminilidade – ajuizou – e, ainda assim, ela não é inteiramente feminina. Há nela algo curiosamente masculino.

Malcolm sentiu o espesso e macio tapete branco em volta das tiras das sandálias quando atravessou a estante de canto que dissimulava a entrada para a parte oculta da construção.

– Eu gostaria de saber o que teria ocorrido – pensou ele, enquanto subia as escadas – se houvesse sido criado de modo diferente. Como seriam as coisas, supondo-se que eu não tivesse nenhuma consciência? E se não tivesse me importado com o que fazia para obter as coisas que desejava? E se nos meus casos

amorosos eu houvesse adotado a mesma conduta impiedosa que tive em meu trabalho? Gostaria de saber onde teria chegado. Que tipo de experiências teria? Que tipo de homem teria me tornado? Um homem muito diferente do que sou agora, desconfio. Dá-me-se tudo isso – tive menos que meia vida!

Por natureza, Malcolm era um indivíduo truculento que atacaria qualquer pessoa ou qualquer dificuldade que aparecesse em seu caminho. Contudo, estava aterrorizado com as forças ocultas que não ousava arriscar-se desencadear. Sabia que Lilith Le Fay não tinha medo de homem, de deus ou do diabo, e que ela intrepidamente enfrentaria os seus demônios e, na verdade, os utilizaria no seu serviço. Não obstante, recusava-se a deixá-los soltos sobre ela. Ainda assim, durante todo o tempo, ele sabia que era com a força elemental dele que Lilith queria trabalhar e que, se não a desencadeasse, não teria nenhuma utilidade para ela.

Malcolm atravessou o quarto de vestir e notou, deitada sobre uma cadeira, a brilhante roupagem cinza-pérola, com suas pregas, ocultando parcialmente uma pilha de *chiffon* e babados. Pela primeira vez, ao ver naquele instante o amontoado de roupas na cadeira, compreendeu como ela podia se desnudar por completo de sua personalidade humana quando assumia as vestes simbólicas, para prosseguir como a personificação da força. Como tal, e apenas como tal, ela queria ser vista por ele; ainda assim, como poderia ele fazer uma separação entre a força e a mulher? Ele não sabia. Ele não podia fazê-lo. No todo, ela significava muito para ele.

Malcolm bateu delicadamente à porta do templo. Esta se abriu, e ele viu o braço de Lilith Le Fay afastar a cortina para ele entrar. Entrou, atravessou a sala e ficou em pé, com as costas voltadas para ela, descansando as mãos no veludo negro da toalha do altar no pequeno círculo de luz desenhado por uma lâmpada.

– Que par de mãos de estrangulador! – pensou, enquanto permanecia parado, olhando para elas. Notou que os Pilares do Equilíbrio haviam sido mudados de posição e estavam um de cada lado dele.

Malcolm ouviu um sino soar delicadamente nove vezes e depois um suave farfalhar de roupas, quando a mulher passou por ele. Todavia não ergueu os olhos. Então, um par de mãos apareceu no círculo de luz diante das suas.

De nenhum modo eram mãos delicadas, apesar de terem dedos longos e flexíveis. Os anéis bizarros, que habitualmente serviam de enfeite, haviam sido removidos e, da mesma forma, o esmalte das unhas. Eram apenas um par de mãos de mulher, de músculos firmes e pele branca.

Então, essas mãos se ergueram e a mulher deu um passo afastando-se do altar. Ele também retrocedeu um passo e ergueu as mãos, conforme exigia o ritual. E, obedecendo aos mesmos ritos, ele levantou os olhos e olhou para os dela.

Eram olhos inexpressivamente calmos e indiferentes. Nada havia nela da mulher humana; ali estava meramente a sacerdotisa. Ela se importava apenas e unicamente com uma coisa: com a estranha força a que servia. A súbita constatação desse fato fez surgir em Malcolm uma onda de intensa amargura. Por que deveria frustrar-se assim? Por que a vida o iludia? Ele, um homem, tinha direito a uma vida de homem apenas por ser um homem. A vida lhe devia isso, e ele o reclamava. Recebera negativas e frustrações suficientes do código social. Queria uma mulher – aquela mulher – e ele a teria se pudesse. Alguma coisa elementalmente selvagem levantou-se dentro dele. Uma coisa que sempre soubera existir e que sentia que era perigosa – tanto para ele como para ela. Ele a usara antes, em contendas científicas, porém nunca em negócios pessoais, e nunca com uma mulher. Mas estava se extravasando agora, e ele estava encorajando essa força, pois estava cansado de frustrações e de abstinências e repudiou o código que as impusera.

Esqueceu-se de todo o ritual. Aquilo não era um ritual, mas uma realidade. A mulher que olhava para ele do outro lado do altar personificava tudo o que estivera faltando em sua vida. Ela não era mais a srta. Le Fay, que ele respeitava, a Lilith que ele amava. Era simplesmente uma mulher que representava todas as mulheres e tinha em suas mãos aquilo que todas as mulheres dão ou negam aos homens. Naquele momento, ele representava todos os homens que alguma vez tivessem sido contrariados, frustrados e injustiçados pelo egoísmo, pela ignorância e pela covardia das mulheres. Portanto, ela deveria pagar-lhe e, não apenas pelas suas próprias injustiças, mas pelas injustiças feitas a todos os homens igualmente frustrados.

Havia nele uma fúria de rebelião pronta a lutar e a continuar lutando contra o que ele sentia ser uma falsidade, uma injustiça. O que nele era natural tinha os seus direitos, no que se referia à sociedade; e a sociedade o havia defraudado, enganado, e ele, por fim, se rebelava.

Os níveis primitivos, arquetípicos e subliminares de consciência tinham vindo à tona, pondo-se de acordo com a sua mente racional. Sua inteligência estava a serviço de seus impulsos subconscientes. Malcolm era um ser elemental poderoso; homem primitivo sintonizado com a Natureza, com o impulso de toda uma vida atrás de si. Olhando por certo prisma, estava se descontrolando e era perigosamente tão selvagem como o homem que qualquer mulher poderia encontrar frente a frente numa casa vazia. Olhando de outro ponto de vista, estava atraindo o fogo do céu, que, como sempre, era um fogo roubado.

Seus curiosos olhos apagados brilhavam como gelo em seu rosto semelhante a uma máscara, cuja pele pálida começava a ficar lustrosa de suor. Aqueles eram os olhos de um homem enlouquecido, ou de um viking invencível. A mulher que o observava do outro lado do altar viu sua mão dirigir-se para os quadris e percebeu que ele buscava a faca de bronze em formato de folha que deveria estar pendurada num largo cinto de couro afivelado em volta dos rins. Sentiu também que os níveis de consciência estavam se fundindo – o subliminar e o superliminar. No momento, Malcolm poderia ser um selvagem perigoso, todavia ele era também um poderoso mago. Lilith Le Fay admitia a existência de uma linha divisória bastante estreita entre uma experiência muito obscena nas mãos de Malcolm e uma potente peça de magia. E, deliberadamente, assumiu o risco.

Malcolm e ela estavam se observando como dois duelistas. O poder se desviara para o nível pessoal e agora tinha de ser usado nesse nível; devia ser recolhido, estabilizado e alçado novamente para os planos. Lilith Le Fay viu que ele se desviava polegada a polegada para a esquerda, e sabia que num minuto haveria uma investida em volta do altar. Se falasse, poderia romper o encanto, o encanto da concentração primitiva. Isso traria o homem de volta à normalidade; porém, ela não desejava romper o encanto, e não falou. Em vez disso, ela mesma começou a se

mover vagorosamente para se postar do outro lado do altar de modo que este ficasse entre eles. A luz trêmula e a espiral ascendente de incenso seriam uma barreira eficaz contra a maré de força elemental que vinha surgindo das profundezas, através dos canais abertos pelo desencadeamento das paixões de Malcolm.

Agora, eles haviam trocado de lugar: a mulher estava do lado ocidental e o homem do lado oriental com o espelho atrás de si. Quando ela chegou ao lado leste, o lugar do sacerdote, uma mudança aconteceu com ele – parecia que todos os diferentes níveis de consciência se haviam focalizado e se unido, de forma que o passado reviveu novamente em sua alma e o futuro lhe veio à visão: ele era o sacerdote que havia sido banido, e o grande adepto que viria a ser, e o adepto fora construído a partir do renegado.

Como em certa ocasião anterior, a mulher que ele amava estava sozinha com ele no *Sancta sanctorum*, escondido dos olhos dos profanos pelo véu com que Ísis sempre encobre Suas ações. Desta vez, porém, ele não viera como um ladrão durante a noite, mas estava ali pela convocação da Deusa; estava ali por direito, em seu próprio lugar, fazendo o trabalho para o qual tinha sido enviado. Era um trabalho terrível – trabalho sacrificial – mas ele o faria com toda a higiene, com as mãos limpas.

Malcolm sabia: havia descido aos infernos, deixando soltas as forças elementais que deveriam suprir o poder, estímulo da magia. Ele precisara fazê-lo como homem e como sacerdote, pois os dois eram inseparáveis na magia. Teve de confiar na mulher que o encarava do outro lado do altar, a summa sacerdotisa, para lidar com as forças desencadeadas e para, com o conhecimento dela e pelo seu poder, transmutá-las em magia num arco mais elevado.

Malcolm olhou dentro dos olhos dela, através da fumaça do incenso que subia do altar, e notou que estavam muito tranquilos e firmes. Ela parecia estar num centro de calma no coração do ciclone que ele deixara solto à sua volta e em torno dela. Estava ereta, firme nas suas pernas entre os pilares do equilíbrio, e bem à vontade, as mãos pousadas de leve sobre o altar, as palmas viradas para baixo, enquanto as suas agarravam-se ao altar como se ele estivesse para pular. Ela não estava ajudando com a

magia dos elementos; essa era a tarefa de um sacerdote dos holocaustos. Ela estava esperando, como suma sacerdotisa, que ele fizesse a sua parte e transmitisse para ela as forças que havia invocado das profundezas.

O quarto sumiu de vista e o homem se viu na caverna da Ísis Negra, cumprindo o grande ritual que apenas era cumprido uma vez a cada quatro anos. As pessoas podiam chamá-lo de magia negra, porém ele sabia que não era mau, embora um homem estivesse deitado morto sobre o altar. Ainda assim, era simplesmente o poder elemental em estado natural. Se os homens o tivessem deixado nesse nível, teria sido mau; contudo eles não o deixariam ali. A suma sacerdotisa tomaria dele o poder que transmudaria e o levaria com ela para o templo da Grande Ísis, onde ele fluiria para fora através da cortina do *Sancta sanctorum*, como um raio de luar, e reanimaria a forma mumificada da Deusa que jazia entre as esfinges, pois assim era feita a magia. Para isso é que o *Sancta sanctorum* permanecia vazio.

A mulher que o estava observando percebeu a mudança que se operava nele e se preparou para enfrentá-la. Sua mente também voltou para a escura caverna-templo e para o sombrio sacerdote renegado que a havia desejado e que se destruíra para conseguí-la. Notavam-se traços de grandiosidade naquele homem, como ambos, ela e o grande sumo sacerdote haviam reconhecido, apesar de o tempo ainda não estar maduro.

Então, sua mente se abriu para uma outra cena que ela jamais tinha visto antes: a cena da tortura, quando, por meios mágicos, o espírito dela fora chamado de volta para enfrentar o homem que causara a sua morte e para forçá-lo a uma confissão. O sumo sacerdote, porém, tivera mais discernimento do que os juízes, e ela e ele, encarando-se através do corpo do homem abatido na mesa de torturas, haviam concordado que chegara o tempo assinalado. E à sua mente veio uma outra cena estranhamente contrastante: o consultório na Wimpole Street, onde Malcolm tinha se entregado, onde ele finalmente havia ingressado naquela outra vida depois de longas horas de tortura; e pareceu-lhe que a recapitulação fora feita, e que daquela hora em diante a magia havia começado.

Ela sabia que Malcolm trocara o nível de consciência e que se encontrava agora num estado hipnoidal, sem perceber, portanto, que ainda estava no quarto. Cabia a ela ficar firme, controlando o ritual, permanecendo estável no plano físico, lidando com as forças. Ela encarou fixamente aqueles olhos cravados nos dela com intensidade hipnótica. O rosto do homem não parecia ser de carne e sangue, mas uma máscara de alabastro onde olhos brilhantes haviam sido incrustados. Ele era muito mais o sacerdote e nem de leve lembrava o homem que havia perdido a cabeça. Simplesmente não era ele, que se apossava de tudo o que queria; tratava-se de um ritualista num ritual, representando alguma coisa maior que ele próprio, representando todos os homens cujas vidas haviam sido injustiçadas. Em sua própria pessoa ele estava rompendo magicamente com a escravidão que lhes fora imposta. Aquilo que ele estava experimentando, havia sido ligado às forças cósmicas pelo conhecimento da mulher que estava se utilizando dele, e desta forma tornara-se mágico. O que estava acontecendo era primitivo, arcaico, terrível e, ainda assim, tão sagrado e espiritual, a seu modo, como qualquer das virtudes teológicas. Era a base elemental sobre a qual fora construída a estrutura da vida, sem a qual a vida não poderia existir, mesmo que o ignoremos intencionalmente. E ela, a mulher, tinha de constatar a sua validade.

Ela colocou as mãos de cada lado da lâmpada do altar, e ele as alcançou, pegando-a pelos pulsos. Então, ela surpreendeu-se olhando bem de perto para aqueles olhos brilhantes, mortiços e inexpressivos. Agora, não havia como escapar: Malcolm a havia apanhado, para fazer dela o que quisesse. Entre eles, porém, havia o foco sagrado da chama e a espiral ascendente do incenso; e o ritual era sagrado.

Ela não sentia medo, apenas uma espécie de tensão; e Malcolm, ela podia ver, não tinha nem dúvidas nem inibições. Ela sabia, entretanto, com sua experiência, que a magia devia ser efetivada no astral e que, se viesse a se desencadear no plano físico, seria invalidada. Ela ficou imaginando se Malcolm saberia disso e compreendeu que era impossível que ele o soubesse com a mente consciente. Não obstante, junto com a lembrança das encarnações passadas, o conhecimento poderia estar adormecido no seu subconsciente e dar-lhe orientação. E, à medida que os mi-

ntos se passavam e ele não se movia, ela sentia-se cada vez mais segura de que era a partir dos nfeis arcaicos que ele estava trabalhando, e que as antigas lembranças guiariam as energias elementais que estavam brotando dentro dele.

E ainda enquanto ela observava, o espelho pareceu abrir-se e um outro mundo surgiu. Ela e o sacerdote trabalhando do lado oposto eram grandes formas de luz, os pés nas tenebrosas profundezas caóticas, as cabeças no espaço estrelado; entre eles, a terra como um altar e suas mãos unidas sobre ele. Malcolm segurava-a pelos pulsos, mas não com força, e ela curvou suas mãos pelo lado interno das dele, segurando-o também pelos pulsos. E ambos ficaram parados assim, enquanto as forças redemoinhavam a seu redor. Ela estava consciente da pulsação rítmica existente no espaço. Com um lado da mente, sabia que se tratava dos batimentos do pulso de Malcolm o que ela estava sentindo e, com o outro lado da mente, ela sabia que era a pulsação do ritmo cósmico. Ela também entendia que aquelas coisas não eram duas coisas, mas uma só, e que a pulsação do sangue do homem estava unida à pulsação da força primordial.

Pareceu-lhe, então, que eles se alçavam no espaço, até que o altar da terra não mais se interpunha entre os dois. Havia uma névoa de luz prateada em torno deles, como uma névoa de luar, e ela percebeu que se tratava do magnetismo fornecido por Malcolm.

Em seguida, no plano da terra, viu o duplo etérico do homem projetar-se de sua forma física e colocar-se diante dela, rosto contra rosto. Ele aproximou-se mais, ela sentiu o frio da prata que começou a fundir-se com ela. O duplo etérico se uniu com ela, foi absorvido por ela. Na visão que eles compartilhavam, ambos estavam pendurados no espaço elevado no meio das estrelas. Era como se os dois tivessem subido em asas poderosas, analogamente ao vôo nupcial das abelhas.

Assim, a tensão se desfez, o poder se recolheu, e eles voltaram devagar para a terra. Ela viu Malcolm apoiando-se com ambas as mãos no altar, com o suor pingando do queixo. Lentamente faltaram-lhe as forças, e ele caiu sobre os joelhos, segurando-se com uma das mãos e cobrindo o rosto com a outra. Ela deu a volta ao altar e segurou-o pelos ombros, suportando o seu peso

enquanto ele caía ao chão. Malcolm descansou alguns minutos na posição do gladiador moribundo, até que seu cotovelo cedeu embaixo do corpo, e ele se deitou diretamente no chão. Ela sabia muito bem que ele não estava morto; qualquer outra pessoa, porém, teria duvidado se ainda restava alguma vida nele.

Com calma, a mulher arrumou-lhe os membros como se fosse para um funeral, cruzando-lhe as mãos sobre o peito, e sentou-se atrás de sua cabeça colocando-a em seu regaço. Ela pôs a palma das mãos uma de cada lado do rosto dele; sentou-se como os deuses hindus e esperou. O homem mal parecia respirar. A mulher parecia tranqüila. Era absoluto o silêncio naquele aposento sagrado.

Lenta e gradativamente, ela sentiu a vida tornando a fluir naquele corpo que se apoiava contra os seus joelhos. Ela sabia que agora Malcolm estava dormindo e que, com a aurora, despertaria.

As horas se passaram, e não se ouviu um som, nenhuma agitação na quietude do aposento. O incenso acabara de queimar e as lamparinas estavam terminando de arder. Então, finalmente, o leve som dos rebocadores apitando no rio penetrou o silêncio. O homem se mexeu levemente; contudo, a mulher ainda esperava.

Malcolm suspirou e mudou de posição, deitando-se tranqüilamente outra vez. Ela sabia, no entanto, que ele estava acordado e consciente do que acontecera. Ela ficou imaginando se ele percebera, ou não, que sua cabeça repousava nos seus joelhos. Então, um par de mãos se ergueu e cobriu as mãos que haviam amparado a sua cabeça durante toda a noite.

– Você me mostrou o caminho para a Porta sem Chave – disse ele.

Ela não respondeu, mas demonstrou que ouvira com uma ligeira pressão dos dedos em sua face. A quietude voltou ao aposento, uma tranqüilidade animada.

Por fim, o homem falou, de volta uma vez mais à terra.

– Não posso permanecer indefinidamente desta maneira, posso Liliith? Terei de me pôr em atividade a qualquer momento. Todavia, tenho de fazer um esforço tremendo. Creio que estive fora, num lugar bem distante. E você, minha querida? Como estão as coisas com você?

– Comigo está tudo bem – replicou ela –, pois cumpri o que havia planejado.

– Senti que isso havia acontecido – disse ele – e não estou preocupado com isso.

Lentamente e com relutância, Malcolm ergueu-se, sentou-se na cama e se virou parcialmente para olhar para a mulher que continuava sentada como uma deusa hindu e que não havia se movido.

– Como é que você está? – ele perguntou.

– Comigo tudo bem – respondeu ela novamente.

– Pode ser; contudo, você pagou por isso. Você pagou o preço por esta noite de trabalho.

– Da mesma forma que você.

– Oh, sim, ambos pagamos. Tudo tem seu preço. Não me lastimo e não creio que faça isso tampouco. Você se parece com alguém que sofreu uma hemorragia grave, Lilith. Vi pessoas, depois de uma operação séria, em melhor estado do que você. Deixe-me cuidar de você. Estou começando a sentir minhas forças voltarem a cada minuto que passa.

Ele ergueu-se e, dando a volta por trás de onde ela continuava sentada – posição em que estivera durante toda a noite –, ereta e sem apoio, colocou os braços em torno dela.

– Recoste-se em mim – pediu ele. Ela obedeceu, sorrindo. Ele a olhou.

– Meu Deus, como você está mudando. Parece tão serena e adorável!

– A vida está voltando para mim também – afirmou ela.

– Vejo que está. Nunca vi ninguém mudar tão rapidamente. Você parecia a sua própria múmia, Lilith, assim que acordei pela primeira vez. Agora se parece com uma jovem. Sei que não é, porém é o que parece. Um frescor, uma espécie de frescor orvalhado, semelhante a uma flor.

Passado um tempo, Lilith tirou seu peso do joelho dele.

– Eu também preciso me levantar – ponderou ela. Com relutância, ele a libertou e ajudou-a a se levantar.

– Tive uma experiência – constatou o homem – e acho que nunca será repetida.

– Não, ela não pode ser repetida – confirmou a mulher. – Fizemos a primeira parte daquilo que nos propúnhamos. A experiência está encerrada.

– *Consummatum est*. Vire para baixo o copo vazio – disse o homem. – Eu sei, eu quase chego a compreender. Estou muito contente com o seu êxito, querida, e estou contente por ter sido capaz de ajudá-la.

– Deus o abençoe; foi uma grande experiência. Eu não a teria perdido por nada.

Lilith olhou firmemente nos olhos dele sem falar por um momento. Então, disse:

– Tenho de agradecer-lhe. Fizemos aquilo que nos propuemos a fazer. Existe agora no mundo alguma coisa que não existia antes, e ela se desenvolverá à sua própria maneira.

– Está na hora de eu partir, não é? – perguntou o homem.

Lilith hesitou e, virando-se de costas, ficou observando o grande espelho, como se ele se abrisse para um outro mundo e ela estivesse se comunicando com o que se movia em seu interior. Por fim, ela se voltou e o encarou, como se aquilo com que se comunicara lhe houvesse dado um conselho.

– Não quero que você seja infeliz – falou-lhe. O homem não respondeu, mas permaneceu em silêncio, olhando fixamente para ela. De alguma forma indefinida, ele parecia ter-se distanciado e se tornado apático, como se já se tivesse libertado dela.

Lilith afastou-se e mirou-se novamente no grande espelho, como se paisagens distantes se descortinassem nas sombras. À medida que o homem a observava, ela pareceu tornar-se imensa, disforme, primordial, como a mulher do seu sonho talhada na rocha. Por um momento, ele pensou que ela fosse desaparecer, dissolvendo-se naquele feitiço de nuvem. Então, os olhos dele ajustaram o foco e ele recobrou os contornos ásperos da realidade. Mesmo assim, esta parecia diferente. Os contornos eram mais delineados, as cores mais brilhantes do que as reais. Era como se Lilith estivesse cercada de luz. As dobras soltas de suas vestes sacerdotais caíam em linhas retas, e sua cabeça se alteava acima delas com uma majestade que não precisava de ornato em forma de coroa para torná-la nobre e sacerdotal.

– Nunca pertenci a homem nenhum e nunca pertencerei – disse ela tranquilamente – apesar de muitos homens me terem conhecido. Tenho sido chamada de Prostituta Cósmica, de Virgem Eterna. Ambos os nomes estão corretos a meu respeito, todavia não se pode esperar que você compreenda isso. Para você, eu sou a mulher que ama. E eu também o amo, à minha maneira, porém eu sou uma sacerdotisa que vive isolada; não sou de todo humana. Há dois lados em mim – um que se senta, costura e conversa com você junto à lareira, e outro lado que vem até aqui e cumpre os rituais.

– Posso completar sua virilidade – mais do que consiga sonhar ou acreditar, mesmo que não possa me possuir. Gostaria de lhe mostrar o que uma mulher pode ser para um homem. Você merece isso. Você se absteve durante tanto tempo.

Uma vivacidade extraordinária apareceu no rosto de Lilith, irradiando uma onda de magnetismo. – Gostaria de mostrar-lhe, Rupert, pois eu conheço – eu conheço tanta coisa!

Malcolm permaneceu em silêncio.

– Lembra-se da história de Eros e de Psiquê? Trata-se de uma história real, Rupert, uma história extremamente verdadeira. Lembra-se das condições em que Eros se encontrava com ela? Ele vinha até ela à noite, no escuro, e ela nunca deveria ver-lhe o rosto. Ela podia manter o Amor em seus braços, porém jamais deveria tentar possuí-lo. E acontece assim conosco, que somos iniciados. Conosco é diferente do que com os que nascem pela primeira vez, pois pertencemos a um Outro Lugar. Vivemos no Eu superior. Para mim, a pessoa que você conhece como Lilith Le Fay é apenas uma pequena parte do meu eu. Ela é a minha *persona*, a minha máscara, que eu uso como os atores gregos o fazem, para os papéis que eles têm de representar nos dramas sagrados. Minha personalidade é a máscara que fiz para mim mesma, para o papel que devo representar neste drama, que também é sagrado. Contudo, você não compreende isso, Rupert, porque vive no seu eu inferior; você não conhece “a alma que viaja nas grandes distâncias”.

– Deve confiar no que digo – continuou. – Precisamos, cada um de nós, obedecer às leis de nossa própria natureza. Nenhum de nós pode fazer de outro modo e continuar autêntico.

Você tem de viver neste mundo, e eu tenho de viver em dois mundos, e isto é o melhor que posso lhe oferecer. Unir-me-ei a você de outra maneira: indo e vindo a meu modo. Eu, que sou todas as mulheres, posso me dar à virilidade que existe em você, e posso satisfazê-la, e posso fazer mais do que isso: posso devolvê-la à divindade. Isso o deixará contente, Rupert?

– Eu não sei Lilith, não sei: não pretendo ser um iniciado. Simplesmente amo você e quero ser feliz com você, isso é tudo.

– Farei você feliz, porém não deve tentar possuir-me.

– A posse é um instinto muito forte em alguns homens. É a sua noção do amor.

– É uma noção falsa. Ninguém pode possuir alguém sem destruí-lo. É por isso que os casamentos são temporários. Uma das partes fica apenas parcialmente satisfeita e a outra parcialmente destruída. A alma que viaja longas distâncias precisa ser livre, indo e vindo na sua própria esfera. Deixe-nos aprender a amar da forma como amam os que estão livres da Roda de Nascimentos e de Mortes.

Ela segurou-o por ambos os ombros, com os olhos brilhando.

– Rupert, faça isso comigo! É a próxima fase do trabalho de magia – a próxima coisa que deve ser trazida à manifestação. Faça-o comigo, e não precisaremos nos separar ainda.

Ele a olhou com um ar cansado. – Duvido que eu tenha forças para mais alguma coisa, Lilith – disse ele.

– Você tem, você tem! – gritou a mulher, com as faces coradas e os olhos brilhantes. – Isso lhe dará forças assim como o outro trabalho lhe deu a paz. Faça isso comigo, estará tudo bem. Confie em mim, pois eu sei!

O homem relutou por um momento. Em seguida, observou:

– Minha querida, farei tudo o que disser, você sabe que farei. – Malcolm encostou a cabeça no ombro dela, e ela o amparou.

CAPÍTULO XVIII

Malcolm continuou a trabalhar no hospital numa espécie de aturdimento. O chão se abria sob os seus pés e ele não poderia estar mais confuso. Em seu coração, ele jamais acreditara que a mulher que amava lhe faria aquela estranha proposta. Ele deveria – como supunha – ser grato por isso, e de certa forma era. Porém, sob outro aspecto, o fato o assustava.

Lilith Le Fay era muito bonita, muito sofisticada, uma mulher cheia de vida; inteiramente emancipada e com uma experiência de vida, a cujo respeito ele achara melhor não fazer perguntas. Malcolm se indagava, falando francamente, se seria capaz de dar conta de seu papel, ou se estaria correndo o risco de sofrer outra desilusão destruidora, exatamente pelo motivo oposto ao original.

Ele reconhecia a inevitabilidade do fator animal em sua própria natureza. Certa vez, ele o considerara um elemento a ser dominado, ou como algo que teria de estar sob o completo controle da vontade. Sua falha em controlá-lo era por ele creditada a uma vontade dividida – era por uma maioria restrita e não por uma votação unânime que ele trilhava o caminho estreito. Um amor ideal, julgava ele, seria aquele que transcendesse os sentidos e, embora admitisse sinceramente que nunca atingiria essas alturas, ele acreditava que num contrato legal de casamento era dever do homem decente manter suas tendências animais dentro dos limites. Ainda que ele mesmo não se recordasse dos dias anteriores ao aparecimento dos anestésicos, havia trabalhado como aluno sob as ordens de homens que se lembravam desses tempos e que gostavam de regalar os alunos com histórias nas quais os porteiros dos hospitais eram escolhidos devido à sua força e os cirurgiões vestiam seus aventalões mais velhos para operar. À luz de uma experiência subsequente, parecia-lhe que esse estado de

coisas ainda não fora extinto, e que a anestesia era tão urgentemente necessária para a concepção como para o parto. Se o casamento tinha sido um choque para sua esposa, para ele fora uma desilusão, e ele carregava cicatrizes tanto quanto ela. Era de todos conhecido o fato de que o cérebro do homem civilizado em desenvolvimento ampliara-lhe a cabeça transformando sua entrada no mundo num belo trabalho de mecânica. Parecia-lhe que, de forma análoga, a mulher se tornara superior à Natureza, enquanto, mais deploravelmente, o homem falhara na própria evolução. Conseqüentemente, ou ele tinha de reprimi-la ou ela tinha de elevá-lo. Até onde podia perceber, a vítima teria de se arranjar do melhor modo possível.

Ele suspeitava de que Lilith Le Fay não tinha a intenção de pegá-lo pelo cangote impenitente e dirigi-lo rumo aos céus. Ela considerava todas essas tentativas um desperdício de energia e ela própria se propunha a encontrá-lo em certo nível. Isso o preocupava muito, pois receava que ela não compreendesse em que nível teria de se encontrar com ele. Ele havia esperado ingenuamente que, com a vinda de um anjo à sua casa, as feras selvagens contra as quais lutara tão virilmente deixariam o Éfeso para sempre e se enroscariam no tapete da lareira; porém, Lilith propusera que as deixasse em liberdade. Bem longe de tirarem proveito de sua recém-adquirida liberdade, entretanto, elas todas pareciam estar deitadas, mortas de choque no fundo de suas jaulas. Malcolm estava desgostosamente inclinado a entrar no primeiro bar pelo qual passasse para tomar um aperitivo, quando fosse para casa ao sair do hospital.

Mais uma vez, estava caminhando ao longo do Aterro, na neblina, seguindo o rumo que o conduzira para tão longe da trilha batida da vida de todos os dias que sentiu que não haveria retorno e que o melhor seria mesmo continuar para ver onde iria chegar. Esse pensamento o enervava um pouco, e quando chegou a Lambeth Bridge, passou para o outro lado do rio.

Atendendo às batidas, a porta se abriu. Emoldurada pelo arco estava Lilith Le Fay. Seu cabelo, que ela até então usara como se fosse uma coroa emoldurando a cabeça magnificamente talhada, estava amarrado num nó grego, na base do pescoço. Suas roupas também não eram as de rico veludo ou brocado, como

aquelas nas quais se acostumara vê-la vestida. Eram de *chiffon* reluzente, como nuvens que encobrissem a lua. Através de sua transparência de névoa, Malcolm podia entrever a anágua prateada. Lilith Le Fay era então, verdadeiramente, uma sacerdotisa da Lua. Ele se sentiu como Actéon com os cães ladrando à sua volta.

Quando tirou o chapéu, a luz da lâmpada incidiu em seu rosto. Lilith fitou-o com seus olhos penetrantes; em seguida, pegou-o pelos ombros e fez com que a encarasse.

– E então? – perguntou.

– Estou bem – respondeu Malcolm, forçando-se a devolver-lhe o olhar. – Tive um dia ocupado no hospital, sabe?

Lilith não disse nada, porém largou-lhe os ombros e, virando-se, caminhou na frente dele até o grande salão, deixando que a acompanhasse à vontade. A única coisa que fazia a situação ser de qualquer forma suportável era a certeza íntima de que de algum modo Lilith Le Fay o faria chegar lá.

Parando sobre o tapete perto da lareira, ele olhou-a taciturnamente, quando ela se voltou para ele.

Lilith colocou novamente a mão sobre seu ombro. – O que é, Rupert? – perguntou.

Ele sorriu contrafeito.

– Acho que sou um tolo – falou Malcolm.

– Acho que é – assentiu ela, e riu com delicadeza, sacudindo-o gentilmente pelo ombro que segurava. – Sente-se – sugeriü – farei um chá para você.

Malcolm deixou-se cair na poltrona, quase desaparecendo no meio das almofadas. Então, apareceu o inevitável maço de cigarros Player e Lilith o deixou fumando tranqüilamente, saindo para providenciar o chá.

Havia um sorriso divertido em seus lábios, enquanto ela lidava com a chaleira. Rupert realmente era uma pessoa muito desconcertante. Ela conhecera Hamlet numa versão moderna, e Rupert Malcolm, quer como grande cientista, quer como grande amante, era invariável e igualmente absurdo. Onde quer que estivesse, fizesse o que fizesse, ele era integralmente ele mesmo, pois nunca lhe ocorrera mudar, e se considerava uma pessoa muito comum, exceto quando estava irado. Nesse caso, ele se transformava subitamente num cruzado invencível.

Observando-o enquanto tomava chá num estado de ânimo que poderia ser considerado como um silêncio mal-humorado, mas que ela sabia ser uma preocupação cismarenta, Lilith compreendeu mais uma vez como ele concordara com o código que o mantivera de mãos atadas. E, mais nitidamente do que nunca, viu como a humanidade construía suas próprias jaulas a partir de uma escravidão interior. Malcolm estava legalmente livre e não tinha de sentir qualquer obrigação moral para com uma mulher que, às custas dele, se fingira de doente durante vinte anos. Ainda assim, ei-lo ali, o viúvo convencional, de luto pela falecida que não havia sido nem um pouco a sua querida e que, para todas as finalidades práticas, havia se separado dele vinte anos atrás. Lilith Le Fay encarou o homem e ficou admirada.

Como se houvesse lido os pensamentos dela, Malcolm indagou: – Compreende que faz menos de uma semana que minha esposa morreu?

– Compreendo – disse Lilith, sem fazer nenhum outro comentário, pois não queria mostrar as cartas e com a sensação de que Malcolm estava usando a mulher morta como uma espécie de dama de companhia.

Lilith sentou-se apoiando a mão no queixo e olhando para o fogo, enquanto Malcolm sorvia a terceira xícara de chá. Estava dividida entre o desejo de dar-lhe uma boa sacudidela e o conhecimento de que seu trabalho com ele ainda não havia terminado; ainda não era a hora de aposentar as armas e entrar na paz do sábado. Se abandonasse Malcolm para que fizesse o que bem entendesse, ele voltaria à sua velha, miserável e rotineira existência. Pensar em fazer isso causava-lhe mágoa.

Nunca, pensava, tinham estado tão separados um do outro, desde o dia em que Malcolm estivera olhando raivosamente para ela por trás de sua escrivinha em Wimpole Street e ela havia usado o seu conhecimento para dominá-lo – para o seu próprio bem e no interesse da Grande Ísis, que precisava dele. Malcolm havia sido usado e agora precisava ser pago. A despeito dele, ela o tinha feito servir; a despeito dele, ela o levaria ao porto seguro.

Lilith olhou para a cabeça vigorosa vista de perfil. Malcolm parecia mais do que intimidativo: parecia insociável. Ela se per-

guntava de que serviria aventurar-se novamente com ele. Ainda assim, não podia deixar as coisas por terminar. Os objetivos tinham de ser atingidos ou poderiam causar problemas.

Então, tendo tomado uma resolução, disse: – Venha, vamos ao culto.

Malcolm olhou atentamente, voltando do devaneio como um mergulhador volta à superfície. A aparência mal-humorada desapareceu à medida que a animação voltava-lhe ao rosto. Agora havia nele apenas preocupação e insegurança.

– O que quer fazer? – perguntou. – Pensei que tudo já estivesse terminado.

Malcolm parecia desconfiado e com certo medo.

Ela não quis explicar porém levantou-se, e ele não teve escolha senão acompanhá-la. Com um gesto, ela indicou-lhe o banheiro, onde deveria se trocar.

Relutante e intratável como um garoto que vai levar uma surra, Malcolm tirou as roupas e arremessou-as numa cadeira. Sentiu um calafrio e vestiu suas roupas. Sem se mirar no espelho, colocou o toucado de prata, puxando-o sobre as sobranceiras, e subiu pesadamente as longas escadas, sem olhar para a direita ou para a esquerda.

Desta vez, Lilith Le Fay não abriu a cortina para ele entrar no templo; ele mesmo teve de puxar-lhe as dobras. Malcolm entrou e a encontrou deitada, imóvel, sobre o altar do sacrifício, obrigando-o, desta forma, a tomar sua posição no lugar do sacerdote.

Malcolm ficou de pé, olhando para ela, carrancudo, ameaçador; Lilith devolveu-lhe o olhar, impassível como uma esfinge.

Malcolm percebeu que ela não estava olhando para ele, mas sobre o seu ombro para o espelho que estava atrás dele. Pelo olhar dela Malcolm notou que Lilith estava vendo alguma coisa que não pertencia a este mundo, e que ela estava observando o modo de agir dessa coisa, que estava se movendo. Certo de sua observação, Malcolm admirou-lhe o rosto.

Por um momento, ele a odiou. A pele de magnólia, a beleza dos olhos e dos cabelos negros o atormentavam. Ele ansiava por isso, porém, a um toque seu, eles se desintegrariam. Na verdade, ele estava tão profundamente dividido no ascetismo que impusera

a si mesmo como estivera em seus desejos. A mulher, porém, não estava olhando para ele, mas observava uma outra coisa, com a qual estava se comunicando mentalmente.

Gradativamente, ficou claro para o homem que continuava ali, parado, atormentado e frustrado, que ele simplesmente devia manter-se quieto e deixar as coisas acontecerem. Não estava em seu poder o que quer que fosse. Sentia-se tão frustrado por suas próprias inibições como se sentira pelas circunstâncias de sua vida e, com um súbito lampejo de compreensão, percebeu a verdade das palavras de Lilith: – “Não faria diferença, mesmo que estivesse livre”.

Isso tinha sido abominavelmente verdadeiro. Amargurado, Malcolm reconheceu o fato. Sua liberdade não havia alterado a atitude dela para com ele. Ela faria exatamente a mesma coisa que estava fazendo então, estivesse ou não livre para oferecer-lhe casamento. Malcolm ficou ressentido. A morte da mulher deveria ter modificado tudo, mas não foi isso o que aconteceu. Cerrou os dentes e olhou de modo sombrio para Lilith Le Fay.

Contudo, dentro em pouco, sua carranca se mudou para acabrunhamento, e pareceu-lhe que se agarrava nela com os olhos, como um naufrago se agarra a um rochedo; e de novo veio-lhe a sensação de que ela estava se comunicando com alguma coisa e que se esperava que ele cooperasse com o que estava acontecendo. Num lampejo, Malcolm compreendeu que o trabalho da nova fase já havia começado e, por um segundo, recuou como um cavalo assustado. Então, aquietou-se. Não sabia como as coisas se processavam, nem o que se consideraria certo ou errado quando se olhava por esse prisma. De uma coisa tinha certeza: Lilith Le Fay não estava a favor do Mal. Ele a vira fazer coisas estranhas além de toda imaginação, muito além de qualquer ousadia; mas ela sempre trabalhara pelo Bem, e por isso inspirava-lhe confiança. Lilith nunca o abandonara até então, e ele não pensava que o fizesse agora.

Malcolm podia sentir o início da concentração de forças. A magia estava começando a operar. Ele estava no lugar do sacerdote e, qualquer que fosse essa força desconhecida, iria trabalhar por seu intermédio. Não havia nada a fazer. Tratava-se de forças naturais que o usariam como seu canal natural.

Malcolm concentrou-se na idéia de passividade, disposto a apresentar um canal aberto pelo qual as forças passariam até Lilith. A Grande Natureza estava se manifestando; a maré subia ao longo do canal escolhido.

Então, pela primeira vez, sentiu-se parte da Natureza. Apesar de todo o seu estudo de anatomia comparativa, nada semelhante lhe ocorrera antes. Ele sabia que, bem no íntimo, havia um nível que nunca se separara da alma da terra, exatamente como a imagem da mulher primitiva no Templo Secreto jamais fora destacada da rocha viva, permanecendo unida a ela pelas costas. E sabia que também ele, no nível da espinha dorsal, pertencia à Natureza, e que através do canal dessa haste oca a Natureza o usaria e lhe transmitiria a sua força.

Então, num relance, sentiu os níveis se fundirem. O que antes conhecera como puramente físico, sentiu que também era espiritual. A força estava subindo da espinha até o nível do cérebro, ultrapassando a esfera de ação da fisiologia. Em seguida, sentiu que ela subia novamente de nível e que ultrapassava a esfera de ação da psicologia até o que se encontrava além. A visão de esferas estelares parecia estar à sua volta. O aposento desaparecera. Lilith havia se transformado em Ísis, e ele próprio era a força da Natureza, subindo das profundezas primordiais para fertilizá-la! Ele não era um homem: era uma força, fazia parte da vida da terra, e a Natureza estava se manifestando por seu intermédio. Lilith também não era uma pessoa, ela era o objetivo da força — isso era tudo. Era bastante simples. A força tinha tomado conta. Não havia pensamento, não havia sentimento, salvo uma terrível pressão da força que usava o seu organismo como um canal de manifestação. Quanto menos personalidade houvesse nisso, tanto melhor: deixe que a força faça o seu próprio trabalho!

Era como ser abatido por um raio. A força veio, passou e suas reverberações seguiram rolando pelo espaço. Depois que as nuvens se dividiram diante dos seus olhos, Malcolm viu o rosto de Lilith Le Fay, agora jovem e adorável, e ele olhou para ela como Adão deve ter olhado para a recém-criada Eva quando acordou de seu sono profundo e a encontrou a seu lado.

O fluxo contínuo e direto da força havia removido todas as obstruções, bloqueios e embaraços da sua natureza, assim como

um canal entupido é desobstruído pela força de uma bomba. De nível em nível, a força subira, limpando o canal. Malcolm era um homem inteiramente re-feito. Como e por quê, ele não saberia dizer. Exausto e tranqüilo, ele apenas sabia disso. Malcolm estava pronto para cantar com as estrelas da manhã, tão logo sua força lhe voltasse e sua mente tivesse a transparência lúcida do cristal no espaço iluminado pelo sol.

Malcolm olhou para Lilith e imaginou o que ela teria achado de tudo isso. Jamais a vira tão adorável. A indiferença que habitualmente a velava havia-se desvanecido. Ele sentiu que a natureza daquela mulher estava aberta para ele, que não havia mais uma linha divisória entre ambos. Suas almas não eram mais dois círculos ligados pelas extremidades, mas dois centros de radiação, cujos raios se encontravam e se fundiam. A sensação de rompimento de barreiras era o que o atingia mais profundamente. Não havia, naquele momento, qualquer linha de demarcação entre Malcolm e Lilith: o fluxo direto da força tinha-o desfeito. Dele para ela, a força passara, erguera-se deles para o nível humano, e fluíra de volta para o lugar de onde viera.

Ele compreendia como o sentido de pecado, para o qual o casamento serve como um remédio, impedia a passagem direta dessa força. Confinando-a em seus níveis mais baixos, evitava-se que ela alcançasse seus aspectos divinos. Porém, fazendo a força regredir cedo demais, ela sofria um curto-circuito, de tal forma que nunca passava em sua totalidade do homem para a mulher; então não havia quebra de barreiras — “Amargamente nos reabraçamos — ainda sozinhos”.

Num repente, veio o conhecimento. Mais tarde, Malcolm refletiria a respeito, transformando-o para idéias; porém agora, ele apenas sabia, embora não encontrasse palavras para expressar o que sabia.

Lilith acercou-se, ficou a seu lado, tomou-lhe as mãos, e ambos olharam para o espelho. Agora não havia nada para ser visto na escuridão cristalina de suas profundezas, alcançando muito além, no espaço longínquo, em outra dimensão. No entanto, pareceu ao homem que as barreiras se abriam para um mundo interior, e que pela mesma magia, podiam ser abertas e reabertas vezes

sem conta. O mundo dos sonhos e o da realidade se encontravam nesse limiar e Malcolm conheceu o segredo da passagem.

Nos grandes momentos da vida, atravessamos esse limiar num tipo de transe que tem sido descrito por todos os que passaram por isso como a morte menor: quando Santa Teresa desfalceu na União Divina, quando Keats leu pela primeira vez o *Homero* de Chapman, quando os vikings se lançaram invencíveis na batalha — eles conheceram essa morte menor e sua iluminação. Quem jamais experimentou esse fluxo da alma em alguma experiência transcendente ainda está por receber a chave da Vida.

Editora Pensamento

Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP
Fone 63-3141

Livraria Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-3722

Gráfica Pensamento

Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP

A FORÇA DO NADA
Alexandra David-Néel

O LAMA DAS CINCO SABEDORIAS
Alexandra David-Néel

Os Deuses Egípcios

OS DEUSES EGÍPCIOS
Alan W. Shorter

O EGÍPTO SECRETO
Paul Brunton

O LIVRO EGÍPCIO DOS MORTOS
E. A. Wallis Budge

A MAGIA EGÍPCIA
E. A. Wallis Budge

A RELIGIÃO EGÍPCIA
E. A. Wallis Budge

OS PARADÓXOS DA SABEDORIA
OCULTA
Éliphas Lévi

DOGMA E RITUAL DA ALTA
MAGIA
Éliphas Lévi

CURSO DE FILOSOFIA OCULTA
Éliphas Lévi

O FEITICEIRO E SEU APRENDIZ
S. L. MacGregor Mathers

MAGIA PARA A ERA DE AQUÁRIO
Marian Green

OS TALISMÃS
Jean-Pierre Bayard

Peça catálogo gratuito à

Rua Dr. Mário Vicente, 374 — Fone: 63 3141
04270 São Paulo, SP